



Catástrofe, violência e estado de exceção

Memórias de insegurança urbana após o terremoto
de 2010 na cidade de Concepción, Chile

Andrea Soledad Roca Vera

Série: Produção Acadêmica Premiada

Andrea Soledad Roca Vera

Catástrofe, violência e estado de exceção:
Memórias de insegurança urbana após o terremoto de
2010 na cidade de Concepción, Chile



FFLCH/USP

São Paulo 2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sérgio França Adorno de Abreu

Vice-Diretor: Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO FFLCH USP

Helena Rodrigues MTb/SP 28840

Diagramação: Julia Kao Igarashi

Copyright © Andrea Soledad Roca Vera

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Catálogo na Publicação (CIP)

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

V473 Vera, Andrea Soledad Roca.
Catástrofe, violência e estado de exceção [recurso eletrônico] :
memórias de insegurança urbana após o terremoto de 2010 na cidade
de Concepción, Chile / Andrea Soledad Roca Vera. -- São Paulo :
FFLCH/USP, 2016.
2.590 Kb ; PDF. -- (Produção Acadêmica Premiada)

Originalmente apresentada como Dissertação (Mestrado) -- Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
2014.

ISBN 978-85-7506-282-1

1. Violência urbana. 2. Terremoto (Chile). I. Título. II. Série.

CDD 307.76

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por me dar a oportunidade de estudar numa universidade “pública, gratuita y de calidad”, um tipo de ensino superior que não existe no Chile e pelo qual lutam há anos os jovens do meu país.

Também sou grata ao programa Becas Chile da Comisión Nacional de Investigación Científica y Tecnológica (CONICYT) do Governo do Chile, que financiou grande parte da minha estadia em São Paulo.

Especiais palavras dedico à minha orientadora, Vera da Silva Telles, que, com seu agudo senso crítico, entregou-me ferramentas para interrogar de um outro modo a cidade e suas questões, assuntos que animaram cada uma das sessões do seminário “Cidade e Trabalho”, instância importante de debate acadêmico, mas também de compartilhamento de dúvidas e acertos que acompanhou nossos respectivos trabalhos de campos.

Aos professores Laurindo Dias Minhoto e Omar Ribeiro Thomaz, presentes em minha banca de qualificação, por seu interesse na história de Concepción e terremotos; por seus generosos comentários; por iluminar possíveis riscos, nascidos do ímpeto. Inclusive, a possibilidade de trocar ideias com o professor Thomaz sobre os eventos vividos no cenário pós-terremoto no Haiti foi um momento inesquecível e de grande inspiração.

Devo sinceros agradecimentos a Gonzalo Cáceres Quiero, professor do Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales da Pontificia Universidad Católica de Chile, que me acolheu no meu regresso ao Chile, abrindo espaços para debater em Santiago e em Concepción parte dos assuntos que apresento agora nesta dissertação, e também pelos sempre atentos comentários.

Também quero prestar meus agradecimentos a cada um dos entrevistados que, com generosidade, decidiram ser parte desta investigação, compartilhando seus testemunhos, pareceres e inquietações acerca dos episódios que viveram logo depois do terremoto de 2010. Nada do escrito seria possível sem vocês.

Ahora, con permiso de los lectores, quisiera agradecer en español a quienes me ayudaron a concretar este proyecto, con su amistad y cariño. A Samira Orra y Maged El Gebaly, por recibirme, sin conocerme, con infinita bondad. A Lucas Amaral de Oliveira y Rafael de Souza, siempre preocupados de la muy necesaria vida nocturna que debe acompañar todo emprendimiento académico; siempre presentes, en cada momento necesario. A Bruna Triana, quien apareció en mi casa para transformarse en una confidente sin igual, entre cafés y panetones, compartiendo el día a día, la vida. A ella junto a

Lucas, además, debo agradecimientos infinitos por revisar esta dissertação escrita en el eterno limbo del portuñol.

Como no agradecer a mis padres, a mis hermanos y amigos más queridos en Santiago, quienes me ayudaron a sortear las mil y una etapas que fueron necesarias para concretizar esta idea, concebida hace muchos años, de estudiar en Brasil. No hubiera sido posible emprender vuelo sin su apoyo, preocupación y ánimo; a la distancia, cada uno y a su modo, estuvo presente, acompañándome, compartiendo las alegrías y también, vicisitudes inherentes de ese vaivén que es la vida del migrante.

Por último, a Pablo Tupac por la incondicionalidad de su presencia y por recibirme en cada uno de nuestros re-encuentros para continuar esta travesía.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I Trajetórias, memórias e silêncios de uma cidade telúrica	27
1. Algumas questões teóricas sobre as memórias coletivas	28
1.1. As memórias, os olvidos.....	32
1.2. Memória coletiva: só uma metáfora?	35
1.3. Uma breve advertência sobre o trauma.....	37
2. Da vicissitudinária trajetória da cidade de Concepción.....	40
2.1. De tremores e temores no século XX no Chile	46
2.1.1. Diálogos inter-telúricos: 1960 e 1985	47
2.1.2. Valparaíso em 1906: do terremoto e do medo da elite.....	52
2.2. Terremotos, identidade nacional e heroísmo	59
Capítulo II A cidade do terremoto: trajetórias socioespaciais na área metropolitana de Concepción	65
1. Concepción: da cidade-forte à cidade industrial.....	66
1.1. O problema de moradia na segunda metade do século XX.....	70
1.2. Ocupações de terras e remoções	74
2. Dinâmicas socioespaciais na virada do século: o caso de San Pedro de la Paz ..	81
2.1. “¿Y si llega al condominio toda esa gente?” Distinções socioterritorais em San Pedro de la Paz	85
3. Deslocando a tríade segregação – pobreza – desintegração social	98
Capítulo III Violência coletiva e insegurança em uma cidade telúrica: deslocando e realocando os saques pós-terremoto 2010	105
1. Neoliberalismo + cidade segregada + consumismo = saques pós-terremoto?..	105
1.1. Pobreza + frustração = violência popular?	111
1.2. O consumismo no Chile pós-ditatorial	115

2. Da espinhosa relação entre multidão e violência. Alguns pressupostos teóricos	119
2.1. Da multidão espasmódica à multidão como agente moral.....	119
2.2. Mecanismos e causas em pequena escala	124
3. Ressituando a ausência das forças da ordem nos saques pós-terremoto	130
4. Na região dos rumores	147
4.1. “Are we are war? Do we have an enemy?”	149
Considerações Finais	163
Referências Bibliográficas.....	170

Lo acontecido

A las 3.34 de la mañana del 27 de febrero de 2010 Chile sufrió un terremoto de magnitud 8,8 en la escala de Richter.

El sismo modificó el eje de rotación de la Tierra y el día se acortó en 1,26 microsegundos.

La ciudad de Concepción se desplazó 3,04 metros hacia el oeste, en dirección al mar. Santiago se desplazó 27,7 centímetros. Los GPS tendrán que ser ajustados para reubicar a estas ciudades movedizas.

El terremoto duró siete minutos en su epicentro y fue percibido como una subjetiva forma de la eternidad en diversos lugares. Esto lo convierte en uno de los más largos de la historia.

El sismo tuvo su epicentro a noventa kilómetros de Concepción. A un terremoto con epicentro marino le sigue un maremoto. El océano se replegó en el sur de Chile. A pesar de la oscuridad, los lugareños que estaban despiertos y se acercaron a la orilla descubrieron en la arena húmeda rocas que nunca habían visto. Poco después oyeron un rumor desconocido. El mar regresaba. Era totalmente blanco, como si sólo contara de espuma.

Desde la Estación Espacial Internacional el astronauta japonés Soichi Noguchi fotografió el cataclismo y mandó un mensaje: 'Rezamos por ustedes'.

Juan Villoro, in *8,8: el miedo en el espejo. Una crónica del terremoto en Chile*.

INTRODUÇÃO

¿Cree usted que el aumento de la delincuencia se habría dado sin el terremoto?

Encuesta Nacional Urbana de Seguridad Ciudadana, 2010.

O terremoto de 8,8º na Escala de Richter que afetou, na madrugada de sábado, dia 27 de fevereiro de 2010, grande parte do centro-sul do Chile, teve 526 vítimas fatais, 25 desaparecidos, 220 mil moradias destruídas e múltiplas perdas em infraestrutura, equivalentes a 18% do PIB nacional¹. Contudo, ao longo da história do Chile, devemos lembrar, já ocorreram terremotos de intensidade ainda maior, como o cataclismo de 1960 em Valdivia, o maior registrado na história; ou também megasismos que produziram destruição inestimável, como o vivido nas cidades de Valparaíso em 1906 e Chillán em 1939 – este último terremoto, com o lamentável recorde de ser o mais mortífero do século XX no país.

Conforme o site *Memoria Chilena*, plataforma virtual da Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos – organismo do Estado que tem por objetivo contribuir na construção da memória coletiva do Chile, os terremotos são uma constante na história nacional, pelo país se localizar numa das zonas mais sísmicas do mundo. Na revisão apresentada no site acerca dos mais significativos eventos telúricos, que soma mais de vinte, é interessante notar como o cataclismo vivido em 2010, junto com o terremoto de 16 de agosto de 1906, em Valparaíso, seriam os únicos grandes sismos seguidos de problemas de segurança pública, nomeadamente, pilhagens e saques.

No caso do mais recente terremoto, os episódios se concentraram na cidade de Concepción, a terceira maior área metropolitana do Chile, localizada no sul do país, onde o governo de Michelle Bachelet decretou “Estado de Excepción Constitucional de Catástrofe” e toque de recolher – este último dispositivo não era acionado desde o retorno da democracia, em 1990.

O enviado especial de *O Estadão de São Paulo* à zona atingida, em 2 de março de 2010, informava:

Milhares de pessoas saíram ontem novamente às ruas para saquear mercados, lojas de roupas e eletrodomésticos, farmácias e postos de gasolina em Concepción [...] o supermercado Polar ardia em chamas

¹ Dados fornecidos pelo ex Presidente da República, Sebastián Piñera, em ocasião de seu discurso na cerimônia de inauguração do “Memorial 27F” na cidade de Concepción, disponível em: <http://www.gob.cl/legado-bicentenario/2013/10/23/discurso-del-presidente-pinera-al-inaugurar-memorial-de-victimas-del-27f.html>. Acessado em: 25/10/2013.

num incêndio causado por saqueadores furiosos que, ao ver que nada restava nas gôndolas, atearam fogo no prédio [...] Moradores, em pânico pelo movimento de gangues armadas, ergueram barricadas nas esquinas de suas ruas [...] Enquanto os saques a comércios eram realizados em plena luz do dia, residências eram saqueadas à noite².

Ultimamente, nos relatos sobre desastres, como do furacão Katrina em 2005 e do terremoto no Haiti em janeiro de 2010, a mídia internacional, paralelamente à tragédia humanitária, ressaltava como as cidades de Nova Orleans e Porto Príncipe foram, nesses dias, tomadas pelos saques, colocando em circulação múltiplas imagens acerca das multidões desesperadas no meio da devastação. Essas narrativas têm contribuído para atualizar a ideia de que, após as catástrofes, as comunidades afetadas sucumbiriam no caos, pânico e crime³. No Brasil, ao comentar minha pesquisa, mais de uma vez me perguntaram: mas, não é habitual esse tipo de evento ocorrer logo após um terremoto?

No entanto, no Chile, país de terremotos, a supressa foi total quando, logo após o megasismo de 2010, começaram a ser reportados os primeiros saques que se estenderam por pouco mais de três dias, sobretudo – mas não exclusivamente –, em Concepción. Paralelamente aos saques a estabelecimentos comerciais, começaram a circular rumores de uma iminente chegada das turbasmultas às moradias, pelo qual em diversos bairros da cidade se organizaram estratégias de defesa dos potenciais ataques. A respeito da intervenção militar, na terça-feira, 2 de março de 2010, a manchete de um dos principais jornais chilenos, *La Tercera*, anunciava:

Refuerzan tropas para frenar caos en VIII región. Concepción y comunas de la zona se convirtieron ayer en rehenes de turbas de saqueadores y vándalos, que robaron e incendiaron tiendas y asaltaron residencias particulares. Los 2.500 hombres del Ejército y la policía fueron desbordados. A partir de hoy habrá al menos 7.000 soldados y se extendió el toque de queda de las 20.00 a las 12.00.

Atente-se, aqui, para o fato de que os saques foram catalogados, no geral, como acontecimentos inéditos na história telúrica nacional; isto é, como episódios nunca

² Reportagem disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,saques-escapam-ao-controle-em-cidade-devastada-pelo-terremoto,518181,0.htm>. Acessado em: 10/09/2011.

³ Para uma crítica dessa ideia, ver: Solnit (2009). Sobre o caso haitiano, em especial, ver: Thomaz (2010; 2011). Acerca do papel dos meios de comunicação no caso Katrina e na difusão das imagens do “caos”, ver: Dynes e Rodríguez (2010).

antes vistos ou, pelo menos, como eventos ausentes na memória viva. Conforme lembrou um acadêmico oriundo de Concepción:

Cuando se desató la furia del terremoto del 27 de febrero del 2010 y al día siguiente pudimos observar sus efectos devastadores, era obvio que estábamos frente a un hecho histórico. Más que la magnitud de la destrucción física, nos sorprendió a todos cómo los saqueos y pillajes se extendieron. Los medios de comunicación social destacaron especialmente lo ocurrido en la provincia de Concepción. Esas escenas no podían ser más dolorosas para quienes venimos de esas tierras (Micco, 2010, p.97).

Esse tipo de argumento também aparece no depoimento de um dos mais conotados ex-generais do Exército do Chile, Juan Emilio Cheyre, que participou ativamente do cataclismo que, em janeiro de 2010, devastou Porto Príncipe:

[...] ni en la intervención en Haití vi esas imágenes. Al revés, vi gente cantando, rezando, uniéndose con las manos y nadie justificando lo injustificable... Nosotros hemos tenido en Chile muchos terremotos y *nunca había pasado esto*. Aquí hay una *enfermedad* y hay que asumirla como tal... El vandalismo es una cosa que va a durar mucho más que los efectos del terremoto, porque las casas y los caminos se van a reconstruir, pero la conducta de ciertos sectores de la sociedad van a seguir con estas malas prácticas. *Eso no es de un pueblo como Chile*⁴. (grifos nossos).

É importante destacar que no começo da pesquisa tinha como objetivo central explorar os eventos ocorridos nesse cenário tão particular, com base nos relatos de residentes de Concepción, distinguindo, para tanto, três grandes eixos: a) os múltiplos saques a lojas e supermercados; b) as estratégias de auto-defesa nos bairros; e c) a atuação dos militares em Concepción sob o decreto de Estado de Exceção. Interessava-me, sobretudo, a possibilidade de compor uma narrativa acerca desses três grandes momentos que conferisse voz e lugar às experiências dos próprios afetados, seja na condição de vítima ou perpetrador da violência, seja na de ambas. Isto para depois avançar na identificação de possíveis pistas – numa escala microespacial – sobre os mecanismos e repertórios da violência assistidos nesses dias, observando continuidades e discontinuidades entre as experiências dos grupos conforme sua localização na cidade de Concepción.

Porém, logo após as primeiras entrevistas realizadas no verão de 2012, adverti que era preciso reformular o propósito inicial. Em primeiro lugar, foi necessário reconhecer a natureza epistêmica do tipo específico de registro que conformava meu *corpus* empírico, a saber: *as memórias de acontecimentos registrados num período mais ou menos recente*.

⁴ Entrevista em revista “The Clinic”, 07 de março 2010.

Parafraseando o sociólogo argentino Javier Auyero, comecei a entender minha pesquisa como uma “etnografia da memória” dos eventos de violência e insegurança coletiva pós-terremoto; quer dizer, uma investigação *pos facto* sustentada pelos relatos dos entrevistados (Hurtado, 2005). Portanto, não se podiam negligenciar os efeitos da distância temporal entre o momento de rememoração e o acontecimento dos eventos rememorados, sendo o principal, talvez, a impossibilidade de entender as memórias como simples repetição do acontecido, ou seja, como registro mais ou menos adequado do ocorrido.

Esse fenômeno é tão central nos processos de rememoração que o escritor italiano Primo Levi começou sua famosa obra *Os Afogados e os Sobreviventes* (2004) logo notando: “A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz”. Tal equação explicitava que, com o passar do tempo, as memórias não só tendem a apagar-se, a desgastar-se, senão também a se modificarem ou mesmo dilatam-se ao incorporar elementos “estranhos”.

De tal modo, mais do que tentar reconstruir os fatos “realmente” acontecidos, *the brute fact*, para citar Veena Das (2007), decidi então verificar e interrogar os vínculos entre *possibilidade* e *eventualidade*, transitando entre temporalidades múltiplas, ou seja, entre possíveis passados e possíveis futuros.

Em segundo lugar, observei como nos relatos dos entrevistados foram se compondo tramas complexas, perpassadas por diferentes temporalidades que implodiram qualquer anseio por uma cronologia linear – fenômeno, aliás, recorrente na produção de relatos orais em contexto de entrevistas (Schwarzstein, 2001). Acerca disso, Das afirma que a linearidade característica na maioria das formas narrativas, produz efeitos de causalidade; porém, deve se reconhecer que a ordem imposta ao narrar uma história:

[...] never correspond to the order of the events in pure durational time. At any point that a teller chooses to begin a story, he or she ignores or activates parts of priori stories that have been lying inert or circulating within limited zones (Das, 2001, p.37).

Nesse sentido, ao examinar o material coletado no trabalho de campo fui, aos poucos, notando a importância do seguinte fato: no processo de reconstrução das vivências pós-catástrofe, adquiriam grande significado as lembranças de outros terremotos vividos, ora direta, ora indiretamente. Mesmo que as entrevistas e conversas informais tenham sido conduzidas para iluminar os eventos registrados em 2010 em Concepción, observei como, entre as recordações articuladas sobre o último terremoto, emergiram, com maior ou menor intensidade, os terremotos acontecidos em 1960 e 1985. Essas lembranças surgiam como argumento de que antes – nos velhos (e bons?) tempos –, as pessoas regiam de modo moralmente mais apropriado ou, pelo menos, um pouco diferente ante as catástrofes da natureza⁵.

⁵ É consenso entre os especialistas no estudo de catástrofes, a necessidade de enfatizar, como apontou Neil Smith (2006), para o caso do Katrina, que não existem os chamados “desastres naturais”. Para acompa-

Pensando nessas intrincadas articulações da memória no decorrer da análise, foi possível entrever como o mais recente megassismo vivido em Concepción fora narrado pelos entrevistados por intermédio de outros terremotos, provindos tanto de tempos passados, como de hoje. Tal questão proponho chamá-la, provisoriamente, de *intertextualidade telúrica*, com o intuito de relembrar, em virtude de seu potencial heurístico, da ideia de que todo texto oral ou escrito urde-se sob vínculos mais ou menos manifestos ou velados com outros textos – e, nesse caso particular, com outros textos telúricos, entendendo texto aqui no sentido mais amplo possível. Assim, com uma história telúrica como a do Chile – como iremos revisar com mais detalhe na primeira parte desta dissertação –, aquele eixo diacrônico emergiu como um elemento fundamental das falas.

Ora, qual é a importância disso? Se no Chile ocorrem tantos terremotos, não é esperável e até mesmo um tanto quanto óbvio que as pessoas recorram às suas experiências prévias para relatar a última catástrofe? Em minha perspectiva, acredito no grande potencial dessa relação dialógica entre o terremoto mais recente e os terremotos passados para poder interpretar com maior profundidade os depoimentos dos entrevistados. Segundo eles, as experiências vividas após o terremoto de 27 de fevereiro de 2010 *não tinham comparação* com as situações registradas em outros sismos experimentados no passado; nomeadamente, que as pessoas antes – há 40 ou mesmo há 25 anos – eram *diferentes* ou pelo menos reagem de um modo mais *apropriado* ante os terremotos.

A questão da *excepcionalidade do vivido*, no que tange a violência e insegurança no cenário pós-terremoto, colocou-se de modo incontornável nas falas dos entrevistados. Conforme se lembrava Marcos, professor de uma escola privada, conquanto o terremoto tenha sido terrível e preocupante, sentiu-se ainda um nível de temor, controlável em certa medida, com base nas experiências telúricas prévias – como a vivida em 1985. O mais marcante do 27 de fevereiro de 2010, segundo ele, não foi o próprio terremoto, mas, antes, os episódios posteriores, quando as pessoas “descontroladas” “robaban por robar, saqueaban por saquear”. Assim, Loreto, que trabalhava como repositora de mercadorias em livrarias e supermercados da cidade, destacou: “ya no tenía miedo a los temblores... ¡le tenía miedo la gente! ¡A la gente que te hiciera daño! O sea, lo que no te hizo el terremoto ¡que te lo hiciera la gente!”.

Nesse deslizar que vai desde o telúrico ao medo de ser vitimizado por outros, parece radicar para alguns a novidade do terremoto do 2010. Ora, se a insegurança e o temor parecem ser os sinais mais marcantes desse terremoto, quer dizer, que são *eventos inéditos*, sem registro em outros cenários pós-terremoto ainda presentes nas memórias vivas dos residentes de Concepción? Ou, em outras palavras, significa que as

nhar uma síntese daquele debate, sugerimos ver o primeiro capítulo do livro Para além do dia do desastre: o caso brasileiro, de Norma Valencio (2012): “O desastre como objeto de análise das ciências sociais: desafios contemporâneos e diálogos necessários”. Contudo, embora o adequado é dizer “catástrofes socionaturais”, para efeitos do texto e por economia linguística, utilizaremos indistintamente a expressão desastre natural ou catástrofe natural.

experiências telúricas prévias não trouxeram elementos que permitissem enquadrar os eventos relativos à insegurança urbana vividos no grande sismo mais recente dentro de um campo de possibilidade?

Ao procurar fontes historiográficas e de imprensa, comecei a vislumbrar que aquela pergunta, aparentemente simples, me aproximaria de uma região do passado em que histórias, memórias e rumores acham-se imbricados num campo perpassado, de cima a baixo, por contradições e ambiguidades. Assim, na busca de rastros sobre os possíveis vínculos entre terremotos e violência coletiva, deparei-me com um espaço emaranhado nas margens de lembranças e silêncios.

Contudo, ao acompanhar a história telúrica de Concepción e de outras cidades do Chile, com o intuito de enxergar os conflitos entre governados e governantes no momento de lidar com as catástrofes naturais, notei o modo pelo qual a gestão militarizada tem sido uma escolha recorrente nesse tipo de cenário, entendida como forma de entregar ajuda imediata aos afetados, mas, também, de prever e controlar possíveis desordens por parte das camadas populares.

Embora o caráter mais ou menos inédito dos eventos pós-terremoto possa ser discutido com base em pesquisas de arquivos, a magnitude e a multiplicidade do vivido no campo da insegurança urbana em Concepción têm levado os planejadores urbanos da Pontificia Universidad Católica de Chile, Gonzalo Cáceres e Rodrigo Millán (2011), a afirmar que esses episódios poderiam constituir o maior ciclo de roubos e furtos registrado na história republicana do Chile, além de ser, possivelmente, uma das heranças mais marcantes do ano do bicentenário da independência.

Sobre a *excepcionalidade* do vivido logo do terremoto de 2010, os entrevistados em Concepción formularam suas próprias hipóteses, com base nas memórias: assim, se falar do terremoto continuava sendo de muito interesse no verão de 2012, falar dos saques estimulava a “imaginação sociológica” de vários dos consultados. Marcos, professor de uma escola privada de Concepción, apresentava nas entrevistas suas próprias hipóteses para explicar o acontecido, com base nas diversas conversas tidas nos meses depois do terremoto, mormente com amigos e familiares:

[...] en el fondo, entonces, el tema es que la gente sacó las cosas, se aprovechó del pánico y que insisto, apareció lo peor de nosotros, que uno puede quizás desmenuzarlo sociológicamente y decir, ¿sabis que? La gente cachó que era la oportunidad porque te dicen todo el tiempo, te viven afanando a ti – como dicen los argentinos – y tuvieron la oportunidad y fueron a sacar a las empresas que te viven afanando, o sea, La Polar⁶ que estaba en todos lados y llorando todo el mundo porque la habían

⁶ A empresa de lojas departamentais, La Polar, incorreu em faltas na repactuação de dívidas de milhares de clientes fora dos marcos da lei. As sanções aplicadas têm sido avaliadas pela opinião pública como insuficientes, por ser crime de colarinho branco. Estabelecimentos dessas companhias foram atacados em 2011, no contexto de protestos dos estudantes e/ou trabalhadores (por exemplo, em 05 de agosto desse ano, uma sucursal no centro de Santiago foi queimada por desconhecidos e se armaram barricadas ao redor).

saqueado. ¡La Polar! ¡Con justa razón te la voy a saquear de nuevo poh! O sea, yo que creo que tiene que ver con esa sensación que tenemos todos dentro, de que siempre nos están fregando por algún lado, sobre todo estas grandes tiendas ¿no cierto? siempre te están fregando, entonces ¿qué ocurrió? Terremoto, toda esta sensación de temor que existe en nosotros, se mezcló con esta otra sensación de que la impunidad, estos tipos me han robado tanto o yo creo que me han robado tanto y yo voy y saco lo que me corresponde que me han robado.

Dado o excerto acima, é curioso notar como, no campo das ciências sociais, observam-se fenômenos contrários: as pesquisas empíricas debruçadas em explorar as causas e dinâmicas por trás desses “excepcionais” episódios têm sido, até o momento, muito escassas. Nessa medida, cabe interrogar se isto expressa uma falta de interesse acadêmico ou, numa outra perspectiva, carência de apoio institucional⁷. A primeira opção é difícil de defender, em primeiro lugar se levarmos em conta o livro *Propuestas para la reconstrucción de la Región del Bío-Bío*, publicado pela mais conotada instituição universitária da região, a Universidad de Concepción, que ressaltava que a violência nos dias posteriores ao terremoto foi “incluso más intimidante que la destrucción causada por el sismo”, o que desvendou “una profunda crisis valórica que cruzó todos los estratos y que abre un campo de estudios más que necesario para la reconstrucción” (Universidad de Concepción, 2010, p.19). Em segundo lugar, é difícil sustentar a opção do desinteresse, em especial se compararmos os poucos estudos feitos com as fartas opiniões que, em 2010, não demoraram a circular, sobretudo quando os meios de comunicação começaram a interrogar os especialistas a fim de entender o que *acontecía* na cidade.

Para tentar nomear, no calor dos eventos, o que era avaliado como “nunca antes visto”, começou a circular com força a metáfora *terremoto social* que, oportunamente, discutiram Cáceres e Millán (2011, p.163), “sacrificando originalidad por efectismo” e terminando por capturar parte importante das análises e reflexões desse período⁸. De tal modo, não estranha que o primeiro livro publicado sobre o terremoto, uma coletânea de

⁷ As pesquisas sobre o terremoto de 2010 têm se debruçado, em grande parte, no processo de reconstrução de moradias de setores danificados. Ante a urgência dos desabrigados, entidades internacionais, como a União Européia, financiaram projetos de intervenção com o objetivo de contribuir na reconstrução psicossocial e a coesão social das pessoas realocadas, sendo considerados menores os temas vinculados à violência no contexto do desastre.

⁸ Exemplos de textos publicados na imprensa: *El terremoto social en Chile*, de Lucia Dammert, especialista em segurança (publicado em 03 de março 2010); *Terremoto Natural y Social en Chile*, do historiador Mario Garcés; *Terremoto social: vandalismo y pillaje: ¿qué nos pasa?*, publicado em março 2010 pela revista *Er-cilla*; e *A propósito del Terremoto Social: una reflexión desde la Teoría Política*, de Jeanne Simone, diretora do mestrado em ciências políticas da Universidade de Concepción (publicado em 11 de maio 2010). Cabe destacar que em 23 de abril 2010, na Universidade de Chile, se desenvolveu o colóquio “El Terremoto Social en Chile” na Faculdade de Ciências Sociais.

artigos que tinha por objetivo compor uma narrativa contingente dos eventos vinculados ao cataclismo, intitulara-se *El terremoto social del Bicentenario* (Aguilera, 2010).

A respeito das publicações realizadas em 2010 sobre o chamado “terremoto social”, os autores identificaram três grandes tendências: a) os que entenderam os saques como forma de resolver as necessidades básicas insatisfeitas frente à incapacidade de resposta na emergência do Estado e do mercado; b) os autores que interpretaram os saques como oportunidade de revanche dos grupos que têm sido incorporados, mas não integrados, ao sistema político e ao modelo econômico; e, por último, c) os que analisaram os saques como uma expressão de maior escala do crime que tem aumentado progressivamente pela falta de repressão dos permissivos governos da *Concertación de Partidos por la Democracia*.

Grande parte dessas aproximações foram construídas “bajo la irradiación mediática de los acontecimientos” (Cáceres e Millán, 2011, p.164), sem se fundamentar em investigações empíricas ou discutir informações que pudessem tencionar seus marcos interpretativos. Além disso, nesses discursos, oriundos ora da direita ora da esquerda, era possível observar uma falta de preocupação por sistematizar os ciclos de saques registrados recentemente em outras cidades latino-americanas, em trazer antecedentes de catástrofes vividas na mesma zona sul, assim como em aludir a realidades pós-desastre estrangeiras.

Outro elemento destacado por Cáceres e Millán diz respeito ao fato de que vários articulistas “progressistas” privilegiaram elementos que justificassem o agir dos saqueadores, providenciando explicações estruturais vinculadas ao neoliberalismo, à pós-ditadura e/ou à sociedade de consumo. Esse tipo de análise preferiu concentrar-se na demora das respostas da Armada perante a emergência e para alertar o tsunami, na ética duvidosa dos meios de comunicação que lucraram com a catástrofe como espetáculo, e no excesso de força exibido pelos militares, uma vez decretado estado de exceção. Essas perguntas obviamente são muito importantes, mas, nem por isso, devem preceder outras questões fundamentais:

¿Por qué comienzan los saqueos en diferentes ciudades tan sólo a minutos de concluido el sismo y sin comunicaciones que los coordinaran?; ¿Por qué la lista de recintos desvalijados casi siempre era encabezada por modernos hiper y supermercados?; ¿Por qué los pequeños comercios fueron particularmente afectados pese a la existencia de lazos entre comerciantes y compradores?; ¿Qué papel le cupo al crimen organizado en la difusión espacial de los saqueos?; ¿Por qué su convocatoria fue pluriclasista, pero su rostro eminentemente popular?; ¿Por qué se convirtieron en actividades multitudinarias comprometiendo incluso a miles de ciudadanos ordinarios?; ¿Es posible establecer una relación entre saqueos y autodefensa dado que algunos de los perpetradores, sin perjuicio de su proveniencia social, luego fungen como hiperventilados

rondines auto-organizados para la defensa barrial? (Cáceres e Millán, 2011, p.165).

Não obstante o precário campo de pesquisas sobre o tema⁹, uma primeira experiência de intercambio acadêmico, acontecida em abril de 2012¹⁰, foi replicada em outubro do mesmo ano no III Congreso Latinoamericano de Antropología (ALA), em Santiago, no grupo de trabalho que coordenamos sobre antropología e desastres siconaturais, reservando uma seção especial para discutir os eventos de insegurança urbana vividos logo após o cataclismo, contando com a participação do urbanista e professor da Universidad de Chile, Alberto Gurovich, e de Cáceres e Millán – que, nas suas apresentações, voltaram-se, entre outras coisas, para o mote da falta de produção acadêmica. No entender deles, os intelectuais chilenos não têm prestado suficiente atenção empírica ou teórica à categoria “saque”, entre outras causas, pela “adhesión pasiva” que excitariam essas manifestações quando os alvos, não poucas vezes, são estabelecimentos comerciais de grandes operadores que, nos últimos tempos, perpetraram procedimentos abusivos com os consumidores.

Além disso, propuseram que os saques de 2010 formariam parte de um ciclo de violência popular mais regular do que se gostaria de admitir. Para tanto, sistematizaram, por intermédio da revisão da imprensa, episódios de saques antes e depois do 27 de fevereiro de 2010, sobretudo em Santiago, registrados em contextos muitos diversos, como protestos e comemorações vinculados à Ditadura, celebrações de jogos de futebol, manifestações de estudantes e trabalhadores, blecautes e incêndios. Rememorando, por exemplo, os ciclos de violência popular, como a vivida nos anos 80 no Chile, e acompanhando certa literatura sobre violência coletiva, nomeadamente Charles Tilly e Randall Collins, os autores arriscam situar numa perspectiva mais ampla os eventos que sucederam o terremoto de 2010, para, assim, propiciar um diálogo entre cenários diferentes que apresentariam um repertório comum muito particular de violência: saques.

Esse desafio parece instigante, sobretudo quando se atenta para as complicações inerentes aos estudos comparativos e as dificuldades de trabalhar com fontes de imprensa. No entanto, achamos que pensar de modo paralelo situações diversas, mas

⁹ Dentro das produções acadêmicas do período de 2010-2011, foi possível detectar alguns poucos trabalhos de graduandos em ciências sociais. Essas pesquisas, que em geral trabalharam com base em entrevistas, contribuem para nutrir-nos de evidências empíricas acerca de discursos sobre os saques; mas, infelizmente, sua discussão tem sido escassa devido à fraca circulação e porque os autores deixaram de pesquisar o tema posteriormente (Solsona, 2010; Acuña, Briese, Chovar, Orellana e Zuñiga, 2011; Aninat, Urrutia e Villalobos, 2011).

¹⁰ Faço referência ao seminário “Test 27F”, coordenado pelo Observatorio de la Reconstrucción, em abril de 2012, quando, do total de mais de 15 apresentações, só 3 delas estavam relacionadas aos saques: o trabalho do professor Alberto Gurovich, da Faculdade de Urbanismo da Universidade de Chile; a pesquisa do sociólogo italiano Davide Olori, da Universidade de Bologna (que seria transmitida por videoconferência, mas finalmente não foi possível a comunicação, questão que destacamos porque usaremos o *mimeo* dessa apresentação que gentilmente nos foi concedido pelo autor); e, uma última, dos economistas Héctor Ormeño e Facundo Sepúlveda, da Universidade de Santiago.

que coincidem nesse ponto particular, os saques, podem ajudar a esclarecer certos aspectos que emergiram no material recolhido em Concepción. Nesse sentido, resulta interessante notar como a vontade por estabelecer um diálogo, pode-se dizer, “inter-saques”, também emergiu na fala de alguns dos entrevistados, alguns deles, não por acaso, donos de lojas vitimizadas logo após o terremoto. Assim, na medida em que iam reconstruindo, para mim, no verão de 2012, os saques testemunhados em 2010, procederam a ressignificação do vivido depois do megassismo com base em certos episódios que ocorreram no marco do movimento estudantil que, desde 2011, tem organizado diversos protestos nas principais cidades do país.

Sergio, por exemplo, dono de uma grande distribuidora na comuna de San Pedro de la Paz, que foi saqueada exaustivamente no dia 28 de fevereiro de 2010, argumentou que os ataques perpetrados em Concepción foram o antecedente que possibilitou que, nos anos subsequentes, no contexto das passeatas convocadas pelo movimento estudantil, fossem atacados, uma vez mais, pequenos e médios comerciantes:

Con el tema de los estudiantes estuve a punto dos o tres veces de que me saquearan ¡nuevamente! Pero sí, porque hacen las protestas y los paros [greves] aquí afuera... entonces empiezan los paros, las viejas empiezan a golpear las ollas y todo... Entonces, se produce un desorden, se junta la gente y al juntarse la gente, vuelven a... quedó el antecedente para volver, entonces... si aquí no hay un cambio de actitud a nivel de país, está cuestión va a continuar... si ya se instaló esa situación hoy día [fevereiro 2012], está en el sui generis de la gente.

¿O sea, usted dice que en las protestas de estudiantes se ponía gente aquí afuera de su distribuidora?

¡Pero claro! Si ya se instaló esa situación hoy día, ya se instaló, está, está, está en el sui generis de la gente, que hoy día ¡paf! Hay algo, ¡hay que aprovecharse! Porque pasan impunes, o sea, no les hacen absolutamente nada; los *encapuchados*, toda esa cuestión, ellos saben ¿entonces qué es lo que pasa? Imagínate tú que se juntan 200 personas aquí afuera... entonces *empiezan a hablar*... y te van a llegar, van a llegar los cabros, sobrepasados los pacos [policia] y empieza a llegar gente de todos lados y así es como ocurre en todos los locales en el centro de Santiago.

Tú, que eres estudiantes vas a ir a marchar y protestar por algo que es absolutamente legítimo, tú, tu compañera, pero van a haber compadres

que nunca han estado en la universidad, los *encapuchados* y empieza a romper y rompen las farmacias.

Do mesmo modo, Cecília, que trabalhava no momento da entrevista no Hospital Regional da cidade, refletiu sobre os episódios de violência coletiva contra a propriedade privada registrada nos anos posteriores ao terremoto:

Ahora a la menor cuestión empiezan con los saqueos... hasta los chiquillos estudiantes saquean ahora, hasta por eso saquean aquí en la Plaza Perú a las farmacias, han saqueado negocios, farmacias, todo eso. Saquean igual, cualquier cosa saquean. Para sacar comida o para robar cosas, porque ahora ya es un robo, no es producto del terremoto. Imagínate que en la marchas, na' que ver poh, si las marchas, siempre han existido marchas y *nunca* habían saqueado los negocios.

Atentemos à referência acerca das farmácias. Nas proximidades da Universidade de Concepción, uma das instituições acadêmicas mais importantes do país, localiza-se a Plaza Perú, construída logo após o terremoto de 1939, rodeada de prédios residenciais, cafés, restaurantes e outros estabelecimentos, dentre os quais destaca-se a farmácia Salcobrand. Em 22 de setembro de 2011, no marco da *marcha* nacional dos estudantes, um grupo de pessoas identificadas pela imprensa como *encapuchados* tentaram saquear a drogaria, ao passo que outros manifestantes realizavam barricadas no setor, questão que gerou disputas com os vizinhos do bairro. Dez dias antes, na madrugada seguinte à comemoração do Golpe de Estado, alguns jornais anunciavam que a mesma farmácia tinha sido saqueada por grupos de *encapuchados*; mas outras fontes precisavam que a polícia falavam de *vandalismo*, pois, embora a loja tenha sido aberta e parte de seu mobiliário tenha sido destruída, as pessoas que invadiram não furtaram produtos.

Em outubro, registrou-se outra tentativa de saque contra aquela farmácia, mas dessa vez os próprios *encapuchados* que enfrentavam a polícia tentaram dispersar os *flaites* (categoria que será trabalhada mais adiante, mas que neste caso, refere-se a jovens pobres e violentos), que, segundo eles, atacaram a loja. É importante destacar que já em 2009, um ano antes do terremoto, em mais de uma oportunidade, grupos de pessoas quebraram as janelas do recinto e grafitaram as paredes com frases de protesto pelo delito de colusão de preços por parte das maiores empresas farmacêuticas do país – acometimentos que se registraram em outros pontos do país, bem como em Santiago.

O fundamental em nosso entender não é se a loja de Sergio foi efetivamente *ameaçada* novamente em 2012, interessa-nos a inter-relação que se desenha entre esses dois contextos díspares no espaço e no tempo: por um lado, o complexo cenário pós-desastre, por outro, a ofensiva contra a propriedade pública e privada que às vezes

registra-se no ínterim dos protestos dos estudantes e nas greves convocadas pela Central Unitaria de Trabajadores.

Toda entrada no trabalho de campo tem sua própria história, que, em parte, permite dar conta dos vieses a partir dos quais o pesquisador consegue chegar até seus informantes. O que pode ser chamado de “amostra”, nesse caso, se constrói conforme as chances e circunstâncias que abrem – mas, às vezes, também fecham – possibilidades traçadas na dependência de relações de confiança e cumplicidade desenhadas nesse lugar de enunciação tão particular que é a entrevista. Nesse momento de relação dialógica, se tivermos sorte, um contato vai nos permitir chegar a uma outra pessoa e, desse modo, nos permitirá acompanhar os fios de uma certa trama que o entrevistado decidirá abrir pra nós. Em tais percursos, em vez de nos preocupar por alcançar uma representatividade significativa fabricada a partir da “ciência dos números” – para ressaltava Auyero numa entrevista (Hurtado, 2005) –, interessa a possibilidade de desvendar, com base nas narrativas e memórias que os entrevistados constroem, *os campos de possíveis que as experiências de insegurança de 2010 circunscrevem*. Dessa forma, a pesquisa inspirou-se na chance de reconstituir, no sentido enunciado por Jacques Revel (1998), um *espacio de possíveis*, apresentando uma pluralidade de situações e posições vinculadas aos episódios que revisaremos, em diferentes planos e escalas.

O trabalho de campo foi realizado no verão de 2012 e, de certo modo, constitui uma viagem de retorno. Os primeiros 10 anos da minha vida transcorreram em Concepción, cidade na qual, de tempo em tempos, tenho voltado - embora cada vez mais esporadicamente. Meus pais chegaram lá por motivos de trabalho e, depois de retornar a Santiago, 20 anos se passaram. Entretanto, minha mãe continuou visitando Concepción eventualmente, em virtude de seu trabalho; e foi ela quem me abriu sua rede. Nessa viagem de retorno, voltei às ruas de uma Concepción ainda marcada pelos sinais da destruição, com prédios de distintas épocas, fraturados e abandonados, espalhados no centro da cidade e na espera de serem derrubados.

A rede que me foi aberta vincula-se ao comércio de artigos escolares em lojas e supermercados. Assim, entre os entrevistados, acham-se duas repositoras de supermercados, uma assistente de compra numa livraria e um dono de uma grande livraria no centro da cidade, estabelecimentos que não foram alvo da violência coletiva logo após o terremoto. Posteriormente, uma das entrevistadas, que estava muito interessada na pesquisa agendou duas entrevistas fundamentais com donos de lojas de alimentos e bebidas, estabelecimentos que foram atacados no dia seguinte ao terremoto, sendo totalmente devastados pela multidão – relatos que examinaremos em detalhe. É importante mencionar que, diferente do que pensava inicialmente, as vítimas dos saques

tinham muita vontade de compartilhar seus testemunhos, a despeito da raiva e da dor que abrolharam ao recordar esses episódios.

Também consegui abrir caminho entre as falas de “expertos” que se vincularam a organizações surgidas logo depois do desastre, preocupadas principalmente nos problemas da reconstrução: uma delas, psicóloga, outro, militante de um agrupamento cidadão, e uma última, dirigente social que morava num bairro de emergência. Junto a eles, foram entrevistados um professor de uma escola privada, uma assistente administrativa do Hospital Regional, e um segurança que trabalhava numa mercearia situada num dos novos bairros ricos da cidade. Em total, 12 entrevistas foram feitas em diferentes pontos da cidade e que somaram mais de 16 horas de gravação¹¹, além de conversas informais e notas de campo que ajudaram a compor essa trama de olhares que compõem parte do vivido logo do terremoto.

Vale destacar que nenhum deles aplicou para si a categoria “saqueador”; porém, alguns, ao narrar os eventos, descreveram como ingressaram nas lojas em busca de alimentos. A maioria catalogou como “correto” ou, pelo menos, “compreensível” a coleta de bens de primeira necessidade; no entanto, todos condenaram as pessoas que pegaram, por exemplo, eletrodomésticos nos dias posteriores ao terremoto. Alguns entenderam isso como a expressão dos valores do consumismo imperante no modelo neoliberal, não muito diferentemente do que alguns acadêmicos se precipitaram a dizer para explicar os saques. A maioria, eram homens e mulheres entre 40 e 60 anos; portanto, falta na análise as visões dos jovens da cidade, questão que, certamente, abrirá novas perguntas e desafios.

Sobre eles, ainda, posso dizer que todos se reconheceram como membros da classe média chilena. Todos dizem ter testemunhado saques registrados em diferentes bairros da área metropolitana de Concepción. Apenas dois deles moravam em bairros estigmatizados da cidade. A metade morava, no dia do terremoto, na comuna de San Pedro de la Paz – zona da cidade que focalizarei grande parte de meus esforços descritivos e analíticos.

É importante sublinhar que os nomes dos entrevistados foram trocados por outros, fictícios, para resguardar sua identidade, salvo nos casos em que pediram para que seus nomes aparecessem, como aconteceu com algumas vítimas dos saques. De certo modo, pode-se pensar que a entrevista foi entendida pelos “saqueados” como momento de denúncia; porém, é importante assinalar que eles concederam seu tempo para conversar em meio às correrias do trabalho, rejeitando ligações, por exemplo, para continuar com seus relatos nos locais onde, dois anos antes, grupos de homens e mulheres que, como destaca a imprensa, na sua maioria, não tinham antecedentes criminais, se transformaram em “saqueadores”. Àquela intenção, viu-se reforçada ainda ao tomar tempo para procurar e me entregar cópias digitais das fotografias que tiraram

¹¹ Ver anexo 1 com detalhes das entrevistas realizadas.

nos dias dos saques, que em alguns casos ainda foram usadas como evidências para culpar aos perpetradores da violência.

Ao longo do texto, apresentarei as narrativas dos entrevistados sobre os episódios vividos logo depois do terremoto de 2010 em diferentes momentos, na forma de vinhetas etnográficas que irrompem e desaparecem do relato maior, para dar conta da união entre o cotidiano e o extraordinário, o passado e o presente. Assim também, note-se que, na montagem geral do texto, os relatos sobre o cenário pós-terremoto foram delineados como uma trama de pontos de vistas a partir dos quais essa experiência e essa história “multitudinária” se constrói na sua polissemia e polifonia.

Em “Trajetórias, memórias e silêncios de uma cidade telúrica”, o primeiro capítulo desta dissertação, tenho por objetivo traçar um esboço sobre o abafado campo de intersecção entre terremotos, temores e inseguranças ao longo da história da cidade de Concepción e, de forma mais geral, do Chile. Para municiar essa viagem ao passado, na primeira parte, revisarei brevemente algumas questões teóricas e metodológicas vinculadas ao conceito de “memória coletiva”, cunhado pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs. Discuto a possibilidade das memórias sobre eventos limites, nomeadamente, os terremotos, de atuar como balizas que marcam as lembranças dos indivíduos e os coletivos afetados. Seguidamente, retomo o trabalho dos seguidores desse legado, como Michael Pollak, que discutem as tensões e conflitos inerentes à gestão das memórias, atendendo aos silêncios e olvidos que formam parte do ato de lembrar. Encerro essa primeira parte discutindo a pertinência do conceito de “trauma” para analisar os relatos dos entrevistados sobre suas vivências no contexto do pós-terremoto. Com base nas inquietações desenvolvidas por Didier Fassin e Richard Rechtman (2009), me afastarei da possibilidade de interpretar os saques pós-terremoto como expressão do “*stress* pós-traumático”, categoria da psicologia que é muito utilizada na descrição da reação da população perante desastres sócionaturais.

No momento de se pensar em Concepción, foi preciso reconhecer como a trajetória desse centro urbano é indecifrável sem atender aos inúmeros tremores de terra que têm atingido a cidade desde os tempos primórdios. Assim, na segunda parte do primeiro capítulo, “Da vicissitudinária trajetória da cidade de Concepción”, apresento os principais acontecimentos telúricos vividos desde a fundação da cidade, fazendo uso, principalmente, de crônicas de espanhóis e relatos de viajantes, percurso inspirado na historiografia que, nos últimos anos, tem se debruçado nos desastres naturais como objetos de pesquisa que permitem enxergar as dimensões sociopolíticas que circunscrevem esse tipo de evento. Seguidamente, em “De tremores e temores no século XX no Chile”, indago como, entre os fios de lembranças e olvidos enunciados pelos entrevistados no 2012, emergiram os maiores terremotos da segunda metade do século passado.

Exploro, aqui, os rumores de fuzilamentos que surgiram no sul do país nos dias posteriores ao terremoto de 1960, questão que tento examinar a partir do campo da política, postulando que esses boatos podem ser enquadrados nas tensões existentes nessa época entre o governo do conservador Jorge Alessandri e os representantes da oposição. Além disso, com base nas fontes historiográficas, volto aos primeiros anos do século XX para examinar o terremoto de Valparaíso de 1906, único caso no qual existem crônicas e fotografias dos fuzilamentos de “saqueadores”. Para entender essas práticas no campo da segurança, vinculo o medo sentido pela elite logo após o cataclismo com as multitudinárias mobilizações registradas, tanto em Valparaíso como em Santiago, respectivamente em 1903 e 1905. Minha hipótese, acompanhando o proposto pelo historiador Samuel J. Martland (2009), é que a decisão de enfrentar militarmente esse desastre parece ter sido uma escolha com base nas lembranças daquelas lutas operárias, mais do que pela ocorrência efetiva de saques na cidade de Valparaíso na magnitude em que foram retratadas pelas autoridades.

Para rematar o capítulo inicial, em “Terremotos, identidade nacional e heroísmo”, adentramos nas recordações do terremoto de Chillán de 1939, evento telúrico que não faz parte da “memória viva” dos entrevistados, para usar o termo de Halbwachs; porém, esse evento, conforme expresso por fontes historiográficas, crônicas e obras literárias, oferece elementos que podem contribuir na exploração da dimensão moral das lembranças telúricas. Ao meu entender, as significações dadas aos saques registrados em Concepción em 2010, como um tipo de evento excepcional e que deixou “una sensación de caos moral en una nación profundamente conmocionada”¹², podem ser melhor compreendidas na medida em que observamos as retóricas criadas no calor da tragédia no grande sismo de 1939 e, posteriormente, em 1960, quando os maiores literatos da época, como Pablo Neruda e Gabriela Mistral, tentaram retratar o ethos chileno como “heróico-trágico”, inspirados no “singular sino telúrico de esta *finis terrae*” (Rubilar, 2011, p.1).

As noções de identidade nacional, construídas com base na paisagem do país compõem um campo que precisa ser explorado nas suas construções, percepções e disposições: desde a origem da República do Chile, no século XIX, múltiplas vezes atrelaram essa suposta particularidade geográfica e “eventual” – dada a periodicidade de eventos de tipo catastrófico (terremotos, erupções, inundações) –, com uma possível identidade dos habitantes do país. Discursos sobre o “caráter telúrico” dos chilenos são factíveis de serem identificados na cultura oral e no mundo acadêmico (Onetto, 2011b). Em 2010 foram reativados quando autores propuseram, inclusive, que no

¹² Informe da Cámara dos Deputados Congresso do Chile. “Comisión Especial Investigadora del Estado de la Institucionalidad en relación a su capacidad de respuesta frente a desastres naturales”. Publicado 9 de março de 2010. Disponível em: <http://www.camara.cl/pdf.aspx?prmID=307&prmTIPO=INVESTIGAFIN>

DNA dos habitantes dessas cidades há a capacidade de resiliência para reconstruir uma e outra vez a cidade (Concha e Henríquez, 2011).

No segundo capítulo, intitulado “A cidade do terremoto. Trajetórias socioespaciais da Área Metropolitana de Concepción”, explicitamos o viés socioespacial de minha pesquisa: entendo os multitudinários saques, bem como as estratégias de auto-defesa ativadas nos bairros, como experiências vividas em mundos sociais e geograficamente diferenciados. Para desvendar essa questão, começamos apresentando as dinâmicas sociais no fim do século XIX, atentando para o êxodo campo-cidade, em parte propulsado pela crescente industrialização da região. Revisamos as tensões entre os recém-chegados e os governantes e as ameaças que supunham sua incorporação à cidade, para logo expor as formas de moradia dos pobres durante o século XX e a crescente organização das ocupações de terras. Descrevemos, assim, as formas de organização política das camadas populares nos anos 60 e 70, através dos *movimientos de los pobladores*, que estimularam o debate político e acadêmico desses anos. Posteriormente, seguimos as repercussões da instauração da Ditadura Militar no campo da gestão urbana, sublinhando as remoções que afetaram as camadas pobres, multitudinários traslados que ajudam a entender, em parte, a configuração atual desta área metropolitana.

Em “Dinâmicas socioespaciais na virada do século: o caso de San Pedro de la Paz” – a segunda parte –, exploramos o caso da comuna de San Pedro de la Paz, que tem chamado a atenção no campo dos estudos urbanos, por apresentar, desde 1990, uma crescente redução nos níveis de segregação residencial, produto da construção de condomínios fechados e da edificação de conjuntos de moradia social nos governos da *Concertación*, e que durante a Ditadura fora escolhida como destino das famílias erradicadas em Concepción.

Para averiguar o deslocamento do medo do terremoto ao medo dos *outros* vivido nos dias posteriores ao terremoto, acho necessário atentar para os modos pelos quais são representados diferentes bairros da cidade e seus residentes. Aquelas categorias, ativadas de acordo com os cambiantes usos sociais, desenham fronteiras socioespaciais inscritas em complexas diferenciações internas, vinculadas a uma genealogia local particular. As vozes dos entrevistados, nessa medida, serão invocadas para apresentar detalhadas descrições sobre essas questões numa escala microespacial, tentando vincular as memórias sobre os saques de 2010 acontecidos em San Pedro de la Paz com as formas por intermédio das quais vão compondo as imagens acerca de sua comuna e cidade em 2012. Tal ponto é especialmente relevante no momento de se enxergar as estratégias de autodefesa nos bairros ante o medo de possíveis ataques por parte das turbasmultas saqueadoras.

O destaque outorgado à escala micro inspira-se na ideia de Jacques Revel (1998), segundo a qual a escolha de uma escala particular de observação não significa simplesmente mudar o tamanho pelo qual o objeto é representado; antes, é uma estratégia

de investigação que tem consequências na produção de conhecimento, mormente ao afetar as tramas, formas e conteúdo da representação.

Então, a seguir, trago a discussão sobre a segregação residencial, mote que tem pautado grande parte do debate da sociologia urbana desde os anos 90. Seguindo Vera Telles e Ramiro Segura, interrogamos os alcances desse tipo de aproximações na hora de entender episódios coletivos de violência urbana, desmontando o que temos chamado de tríade segregação–pobreza–desintegração social, que fundamenta as descrições das periferias pobres das cidades latino-americanas como zonas de anomia e frustração, fatores que atuam como deflagradores da violência.

No terceiro e último capítulo, “Violência coletiva e insegurança em uma cidade telúrica: deslocando e realocando os saques pós-terremoto 2010”, analiso, na primeira parte, as pesquisas que se debruçaram sobre os eventos posteriores ao terremoto, invocando a ideia da violência latente e iminente dos grupos excluídos da cidade, entendidos como vítimas da violência estrutural – ou como afetados pela tensão entre meios e fins para satisfazer os anseios de consumo. O caráter inédito e amoral desse terremoto, para alguns, veio a confirmar as nefastas consequências do modelo neoliberal imposto pela Ditadura de Pinochet: desintegração, falta de solidariedade e a predominância do consumismo como ideologia. Discuto, nesse contexto, a produtividade dessas conjecturas, com base nos dados empíricos sobre o caso particular de Concepción, a partir dos quais sabemos que os saques foram performados não só pelos “excluídos da sociedade”. Invocamos a discussão dos anos 80 e começo dos 90 no Chile, com respeito ao aumento da violência popular dos jovens das *poblaciones*, que concitou a preocupação de acadêmicos sobre os riscos daquele tipo de expressões inorgânicas e/ou anômicas na agressividade das massas.

Na segunda parte do capítulo III, resenho as contribuições teóricas que me parecem mais produtivas para entender a violência coletiva, a saber: os historiadores da multidão, como George Rudé e E. P. Thompson, que deram grandes contribuições para desmontar as imagens espasmódicas das massas, entendidas como “ralé”, assim como a ideia da multidão como “povo”. Na parte seguinte, reviso os trabalhos de Charles Tilly, que tem proposto uma série de considerações para o estudo empírico da violência coletiva, que recolhemos na hora de analisar os testemunhos de duas vítimas dos saques, proprietários de lojas em San Pedro de la Paz – relatos que analisaremos com minúcia. Paralelamente, dialogo com os achados de Javier Auyero no caso dos saques registrados em 2001 no conurbano da cidade de Buenos Aires, tentando identificar mecanismos de pequena escala que parecem ser muito similares em contextos tão diferentes. E, para finalizar, concentro-me no papel dos rumores na deflagração dos saques e da proliferação de estratégias de auto-defesa nos bairros de Concepción

no cenário do desastre, retomando os comentários da antropóloga Veena Das acerca da importância desse tipo de registro no desenvolvimento da violência multitudinária.

Antes de começar, vale advertir que, como todo primeiro rascunho, esta dissertação se apresenta como tarefa que precisará, ainda, de maior reflexão, de melhor pesquisa e, sem dúvida, de mais debates, especialmente quando se trata de pensar esses eventos excepcionais em sua inter-relação com a vida cotidiana.

CAPÍTULO I

TRAJETÓRIAS, MEMÓRIAS E SILÊNCIOS DE UMA CIDADE TELÚRICA

No Chile, ecos de terremotos chegam até nós desde os tempos mais longínquos. Com efeito, nossas terras, ao longo da história, têm sido a um só tempo cenário e vítima das forças destrutivas de intensos abalos sísmicos, sobretudo por situar-nos no chamado “Círculo de Fogo do Pacífico”, área geológica submetida ao constante atrito entre as placas tectônicas de Nazca e Sudamericana. Tal fenômeno se expressa, em especial, na ocorrência de espetaculares mega-sismos que, ao seu bel prazer, irrompem na vida de homens e mulheres nos diferentes países situados no litoral do Oceano Pacífico. Tendo isso em consideração, a seguinte equação revela-se interessante: “These natural phenomena exist in the realm of the possible and the imaginable in Chile, in spite of their erratic nature and the great destruction they generate” (Oquendo-Villar, 2007, p.52).

Nota-se, nessa medida, que os tremores de terra existem para nós, chilenos e chilenas, no reino do possível, do imaginável e do esperável; e de tão esperável que um evento desses ocorra que foi frequente ouvir, logo depois do terremoto de 2010, que uma pessoa que mora sua vida inteira no Chile chegará a vivenciar pelo menos dois ou três cataclismos importantes. Dessa maneira, todos aqui temos um terremoto para lembrar; todos somos testemunhas diretas, ou pelos menos indiretas, pois ouvimos as recordações dos cataclismos pelos quais passaram nossos pais e avós. Os terremotos são, assim, eventos com o potencial de se transformar em elementos constitutivos de memórias, balizas que podem estruturar narrações do passado tanto no campo individual como no coletivo; em outras palavras, considerarmos plausível pensá-las como um desses raros acontecimentos nacionais, dos quais falou Maurice Halbwachs (2011, p.99), que podem oferecer aos indivíduos de um país pontos comuns de referência no tempo.

Veja-se que essa preposição de Halbwachs foi atendida por Concha e Henríquez (2011), que, no ano de 2009, exploraram os eventos sócio-históricos considerados mais importantes no século XX pelos moradores de Concepción. Entre seus achados, notaram que as pessoas nascidas entre 1923 e 1959 ressaltaram, em primeiro lugar, o Golpe de Estado de 1973, e, logo depois, os terremotos de 1960 e 1939, seja que as catástrofes fossem experimentadas pessoalmente ou lembradas com base

nas histórias transmitidas por seus familiares mais velhos. Pela importância dada a esses eventos sócionaturais, os autores propuseram que, como hipótese, esses dois desastres teriam sido reatualizados no contexto do mega sismo que afetara à região, décadas depois, em 2010.

A seguir, iremos revisar, brevemente, algumas questões teóricas e metodológicas vinculadas aos estudos das memórias que têm sido de grande relevância no campo das ciências humanas, tendência acadêmica desenvolvida no contexto da emergência das testemunhas do *Shoah*, às políticas identitárias dos Estados Unidos, ao marketing da memória e da retro-mania, bem como aos múltiplos movimentos de resgate de memórias nacionais surgidas na Europa e na América Latina pós-ditaduras (Berliner, 2005). No caso de nosso continente, veja-se a importância do surgimento da literatura de *testimonios*, composta de obras que até os anos 1990 debruçaram-se em denunciar as vivências da violência do Estado nas ditaduras que assolaram os países da América do Sul e, também, as experiências de grupos subalternizados, como parte dessa corrente inquietada pelo resgate da memória.

Conforme a socióloga Marie-Claire Lavabre (2007), o contexto social e político, marcado pelas fortes transformações vividas pelas sociedades europeias no pós-guerra, ajuda a entender o sucesso da noção de memória; e essa é uma situação recente, pois, como sublinha Berliner, o termo, nas principais enciclopédias de ciências sócias nos anos 60 e 70, tinha uma participação muito tímida. Seja como for, o fato é que no lapso de um par de décadas esse conceito passou a ocupar um lugar preponderante e parte desse debate, vamos trazer a continuação, atentando especificamente a noção de memória coletiva.

1. ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICAS SOBRE AS MEMÓRIAS COLETIVAS

Segundo Paul Ricoeur (2007a, p. 130), deve-se a Maurice Halbwachs a “audaciosa decisão de pensamento” de atribuir a memória diretamente a um grupo em uma época (1920-1940) na qual, conforme a tese psicologizante preponderante nesses anos, a memória era considerada um atributo exclusivo dos indivíduos. De fato, Halbwachs (2011, p.30), por intermédio de exemplos da vida cotidiana, aponta a forma como, inclusive naquelas lembranças de eventos onde somente nós estivemos envolvidos, nossas recordações continuam sendo coletivas, já que “sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”. Desse modo, embora nas situações

em que o indivíduo acha-se sozinho, no pensamento, sempre vai se situar neste ou aquele grupo de pertença.

A principal tese de Halbwachs, conforme explicita Ricoeur (2007b, p.404), é a existência de um vínculo íntimo e imanente entre memória individual e memória coletiva, na medida em que “para se lembrar, precisa-se dos outros”; desse modo, ele ataca a tese sensualista que identificava na intuição sensível espontânea a origem da lembrança, supostamente “conservada tal qual e recordada de modo idêntico” (Halbwachs, 2011, p.131). Ao contrário, prossegue Ricoeur acerca do sociólogo francês, Halbwachs nega que a memória individual seja condição necessária e suficiente para os fenômenos mnemônicos maiores da recordação e reconhecimento, defendendo a gênese social das lembranças e sublinhando a importância do âmbito social como dimensão inerente do processo de recordação. Embora para recordar seja preciso a presença de outros, não será suficiente simplesmente ouvir os testemunhos dos outros membros do grupo. Halbwachs enfatiza que aquela reconstrução só será efetiva na medida em que não se perca o hábito de se pensar um sujeito como membro do grupo do qual faz parte, que dá testemunho e compartilha, portanto, “noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros” (Halbwachs, 2011, p.39). Como diz Ricoeur (2007a, p.131), para Halbwachs, é no caminho da recordação e do reconhecimento que nos deparamos com a memória dos outros; quer dizer, o testemunho só será entendido quando “recebido por mim de outro a título de informação sobre o passado”.

Halbwachs (2011, p.61) desenvolve sua proposta na esteira do pensamento coletivo, já que, segundo ele, é “a partir daí que compreenderemos melhor que a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionadas às mesmas coisas”, solução que se materializa, conforme Ricoeur, no uso da noção de “quadro”, elaborada nos primeiros trabalhos do sociólogo francês. Por conseguinte, para Halbwachs, a seletividade da memória relaciona-se à capacidade de ordenar o sentido do passado em virtude das representações, visões de mundo e símbolos, que permitem aos grupos pensar o presente (Lavabre, 2007). Isso quer dizer que a memória coletiva é uma reconstrução do passado governada pelos imperativos do presente, ou seja, inscrita na práxis dos indivíduos ou grupos (Bastide, 2005). Esse elemento será de grande centralidade nas análises que iremos tecer adiante.

Conforme Roger Bastide, o indivíduo para Halbwachs existe no entrecruzamento dos grupos e só pode ser entendido, portanto, como lugar de encontro. Isso possibilita que as lembranças mudem em virtude de pertencer a diferentes coletividades de referência. Como sintetiza Jean Duvignaud, na introdução de *A memória coletiva* (2011, p.12), a “rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedade múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência

social *atual*". Logo, as exigências atuais da sociedade instauram a possibilidade de se lembrar ou não de determinados eventos, ao mesmo tempo em que impõem a "deformação" do passado.

Atente-se para o fato de que a memória individual, para Halbwachs, é compreendida como ponto de vista da memória coletiva, de modo que aquelas memórias que ilusoriamente parecem-nos exclusivas são, na verdade, o efeito do entrecruzamento da multiplicidade de tempos sociais¹³, de várias séries de pensamentos coletivos e influências sociais:

De bom grado, diremos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não surpreende que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (Halbwachs, 2011, p.69).

Assim, Halbwachs, remarca a ideia da prioridade cronológica e lógica do pensamento social; em outras palavras, "lemos os objetos segundo essas leis que a sociedade nos ensina e nos impõe" (Halbwachs, 2011, p.61), o qual se aplica também a nossas lembranças. No pensamento coletivo, portanto, achamos os meios de evocar as sequências em que se desenrolam nossas recordações. Desse modo, entende-se que, para o autor, a memória tem uma função social agregadora que colabora ao sentimento de coesão social no interior dos grupos (Lavabre, 2007).

Conforme a análise de Michael Pollak (1989, p.3), em seu artigo "Memória, Esquecimento e Silêncio", na obra de Halbwachs, sobretudo por conta de sua abordagem durkheimniana, encontra-se uma ênfase na "força quase institucional da memória coletiva à duração, à continuidade e à estabilidade", pelo qual acentuam-se as funções positivas exercidas pela memória compartilhada, não através da coerção, mas sim mediante a adesão afetiva. Seguidamente, Halbwachs tenta identificar diversos pontos de referência que estruturam a memória coletiva da qual se faz parte, tratando-os como indicadores empíricos; desse modo, por meio de hierarquias e classificações se definiria

¹³ Aliás, Bastide (2005) chama a atenção para a permeabilidade das consciências ao se pertencer a diferentes grupos; mas, ao mesmo tempo, critica a Halbwachs por continuar usando a ideia da existência de uma consciência coletiva exterior e superior aos indivíduos, sustentada, segundo o antropólogo, na falsa dicotomia entre indivíduo e grupo.

o que é comum a um grupo e que o diferencia de outros, reforçando, então, os sentimentos de pertencimento e o estabelecimento de fronteiras socioculturais.

Um dos outros elementos centrais da obra de Halbwachs refere-se à distinção por ele estabelecida entre história escrita e “memória viva”¹⁴; esta última seria justamente aquela que se perpetua e se renova no decorrer do tempo:

[...] a lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante alterada (Halbwachs, 2011, p.91).

A história viva é, portanto, aquela que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual emergem “correntes antigas que desapareceram apenas em aparência” (Halbwachs, 2011, p.86); as memórias, são correntes de pensamento contínuo onde só se retém o que ainda está vivo na consciência do grupo que a mantém e, portanto, não ultrapassam os limites do grupo. Ora, quando aquelas correntes contínuas de pensamentos e palavras morrem, por não ter mais suporte no grupo, nasce o interesse de fixá-los por escrito: nasce a história, narrativa ensinada que tem como quadro de referência por excelência a nação, situada fora e acima dos indivíduos, e, portanto, exterior aos grupos, introduzindo períodos e distinções artificiais à memória viva. Desse modo, segundo a leitura de Ricoeur (2007b, p.405), se Halbwachs identifica, por um lado, o vínculo imanente entre memória individual e memória coletiva, entre memória e história, por outro lado, vai remarcar a existência de um descompasso, uma fratura que será posteriormente reconstruída quando o indivíduo liga os acontecimentos e fases de sua vida aos eventos nacionais.

Dessa tese, acentua-se que a história é uma compilação de fatos do passado lidos nos livros, ensinados nas escolas, selecionados, comparados e classificados segundo regras que não se infundiam aos círculos de homens que foram testemunhas ou atores dos acontecimentos relatados ou, para usar uma expressão do próprio autor, que foram seu “repositório vivo”. Ora, para Halbwachs, destarte, a familiarização progressiva com o passado histórico,

[...] consiste num percurso iniciático, através dos círculos concêntricos constituídos pelo núcleo familiar, pelas camaradagens, amizades, relações sociais dos pais e, mais do que tudo, ela descoberta do passado

¹⁴ As divergências e similitudes entre memória e história é um dos pontos mais debatidos nessa seara teórica; num extremo, encontram-se aqueles que defendem sua radical diferença; em outro, aqueles que acreditam tratar-se de uma fronteira fluída. Não nos ateremos, por ora, a essa discussão.

histórico por intermédio da memória dos ancestrais (Ricoeur, 2007b, p. 405).

O “vínculo transgeracional” contribui para assegurar a transição entre a história aprendida e a memória viva, quebra-cabeça que Halbwachs (2011, p.85) operacionaliza na relação entre as crianças e os avôs – estes últimos seriam aqueles que “esquecem a diferença dos tempos e, acima do presente, reatam o passado ao futuro”. Nas palavras de Ricoeur (2007b, p.406), essa experiência inter-generacional forte,

[...] contribui para ampliar o círculo dos próximos, abrindo-o em direção a um passado que, ao mesmo tempo em que pertence àqueles de nossos ancestrais em vida, os põe em comunicação com as experiências de uma outra geração que não a nossa.

1.1. AS MEMÓRIAS, OS OLVIDOS

Nas últimas décadas, foram inúmeros os estudos que continuaram o caminho traçado por Halbwachs, o primeiro sociólogo a trazer a memória para o campo das interações sociais (Araújo & Dos Santos, 2007). Porém, conseguiram um desenvolvimento vertiginoso, prolífico e, por certo, não isento de visões divergentes, mas que, em termos gerais, irão entender os enunciados sobre eventos do passado como produtos culturais complexos, urdidos com base em memórias individuais e coletivas, experiências passadas, situações presentes, representações culturais do passado e o tempo atual – isto é, buscam entendê-los por intermédio de arranjos bastante concretos, porém, intrincados e espinhosos (Schwarzstein, 2001). Entre eles, foi amplamente aceita a ideia que, embora a memória pareça constituir um fenômeno individual, íntimo e próprio da pessoa, é também um fenômeno social, construído coletivamente e, portanto, sujeito a constantes flutuações (Pollak, 1992, p.201).

Segundo essa perspectiva, as memórias não podem ser mais entendidas como uma simples repetição do acontecido. Nesse sentido, o crítico literário brasileiro, Alfredo Bosi (1995, p.310), aponta que o testemunho atua numa zona fronteira: ora faz a mimese de eventos e coisas, apresentando-os “tais como aconteceram”, e “construindo, para tanto, um ponto de vista confiável ao suposto leitor médio; ora exprime determinados estados de alma ou juízos de valor que se associam, na mente do autor, às situações evocadas”.

Halbwachs diz que o passado não se conserva; ele é mais uma reconstrução e seleção de lembranças governada por imperativos do presente. Logo, os testemunhos não explicam a realidade passada, mas antes a verdade do presente tal como a sociedade que rememora a constrói. Nesse sentido, Pollak (1992) assevera que as preocupações do momento presente constituem um elemento estruturante das memórias, assim, as

flutuações das lembranças estão em razão do momento em que são articuladas; a memória, por conseguinte, passa a ser compreendida como fenômeno construído, como verdadeiro processo de organização no qual certos elementos se recalcam, se excluem e outros, são lembrados.

Nesses processos, Pollak, com base em sua experiência como pesquisador, atenta para a existência de elementos constitutivos da memória, pontos ou marcos relativamente imutáveis na organização das lembranças, ora pessoais ora coletivas. Entre elas, vai distinguir, por um lado, acontecimentos vividos pessoalmente, por outro, eventos vividos pela coletividade, embora nem sempre o indivíduo tenha participado, mas que por causa da socialização histórica ou política, “no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (Pollak, 1992, p.201).

Na obra de Halbwachs, vê-se a grande importância das condições sociais da produção das lembranças que explicam, em parte, as flutuações que sofre a memória em razão do momento no qual é articulada. Logo, as memórias são necessariamente plurais, multiformes e se inscrevem em diversos tempos sociais e espaços apropriados pelos diferentes grupos (Lavabre, 2007). Ora, além das consequências de se entender as memórias enquanto construção social, é preciso notar que elas também variam conforme os grupos que rememoram, ainda que lembrem os mesmos fatos vividos coletivamente. Claro que aqui já não se trata só de pensar em termos de seletividade das memórias, como apontara Halbwachs em sua abordagem, preocupada mais com funções positivas, como a continuidade e estabilidade, que fornecem a coesão social.

Contrariamente, nos últimos anos, conforme Pollak (1989) previu, assiste-se à inversão dessa perspectiva, passando ao debate sobre o caráter potencialmente problemático da memória coletiva, que, às vezes, pode vir a ser forma de dominação e expressão de violência simbólica. Por conseguinte, “a memória entra em disputa”, nas palavras do sociólogo francês, multiplicando-se como consequência direta de uma série de pesquisas que debruça-se no caráter destruidor, uniforme e opressor da memória dita nacional. Daí, cobram importância as questões relativas às posições hierárquicas no campo social dos atores e instituições que lembram, bem como as disputas inerentes a esses processos de constituição e formalização das memórias. Entretanto, Araújo e Dos Santos (2007) chamam a atenção para o fato de que os impasses entre memórias e esquecimentos não

podem ser reduzidos sempre a um processo seletivo cuja origem se encontra no presente, já que:

[...] Em que pese a crucial importância dos registros do passado e sua relação com o poder, as associações entre memória e liberdade, por um lado, e esquecimento e autoritarismo, por outro, não podem ser generalizados (Araújo & Dos Santos, 2007, p.100).

Como tínhamos indicado há pouco, ao longo do século passado, parte importante das demandas das vítimas do totalitarismos e governos repressivos articularam-se em torno de movimentos pelo resgate da memória. As recordações confinadas ao silêncio por doutrinas ideológicas, essas memórias proibidas e clandestinas, vinculadas, muitas vezes, a dores e sofrimentos, têm invadido os espaços públicos por intermédio de processos reivindicativos e de revisão crítica do passado. É nesse contexto que podemos conclamar, uma vez mais, Pollak (1989), para quem a função do “não-dito” se observa também em casos de memórias indizíveis ou vergonhosas, que são guardadas em estruturas de comunicação informais, de modo que as fronteiras entre essas zonas de sombras e silêncios, metáforas e alusões estão em perpétuo deslocamento por diferentes motivos, seja por medo de não achar alguém para escutar, seja temor de ser punido ou por se expor ao relatar mal entendidos. Dessa forma, ele afirma:

A fronteira entre dizível e indizível, o confessável e o inconfessável, separa em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p.8).

É assim que no campo das disputas da memória, adquire centralidade uma série de fenômenos que o fundador do conceito de memória coletiva não abrangeu, a saber: os esquecimentos e os silêncios¹⁵. Nas palavras de Bastide (2005), que foi uns dos primeiros a polemizar com a obra de Halbwachs, este autor, em sua preocupação pela estabilidade e conservação de memórias, descuidou de refletir sobre os furos (trous) da memória e, mais precisamente, sobre a consciência da existência daqueles furos, sentimento ativo de que falta alguma coisa, e que, portanto, provoca um esforço mnemônico que não pode ser reduzido ou entendido como simples ausência.

Com efeito, uma das consequências de estabelecer que a memória individual só é possível ao passo que somos membros de um grupo e permanecemos em contato com aquele ambiente social é que, quando deixamos de ser parte do grupo no qual determinado evento a lembrar foi articulado, nossa própria memória se esvanece por falta

¹⁵ O desenvolvimento do pensamento de Halbwachs se encerrou prematuramente por causa do infeliz destino que o regime nazista separou para o intelectual: em 1945 foi levado ao campo de concentração Buchenwald, de onde nunca mais voltou.

de reforços externos. Nessa linha, conforme a análise de Bastide (2005), Halbwachs na sua focalização na conservação das lembranças que o indivíduo extrai do pensamento coletivo, o olvido só pode ser pensando como dissolução ou morte dos grupos de referência. Na proposta de Halbwachs, infere-se a existência de centros localizados da memória: os diferentes grupos dos quais participa o indivíduo são entendidos como centros nos quais se conserva certo número de memórias coletivas, questão que será amplamente criticada por Bastide.

É importante salientar, desse debate, que nem tudo fica na memória, uma vez que o olvido também é afetado pelos processos de seleção e negociação; no limite, nem tudo é necessariamente esquecido (tampouco tudo é lembrado). Nos complexos processos de negociação e disputa das memórias, olvido e silêncio surgem como mecanismos ativos da gestão da memória, tanto no campo individual e coletivo, como também nas memórias chamadas nacionais (Pollak, 1989).

Arthur Nastrovski (2009, p.143) destaca como hoje tornou-se consenso aceitar o paradoxo que a constituição da narrativa historiográfica, ela mesma, configura-se como forma de esquecimento em jogo “daquilo que não deveria jamais ser esquecido”. Em outras palavras, a memória é uma forma de esquecimento, pois, no momento em que se condensa como memória, serve para anestésiar uma lembrança. Assim sendo, a memória ao ser já representação, constitui uma modalidade ativa de esquecimento muito mais poderosa, em seus efeitos, do que poderia ser qualquer representação. Portanto, adverte, deve-se “sempre lembrar que ‘lembrar’ é, ao mesmo tempo, uma forma de esquecer” (Nastrovski, 2009, p.144).

Nesse campo de inquietações, no dizer do antropólogo Marc Augé (1998, p.12), olvido e memória são elementos estreitamente vinculados, como vida e morte, ao qual acrescenta: “Los recuerdos son moldeados por el olvido como el mar moldea los contornos de la orilla”. É assim que o esquecimento pode adquirir um sentido diferente, em especial, quando começa a ser percebido não como vazio, senão, contrariamente, como um componente mesmo da própria memória: olvido é, por conseguinte, força viva da memória.

1.2. MEMÓRIA COLETIVA: SÓ UMA METÁFORA?

O sucesso do termo “memória” e, em especial, de sua acepção de memória coletiva, tem sido acompanhado pelo processo de vulgarização do termo, podendo-se observar definições muitas diversas que, às vezes, simplificam as inquietações que movimentaram a reflexão iniciada por Halbwachs. Com efeito, é possível ouvir vozes que advertem sobre a sobrecarga semântica, a profusão terminológica do conceito e a perda

dos significados precisos, na medida em que aumenta o poder retórico do conceito de memória (Berliner, 2005).

Conforme a visão de Lavabre (2007), o sucesso acadêmico da noção de memória deve-se, em parte, ao poder de evocação e a sensação de que o saber histórico não dá conta do sentido do passado tal como o presente o constitui; assim, abarca realidades muito diversas e permite nomeá-las sem necessariamente defini-las. Desse modo, Lavabre sublinha: se o próprio Halbwachs destacava o estranho que era falar, já em sua época, de memória coletiva, inclusive como metáfora, hoje, ao contrário, perante o *boom* dos estudos das memórias coletivas e públicas, os múltiplos usos daquela noção a tem desgastado, fossilizado e transformado, paradoxalmente, em pouco mais que uma forma de metáfora.

Essa afirmação é polêmica, e procura, talvez, chamar a atenção sobre o uso vulgarizado do conceito, em virtude de sua popularidade. No entanto, acredita que isso não inabilita seu potencial. Segundo Lavabre, ler hoje Halbwachs e, em particular, a já muito citada *A Memória Coletiva*, não é somar definições, atributos e conotações a uma noção essencialmente polissêmica. Ao contrário, inspira tomar um ponto de vista crítico ao restabelecer uma proposta teórica que, ao final, é ocultada por uma fórmula de êxito que tenta resumí-la; significa, mais ainda, voltar a pensar nos modos muito concretos do papel da sociedade e dos grupos na gênese das lembranças individuais. Logo, convida a pensar nas condições sociais de produção de lembranças e esquecimentos, nas interações dinâmicas entre passado e presente, indivíduos e grupos, experiências vividas ou transmitidas e nos usos sociais da história.

Berliner (2005, p.198), examinando o caso particular da antropologia norte-americana, também tem se preocupado com o perigo da “sobre-extensão” do termo: “collective memory has become the all-pervading concept which in effect stands for all sorts of human cognitive products generally”. Embora o autor reconheça que o uso mais estendido seja para se referir à lembrança social de eventos e experiências históricas precisas, entendida como processo profundamente social, no qual os indivíduos registram, retêm e revivem eventos e experiências, também é possível achar definições que gradualmente se expandem a tudo o que é transmitido através das gerações, tudo o que é guardado na cultura como algo indiscernível, finalmente, do conceito de cultura mesmo ou do conceito de identidade, convertendo-se numa espécie de senso comum.

Sobre os conflitos no uso da noção de memória coletiva, associada à ideia de memória contínua, Marie-Claire Lavabre (2009, p.18) interroga: “¿Hay que entender por memoria colectiva las representaciones compartidas del pasado, los recuerdos de la experiencia vividos o transmitidos tal y como los individuos y los grupos son portadores?”. Ela adverte que as perspectivas que sublinham as políticas das memórias e as formas mais institucionalizadas da memória chamada coletiva, em contraposição àquelas que destacam as lembranças que os indivíduos são portadores, às vezes, levam a visões inconciliáveis. Para os primeiros, as memórias são efeito do presente; para as

segundas, são efeito do passado, rastro da experiência e, portanto, contêm a capacidade de resistência perante as políticas da memória.

Nesse sentido, uma pergunta importante seria aquela pela influência das políticas da memória sobre as representações compartilhadas do passado, quer dizer, “en qué medida las políticas de la memoria, fácilmente identificables y observables, son susceptibles de actuar sobre los recuerdos de la experiencia vivida o transmitida” (Lavabre, 2009, p.20). Pergunta complexa, pois o conceito de memória remete, como indicamos, tanto às lembranças de experiências vividas ou transmitidas, como às representações do passado ou aos modos pelos quais as sociedades administram sua própria história. Porém, Lavabre acredita que a resposta para tal interrogação não pode ser satisfeita por uma concepção de memória que se conceba univocamente como pura interpretação do passado, reconstrução e imposição retroativa de sentido. E isso é especialmente claro no caso de eventos de massacres ou guerras, em que existe um compromisso com os rastros na memória do passado tal como ocorreram. Jeanne Marie Gagnebin, nesse sentido, exemplifica o problema em relação ao “revisionismo” do *Shoah*:

E aquele que insiste sobre o caráter necessariamente retrospectivo e subjetivo da memória em relação ao objeto de lembrança, ele também, não corre o risco de cair num relativismo apático, já que todas as versões se equivalem se não há mais ancoragem possível em uma certeza objetiva, independente dos diferentes rastros que os fatos deixam nas memórias subjetivas e da diversidade de interpretações sempre possíveis a partir dos documentos existentes? (Gagnebin, 2006, p.42).

As lembranças dos indivíduos, assim, são fatos de comunicação entre eles, coerentes com os marcos interpretativos das instituições sociais; no entanto, aquelas interpretações devem se aproximar da memória vivida, da lembrança de acontecimentos-limites como massacres, assassinatos e dos fatores políticos ou sociais que são consequências direta deles. Portanto, as memórias não podem ser influídas pelas interpretações do poder se essas interpretações oficiais entram em contradição total com a experiência vivida da comunidade social concernida, ou seja, com as impressões que os eventos deixaram ao acontecer.

1.3. UMA BREVE ADVERTÊNCIA SOBRE O TRAUMA

A crescente preocupação acadêmica com as memórias vincula-se, em muitas oportunidades, às memórias ditas traumáticas; com efeito, nos últimos 25 anos, o trauma tem-se constituído como a forma predominante de se apropriar dos traços da história e de representar a relação como o passado: “the discovery of the painful memory is a major anthropological phenomenon of contemporary societies” (Fassin e Reichtman, 2009, p.15). Por todos os cantos do planeta é possível advertir manifestações

da procura por reconstruir o passado, *the reversing of truth*, nas palavras dos autores, sobretudo por parte dos mais diversos grupos que viveram em diferentes espaços e tempos experiências de violência coletiva. Desse modo:

The slave, the colonized, the subjugated, the oppressed, the survivor, the refugee – these are concrete images of the vanquished whose history, far from disappearing along with their experience of defeat and misfortune, is reborn in the memory of subsequent generations (Fassin e Rechtman, 2009, p.16).

O descobrimento da memória dolorosa, no entender dos autores, é o maior fenômeno antropológico das sociedades contemporâneas, em que eventos tão diferentes como o escravismo, o atentado contra o World Trade Center ou o próprio Holocausto são entendidos como “feridas” na memória coletiva que contribuem na formação identitária de diferentes grupos sociais, num processo de extensão do que se acordou chamar “trauma cultural”¹⁶. Assim sendo: “suffering established grounds for a cause; the event demands a reinterpretation of history” (Fassin e Rechtman, 2009, p.16). A memória coletiva, dentro dessa óptica, passa a se articular com as relações traumáticas do passado e, por sua vez, os grupos se identificam a si mesmos como vítimas, por intermédio do reconhecimento das experiências compartilhadas de violência.

Considero importante fazer uma breve referência a essa interconexão entre memória coletiva e trauma para dizer, desde já, que no caso de minha pesquisa não iremos nos utilizar deste último termo, muito embora saibamos que no campo da psicologia e psiquiatria os cenários pós-desastres têm tido espaços privilegiados para desenvolver o conceito de transtorno de stress pós-traumático¹⁷. Este conceito será muito bem analisado em suas origens, usos e práticas por Fassin e Retchman, ao longo do livro *The Empire of Trauma: An inquiry into the condition of victimhood* (2009). O trauma segundo eles pode ser entendido, por um lado, no seu sentido estrito ao campo de saúde mental; mas também, num uso mais geral, referindo-se àquela ferida aberta presente na memória coletiva. Usando qualquer um desses dois sentidos, esquecemos o fato social que os indivíduos não são recipientes passivos da etiqueta “traumatizados”

¹⁶ Logo, destaca Didier e Retchman, “The concept of ‘historical trauma’ has been applied to the colonization of Latin America and Africa, the atomic bombs at Hiroshima and Nagasaki, apartheid in South Africa, the Palestina Intifada, the Soviet regime in Lithuania, the Troubles in northern Ireland, the civil war in Sri Lanka, and the industrial disasters at Bhopal in India and the Chernobyl in Ukraine” (2009, p.16).

¹⁷ Para uma aproximação desse conceito no caso do terremoto de 2010, ver García e Mardones (2010, p.87), que asseveram que a “catástrofe humana” representada pelos saques teve, como o próprio terremoto, um grande poder destrutivo e traumático, sendo que os dois desastres golpearam a “estrutura de crenças da população”. Figueroa, González e Torres (2010), da *Unidad de Trauma, Estrés y Desastres*, da Pontificia Universidad Católica de Chile, indicaram que a percepção da lentidão das respostas do governo, as réplicas do tremor e os saques poderiam agravar o desenvolvimento do stress pós-traumático na população, que, segundo a literatura, atingiria de 5 a 10% dos sobreviventes. No mesmo ano da catástrofe, foi publicado “Terremoto después del terremoto. Del trauma y resiliencia”, de Margarita Serrano e Paula Serrano, onde se apresenta os resultados de um programa de intervenção psicológica (habilitação de *call centers* para as vítimas poderem falar de seus problemas e medos) que surgiu como um trabalho voluntário.

e deixamos de nos perguntar pela construção histórica e os usos políticos do termo – pergunta que incomoda quando se observa o enraizamento do termo no mundo intelectual e emocional¹⁸.

Embora não revisarei a detalhada pesquisa e as críticas que os autores realizam da genealogia dessas duas acepções, decidi fazer referência a sua obra para apontar que eu prescindirei desse termo, trauma, para descrever as vivências lembradas pelos entrevistados como *a priori*. Em meu entender, falar do terremoto de 2010 como experiência traumática é uma questão delicada em si, porque se tem em consideração a diversidade de práticas e respostas que as comunidades desenvolvem nos particulares cenários pós-desastres. Assim, usar a categoria trauma como se fosse um axioma vai em detrimento da qualidade das descrições do trabalho de campo e das experiências narradas pelos entrevistados, assim como ajuda a sedimentar certos preconceitos existentes sobre o tipo de reação esperáveis perante os desastres associados a eventos naturais. Com efeito, a norte-americana Rebecca Solnit, em seu livro *A Paradise Built in Hell*, em que se propôs a pesquisar diferentes cenários pós-desastre, adverte que a linguagem de terapia habitualmente refere-se às conseqüências dos desastres unicamente como trauma, sugerindo que a comunidade afetada só pode ser “unbearably fragile, a self does not act but is acted upon, the most basic recipe of the victim. Disaster movies and the media continue to portray ordinary people as hysterical or vicious in the face of calamity” (Solnit, 2009, p.8).

Portanto, ao contrário das falas rotineiras, nos casos examinados por Solnit, ela identifica inúmeras formas de associatividade, solidariedade, altruísmo e coragem entre as pessoas afetadas por catástrofes sócio-naturais, questão esta que também foi identificada pelo antropólogo Omar Thomaz (2010; 2011), no caso do terremoto no Haiti, no ano de 2010.

Em resumo, o que quero marcar, desde já, é meu distanciamento com a seqüência: desastre natural / trauma coletivo / memória coletiva. Os habitantes de Concepción, é certo, vivenciaram um terremoto, mas nem por isso nos referiremos *a priori* sobre eles como “vítimas traumatizadas” – isso não significa que ignoremos as dores e sofrimentos que estão presentes nas lembranças e falas de alguns de nossos entrevistados.

¹⁸ Didier e Retchman, rapidamente, advertem que para alguns aquela inquietação com a construção social do termo pode ser catalogado de relativismo pós-moderno ou algum tipo de cinismo. Para os autores, essa procura não nasce para desacreditar no trabalho bem fundamentado da psicologia e psiquiatria, ou para negar o sofrimento próprio dos arquivos do trauma e cenários de vitimização. Conforme afirmam, seu trabalho de antropologia política e da moral é uma des-naturalização do trauma e uma re-politização das vítimas.

2. DA VICISSITUDINÁRIA TRAJETÓRIA DA CIDADE DE CONCEPCIÓN

Numa das esquinas mais transitadas da Plaza de Armas de Concepción, levanta-se insigne a figura em bronze do fundador da cidade, o prolífico *conquistador* do Chile, Don Pedro de Valdivia. Segundo informa a legenda ali presente, o monumento de quatro metros de altura foi presenteado pela *colônia espanhola* no centenário da cidade, no dia 05 de outubro de 1950. Ao observar com maior atenção a estatuária, chama a atenção o fato de que a legenda de metal não aponte precisamente para um importante fato histórico: a localização atual da urbe não corresponde àquele lugar originário que o fidalgo espanhol nomeou como Concepción del Nuevo Extremo, em 1550.

A primeira Concepción se localizava a 14 km ao norte da cidade atual, na baía de Penco, lugar escolhido por Valdivia ao reunir vários elementos de importância geopolítica. Por um lado, existia na área uma numerosa população indígena que assegurava a mão de obra necessária para explorar os abundantes recursos ali presentes, assim como numerosas “boas almas” para avançar na missão evangelizadora hispânica. Ao mesmo tempo, a localização comunicava-se diretamente, por via marítima, com o centro do poder colonial espanhol nas Américas, a saber: o Peru. Mas, provavelmente, o elemento de maior relevância refere-se à dimensão militar mesma, uma vez que a fundação da cidade de Concepción representava um ponto estratégico no processo de ocupação territorial do nascente Reino do Chile. Desde a criação da cidade de Santiago, em 1541, a expansão para o sul do território enfrentou a forte resistência do povo indígena *mapuche*¹⁹, situação que demandou que a empresa colonial criasse variadas estratégias militares para conseguir avançar até aquelas terras emprazadas além da fronteira do rio Bío-Bío, cuja ribeira sul foi nomeada como “confins da guerra”²⁰.

O historiador argentino José Luis Romero (2001) tem enfatizado o proeminente caráter militar dos primeiros centros urbanos da América do Sul: a cidade-forte foi o dispositivo geopolítico escolhido para avançar no objetivo da colonização e garantir assim, a posse das terras num continente com uma população numerosa.

No caso de Concepción, logo depois da sua fundação foram construídas fortificações em terras contíguas para protegê-la dos potenciais ataques. Contudo, em 1554, facções *mapuches* conseguiram destruir o principal forte da zona situado na ribeira sul do Bío-Bío, batalha na qual Pedro de Valdivia foi capturado, torturado e, finalmente,

¹⁹ Em relação ao termo *mapuche*, segundo as esclarecimentos de José Manuel Zavala (2008), pode-se dizer que o termo aparece no fim do século XIX na literatura etnográfica. Com anterioridade, nas crônicas espanholas, aparecia a palavra “araucano”, sobretudo para designar aqueles grupos que moravam na *Araucanía*, quer dizer, no território entre o rio Bío-Bío e o rio Toltén. Esse também era o limite geográfico da empresa colonial espanhola no sul do Chile. Aliás, serão os “araucanos” o *alter ego* privilegiado das narrações hispânicas sobre o projeto colonizador nessas terras. Enfim, a título de referência, utilizamos o termo *mapuche* porque é valendo-se desse termo que essa população é reconhecida.

²⁰ O Bío-Bío é o segundo maior rio do país, percorre grande parte da zona sul, atravessando a província de Concepción e desembocando na cidade do mesmo nome.

assassinado. Ante o iminente assalto a Concepción, rapidamente, seus moradores, apoderados pelo pânico abandonaram a cidade, retornando apenas em novembro de 1555 graças a um decreto do Peru para repovoá-la. Assim consta nas crônicas:

Luego que llegaron al asiento de la desventurada ciudad, hubo general llanto en ver el grave estrago que en ella se había hecho... que veían sus casas hechas mostazales y llenas de otras yerbas que habían nacido en aquel año (*apud* Mazzei de Grazia e Pacheco, 1985, p.17).

Poucos meses depois, o cacique Lautaro destruiu e saqueou o assentamento que novamente será abandonado para ser refundado, por uma terceira vez, em 1558. Em suma, a história de Concepción naqueles tempos era uma teia de fundações, destruições e refundações que não dependeu unicamente da enérgica resistência dos *mapuches*, mas que também foi produto das forças tectônicas que subjaziam nessas terras. Com efeito, além da exitosa “guerra de guerrilhas” realizada pelas resistências indígenas, os povoados espanhóis enfrentaram um novo problema que atentava contra o projeto urbano colonizador: na quarta-feira de cinzas, em 8 de fevereiro de 1570, aconteceu em Concepción o primeiro terremoto e tsunami registrado nas crônicas do Chile:

[...] se abrió la tierra por tantas partes que era admirable cosa verlo... los que andaban por la ciudad no sabían qué hacer, creyendo que el mundo se acababa, porque veían por las aberturas de la tierra salir grandes borbollones de agua negra y un hedor de azufre pésimo y malo que parecía cosa de infierno; los hombres andaban desatinados, atónitos, hasta que cesó el temblor. Luego vino la mar con tanta soberbia que anegó mucha parte del pueblo, y retirándose más de lo ordinario, mucho, volvía con gran ímpetu y braveza a tenderse por la ciudad (Barros Arana, 1999, p.312).

Não é difícil imaginar, sob o contexto político e belicoso descrito anteriormente, que a reação imediata dos residentes do povoado frente à catástrofe foi construir um forte para a própria defesa ante um factível ataque (Mazzei de Grazia e Pacheco, 1985). Segundo os arquivos recopilados por Urrutia e Lanza (1993), os indígenas, ao ver a cidade deserta, já que todos tinham fugido para os morros por causa do maremoto, tentaram saquear a cidade; mas logo desistiram. Daí que seja plausível dizer que as catástrofes naturais nessa época tornavam ainda mais complexa a situação de tensão entre os conquistadores e os potenciais conquistados.

Posteriormente, no século XVII, um segundo sismo acompanhado de tsunami destruiu uma vez mais a cidade, na noite de uma quinta-feira, 15 de março de 1657. É interessante ressaltar que esse terremoto foi um dentre uma série de “calamidades”

que afetaram a região nesse período, sobretudo Concepción²¹. A partir de 1654, grupos *mapuches* organizaram uma série de grandes levantes, acabando, desse modo, com a fase de relativa calma alcançada após a assinatura de variados tratados de paz, nos quais a coroa espanhola reconhecia, de forma inédita, a independência dos indígenas que moravam ao sul do Bío-Bío. Ao longo de quase 10 anos, os indígenas roubaram centenas de cabeças de gado e capturaram mais de mil pessoas, obrigando-os a abandonar vários assentamentos no sul (Torrejón, King e Virano, 2002). Assim, quando a cidade foi atingida pelo abalo sísmico, encontrava-se sem munições em razão dos ataques comandados pelo mestiço Alejo.

Depois do cataclismo, alguns começaram a pensar no plausível traslado da população civil e na ideia de transformar Concepción exclusivamente num forte militar. Não obstante isso, o governador da época logrou motivar os habitantes a reconstruir a cidade, mesmo que não pensassem realmente em deixá-la, pois tinham um rijo sentimento de não abandonar o lugar de residência habitual: “eran capaces de sobreponerse al peligro indígenas y a la inclemencia de la naturaleza” (Mazzei de Grazia e Pacheco, 1985, p.20). O historiador Jaime Valenzuela (2007), por sua vez, sugere que esse ciclo de levantes mencionados foram possibilitados pela vulnerabilidade a qual se encontrava o centro do poder do país, a cidade de Santiago, após o “Magno Terremoto” da segunda-feira, 13 de maio de 1647, que deixou a capital em escombros, submetida a pestes e à fome.

Parece-me relevante, então, verificar quais são as dimensões políticas relacionadas às catástrofes, sob a figura das insurreições nos períodos da conquista e da colônia na América do Sul. Os desastres naturais podem ser observados como cenários apropriados para pesquisar tensões, alianças e circunstâncias que permanecem ocultas diante dos cataclismos, e perscrutar, nessa medida, o impacto dos desastres nas relações entre governantes e governados (Villa Flores, 2008). Sob tal perspectiva, Valenzuela (2007, p.33) irá investigar a explosão do medo das elites por possíveis sublevações no cenário pós-catástrofe de 1647: “La élite, fragilizada en las bases materiales y mentales que sustentaban el control social colonial, reencontró el miedo al otro dominado”. Os governados, sob a situação de caos e desarticulação dos mecanismos tradicionais de controle físico e convivência social, poderiam tentar protagonizar desordens e saques com o intuito de aguçar a desordem e subverter, dessa forma, o poder. Segundo carta da Real Audiência ao rei:

Corrió la voz con algunos fundamentos, aunque leves, de que los indios domésticos, en alianza de los negros, querían conspirar, y este *rumor* se hizo tan válido entre la plebe y las mujeres, que se hacía conversación

²¹ No início desse século, começaram a chegar no sul do Chile, incluindo o porto de Concepción, piratas holandeses que tentaram iniciar um projeto colonizador na cidade de Valdivia e na Ilha de Chiloé – aqui, conseguiram destruir e matar o governador espanhol. Os conflitos entre os piratas alarmaram a colônia espanhola, que destinou gastos especiais na defesa contra tais ameaças, que finalmente não prosperaram.

imprudente y por instantes diversas noticias que el miedo o la malicia de cada uno advertía (*apud* Valenzuela, 2007, p.34).

Dentro de tais inquietações, Francisco Ortega (2007), convida-nos a lançar uma revisão da história dos desastres na época colonial na América do Sul, especialmente nas suas dimensões políticas: acaso, o desastre natural não significava para alguns uma oportunidade de rebelar-se contras as condições humilhantes em que viviam? De que outro modo podemos entender que grupos de negros que chegaram a Lima após do terremoto de 1746, espalhando o rumor de um segundo maremoto e roubando as moradias de seus aterrorizados habitantes? Nesse caso, após o sismo destruir a cidade, iniciaram-se as revoltas lideradas pelo mestiço quéchua, Juan Santos Atahualpa, com o fim de libertar as populações indígenas da opressão espanhola.

Mas, voltando ao caso do terremoto de 1647 ocorrido em Santiago, Valenzuela (2007) diz que, lembrando antigos rumores, começaram a se espalhar o temor que os índios e escravos, grupos muito numerosos, iam se aproveitar da destruição pós-cataclismo para “apagar o nome espanhol do Chile”. Na mesma noite da catástrofe, uma das autoridades da Audiência reuniu os soldados sobreviventes, entregando armas e munições. Por isso, quando um homem negro, inquieto e promotor de alterações que supostamente teria matado seu dono com uma lança – que, aliás, fazia-se chamar “filho do rei de Guiné” – começara a organizar os seus, a autoridade espanhola não demorara na sua execução; e, assim, ele morreu finalmente enforcado na praça pública de Santiago²².

Em geral, as autoridades estavam apavoradas com os grupos subalternos: “esa gente, [que] es belicosa de su natural y tienen tan vecinas las armas en los indios rebeldes y ellos resienten el odio de la servidumbre” (*apud* Valenzuela, 2007, p.34). Não obstante as medidas adotadas para amedrontar os grupos populares, a destruição de Santiago propiciou a rebelião *mapuche*, descrita em 1664, e a desestabilização do poder espanhol no sul do país.

Quanto à cidade de Concepción, no sábado, 8 de julho de 1730, aconteceu o terremoto mais forte registrado na época da Colônia, alcançando 8,7º na escala Richter. O violento movimento, que atingiu também Santiago, azotou a baía de Penco, resultando destruídas mais de duzentas moradias situadas próximas à costa marítima. Santiago e Peru enviaram ajuda direta para financiar o processo de reconstrução do povoado e promulgaram decretos que isentavam várias cidades afetadas de pagar impostos à Coroa Espanhola. No entanto, passaram 20 anos e novamente a terra de Concepción tremeu. O mega sismo de 6 minutos de duração ocorrido na terça-feira, 25 de maio de 1751, acompanhado de maremoto, arrasou com todas as habitações do assentamento urbano. Naquela noite, sobre a arruinada cidade, apareceu, segundo crônica da época, a “rapina”,

²² Valenzuela acrescenta ainda que, nos tempos posteriores ao terremoto, a cidade de Santiago viveu um de seus momentos mais extraordinários e terríveis, em que produtos da imaginação e da fé, rumores e temores, invadiram a vida cotidiana na forma de um mundo de milagres e maravilhas relatado pelos sobreviventes.

ladrões que se aproveitavam da cidade abandonada, já que os assustados moradores tinham deixado suas moradias e subido os morros para fugir do tsunami, conforme narravam cartas dos missionários da Companhia de Jesus em 1753:

No fue menor el trabajo que experimentó esta atribulada ciudad en los hurtos, por no llamarlos como pudiera, rapiñas; pues puede, a juicio de los hombres cuerdos, dudarse de quien ha recibido mayores daños, si el del temblor, del mar o de los ladrones? Algunos castigo se ejecutaron en ellos, pero no fueron poderosos para reprimir la libre osadía con que cargaban con cuanto, vomitando de las olas, hallaban en las playas. Era impracticable andar con los jueces por la ciudad, ni a pie a pie ni a caballo, a causa de estar ciegas las calles con las ruinas, y muchas paredes amenazando caer, y continuos temblores, con que a su salvo muchos desalmados discurrían por las calles, saqueando las casas, como si la ciudad hubieran ganado por fuerza, por hallarlas desamparadas de sus dueños y abiertas por muchas partes. No se reservó de este insulto ni los mismos conventos y habitación de religiosos, que como daban paso franco por todas partes, fueron despejo de atrevimiento, hasta que se practicó la prudente diligencia de repartir varias personas con autoridad suficiente para poder ocurrir a tanto desorden (de Montessus de Ballore, 2012, p.149).

A enorme magnitude desse cataclismo, junto à lembrança do abalo sísmico anterior, foi decisiva para iniciar o planejamento do traslado da cidade de Concepción até um lugar mais seguro. O processo de negociação entre as famílias poderosas e as autoridades, tanto para definir o novo sítio como para combinar a repartição das terras, foi extremamente complexa, constituindo uma verdadeira batalha jurídica e moral, conforme o geógrafo francês, Alain Musset (2010).

A decisão de realocação só foi aprovada em 1755, e demorou outros 10 anos para se concretizar. Desse modo, em 1764, formalizou-se completamente a nova localização da cidade – agora nomeada Concepción de la Madre Santísima de la Luz – no Valle de la Mocha²³:

[...] se dividió como un tablero de ajedrez de 118 manzanas en total de 14 cuadras de norte a sur, y de 9 cuadras de oriente a poniente trazadas a escuadra por calles tiradas a cordel. Al centro de la ciudad quedaba la plaza (Campos, 1979, p.147).

Quase duzentos anos depois da fundação originária, se acionavam outra vez os princípios da conquista hispânica: unidade, planificação e ordem. Aquele ideal de

²³ O Valle de la Mocha foi defendido por alguns, e por outros, rejeitado, por ser uma terra que prejudicaria a saúde da população ou pela ameaça de potenciais pela proximidade do rio Bío-Bío (questão que os técnicos da época negavam com base a suas observações das dinâmicas do caudal). Os partidários, defendiam – entre outras coisas – que ao se afastar do mar, fugiam da ameaça dos corsários e piratas (Musset, 2010).

planejamento urbano, que tem sido fonte de controvérsias nos últimos tempos, foi forjado numa época em que as fundações eram atos improvisados feitos sobre a apreciação de certas variáveis da geografia, de lugares mau conhecidos, respondendo às exigências de ritmo acelerado da conquista. Por isso, Romero (2001) aponta que a realocização de cidades foi um fato recorrente e que catástrofes diversas, como terremotos, furacões, enchentes, erupções vulcânicas, causaram várias dessas mudanças durante a Colônia²⁴.

Nesse sentido, Musset (2010) tem destacado como a multiplicidade de traslados de centros urbanos acontecidas nesse período é um dos fatos mais desconcertantes da urbanização hispano-americana, e que vem a dar conta da grande fragilidade, tanto por fatores humanos e naturais, das fundações realizadas na Conquista Espanhola. No caso de Concepción, Musset explora os conceitos de resiliência e vulnerabilidade no contexto dos desastres dessa época remota, quando não se dispunha de marcos teóricos nem de ferramentas técnicas para enfrentar as ameaças do novo continente. Nomeadamente, o autor diz que o traslado de Concepción representava o intento, ao abandonar o *lugar* de origem, de voltar ao *estado* de origem antes da catástrofe.

No caso de Concepción, a Coroa Espanhola proibiu habitar a área abandonada – Baía de Penco – por conta dos riscos que apresentava. Já no dia 1º de março de 1765, a ordem era peremptória: a quem ainda permanecera na antiga Concepción, sua moradia seria queimada, sentença que ficou plasmada nesta extraordinária frase do Governador Antonio Guill e Gonzaga: “para que *no quede ni aun memoria* de ellas en ese lugar arruinado” (*apud* Campos, 1979, p.147)²⁵. É importante aqui sublinhar a força simbólica da história daquele traslado, para além da omissão plasmada na escultura de Pedro de Valdivia na atual Praça de Armas, o rastro do traslado ainda permanece vivo: o gentílico para quem nasce até hoje na cidade de Concepción é *penquista*, lembrando, desse modo, a baía da origem, Penco.

Já no século XIX – e sendo o Chile um país independente –, a nova Concepción que fora planejada e situada mais distante do Oceano Pacífico, que tantas penúrias deu na forma de maremotos, sofreu, na sexta-feira, 20 de fevereiro de 1835, a potência de “La Ruina”, como foi chamado o terremoto seguido de maremoto que, além de

²⁴ Ainda com Romero (2001, p.63), o traslado das cidades era um fenômeno curioso, pois juridicamente a cidade era a mesma pelo fato de manter o nome de origem; mas só o tempo diria se ela seria de fato a mesma segundo as funções que ela cumpria. Talvez, conclui o autor, a pergunta não tivesse significação nenhuma; na mente dos colonizadores, podia ser que a fundação não tivesse que ser necessariamente definitiva.

²⁵ Em 1840, o governo – agora chileno – levantou aquela interdição, começando a chegar até a atual Penco novas populações. Hoje na cidade habitam em torno de 50.000 habitantes.

Concepción, destruiu totalmente as cidades de Chillán, Los Angeles, Cauquenes e Talca. Segundo o relato do coronel Ramón Baeza, após o sismo:

[...] no hay templo, una casa pública, una particular, un sólo cuarto. Todo ha concluido: la ruina es completa. El horror es espantoso. No hay esperanzas en Concepción... nuestro siglo no ha visto una ruina tan excesiva ni tan completa.

Nesses anos a cidade já tinha aproximadamente 7 mil habitantes; mas, como consequência do cataclismo, um grande número de famílias fugiram até Santiago. A força de “La Ruína” foi registrada pelo naturalista Charles Darwin, que, em 4 de março, chegou à cidade de Concepción e testemunhou: “uno de los espectáculos más horribles, pero interesante, que jamás nunca había visto” (*apud* Benedetti, 2010, p.46). A consequência da violência do sismo se dilatou a desembocadura do rio Bío-Bío, o que impossibilitou para sempre a navegação no seu leito. Desse modo, a cidade deixou de ser fluvial e passou a ser mediterrânea, assim como no passado tinha deixado de ser marítima ao ser refundada longe da baía de Penco por ocasião do terremoto de 1751. Em suas memórias, fora das descrições sobre as mudanças das paisagens, Darwin acrescentou:

Los que habían podido salvar alguna cosa se veían obligados a velar de continuo, porque los ladrones se unían a la partida, dándose golpes de pecho con una mano y gritando “¡Misericordia!” a cada pequeña sacudida, mientras con la otra mano trataban de apoderarse de cuanto veían.

Também em suas crônicas escreveu que se chegasse a acontecer um terremoto na Inglaterra, o governo inglês não poderia coletar impostos, impor sua autoridade e, provavelmente, a rapina e a violência dominariam tudo.

2.1. DE TREMORES E TEMORES NO SÉCULO XX NO CHILE

A partir daqui tentarei um percurso diferente, de modo a distorcer a linha cronológica que tínhamos seguido no decorrer dos séculos XVI até o XIX, para agora adentrar nos meandros dos cataclismos registrados no século XX. Tal escolha inspira-se nas reflexões sobre o campo das memórias que apresentei no início deste capítulo, no qual entenderemos o presente como espaço de intercâmbio entre tempos e experiências. Nesse campo de intercâmbio temporal e experiencial, quero perscrutar, fazendo uso das mais variadas fontes, as diferentes formas de presença dos mais marcantes terremotos vividos no século passado. Desse modo, retrocederemos do cataclismo de 27 de fevereiro de 2010 para tempos anteriores, especialmente os grandes sismos de 1985,

1960, 1939 e 1906, embora sem seguir necessariamente uma ordem linear regressiva²⁶. Concretamente, traçaremos fios entre esses eventos a partir de uma perspectiva dialógica, para assim continuar a explorar a pergunta que dera origem ao presente capítulo: são mesmo inéditos os eventos de insegurança vividos no cenário do pós-terremoto de 2010? De fato, já avançamos na provisão de certos antecedentes; todavia, agora gostaria de oferecer outros elementos que nos poderão ser úteis para tornar mais inteligível essa possibilidade ou, refutá-la, com base no testemunho dos entrevistados em meu trabalho de campo, nos documentos de imprensa, nas fontes historiográficas, escritas artísticas, evocando sempre um conjunto eclético, até arriscado, pode-se dizer.

2.1.1. DIÁLOGOS INTER-TELÚRICOS: 1960 E 1985

Oswaldo tem idade suficiente para já ter experimentado mais de um grande tremor de terra em sua vida adulta; de fato, ele viveu o maior terremoto registrado na história mundial, o cataclismo do domingo, 22 de maio de 1960, que atingiu toda a zona sul do Chile (aliás, evento que de modo inusitado foi precedido no dia anterior por outro grande terremoto que, com maior magnitude, afetou Concepción). De acordo com os dados sismológicos existentes, o segundo terremoto de 1960 marcou 9,5° na escala Richter, superando os 8,8° registrados no sismo de 2010; contudo, segundo as lembranças de Oswaldo, o mais recente mega sismo em Concepción foi sem dúvidas o terremoto mais potente que ele viveu:

[...] uno que ha vivido tanto *tiempo arrancando de temblores*, yo diría que si no cayó el 2010, no hay otro que lo bote, pero para que haya uno más fuerte del que tuvimos, tendría que ser ¡una hecatombe! Yo recuerdo que el del 60' fue ¡muy fuerte! Pero este... pero parecía un... un... que sé yo, ¡un tren saltando! ¡era increíble! si es que era... ¡machacaba! Se movía así y machacaba y después uno, dice: pasó... y ¡jempzaba de nuevo!²⁷

Ao longo da descrição de suas experiências logo do terremoto de 27 de fevereiro, Oswaldo entrelaçava suas recordações de 2010 em contraponto com as lembranças do vivido em 1960, fazendo um exercício de exploração e apontando as similitudes e

²⁶ É importante dizer que não incluiremos nossa análise cada um dos terremotos acontecidos no século XX.

²⁷ No período do trabalho de campo em Concepción, foi possível ouvir mais de uma vez a suspeita de que o terremoto de 2010 foi mais forte do que o comunicado pelas autoridades e especialistas. Aquela conjectura surgia com base nas lembranças daqueles que viveram o terremoto de 1960, segundo as quais o terremoto de 2010 foi ainda maior. De acordo com os rumores, a manipulação da cifra responderia ao intuito de poder usar os seguros, que em caso do evento telúrico ser maior de 9,0°, não responderiam aos afetados segundo a normativa vigente. Mas, isso não aparece em nenhuma normativa, lei ou código: contudo, é interessante esse tipo de boato que circula, porque em alguma medida faz as pessoas da cidade “expertas” em graus telúricos, e revelam a desconfiança perante às autoridades, questão importante a considerar pelas instituições de gestão de riscos do país.

divergências entre os dois eventos que afetaram sua cidade. No entanto, em certo momento, vai concluir que a comparação não é plausível de ser feita porque as pessoas no passado *eram e reagem* de modo diferente.

[...] la población era diferente... los militares estuvieron en la calle a horas del terremoto...no hubo [saqueos]... además... bueno, no existía... eh... como se llama eso... la... el tema de la... la difusión de noticias, la televisión... no estaba el ciudadano con una cámara enfocando... entonces la información era más lenta, pero lo que uno presencié, ¡de todas maneras no hay comparación!, o sea, hubo noticias, se conoció noticias de que en el sur hubo algún problema con gente... pero la orden era muy tajante... los militares tenían instrucciones de ejecutar y ¡así fue po! No me acuerdo si fue estado de emergencia o estas cosa [...] la población reaccionaba diferente.

As palavras de Osvaldo são reveladoras: podemos dizer, depois de indagar arquivos e fontes diversas, que um dos eixos de exploração mais difíceis de acompanhar no andamento dos movimentos telúricos do século XX, refere-se, precisamente, ao acontecimento ou não de eventos que trouxeram instabilidade na segurança interna, traduzida especificamente em pilhagens, saques e/ou roubos nos cenários pós-desastres. Na verdade, é um campo difícil de devassar: as fontes são escassas, confusas e contraditórias, e parece predominar certo tipo de amnésia coletiva, em que, às vezes, reconhece-se a ocorrência desse tipo de condutas no ínterim subsequente aos terremotos; mas, também, em paralelo, é possível identificar asseverações do tipo “nunca no Chile” tinha acontecido algo parecido ao registrado no terremoto de 2010.

Um caso representativo dessa ideia da novidade dos saques, são os depoimentos de Cecília. Ela tem pouco mais de 50 anos, trabalha como assistente administrativa no Hospital Regional de Concepción, recinto de saúde onde grande parte das vítimas do terremoto chegaram para ser atendidas. Na entrevista, suas experiências de fevereiro de 2010 foram tecidas por intermédio das memórias do vivido há 25 anos na cidade de Valparaíso, no grande terremoto registrado no domingo, 03 de março de 1985, data que ela perdera a casa onde morava com seu marido e pequenos filhos. Embora naquela vez tenha sofrido perdas materiais muito significativas, Cecília, ao referir-se sobre o caráter inédito do que presenciou, rememora em tom de maior angústia os eventos de 2010 do que aqueles de 1985:

Nunca había visto eso, por eso estábamos *asustados*...*Nunca* había visto eso, claro, el terremoto sí, pero nunca había visto saqueo... ¡Nunca! Si antes no habían saqueos po... porque en Valparaíso cuando fue el epicentro ese allá, nadie abría nada, ¡ninguna cosa! Ni una cosa

sacaban... Si yo misma, nosotros dejamos la casa botada ese día... y al otro día fuimos a sacar todas las cosas porque la casa se quebró entera.

Nossa entrevistada irá acrescentar que não se lembra de ter visto em 1985 militares nas ruas, pelo menos não da forma “terrível” que aconteceu em Concepción em 2010, situação que lhe levou a rememorar: “[...] esta cuestión... como se llama... ¡del Golpe!, cuando salían los milicos y andaban por las calles así... ¡así andaban aquí po!”.

O derrocamento pela via armada no dia 11 de Setembro de 1973 do governo democrático de Salvador Allende, abrolha na sua fala como elemento organizador das memórias telúricas do 2010, questão que irá igualmente a suceder com outros entrevistados.

Efetivamente, o terremoto de 1985, cataclismo vivido em pleno Estado de Exceção na última fase da Ditadura de Pinochet²⁸ (1973-1990), não se evoca precisamente pela ocorrência de saques ou roubos; com efeito, os simpatizantes do regime ditatorial, em 2010, proclamavam como naquele terremoto não se registraram condutas desse tipo, resultado da exemplar “mano firme” de Pinochet. Não obstante, é de salientar que no campo das violências, o cataclismo – que deixou 177 mortos e pouco menos de um milhão de danificados em diversos pontos do país –, irrompeu num período quando o regime ditatorial, apesar de sua cruenta repressão²⁹, foi fortemente contestado por diversas expressões de “violência política popular”, conforme o historiador Gabriel Salazar (2006). Com efeito, no íterim de 1983 e 1987, registraram-se importantes insurreições populares como passeatas, ataques a *carabineros*, barricadas e *cacerolazos* nas *poblaciones*. Desse modo, através de multifacetadas formas de ação popular direta, exigia-se o fim da Ditadura, reivindicavam-se valores universais como o direito à vida, mas também, demandava-se soluções habitacionais (movimento dos *pobladores*)

²⁸ Ao longo dos 17 anos de Ditadura, ocorreram mudanças em relação aos dispositivos de exceção ativados: no caso de 1985, estava em vigência o Estado de Sitio, decretado uma vez mais em 1984, logo depois de um período de suspensão, em 1983, conforme as supostas políticas de abertura do Regime Militar. Mas, o Estado de Sitio alternava-se com o Estado de Emergência, decretado novamente em fins de 1985, e também podia-se complementar com um outro decreto chamado “Estado de Peligro de Perturbación de la Paz”, graças ao qual se reforçavam os poderes presidenciais para suprimir as liberdades individuais e vulnerar os direitos de civis.

²⁹ Poucos dias depois do terremoto, no dia 29 de março, os jovens irmãos Toledo Vergara foram assassinados por policia na popular Villa Francia – tragédia que é comemorada até o dia de hoje no chamado “Día del Joven Combatiente”; logo no dia seguinte, 30 de março, três reconhecidos dirigentes sociais foram sequestrados, torturados e finalmente, degolados por agentes das forças policia nas proximidades de Santiago, evento que ficou conhecido como “El Caso Degollados”.

e levavam-se a cabo ações de caráter terrorista como, por exemplo, o falido atentado perpetrado em dezembro de 1986 contra Pinochet.

Nos protestos desses anos, registraram-se em certas ocasiões saques a supermercados e lojas, ataques a caminhões que carregavam comida, sem alcançar as proporções do 2010, episódios que, para Salazar (2006, p.302), formava parte da violência política popular.

[...] El ataque, dentro de la confusión producida, a supermercados, tiendas y otros negocios, puso de manifiesto el nivel de las insatisfacciones básicas de la masa poblacional como su predisposición a desconocer de hecho algunos de los principios arquitecturales de la sociedad dominantes (como el derecho de la propiedad).

Isso torna ainda mais interessante que, segundo se lembra, no cenário desse terremoto não se registraram saques. Ao que parece, foi mais preocupante – segundo a imprensa da época –, o rol dos “especuladores” que subiram os preços do pão e velas, prática que foi punida pelas autoridades³⁰. Contudo, ao revisar os manchetes dos jornais desses dias³¹, identificamos referências a pilhagens como argumento para decretar toque de recolher e prevenir esse tipo de práticas. Assim sendo, saber se aconteceram³² ou não saques logo do movimento telúrico, uma vez mais, se apresenta como um desafio a explorar.

Voltando aos depoimentos sobre o mega cataclismo de 1960, as recordações de Osvaldo permitem refletir sobre um dos aspectos mais abstrusos desse tempo: a suposta ocorrência de fuzilamentos por parte das autoridades contra aqueles que foram presos em atividades ilícitas logo após o terremoto. As narrativas daquela época que asseveram a ocorrência desse tipo de atos de parte do governo contra a população, acham-se perpassadas por rumores e fortes controvérsias, mas hoje, são escassamente lembrados.

Na procura por mais antecedentes, achamos uma referência ao acontecimento de *problemas com gente*, como fraseara Osvaldo, numa crônica de 1960 sobre a cidade de Puerto Montt³³, onde circulava com força o boato de que 15 homens teriam sido fuzilados por pilhagens; contudo, conforme as indagações de um escritor – o reconhecido romancista, José Donoso –, um oficial da polícia negou esses acontecimentos e explicou-lhe que esse tipo de comentários surgiu porque nos “primeiros momentos de pânico” aconteceram alguns roubos, cometidos por gente necessitada de roupa e carvão, pelo qual, dois policiais dispararam para dissuadir e, assim, segundo ele, nascera o rumor dos fuzilamentos (Donoso, 2011). Entretanto, é importante advertir que esse

³⁰ La Segunda, 05 de março de 1985. A principal manchete indica: “Especuladores se aprovechan del terremoto”.

³¹ La Cuarta, 05 de março de 1985. Na capa do jornal indicava-se: “Toque de queda para combatir el pillaje”.

³² No jornal La Vanguardia, edição do dia 05 de março de 1985, aponta que existiram saques na mesma noite do domingo 03 de março.

³³ Localizada a mais de 600 quilômetros ao sul de Concepción.

rumor não cobrou vida somente naquela cidade: o jornal do partido comunista³⁴, *El Siglo*, publicava em 30 de maio de 1960 as declarações do encarregado do cemitério da cidade de Castro³⁵, a respeito do enterro de 7 pessoas que foram fuziladas logo após o terremoto. Com aquela notícia, o jornal declamava que tinha por escopo desmentir os intentos do governo de Jorge Alessandri de ocultar à população a verdade sobre as execuções realizadas.

Nesse ponto, é indispensável trazer – mesmo que brevemente – o contexto político chileno da época sob a influência dos dois blocos da Guerra Fria. O presidente da República, o conservador Jorge Alessandri (1958-1964), obteve na eleição de 1958 a maioria relativa, superando só em 3 pontos porcentuais o candidato socialista, Salvador Allende, que se apresentara apoiado pela Frente Nacional Popular, formado pelo Partido Comunista e o Partido Socialista, entre outros partidos de esquerda. Em meu entender, os grandes sismos de 1960 permitem, de certo modo, entrever as tensões e fortes rivalidades entre o governo e a oposição, hostilidades que cobraram expressão num campo muito particular: os rumores sobre fuzilamentos. Nesse ínterim, alguns jornais nos dias posteriores ao cataclismo denunciavam o acontecimento de ferimentos e mortes de civis pelas mãos de militares, no mesmo tempo que o governo desmentia em declarações públicas a ocorrência desse tipo de prática³⁶, e, ainda mais, indicara que os responsáveis por tais “calúnias” seriam levados à justiça. O próprio Alessandri afirmava em transmissão radiofônica para todo o país:

[...] informaciones absolutamente falsas y muchas veces tendenciosas y alarmistas que se propagan por radio desde Santiago y otras ciudades, carentes muchas veces de absoluto fundamento; son ellas las que crean inquietudes innecesarias (*apud* Benedetti, 2010, p.92).

Somada às dificuldades de corroborar o acontecimento dessas execuções, existe outro eixo de sombras e confusões: segundo as memórias do deputado socialista da época, Hernán Olave Verdugo, no dia 23 de maio na cidade de Valdivia, fortemente atingida pelo sismo e sem comunicação com o resto do país – o Intendente da cidade, Victor Kunstmann, proclamou de modo inconstitucional Estado de Exceção³⁷,

³⁴ É pertinente acrescentar que dois anos antes, em 1958, o Partido Comunista tinha sido legalizado novamente, depois de 10 anos de proibição pela conhecida “Ley Maldita”, promulgada no governo de Gabriel Gonzalez Videla, mesmo ano em que o governo de Eurico Dutra excluiu os comunistas do sistema político-partidário no Brasil, decisões que, em conjunto, formaram parte do frente anticomunista da América do Sul. no Brasil, decisões que, em conjunto, formavam parte do frente anticomunista da América do Sul.

³⁵ A 800 quilômetros a sul de Concepción.

³⁶ Declaração do governo “es absolutamente falso que se hayan realizado fusilamientos”, Jornal *El Correo de Valdivia*, 31 de maio 1960.

³⁷ Segundo outras fontes, foi o reitor da Universidad Austral que decidiu organizar um cabido aberto para decidir o que fazer a respeito da insegurança, já que logo depois do terremoto começaram a circular rumores de saques, pelo qual decidiram decretar toque de recolher (De Vos Eyzaguirre, 2009).

designando como “Jefe de Plaza”, o General Alfonso Cañas Ruiz Tagle³⁸. Olave (2000, p.26) sublinha que: “Pese a que posteriormente se negó en forma terminante tal situación, el hecho ocurrió y no podrá jamás ser desmentido”. Segundo suas declarações, em Valdivia, impôs-se toque de recolher e limitou-se à circulação da população, fato que foi denunciado pelo senador socialista Aniceto Rodríguez no Congresso Nacional da seguinte forma:

[...] la primera medida del Intendente fue dictar, insólitamente, tal vez mal aconsejado, un decreto inconstitucional de Estado de Sitio... en que establece la Ley Marcial, hace funcionar tribunales militares y pone en vigencia el toque de queda. En esas horas de dolor y tragedia no había más imaginación que para adoptar, inexplicablemente, *medidas punitivas* (*apud*, Olave, 2000, p.87).

Além disso, resulta importante destacar conforme os dados do historiador Gabriel Salazar (2006) que nos meses anteriores ao terremoto de 1960, o movimento sindical estava lutando organizadamente na demanda de reajustes salariais acordes à inflação registrada nesse período, que em 1959, chegou ao 38,6%. Em 5 de maio de 1960, mais de 8 mil trabalhadores industriais e professores achavam-se em greve ao longo do país, eventos que sucederam nos dias posteriores, cobrando especial força no dia 12 de maio, quando os estudantes se mobilizaram em Santiago, registrando-se atos de violência no centro da cidade trás a formação de barricadas, ataques contra edifícios (como o prédio do jornal El Mercurio) e a polícia, atribuídos à intervenção de “elementos extraños”, quer dizer, moradores populares e obreiros. Por tanto, o terremoto chegou num complexo momento político que continuou nos meses seguintes à catástrofe, embora no momento mesmo do abalo sísmico, as demandas foram momentaneamente paralisadas, pois segundo indica Salazar, a solidariedade entre os chilenos surgiu de todas partes.

2.1.2. VALPARAÍSO EM 1906: DO TERREMOTO E DO MEDO DA ELITE

No entanto, nos meandros das memórias do século XX, imagens de fuzilamentos seguidas de catástrofes sim podem ser constatadas por intermédio de fontes oficiais e testemunhos fotográficos para o caso do poderoso terremoto que, em 16 de agosto de 1906, deixou em ruínas a florescente cidade portuária de Valparaíso³⁹. Na detalhada pesquisa feita por Alfredo Rodríguez e Carlos Gajardo (1906), testemunhas diretas dos

³⁸ O governo central iria logo destituir Kunstmann do cargo de intendente da cidade, por ocultar o estado de gravidade no qual estava a cidade, e outorgará assim o posto ao general Cañas por um ano.

³⁹ Localizada a 119 quilômetros de Santiago, com orientação à costa do Pacífico. Durante o século XIX, Valparaíso dominava o comércio e finanças da costa pacífica de América do Sul e na época do terremoto, era um centro comercial e bancário internacional de grande importância.

eventos, observa-se que o campo da segurança foi uma preocupação imediata para as autoridades logo depois do desastre. Com efeito, na primeira hora, enviara 250 marinheiros a vigiar a cidade e no mesmo dia do terremoto, o intendente de Valparaíso, Enrique Larraín, decide enviar membros da polícia para resguardar a penitenciária da cidade com o intuito de evitar a fuga de internos. Em seguida, decretou-se a ocupação militar da Plaza de Armas para coordenar as estratégias de segurança entre a polícia, a marinha e o exército, a fim de salvaguardar a ordem e o respeito público. Depois, no dia seguinte ao mega sismo, o capitão do navio da Armada Nacional, Luis Gómez Carreño, foi designado chefe militar da cidade de Valparaíso, que, segundo Rodríguez e Gajardo, por suas qualidades excepcionais de caráter e louvado espírito militar⁴⁰.

Com essas disposições ativas, as autoridades expressaram que iam perseguir e reprimir de forma enérgica todo delito, especialmente aqueles que atentassem contra a ordem, a propriedade privada e as pessoas. Desse modo, quem fosse pego em flagrante pelos especialistas estatais de violência, seria castigado com a “pena máxima”, quer dizer, com a execução capital. Segundo informam os autores, profundos simpatizantes do governo⁴¹, 15 fuzilamentos foram realizados sob a lei marcial: “triste y dolorosa medida, pero indispensable en aquella ocasión para reprimir los desmanes de esa *chusma inconciente*, siempre dispuesta al bandolerismo y al pillaje” (Rodríguez e Gajardo, 1906, p.195). Neste sentido, pode-se dizer que, no século XX, é o chamado “populacho” que aparece como o *outro* a ser temido e combatido após o cataclismo, como outrora foram os *mapuches*.

Nesses tempos, na parte baixa de Valparaíso conhecida como El Plano, viviam as famílias mais ricas da cidade; por outro lado, nos morros, estendiam-se os bairros populares informais em condições de miséria. No cataclismo, curiosamente, as mais afetadas foram as moradias da elite situadas no Plano, especialmente o prestigioso bairro El Almendral; danos, destroços e mortes que conseguiram uma grande atenção por parte da imprensa, em contraste com o vivido nos setores pobres. Sobre isso o escritor Patricio Manns, indica:

No debe extrañarnos por ello que quienes testimoniaron sobre la catástrofe compitan en describir el gigantesco episodio colectivo como un drama particular de cada una de las familias pudientes, haciendo nebulosas alusiones sobre el resto de la población. Es muy fácil, pues, revivir las muertes y resurrecciones, las miserias y las alegrías y, más que

⁴⁰ Conforme nos lembrou o professor Gonzalo Cáceres, é de notar que com 14 anos, Gómez Carreño seguiu e combateu junto a seu pai na Guerra del Pacífico. Assim também, se desempenhou ativamente na guerra civil de 1891 no “Combate de la Aduana de Iquique”. Ambos eventos, tem uma relação com saques; no primeiro caso, do vitorioso exército chileno contra cidades peruanas; no segundo, os ataques perpetrados em Santiago contra as moradias dos defensores do Presidente Balmaceda que foram vencido pelas forças congressistas.

⁴¹ Igualmente ao 2010, a catástrofe aconteceu no ínterim de transição presidencial - Michelle Bachelet a Sebastián Piñera: em 1906, estava ainda em função o presidente Germán Riesco, que passaria o poder ao presidente eleito, Pedro Montt, ambos representantes do conservadorismo liberal.

nada, las entrañables virtudes de los muertos ilustres, pero es trabajo de galeotes rastrear en las crónicas de entonces para saber qué pasó con el pueblo, ese pueblo notable y silencioso, acorralado contra los cerros, colgando por el borde de las laderas escarpadas, y cuta muerte es siempre un fenómeno colectivo, una muerte en masa (Manns, 1972, p.71).

Embora seja um fato que os infortúnios das camadas altas foram o foco dos relatos dos jornais, discordamos com a ideia de “um pueblo noble y silencioso”. Acompanhando as análises do historiador norte-americano Samuel J. Martland (2009), resulta central trazer elementos que antecederam o cataclismo, nomeadamente, a série de conflitos e luta social que caracterizaram o começo do século XX, que, no caso particular de Valparaíso, referiam-se às disputas entre o governo, os empresários e os trabalhadores portuários.

Durante o mandato do presidente Germán Riesco (1901-1906), registraram-se ataques contra as greves e diversas manifestações multitudinárias de trabalhadores e setores populares, que resultaram, por fim, no assassinato de centenas de trabalhadores. Como indicara o historiador Peter De Shazo (1979, p.146): “Working class blood flowed freely in Chile between 1903 e 1907, peak years of labor union activity and industrial violence”. Com efeito, 1903 foi um ano especialmente complexo em Valparaíso quando aconteceu a greve geral dos trabalhadores portuários, influenciada pelas sociedades de resistência formadas nos anos anteriores por grupos animados pela ideologia e táticas de ação direta de grupos anarco-sindicalistas. O dia 12 de maio de 1903 foi a jornada mais violenta, quando, dos morros da cidade, começaram a descer centos de trabalhadores que corresponderam aos chamados dos grevistas e se reuniram no porto da cidade. Seguidamente, se dirigiram a Plaza Sotomayor, onde se concentravam os prédios do governo, ao passo que outros grupos se aproximaram a Plaza Echaurren, momento no qual a multidão começou a atacar com pedras uma unidade policial, enfrentamento que terminou com um manifestante morto a tiro pela polícia. O corpo foi carregado pela multidão exigindo a intervenção do Intendente da cidade, para que controla-se o agir das forças policiais, mas, sem atender as demandas, a autoridade decretou a proteção imediata do bairro rico de Valparaíso, El Almendral, e ordenou que 600 agentes da marinha desembarcaram para resguardar o porto.

Contudo, ao meio-dia, a Compañía Sudamericana de Vapores foi atacada e logo, o prédio foi incendiado. Segundo Covarrubias, os manifestantes repartiram objetos e víveres, impedindo desse modo, a ocorrência de saques; também se incendiaram mercadorias em diferentes depósitos no cais do porto. Logo, se transformaram em alvo da violência popular as dependências do importante jornal El Mercurio no centro da urbe. Não obstante, sobre aquele ponto, De Shazo entrega uma outra versão, indicando que os saques se estenderam em múltiplos armazéns do porto, onde não só participaram os grevistas mas também agentes da marinha, quem não dificultaram os ataques incendiários. Segundo as fontes por ele trabalhadas, logo do incêndio do prédio

do jornal, os saques se estenderam pelo centro da cidade: “The city lay at the mercy of the mob, since the marines were busy sacking the docks and police alone could not maintain control” (De Shazo, 1979, p.153). Os trabalhadores, detalha o autor, teriam saqueado lojas onde comprovam no dia a dia, como casas de penhores, padarias, mercearias e sapatarias. Algumas casas de famílias aristocratas da cidade, foram atacadas com pedras pela multidão, mas sem causar maiores danos, e muito longe dos ataques efetuados contra o prédio de El Mercurio e estabelecimentos comerciais.

No dia seguinte, o 13 de maio, a cidade foi declarada sob estado de exceção. Nos enfrentamentos cerca de 100 pessoas perderam a vida; porém, poucas pessoas de classe alta e policias sofreram danos e nenhuma resultara morta, “while lifeless, sometimes, headless, corpses of workers littered the streets and hills of the city” (De Shazo, 1979, p.153). As notícias do vivido em Valparaíso, circularam rapidamente por todo o país. Cerca de 600 trabalhadores protestaram nas ruas em Santiago, guiados por grupos de anarcos-sindicalistas, o dia 14 de maio, em repúdio das mortes registradas nos enfrentamentos e pelo arresto de uma importante figura do movimento sindical, Magno Espinoza. A imprensa de direita, por sua vez, reclamava contra a incapacidade do governo de controlar o *bajo pueblo*.

Lembranças de conflitos em Valparaíso, sem dúvida, potentes, e que com muita probabilidade foram reativadas logo após o cataclismo de 1906 pelo governo de Riesco e pela elite *porteña*. Além disso, podem-se adicionar aos temores dos governantes, as memórias relativas à chamada “Semana Roja” em Santiago, vivida em 1905, quando entre 25.000 e 50.000 homens e mulheres tomaram as ruas e centro da cidade para protestar pelo aumento do preço da carne, demonstrações que resultaram em enfrentamentos muito violentos que foram reprimidos pelas forças policiais, mas também, pelas *guardias blancas* conformadas por vizinhos da elite *santiaguina* que receberam do próprio governo de Riesco armamento para atacar aos manifestantes. Como consequência

disso, foram mortos aproximadamente 300 protestantes em mãos de organizações de caráter paramilitar⁴².

FIGURA 3. MORTOS NA GREVE DE 1903 EM VALPARAÍSO



Fonte: Coleção Museo Histórico Nacional do Chile⁴³.

Pelo referido, não era de se estranhar que naquela situação de vulnerabilidade pós-desastre, os grupos das classes altas atingidas pelo tremor de terra em Valparaíso sentiram-se desprotegidos, mas o resguardo por parte do governo não demorou. Além disso, os próprios residentes, famílias chilenas e numerosos grupos estrangeiros privilegiados que viviam no centro da cidade, formaram *guardias blancas* para resguardar suas moradias (Martland, 2009).

Também se entende porque perante a inexistência de um plano de desastres em nível nacional ou da cidade nesse período, a autoridade máxima de Valparaíso, o intendente Enrique Larraín, decidira enfrentar a crise – destaca Martland – como se fosse uma revolta. Desse modo, se compreende a urgência dada aos assuntos de segurança

⁴² Durante os diferentes distúrbios que se registraram no fim do século XIX, assim como no começo do século XX, a participação desse tipo de grupos da elite aparece como constante. Com vinculações mais ou menos diretas com o governo e grupos políticos, parece ter sido uma estratégia legitimada para resguardar a ordem de grupos dominantes. Nas palavras de Benjamín Vicuña Subercaseaux, membro da elite de Santiago, as lamentáveis mortes de membros do “populacho” produzidas na greve da carne justificavam-se pela defesa de valores maiores da sociedade civilizada, como família, propriedade privada e justiça (2007). Nessa lógica, observamos os comentários, em relação a 1906, de Rodríguez e Gajardo, que defendiam a triste e dolorosa medida dos fuzilamentos, pois fora totalmente necessária para controlar a “chusma inconsciente”.

⁴³ Disponível no seguinte link: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-67917.html>.

na gestão do terremoto na cidade portuária em 1906 e que se promulgasse um governo militar provisório, embora significasse passar por sobre certas disposições do governo:

A first glance, the preoccupation with guards and security seems beyond all proportions to the number of potential criminals in or near Valparaíso, even a Valparaiso broken up into a looter's paradise. The context, however, suggests that Larraín and the rest feared not just habitual criminals, but a *general uprising* (Martland, p. 2009, p.75).

Entre as medidas adotadas, acha-se a peculiar pena capital para as ocorrências de “roubo” de água; tal decisão foi tomada devido à propagação de incêndios ao longo da cidade, os quais eram difíceis de controlar ante o mau funcionamento da rede de água ocasionado pelos danos do sismo. Aliás, muitos desses incêndios foram atribuídos como ação do “populacho”, sem fundamentos concretos, mas inspirados nas lembranças os incêndios na greve de 1903.

É de se remarcar que, além do grande temor das elites a possíveis revoltas e desordens das camadas populares, no contexto do terremoto de 1906, com mais de 3 mil mortos na cidade, não aconteceu nada comparável aos anos anteriores e que os saques, ao que parece, foram escassos. A respeito das execuções que foram realizadas, Martland pergunta-se pelos preconceitos de classe que subjazeram nessas decisões: afinal, como distinguir no meio dos escombros entre quem eram os donos das propriedades e os designados saqueadores? Pela roupa que usavam? Pela forma que falavam? O pesquisador (2003, s/p) acrescenta: “Martial law was supposed to bring order. However, even the military command was imperfect, making subordinate officers and men inordinately powerful”. Efetivamente, registram-se acusações por parte dos bombeiros, de situações nas quais eles foram arbitrariamente detidos por policiais, obstruindo, assim, o trabalho de resgate. Do mesmo modo, num jornal da época, apareceu a denúncia que soldados que trabalhavam como segurança se transformaram em pequenos *matones*, que destruíam as carteirinhas dos trabalhadores empregados por particulares, para logo recrutá-los em afazeres públicos (Martland, 2009).

Segundo os dados fornecidos pelo historiador, como a cárcere da cidade colapsou com o abalo sísmico foram reativadas em Valparaíso formas anteriores de castigo, como as de tipo corporal e a pena capital. Assim, por exemplo, Bartolo Rubio Araya, de 17 anos, recebeu 200 açoites por tentar roubar dinheiro de uma escola e supostamente intentar prender fogo nesse e outros prédios, sendo morto a tiro e seu cadáver exibido na frente de um desses edifícios com um cartaz que indicava: bandido e incendiário.

Em alguns casos, junto aos cadáveres, crianças, homens e mulheres posam para o fotógrafo, num registro curioso e espantoso. Conforme os testemunhos de um bombeiro, quem participara na defesa do Palácio de La Moneda nos distúrbios de 1905 em Santiago, e que 10 meses depois se trasladara a Valparaíso para ajudar a controlar os inúmeros incêndios que afetaram a devastada cidade, os corpos de três fuzilados foram

pendurados em postes durante a noite toda, “cual harapos humanos, bajo el letrero, torpemente escrito, en que se leía: Por incendiarios y ladrones” (Ried, 1956, p.95).

Em outra cena, o bombeiro de origem aristocrata, lembra ter visto um jovem que era levado por guardiães e um oficial da polícia, quem “parecia más bien un espectro y lo iban a fusilar” (Ried, 1956, p.95) por ser supresso carregando a mão mutilada de uma mulher para roubar seus anéis.

FIGURA 4. FUZILADOS POR SAQUES E ROUBOS EM VALPARAÍSO, 1906



Fonte: Site Memoria Chilena

Não obstante as críticas que se podem articular hoje sobre o vivido no começo do século XX em Valparaíso, a severidade e o espírito prático do capitão Luis Gómez Carreño foram amplamente elogiadas nesses anos; além disso, sua imagem reverberou em 2010, quando alguns lamentaram a ausência de uma personagem como aquela, que, sem dúvidas, teria freado eficazmente os saques em Concepción⁴⁴. Em 1906, um dos intelectuais mais importantes de então, o romancista Jorge Edwards – e por certo, membro da elite de Valparaíso –, meditava:

De otra parte, la ciudad se libraba de sus ruinas gracias a sus grandes hombres. Si en el terremoto de Lisboa se reveló el genio de Carvalho e Mello, en el de Valparaíso nos reveló el carácter de don Luis Gómez Carreño. Su mano salvó a la ciudad del terror... Fueron tres días

⁴⁴ Exemplo disso é o artigo no jornal *La Tercera*, publicado em 2 de março, “Gómez Carreño: el ‘sheriff’ que controló Valparaíso en el terremoto de 1906”.

de terror, no sólo a causa del terremoto, sino, asimismo, por la fiera humana que apareció entre las ruinas y las llamas.

As palavras de Edwards foram resgatadas do olvido e publicadas o dia 28 de fevereiro de 2010, no jornal *La Tercera*, para desvelar como a “fiera humana” foi controlada em Valparaíso no começo da centúria de modo exemplar. Contudo, embora esses registros existam e sejam públicos, não são imagens facilmente evocadas; além de determinados jornais, intelectuais e militares que trouxeram à memória e celebraram a figura de Carreño, os eventos de 1906 não estavam presentes no campo das representações cotidianas ligadas aos terremotos no 2010. Pode-se dizer que esses episódios não têm chegado até nós como parte das lembranças transmitidas pelas gerações precedentes, como se tem acontecido com respeito aos eventos de 1960 e 1985, mas com aquela rememoração promovida pela imprensa, esses fatos cobraram novamente vida⁴⁵.

2.2. TERREMOTOS, IDENTIDADE NACIONAL E HEROÍSMO

Outro terremoto que tem sido em parte herdado por nós graças às memórias dos mais velhos, é o cataclismo de 1939 registrado na terça-feira 24 de janeiro, poderoso sismo que fez desabar por completo, uma vez mais, as cidade de Concepción e Chillán⁴⁶. Nessa ocasião, morreram mais de 30.000 pessoas, constituindo o abalo mais mortífero da história moderna do país. Dessa catástrofe, as narrativas oficiais destacam como o governo do então presidente, o radical Pedro Aguirre Cerda, criou a *Corporación de Reconstrucción y Auxilio*. Esse órgão estatal foi desenhado sobre os conhecimentos e princípios da ciência moderna do urbanismo. Assim, se estipularam novas normativas de construção e exigências de medidas antissísmicas; ao mesmo tempo também se destinaram grandes recursos para a reconstrução da zona sul. O segundo acontecimento comumente destacado ao rememorar o desastre de 1939 é a mobilização de notáveis redes de solidariedade, tanto na escala nacional como internacional, para socorrer o mais rápido possível os milhares de danificados.

Ligado ao anterior, é pertinente fazer uma breve referência às diferentes manifestações artísticas que nasceram inspiradas na tragédia; entre elas, podem-se realçar as palavras da poetisa Gabriela Mistral, dedicadas aos sofridos residentes de Chillán. Em textos como “La tragedia andina” de 1939, a futura ganhadora do Prêmio Nobel

⁴⁵ A prática de referenciar terremotos históricos quando uma zona do país é afetada por um desses fenômenos, é recorrente no Chile; assim, no caso de 1906 o terremoto lembrado pela imprensa foi o desastre de 1647 (López, 2011). Por sua vez, Hernández (2009), quem pesquisara as memórias do terremoto de 1960 em Valdivia, destaca como a imprensa conforma uma certa memória escrita sobre este tipo de eventos, registros construídos no imediato e, que por tanto, podem incluir erros sobre o vivido, e que ironicamente, serão repetidos pelas mesmas fontes a abordar o mesmo desastre em tempos posteriores.

⁴⁶ Situada a 100 km. ao norte de Concepción, é uma importante cidade da zona sul do país, sendo a capital da *Provincia del Ñuble*.

de Literatura desenvolveu sua particular visão sobre a natureza “heroico-trágica” do “estoico” povo chileno.

Mi gente sepulta a los muertos de la catástrofe con ese estoicismo que es el hueso mismo de Chile; ella acarrea a sus heridos a los hospitales llevando el pulso firme que nos viene del minero y pescador; ella cuenta a los vivos con los ojos enjutos y ella regresará en dos hebras al campo y a la fábrica a regar el plantel y apresurar las industrias de alimentos. La desventura no ha logrado un colapso en el país de las pruebas que siempre las vio llegar y les dio la cara (*apud* Lonza, 2012, p.117).

Em outro texto, “Una crónica del terremoto: Guillermo Díaz, velado nocturno”, dedicado às escolas do Chile, a professora e poetisa Mistral vai narrar a história do jovem mártir e herói de 15 anos, Guillermo, zelador noturno da central elétrica da cidade, que, naquela fatal noite do terremoto, em vez de salvar sua própria vida, se sacrificou para desligar a energia da fábrica e, assim, evitar um potencial incêndio na raiz do estrondoso movimento telúrico. Ela vai exaltar a figura deste “muchacho maravilloso” que perdurará – conforme as apreciações da escritora – na memória de todos os residentes da cidade por seu nobre sacrifício. Isso pode ser apreciado no seguinte trecho:

[...] la cinta rojinegra de estampas del temblor, los sobrevivientes las matarán en su memoria, para que ellos no los maten. Pero esta flor absoluta de heroísmo, esta simple rosa de Sarón, quedará en ellos, sobre el cogollo de su memoria, sola y llameando de vida eterna (*apud* Lonza, 2012, p.175).

Mistral, comovida pela história do herói popular, escrevia no final do texto: a cidade de Chillán “em bronze o fará” para assim continuar ele sendo o “coração civil” da urbe; mas isso, não chegou a acontecer. Atualmente, nem uma simples rua leva seu nome. Porém, o esquecimento particular de Guillermo Diaz não atenua a ressonância e vigência desse suposto caráter estoico, heroico e trágico dos chilenos. Nesse ponto, é conveniente introduzir uma intrincada questão que excede largamente nossa pesquisa: os vínculos entre a construção da identidade nacional e os eventos telúricos.

Segundo as pesquisas de Riquelme e Silva (2011), no terremoto de 1960 – ano de comemoração dos 150 anos da Independência do Chile –, é possível identificar entre os discursos da elite e intelectuais da época, um grande reforço da noção da identidade adscrita ao território, concepções que antecederiam à própria conformação do conceito da nação chilena⁴⁷. Assim, nessa perspectiva, o acontecimento telúrico constitui uma qualidade ancestral e perene do Chile, e o caráter sísmico comporia parte da essência da “chilenidad”, questão que ajudaria, supostamente, a compreender a capacidade dos

⁴⁷ Ver: Onetto (2011a).

habitantes do país para enfrentar e superar, uma e outra vez, os desastres – que levara, já em 1939, José Ortega y Gasset a dizer: “tiene este Chile florido algo de Sísifo”.

Para exemplificar melhor esse tipo de discurso sobre o caráter estoico, revisemos o seguinte extrato provindo de uma revista de 1960: “De ahí que el chileno sea reacio y sufrido... por sobre calamidades telúricas levanta su serenidad plasmada en el duro yunque del dolor y enjuagando las lágrimas, sus ojos miran siempre el porvenir”⁴⁸.

Um dos elementos centrais que complementa essa visão é a solidariedade, elemento graças ao qual a nação consegue sobrepor-se às diferenças existentes antes do terremoto, para todos se unirem na missão de reconstruir o país. Em 1960, a solidariedade cobrou variadas manifestações, como a ação do poeta Pablo Neruda, que na sua condição de cônsul do Chile no México fez as gestões necessárias para que o governo mexicano levantasse uma escola na cidade de Chillán, que foi enfeitada com murais do artista David Alfaro Siqueiros. Além disso, conforme destaca Rubilar (2011), Neruda publicou um poema com o objetivo de arrecadar dinheiro para os afetados, no qual clamava: “nuestro deber es abrir las manos y los ojos/ y salir a contar lo que muere y lo que nace/ ... construyamos el muro, la puerta, la ciudad/ comencemos de nuevo el amor el acero/ fundemos otra vez la patria temblorosa”⁴⁹.

A solidariedade é um componente sublinhado pelo historiador norte americano, Quinn Dauer (2012), que tem se debruçado sobre a ligação entre os desastres ditos naturais e a formação do Estado-Nação no Chile e na Argentina. Especificamente, vai salientar a capacidade que têm as calamidades para unir as distintas regiões de uma nação, associadas para além das diferenças, no ritmo das urgências e demandas da reconstrução. No caso de 1939, por exemplo, o presidente Pedro Aguirre Cerda conseguiu da oposição recursos e permissões que sem a tragédia teriam sido impossíveis de obter. Mas Dauer indica que, paradoxalmente, as catástrofes têm tanto a faculdade de revelar experiências e memórias que atrelam a nação (acompanhadas no geral, por abundantes discursos de caráter patriótico), como também a capacidade de tornar visíveis as líneas de fratura da sociedade.

Para finalizar, considero pertinente tomar aquelas questões para tentar iluminar os processos de gestão das memórias telúricas, graças às quais parecem dominar (antes de 2010, pelo menos) visões solidárias e estoicas em relação aos modos de reagir da população no Chile, que disputam nos meandros do olvido com aquelas situações e eventos mais conflituosos registrados nos cataclismos.

Sobre esses assuntos, o historiador Mauricio Onetto tem desenvolvido vários artigos atentando sobre aquela tendência que faz parte da historiografia nacional, de representar as sociedades coloniais chilenas como precárias e catastróficas. Para isso, destacam-se os inúmeros terremotos, pestes, enchentes e ataques dos *mapuches* contra os colonos,

⁴⁸ Em Revista *En Viaje*, nº 321, Julio 1960, p.7.

⁴⁹ Violeta Parra, outra conotada artista do país, vai plasmar na sua música “Puerto Montt está temblando” sua experiência pessoal com os cataclismos e os medos e o diálogo com deus estabelecido nessa situação.

tudo fazendo parte de uma particularidade do Chile; mas Onetto cataloga como pretensiosa a premissa, pois esses elementos podem ser também identificados em grande parte das histórias do continente. Sobre essa suposta particularidade do país, tem se levantado os discursos que ligam a identidade cultural e espacial dos “chilenos”, desenvolvendo, no entender do autor, uma perspectiva mais ou menos determinista: “que ha visto el territorio como un “ente” que tiene característica central – dotada casi de humanidad – de un tipo de “ser”, el que para este caso es un ser “catastrófico” (2011a, s/p).

Desse modo, a valorização e idealização do território, acrescenta Onetto, invisibiliza a possibilidade de que os próprios habitantes ao longo do tempo e por motivos estratégicos, conscientes ou não, foram os que construíram aquela imagem fatalista⁵⁰. Assim, já no nascimento da República, no século XIX, é possível identificar nos discursos de historiadores liberais a operação, mediante estereótipos, que vinculam a exclusividade espacial e “eventual” do Chile catastrófico com uma possível identidade nacional. Onetto destaca que: “Conceptos como el de ‘exclusividad territorial’, ‘pueblo sufrido’ o que el poblador chileno tiene un ‘carácter telúrico’ han sido

⁵⁰ Segundo as análises de Onetto (2007), é a partir dessa catástrofe que os hispano-crioulos do Chile começaram a narrar os desastres naturais na forma de aporias fatalistas. Anteriormente, os conquistadores *escondiam* os terremotos dos relatos oficiais já que o centro dos discursos era posto na guerra contras os *mapuches* sob o formato de épicas heroicas. A tese de Onetto é que a explicitação dos terremotos podia desestimular os já paupérrimos investimentos da Coroa Espanhola na empresa conquistadora no Chile. Não obstante, a partir do cataclismo de 1647, se consolidou uma sensação de fatalismo resignado ante as inseguranças do território o qual modificou o modo de construir e pensar o espaço físico das cidades. A cidade de Santiago havia alcançado certa tranquilidade – dentro de sua precariedade –, e um mínimo de edificações logravam materializar a ordem e o controle procurados pelos fundadores da cidade. Ver como todos os avanços terminaram no chão em minutos impactou de modo profundo na comunidade e se instalou o desastre de 1647 no imaginário popular como o maior sismo da época colonial.

desarrollados y explotados en la cultura oral, el folclore y también en la academia bajo un gran consenso” (Onetto, 2010, p.28).

FIGURA 5. MURAL DE PEDRO LOBOS SOBRE O TERREMOTO DE 1960⁵¹



Fonte: Corporación de Valdivia

Um dos maiores representantes dessa tendência no campo acadêmico é o historiador Rolando Mellafe, que versou sobre a necessidade de realizar um trabalho historiográfico das mentalidades que atente não só nos fatos conscientes, racionais, do acontecer político e feliz, senão, também, num outro tipo de registro vinculado a momentos de crises de diversas índoles, o que ele chama de “acontecer infausto”, temporalidade marcada, por exemplo, pelas vivências de terremotos e outras calamidades.

Onetto (2011b, p.32) polemiza com esse autor, indicando que Mellafe só conseguiu estabelecer uma série de premissas históricas metafísicas com respeito ao território, o qual não se sustentara em uma pesquisa historiográfica rigorosa; ao contrário, teve como consequência uma retórica holística segundo a qual o Chile tem uma identidade desastrosa por natureza, caindo num certo determinismo histórico-geográfico⁵². Podemos acrescentar, ainda nesse sentido, que no contexto do desastre de 2010, essas sentenças cobraram uma re-atualização em certos discursos, de um modo mais ou menos mecânico⁵³.

Além da polêmica, o que me interessa dizer é que acho pertinente tomar aquelas questões entre território, catástrofes e identidade para tentar iluminar os processos de gestão das memórias sobre eventos telúricos, graças às quais parecem dominar

⁵¹ Realizado por Lobos, trabalhador têxtil na sua origem, em 1962, no Hospital Jonh Kennedy na cidade de Valdivia, que estudou junto com Portinari e Siqueiros, e desenvolveu na sua obra uma visão do mundo popular e social.

⁵² Além disso, nota-se que a proposta de Mellafe foi enunciada nos anos 1980, quando o país atravessava um dos momentos mais adversos e tormentosos de sua história recente, que, sem embargo, não fora incluído no categorizado como infausto por Mellafe, como fizera nos notar Gonzalo Cáceres.

⁵³ Como exemplo, um acadêmico declarava no 2010, citando Mellafe, “hay dos conductas marcadas en la población chilena ante eventos de esta magnitud.. La primera, es esta capacidad natural de sobrepo-

(antes de 2010, pelo menos) visões solidárias e estoicas em relação aos modos de reagir da população no Chile, que disputam nos meandros do olvido com aquelas situações e eventos mais conflituosos registrados nos cataclismos, como revisamos ao longo deste capítulo.

Nesse ponto, quero incluir um último elemento a título de hipótese: as tensões pós-terremoto ao longo do século XX, pareceram obedecer mais a temores e medos que à ocorrência factual de desordens e revoltas por parte das camadas populares na escala que foram projetadas pelas autoridades e elites, e que justificavam a gestão militarizada das catástrofes, nos casos revisados de 1906, 1939 e 1960. Ou seja, ao que parece, foram os medos dos saques, mais que os próprios saques em si que, esporadicamente, em um ou outro caso, sucederam no cenário específico pós-desastre, os que mobilizaram recursos e decisões de mando próximas a uma lógica militar. Foram as lembranças de desordens vividas em contextos diferentes aos telúricos, de greves e confrontos entre governados e governantes, os elementos que, de fato, poderiam ajudar a entender os campos de rumores, boatos de estados de exceção, “Jefes de Plaza”, toque de recolher, fuzilamentos reais e imaginários e demais, que podemos rastrear com esforço nos terremotos do século passado, nas tramas e fios vinculados a discursos altissonantes de caráter patriótico e orgulhoso da identidade chilena no instante de enfrentar os “designios da terra”.

nerse frente a la adversidad; decir, bueno vamos reconstruyendo. La otra, es esta suerte de resignación del carácter chileno, pensando que esto fue lo que nos tocó vivir”. Ver: <http://noticias.universia.cl/vida-universitaria/noticia/2010/04/01/264024/experto-asegura-serie-catastrofes-han-moldeado-conducta-chilenos.html>.

CAPÍTULO II

A CIDADE DO TERREMOTO: TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS NA ÁREA METROPOLITANA DE CONCEPCIÓN

Não existe, portanto hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global. Particular e original, pois o que o ponto de vista micro-histórico oferece à observação não é uma versão atenuada, ou parcial, ou mutilada, de realidade macrosociais: é [...] uma versão diferente.

Jacques Revel, in *Microanálise e construção do social*

A cidade de Concepción está localizada na zona centro-sul do Chile, na região do Biobío, e forma parte da chamada Área Metropolitana de Concepción ou Gran Concepción – a terceira maior área metropolitana do país. Apresenta características de uma estrutura policêntrica restringida (García, Muñiz e Rojas, 2009), estendida por mais de 2.800 km² de planícies costeiras nas ribeiras do rio Bío-Bío, reunindo um total de 1.010.950 habitantes, sendo 97% de caráter urbano (Pérez e Salinas, 2007). Em seu limite, ao norte, situa-se Tomé e, ao sul, Lota, incluindo no total as seguintes comunas: Concepción, Coronel, Chiguayante, Hualpén, Hualqui, Lota, Penco, San Pedro de la Paz, Santa Juana, Talchuanu e Tomé. No traçado metropolitano, podem-se identificar dois centros, Concepción e Talchuanu que, por sua trajetória histórica e urbana, constituem os núcleos principais.

Neste capítulo, apontarei elementos importantes para compreender a constituição dessa área metropolitana. Em primeiro lugar, apresentarei antecedentes sobre o desenvolvimento industrial na zona de Concepción, questão central na configuração da fisionomia e caráter da cidade. Em segundo lugar, revisarei as particularidades do problema da escassez de moradia para as camadas populares no século XX e as formas pelas quais se enfrentou essa situação com as *poblaciones callampas e tomas de terrenos*. A partir disso, detalharei o surgimento dessa última forma de apropriação da cidade, vinculadas a movimentos sociais e partidos políticos de esquerda com maior força nos anos 60 e 70, para, então, examinar a repressão sofrida no período da Ditadura Militar e a implementação do programa de erradicações, pressupostos históricos fundamentais

para entender a geografia social de Concepción. Por fim, adentrarei nas mais recentes dinâmicas urbanas que começaram a se articular nos anos 90, a fim de poder retratar a Concepción contemporânea e, em particular, a comuna de San Pedro de la Paz, sobre a qual concentrei meus esforços descritivos e analíticos. Note-se que, nessa parte, explorarei as representações que os entrevistados têm a respeito da cidade, de sua própria comuna e dos diferentes grupos que nela habitam; essas representações serão intercaladas com os testemunhos sobre os saques.

1. CONCEPCIÓN: DA CIDADE-FORTE À CIDADE INDUSTRIAL

Conforme o revisado no primeiro capítulo, Concepción, por sua condição de assentamento fronteiriço, teve uma grande relevância geopolítica durante a Conquista e a época colonial, quando Espanha tentava consolidar seu poderio na zona sul do país. Posteriormente, segundo algumas versões, a cidade foi central no processo de Independência do país, tanto que seria na praça de armas da cidade onde se assinou a ata de emancipação do Chile da Coroa espanhola, em 1818.

Com base nas transformações das formas de trabalho pré-capitalista, começou-se a gestar um novo ordenamento social e territorial, mais próximo de um enclave urbano em vias de modernização, observável na segunda metade do século XIX. Esses processos vinculavam-se a expansão de grandes moendeiros, a exploração do carvão na baía de Coronel e a proliferação de centros comerciais em Concepción. Nesse cenário de diversificação de atividades econômicas e novas dinâmicas urbanas, os desafios vinculados à chegada de numerosos grupos de imigrantes pobres à Concepción se transformou num problema evidente. Foram eles que ocuparam os espaços físicos e sociais da cidade, além de ser a origem e causa da maioria dos conflitos sociais e políticos, bem como os reelaboradores de tradições culturais próprias e alheias (Romero, 1984).

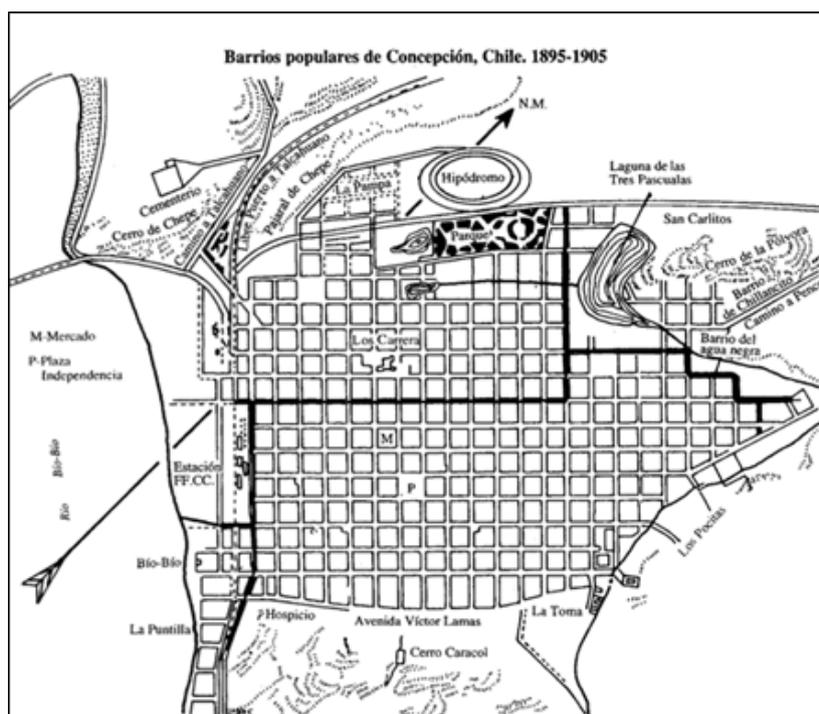
Em grande parte das cidades latino-americanas, conforme aponta Adrian Gorelik, as camadas populares chegaram sob a promessa de trabalho e bem-estar associada à industrialização. Porém, nem a cidade formal tampouco o trabalho industrial foram capazes de absorver os fluxos de pessoas vindas do campo – especialmente nos anos 40 e 50 –, processos que terminaram compondo as típicas paisagens do que veio a ser representado como a *la ciudad latinoamericana*, uma entidade urbana em constante luta por alcançar a almejada modernidade, na qual a multidão *marginal* “se acomoda como puede en vastas ‘barriadas’, ‘villas’ o ‘favelas’, donde se

reproducen hábitos sociales paraurbanos y se multiplican trabajos paramodernos y no industriales” (Gorelik, 2004, s/p).

Segundo dados do século XIX, a população de Concepción teve um forte crescimento: de 13.958 habitantes, em 1865, passa a registrar 39.827, em 1895, posicionando-se como a terceira maior urbe do país, atrás de Valparaíso e Santiago (Campos, 1979).

As dificuldades e conflitos associados ao rápido crescimento da população repercutiram no campo do que hoje cham-se de segurança cidadã. Nos jornais de 1850 é possível identificar uma grande preocupação, por parte das autoridades e da elite de Concepción, com crescente registro de delitos contra a propriedade e a “vagabundagem”. Esses comportamentos, tidos como próprios da indisciplina dos recém-chegados, sujeitos “paramodernos”, que afetavam o progresso civilizatório de Concepción, e que, portanto, deviam ser alvo das estratégias de controle social do governo local (Valdés, 2006).

FIGURA 7. CONCEPCIÓN E SEUS BAIRROS POPULARES NO COMEÇO DO SÉCULO XIX



Fonte: Inostroza e Tapia, 1994.

Bairros populares, como Ultra Carrera, Chillancito, Agua Negra, Puchacay, San Carlitos, La Pampa e La Puntilla, cresceram ao redor da cidade, sem contar com serviços básicos, sistemas de coleta de lixo e água. O jornal *El Sur de Concepción* descrevia

as condições de vida nos *conventillos* (cortiços) do centro da cidade, em sua edição do dia 16 de novembro de 1899, da seguinte maneira:

La mortalidad que orijinan las habitaciones de los conventillos de este pueblo ha pasado a la categoría de una verdadera amenaza para las vidas de las personas que se ven en la dura necesidad de habitar esos antros de putrefacción (*apud* Inostroza e Tapia, 1994).

As tensões entre o mundo popular e a elite expressaram-se no campo da higiene: cresceu a preocupação das autoridades pela propagação de doenças como a sífilis, varíola, cólera e tuberculose entre os grupos mais pobres. Com isso, chegaram a afirmar, por exemplo, que Santiago era uma das cidades mais mortíferas do mundo em 1892 (Romero, 1997). Os relatos sobre as camadas populares publicados na imprensa tentavam diagnosticar a insalubridade dessas áreas, foco de proliferação de males e “doenças sociais” – como o alcoolismo, que chegou a ser identificado como uma calamidade própria do mundo dos pobres. Nesse contexto, surgiram tentativas de regularizar e regulamentar a vida nos *conventillos*, bem como campanhas de vacinação massiva⁵⁴, intervenções nas quais: “Los motivos sanitarios se mezclaban con una confusa concepción del peligro que significaban esas viviendas en el centro de la ciudad” (Romero, 1997, p.151).

O cenário acima descrito é análogo ao apresentado em *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*, de Teresa Caldeira, em 2000, para o caso paulista nas primeiras décadas do século XX, ou por Nicolau Sevcenko para o Rio de Janeiro de 1904 em *A revolta da vacina* publicada em 1984: as autoridades das cidades focalizaram-se no controle da população sob critérios de saúde e higiene, mas também de moralidade. Com efeito, os setores populares foram observados com preocupação pela elite, momento no qual a palavra “desmoralización” (Romero, 1984) sintetizava o observado: casas miseráveis, promiscuidade, prostituição, alcoolismo, crime e vadiagem. A questão de como organizar os espaços urbanos dessas sociedades em processo de industrialização articulou-se – como destacara Caldeira (2011, p.214) – “em termos de doença, sujeira e promiscuidade, ideias logo associadas ao crime”.

Nesses anos, as propostas para solucionar o problema habitacional no Chile estavam muito longe de propostas políticas que contemplavam a construção de moradias sociais. Somente em 1906 o congresso promulgou a Ley de Habitación Obrera, a partir da qual a intervenção estatal se encarregaria da regulamentação de construções, de

⁵⁴ Diferentemente do ocorrido no Rio de Janeiro em 1904, a campanha de vacinação contra a varíola não foi obrigatória no Chile, mas na classe popular também existiu um repúdio geral a essa medida sanitária; em parte, pelos tratamentos autoritários que recebiam nos centros de saúde, como também pela desconfiança ante a medicina formal. Nesses anos, surgiram variados rumores em Santiago de que a vacina era uma estratégia para aniquilar os setores populares.

dispor incentivos tributários e, em determinados casos, de demolir os conjuntos habitacionais em más condições de salubridade (Garcés, 2003, p.91).

Sobre as novas dinâmicas econômicas registradas no século XIX, destaca-se o impulso comercial vivido nas áreas portuárias vinculadas à cidade, em especial, Talcahuano, porto localizado ao noroeste de Concepción. Em 1895, aquele espaço era descrito como um ativo centro de fluxos de mercadorias e pessoas, devido à circulação da produção agropecuária da zona e às linhas ferroviárias construídas na região. O vínculo entre Concepción e esse porto comercial, conhecido também como o primeiro porto militar do país, fortaleceu-se, conformando-se em um dos núcleos centrais a partir dos quais estrutura-se o traçado metropolitano que caracteriza a *Gran Concepción* (García, Muñiz e Rojas, 2009).

Nas primeiras décadas do século XX, é possível identificar a constituição de um importante eixo industrial costeiro (Pacheco, 1997), situado a 30 km ao norte de Concepción – perto de Talcahuano –, nas localidades de Tomé e Penco, que outrora foram centros agrícolas e moendeiros, onde começaram a concentrar-se grandes empresas têxteis e de manufatura atraindo, dessa maneira, milhares de trabalhadores à região. Sobre essa conversão industrial, um conotado professor, interessado em recapitular a história da região escrevia: “Si se preguntase cuál es esta característica esencial de Tomé, habría que referirse inmediatamente al espíritu industrial y de empresa que distingue a sus habitantes”⁵⁵ (Miranda, 1926, p.80). Essa micro-unidade geoeconômica costeira de forte caráter industrial será o cenário de um vertiginoso crescimento demográfico, duplicando sua população a cada 20 anos, desde 1930. Desse modo, em 1940, um terço da população economicamente ativa de Concepción e Penco trabalhava em atividades industriais (Pacheco, 1997).

Soma-se ao cenário de Tomé o circuito de produção carbonífera na Baía de Coronel, situada ao sul de Concepción, que chegou a produzir 75% do carvão do país. Parte do importante crescimento da extração do mineral foi consequência da demanda da indústria do salitre no norte do Chile, que atendia os requerimentos da indústria bélica da Primeira Guerra Mundial (Pacheco, 1997). De acordo com a proposta de Rodríguez e Medina (2011), o desenvolvimento produtivo na mineração marcou fortemente as identidades das regiões de Coronel e Lota, isto é, compôs-se um sujeito histórico com uma identidade laboral e de classe balizada pelo trabalho

⁵⁵ Ao qual se acrescenta ainda: “La industria nació en Tomé juntamente con el pueblo y ha seguido siempre una marcha ascendente en el camino de un progreso. Su desarrollo ha llevado el orden siguiente, molinería, curtiembre, vinícola, cervecerías, fábrica de Paños, fábricas de tejidos, tonelerías, fábrica de tejas y ladrillos, barracas de madera” (Miranda, 1926, p.80)

subterrâneo com forte cultural laboral que logo se vincularia à tradição organizativa e sindical da zona⁵⁶.

Na segunda metade do século XX, as transformações sociodemográficas e da estrutura urbana de Concepción foram consequência, em parte, da implementação de estratégias e políticas de desenvolvimento inspiradas no modelo de industrialização por substituição de importações, destacando-se o papel da *Corporación de Fomento a la Producción (CORFO)*, instituição que promoveu a construção de projetos de eletricidade, usinas petroquímicas e complexos siderúrgicos na zona de Concepción. Ora, um dos principais marcos da história da cidade é, justamente, a instalação em Talcahuano da maior empresa siderúrgica do país – a Siderúrgica Huachipato da Compañía Siderúrgica del Pacífico (CAP) em 1950 (Aliste, Contreras e Sandoval, 2012).

Entre os fundamentos para instalar, nesse local, o complexo industrial podem-se destacar: a concentração de condições favoráveis de conectividade – pela eficiente rede de caminhos e linhas ferroviárias, além do potencial portuário –, a presença de fontes de carvão e a potencialidade de energia hidroelétrica do rio Bío-Bío. A decisão foi refletida durante anos e envolveu as mais importantes autoridades do país, membros do empresariado nacional e representantes do governo dos Estados Unidos, mediante uma equipe técnica especializada (Echenique e Rodríguez, 1990). No dia da inauguração os jornais sublinhavam que a cidade estava em festa: na cerimônia participou o presidente da República, Gabriel González (1946-1952), que, no seu discurso, enfatizou como em pouco tempo os *gañanes* chegados do campo para participar na construção da fábrica se transformariam em trabalhadores qualificados. Assim, a almejada “modernização” da população – na visão das autoridades e elites – se colocava como uma possibilidade real graças, sobretudo, à instalação da usina. Reforçando tal interpretação, a empresa siderúrgica CAP destacava: “Hasta el idioma rural de los campesinos que empezaron a trabajar en la construcción, se cambió por el vocabulario técnico que ahora se usa en Huachipato con la desenvoltura de todo lo que es familiar y cotidiano” (Echenique e Rodríguez, 1990).

1.1. O PROBLEMA DE MORADIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX COMO

O terremoto de 24 de janeiro de 1939 foi devastador em Concepción. Os diagnósticos mais otimistas indicavam que 60% da cidade deveria ser demolida (Pacheco,

⁵⁶ Essa região, hoje, concentra o maior número de desempregados da zona, por causa do fechamento das minas: já nos anos 1950, a produção de carvão decaiu perante as mudanças na matriz energética do país, marcada pela introdução do petróleo e da hidroeletricidade, processo que culmina, em 1997, com o fechamento da principal mina de carvão da zona, deixando as comunas de Lota e Coronel numa complexa situação de desemprego e um pouco incerta sobre as possibilidades de reconversão produtiva de seus habitantes.

1997). A situação foi especialmente complexa nas antigas zonas do centro, gravemente afetadas, o que forçou numerosas famílias a sair dos *conventillos*.

A recém-criada instituição encarregada para enfrentar a catástrofe, a Corporación de Reconstrucción y Auxilio (CORVI), organismo estatal, impulsionou importantes projetos que incorporaram princípios modernistas e que renovaram Concepción. Perante à urgência de proporcionar abrigo aos milhares de afetados, construíram-se 485 moradias de emergência nos limites da cidade, como o Parque Ecuador e a Avenida Manuel Rodríguez, edificações que representam as primeiras tentativas, por parte do Estado, de construir institucionalmente habitações populares, projetos que alteraram a estrutura urbana tradicional da cidade (Pérez e Fuentes, 2012). A CORVI também comandou a edificação de outros conjuntos habitacionais, mas que, por suas características urbanísticas e altos preços, podiam ser compradas apenas por setores médios e especializados (Pacheco, 1997). Nesse sentido, as soluções propostas pelas autoridades não conseguiam dar resposta às inúmeras necessidades da população afetada, especialmente das camadas populares.

Nesse contexto, vale ressaltar o seguinte: se no fim de 1930 a principal forma de moradia popular eram os *conventillos*, forma de locação e única solução para os pobres da cidade, devido à férrea defesa, nesse período, da propriedade privada da elite, no fim de 1940, observa-se a constituição das *poblaciones callampas* (De Ramón, 1990), forma de ocupação ilegal de terras que, em Concepción, localizaram-se na margem do rio Bío-Bío e em morros como o cerro Caracol, cerro La Pólvora e cerro Chacabuco (Pacheco, 1997). Acompanhado as análises de De Ramón, pode-se dizer que as *poblaciones callampas* romperam, de certo modo, com o que tinha sido mais característico da moradia popular na primeira parte do século XX. Além disso, as ocupações de terras foram ora a consequência, ora o que originou um princípio de organização social inédito com dirigentes sociais e novas formas de convivência que seriam de muita relevância nos processos da luta pelo direito à cidade nas décadas seguintes⁵⁷.

Em resposta a essas dinâmicas, o Estado, por um lado, continuou construindo moradias populares através da Caja de Habitación, e, por outro, no governo de Gabriel González, deu-se início as *erradicaciones* das ocupações ilegais para as periferias de baixo valor. Não obstante, as *tomas* continuaram crescendo e, em 1957, mais de 40.000 pessoas moravam em Concepción nesse tipo de assentamento (Fernández, 2006).

A instalação do complexo-siderúrgico Huachipato provocou um forte impacto demográfico em Concepción, mudando a fisionomia da cidade: a expansão da área urbana observada entre os anos 1950-1970 chegou a superar o ritmo observado em Santiago (Aliste, Contreras e Sandoval, 2012). Para tentar resolver as demandas de seus trabalhadores, a empresa coordenou a construção de acampamentos provisórios, ao passo que os

⁵⁷ Nos anos 50, surgiram as organizações de “familias sin casa”, nas quais participavam moradores de *poblaciones callampas*, *conventillos* e *allegados* que se organizaram para demandar terras urbanizadas e para solicitar ajuda e empréstimos para a autoconstrução, requerimentos para conseguirem suas casas dentro dos marcos da legalidade (De Ramón, 2007, p. 246).

funcionários de altos cargos foram alocados no centro de Concepción. No entanto, as medidas foram insuficientes e a companhia encomendou o desenho de uma *villa obrera* (Villa Presidente Ríos), pensada para comportar 30 mil habitantes – projeto, aliás, inspirado em princípios do modernismo (Echenique e Rodríguez, 1990). Nesse período, foram edificadas outras *villas* através de diferentes fórmulas de pagamento entre os trabalhadores e a empresa, o que veio a promover a descentralização urbana.

O problema da escassez de moradias intensificou-se após o megaterremoto de 1960: entre as medidas adotadas pela CORVI, destacam-se as 482 moradias de emergência que foram edificadas em Hualpencillo, nas proximidades de Talcahuano, intervenção urbana que foi lembrada por uma de nossas entrevistadas, Marcela, 40 anos, no momento de falar de lugares perigosos da cidade destacava “La Emergencia” que foi construída ressalta, logo do terremoto de 1960: “[...] entonces llevaron a la gente ahí como a un campamento de emergencia y quedó ahí *para siempre*”.

SAQUES PERTO DE “LA EMERGENCIA”

Marcela, que trabalha como repositora de mercadorias num supermercado, chegou em 1982 à *población* Armando Alarcón del Campo, na comuna de Hualpén, localizada a 19 km do centro de Concepción. Seu bairro é catalogado como “conflictivo”, segundo ela mesma explica, por se localizar perto de *poblaciones* “bien peligrosas”, como La Emergencia. No domingo de 28 de fevereiro de 2010, vários de seus vizinhos saquearam depósitos num setor conhecido por reunir instalações de numerosas empresas. Logo após fazer a coleta de bens, eles voltaram ao bairro e distribuíram as mercadorias obtidas. A família de Marcela recebeu dois refrigerantes e também um botijão de gás que foi entregue pelo pai de sua cunhada, que participou no “assalto”. Nas palavras dela:

[...] entonces se llevaron todos las gases, entonces nos preguntaron y a nosotros también nos llegó un gas. Si al final, uno lo veía, estaba malo, pero al final era reserva... lo veo por ese lado. Si tú no sabías que es lo que iba a pasar y veías que todo el mundo, que estaban tomando cosas... y si los supermercados no van a funcionar ¡quizás en cuanto tiempo! Mi mamá había hecho pedido, pero que sé yo, un pedido tonto, no iba a durar un mes... una ya sabía altiro [imediatamente] de donde venían... las traían en los autos. Entonces traían de estos como packs de bebidas, entonces las agarraban, por ejemplo un vecino va entrando, entonces sacó dos y me las pasó a mí. Uno decía: gracias... sí, uno decía, ponerse exquisita en esos tiempos [risos]... así que no, uno aceptaba, si total, no era gran cosa, era un par de bebidas no más.

Dentro do próprio bairro onde mora Marcela, uma padaria foi alvo de saques e o dono da loja botou um cartaz na frente do local em que se lia: “saqueada por vecinos” – recorda-se ela, entre risos. Contudo, as pequenas mercearias do bairro continuaram

atendendo, mantendo, porém, suas grades fechadas como medida de segurança. Nesse domingo, 28 de fevereiro, Marcela e sua irmã chegaram ao supermercado Bigger, localizado nas proximidades da *población*, com o intuito de fazer compras; tinham ouvido no rádio que estavam deixando entrar apenas mulheres em alguns supermercados. Mas, ao chegar, segundo lembra, encontraram com muitas pessoas correndo com os carrinhos cheios de produtos, situação que lhe provocou medo e pela qual decidiu ir embora e tentar comprar nas mercearias do bairro. Segundo rememorava, no percurso até lá, “la gente pasaba con los carros de supermercado llenos de cosas pa’ las poblaciones, por eso yo te decía, pa’ las de atrás, que son más... conflictivas”.

A CORVI construiu, entre 1964 e 1967, mais de 4 mil habitações na área de San Pedro de la Paz, zona na margem sudoeste do rio Bío-Bío, escolhida por sua relativa proximidade com o centro da cidade e o baixo preço das terras (Pacheco, 1997). Assim, chegaram ali famílias de classe média assalariada, inaugurando o crescimento urbano preferencialmente residencial da zona, que iria se desenvolver com maior força depois dos anos 1990 (Franck e Pérez, 2009). Apesar disso, o problema da moradia continuava sendo, nesses anos, um dos maiores desafios da sociedade *penquista*. Osvaldo, ao falar do terremoto de 2010, rememorava as deploráveis condições nas quais viviam parte importante das camadas populares, posteriormente ao terremoto de 1960:

[...] en ese tiempo, el 60’ teníamos lo que hoy día llaman poblaciones de emergencia que sé yo, que en ese tiempo se llamaban *poblaciones callampa*, Concepción tenía un cordón a orillas del río Bío-Bío... eso... ¡era miseria! Hoy día, todavía existen pero es diferente, la gente vive en otras condiciones, de todas maneras... agua potable, alcantarillado, luz eléctrica, todo eso... eh... antena satelital ¡es hartito diferente! Todavía se ve algo de... de población marginal, pero no a ese grado.

Em 1964, o governo do *demócrata cristiano* Eduardo Frei Montalva começou a implementação de programas habitacionais que entenderam a autoconstrução como forma de solucionar o grande déficit de moradias que afetava as principais urbes do país. Para isso, entregava-se às famílias beneficiadas um terreno com graus mínimos de urbanização (serviços sanitários e esgotos), para que elas mesmas construíssem suas habitações. Esses projetos, Operación Emergencia e Operación Sitio, funcionavam com base num sistema financeiro de poupança e crédito que existia na política governamental anterior, mas que agora outorgava – sob a inspiração da teoria da marginalidade – centralidade ao conceito de *organización popular*.

A teoria da marginalidade marcou, em grande medida, a pauta da discussão da sociologia *latinoamericana* nesses anos, como um conjunto teórico heterogêneo que compartilhava uma leitura disfuncional da condição marginal. Em termos gerais, identificava-se um potencial disruptivo nas camadas marginais, seja positivamente,

por sua capacidade revolucionária, seja negativamente, por representar um peso para a sociedade. As políticas de moradia social no período de Frei Montalva inspiraram-se no trabalho de Roger Vekemans, desenvolvido no Centro de Desarrollo Social para América Latina (DESAL), que, em termos gerais, identificava a existência de um mundo marginal internamente desintegrado e atomizado que devia ser reincorporado: “un mundo en el que si se encuentran ‘coagulaciones’ ellas serán del tipo ghetto, replegadas sobre si mismas, a la defensiva y no dispuestas a enfrentarse con la sociedad establecida (Vekemans e Silva *apud* Cortés, 2012b, p.230).

Nesse período, criou-se a Consejería Nacional de Promoción Popular para fomentar *juntas de vecinos*, *centros de madres*, clubes esportivos, cooperativas e outras organizações (De Ramón, 1990) – sob o entendimento de que os *pobladores* deviam participar diretamente na solução do problema de moradia, para promover, desse modo, a sua integração à sociedade.

Segundo aponta Gorelik, para o caso brasileiro, esse tipo de política foi interpretado pelas análises marxistas da época da seguinte forma:

[...] la autoconstrucción y autourbanización significaba enmascarar con un participacionismo progresista la sobreexplotación de los favelados, que se veían obligados a producir también por su cuenta los medios de vida necesarios para garantizar su reproducción como fuerza de trabajo; o que el énfasis en la idea de integración mostraba que los favelados eran “grupos adaptativos y no revolucionarios”, empeñados en un ascenso social que los distraía de cualquier tipo de esfuerzo organizativo transformado (Gorelik, 2008, p.35).

Um dos diagnósticos mais conhecidos do período foi o realizado por Manuel Castells (1973), que impugnou os programas do governo de Frei Montalva por serem assistencialistas e populistas; contudo, esses programas possibilitaram a articulação de uma extensa rede de novas instituições estatais, além de propiciar a existência de um novo sistema de governo local, sustentado por organizações de base que adquiriram reconhecimento legal e foram consideradas como interlocutores válidos pelo aparelho burocrático.

De tal forma, observou-se nesse período um significativo nível de participação, destacando-se o papel desempenhado por grupos sindicalizados, principalmente trabalhadores do setor industrial. Castells enfatizava como a conjuntura política e econômica da época conseguiu quebrar o sentido populista desses projetos e transformar essa grande iniciativa de “integração” numa dinâmica de movimento social – o *movimiento de los pobladores* –, que iria redefinir as formas de construir e se apropriar da cidade.

1.2. OCUPAÇÕES DE TERRAS E REMOÇÕES

As *tomas de terrenos* foram ações diretas, comandadas por partidos políticos e realizadas num ato único, repentino e, às vezes, violento, quando centenas de famílias

ocuparam em conjunto terras públicas ou privadas (De Ramón, 1990). Os primeiros antecedentes do movimento foram as já mencionadas *poblaciones callampas*, que datam aproximadamente de 1950, sendo a mais emblemática delas em Concepción, La Agüita de la Perdiz, localizada até hoje no morro Caracol nas proximidades da Universidad de Concepción⁵⁸.

Osvaldo lembrou-se de La Agüita de la Perdiz quando tentava explicar porque parte dos vizinhos de seu bairro de classe alta, no setor de Pedro de Valdivia, localizado ao lado do morro Caracol, começaram a organizar grupos de autodefesa e vigilância nos dias seguintes ao terremoto de 2010:

[...] la Agüita de la Perdiz hoy en día es toda gente común y corriente, viven bien, no es... no es... ni un delincuente, lo que pasa es que *nació con las tomas* que partieron en esa época que ustedes no había nacido, así que... nacieron así, eso producto del hacinamiento... que nadie le daba solución a las viviendas, esa parte fue también muy dura pero... eh... parece que *con recuerdos de la época la gente se asusta*.

Vale a pena atentar que o problema da integração dos marginalizados à cidade respondia, entre outros elementos, à preocupação sobre a violência latente que estaria presente nas camadas populares. Em 1969, Vekemans advertia:

La masa marginal se encuentra, metafóricamente, frente a la vitrina pero sin poder comprar. Este proceso es irreversible, total y absolutamente incontrarrestable. Han pasado cuatro siglos y frente a este nuevo hecho es necesario actuar para que la vitrina no estalle violentamente (Vekemans e Silva *apud* Cortés, 2012b, p.230).

No final do governo de Frei Montalva e durante o governo de Salvador Allende (1970-1973)⁵⁹, registra-se uma explosão de tomas no país: entre 1968 e 1971 surgiram mais de 400 ocupações (Castells, 1973). É importante ressaltar que conforme dados de

⁵⁸ Essa *población* foi representada pelo cantor e compositor chileno Victor Jara na sua música “Sacando pecho y brazo”, do sobre-saliente álbum, por seu conteúdo musical e social, intitulado *La Población*: “Dicen que los ricachones, caramba/están muy extrañados/Dicen porque los rotitos, caramba, se han puesto alzaos/Álzame esas paredes/póngame techo/mi gritó mi negra/aguaita/sacando pecho...[...] pucha que estoy con la Agüita e’ la Perdiz”.

⁵⁹ Conforme Sabatini e Brain (2008), Allende indicou que não reprimiria as *tomas de terrenos*, muito embora essas se localizassem em terras de alto valor, perto de moradias das camadas altas, o que teria incentivado a ocupação de terras.

Garcés (2013), em Concepción durante esse período se contabilizaram 172 ocupações de terra, 28 em Valparaíso e 16 em Santiago.

Em Concepción, destaca-se o Campamento Lenin⁶⁰: no dia 8 de maio de 1970, chegaram mais de 400 famílias, em sua maioria, trabalhadores sindicalizados de indústrias localizadas em Talcahuano, e que se instalaram em improvisadas barracas nas proximidades da toma La Puerto Montt – iniciada alguns dias antes, e chamada assim para homenagear aos *pobladores* mortos pela polícia num procedimento de despejo no ano anterior.

As *tomas de terreno* são um tipo de ação coletiva organizada que desafiam as lógicas institucionais e a norma da propriedade privada, ações legitimadas pelos princípios da necessidade e do direito à moradia (Cortés, 2012). A participação direta do Partido Comunista e do Movimiento Izquierda Revolucionaria (MIR) foram fundamentais para potencializar a figura do *poblador* na política nacional. Os *campamentos*, forma de organização sociopolítica que exigia igualdade no acesso às oportunidades, instituíram inéditas formas de resolução de conflitos que foram interpretadas, nesses anos, como expressões do poder popular e autogestão (Quevedo e Sader, 1973; Fiori, 1973; Leiva, 2002). Nos *campamentos* com maior organização formaram-se *frentes* ou *comités* para atender aos problemas relativos à saúde, trabalho, educação e, também, vigilância, instâncias preocupadas com o crime, com a violência intrafamiliar e com o alcoolismo, que foram sancionadas através de mecanismos de justiça popular. A ideia era erradicar esse tipo de práticas que caracterizariam o *lumpenproletariado*⁶¹ e promover a figura do *poblador*, entendido como ator social com consciência de classe, sólida formação política e critérios de moralidade apropriados à luta social⁶².

O *campamento* Lenin gerou uma grande controvérsia em Concepción, sendo criticado pela imprensa por constituir mais uma forma de desrespeito à propriedade privada⁶³, sendo sitiada pela polícia durante dias para dificultar a circulação de bens como comida e materiais de construção para o interior da *toma*; apesar disso, os moradores

⁶⁰ Ver: *Ilustre Municipalidad de Talcahuano*. Historia del Barrio Diego Portales II, 2011. Programa Reconstrucción de Barrios, Gobierno de Chile.

⁶¹ A imprensa opositora ao governo de Allende observava com receio as *tomas de terreno*, indicando que os *campamentos* constituíam a guarida do lumpen e o foco do crime (CIDU, 1972).

⁶² Existiram pesquisas interessadas em gerar tipologias de *campamentos* com base nos níveis de organização e do tipo de luta política prevalecente (institucional ou extra-institucional), identificando, por exemplo, *campamentos* com uma forte presença de lumpenproletariado, incorporados sem maior controle à *toma*, onde predominam dirigentes estudantis com um estilo de condução *caudillista*, que se traduzia em expressões de desorganização social e divisões internas (CIDU, 1972).

⁶³ É pertinente apontar aqui que, durante o governo de Allende, a expropriação de terras a grandes *terratenientes* para ser entregues a camponeses foi uma política do Estado, questão que desatou fortes críticas dos afetados e dos partidos opositores. Contudo, vale destacar que a política de expropriação começou já no governo anterior, de Eduardo Frei, com a reforma agrária.

conseguiram resistir e, no ano 1971, foram visitados por Fidel Castro e o novo presidente da república, Salvador Allende.

Depois do Golpe de Estado em 1973, os *campamentos* foram fortemente reprimidos: os dirigentes sindicais e militantes de partidos de esquerda que moravam neles ou vinculados à organização foram vítimas do terrorismo do Estado, e vários apareceram nas listas de *detenidos desaparecidos*⁶⁴. *La Lenin* foi rebatizada pelas autoridades militares sob o nome de bairro Diego Portales, fazendo referência, desse modo, a uma das figuras políticas que inspirou o regime ditatorial – uma mudança de grande carga simbólica e que dá conta da tentativa de apagar da memória a origem política da comunidade⁶⁵. Outra medida implementada para desarticular a organização dos *pobladores* foi a remoção dos assentamentos, especialmente das comunidades situadas em áreas de maior valor comercial. A contrapartida política de realocação de moradias marcou a história e morfologia das principais cidades do Chile: os residentes dos *campamentos*, surgidos no fim de 1960 e começos de 1970, assim como as *poblaciones callampas*, nascidas em 1950, eram notificados por assistentes sociais e transportadas em veículos militares e do governo local, as famílias eram trasladadas, às vezes, sem informação sobre seu destino final. As justificativas oficiais para essas medidas iam desde o uso ilegal de propriedade privada, problemas sanitários inerentes dos *campamentos*, risco de construir em determinados setores, até a impossibilidade do Estado de comprar os terrenos onde eles estavam assentados por seu alto valor (Silva, 2008).

O regime ditatorial tinha uma clara orientação ideológica, sustentada nos princípios de liberalização e desregulamentação do mercado, conceitos que redefiniram também os modos de gestão urbana, que passou – nos primeiros anos da Ditadura – a rejeitar qualquer regulação imposta aos processos privados de apropriação do espaço⁶⁶. Desse modo, ao longo dos 17 anos do regime de Pinochet consolidou-se:

[...] la maximización de la plusvalía urbana como principal criterio urbanístico; con ello se contribuyó decisivamente a mejorar las condiciones para la afirmación de una lógica estrictamente capitalista en la producción y reproducción metropolitana (De Mattos, 2002, p.12).

É importante salientar que uma das consequências mais marcantes do período iniciado em 1973, foi a Reforma Municipal, disposição administrativa que procurava potencializar o papel das *municipalidades* como instituições funcional e

⁶⁴ No caso do *campamento Lenin*, destaca-se tristemente o caso de Rudy Cárcamo, operário, dirigente *poblacional* e membro do MIR.

⁶⁵ A mudança de nomes das *poblaciones* que foram originadas por tomas ilegais, foi um recurso comum da Ditadura; assim, a citada Puerto Montt foi rebatizada como *población* “Patricio Lynch”, destacado comandante naval e considerado herói pela sua atuação na guerra contra o Peru no fim do século XIX.

⁶⁶ Conforme a Política Nacional de Desarrollo Urbano no Chile daqueles anos, documento que é expressão das concepções dos “Chicago Boys” na gestão urbana, o solo urbano não é mais entendido como um bem escasso: o uso do solo fica definido pela sua maior rentabilidade, definem-se procedimentos e eliminam-se restrições, de modo que se possibilite o crescimento natural das áreas urbanas seguindo as tendências

territorialmente descentralizadas, encarregadas da resolução das demandas e conflitos na escala local. Conforme essa perspectiva, para alcançar uma gestão apropriada da população, as *comunas* – divisão político-administrativa menor no Chile – deviam ser áreas socialmente homogêneas para poder identificar eficientemente os problemas “próprios” de cada classe socioeconômica (Daher, 1991; Hidalgo, 2004).

As erradicações se transformaram num instrumento fundamental para organizar as cidades sob uma concepção de ordem que vai entender as periferias de baixo valor como o lócus por excelência das famílias com menor capacidade de pagamento. As municipalidades eram selecionadas para receber os conjuntos de moradias sociais construídas, que as famílias adquiriam mediante um sistema de pagamentos mensais, situavam-se nas periferias de baixa densidade populacional, de escassos recursos econômicos e com grandes deficiências na oferta de serviços básicos e infraestrutura. Contudo, em termos gerais, a escolha desses destinos dava prosseguimento à trajetória observada na construção de moradias sociais nos governos anteriores: sempre na periferia. A quantidade de pessoas que foram realocadas através do Programa de Erradicaciones na Ditadura consistiu em um evento de migração intra-urbana sem precedentes no Chile⁶⁷. Nessa medida, no caso de Santiago, estudado com maior profundidade, as pesquisas confirmaram que foram trasladadas mais de 170 mil pessoas entre os anos 1979 e 1985 (Gurovich, 1990).

Sob os novos critérios, nenhum projeto de moradia social foi edificado em zonas de alto valor imobiliário, aumentando as distâncias espaciais entre ricos e pobres, fato que acarretou maiores níveis de segregação residencial respeito aos períodos anteriores.

Luis, que trabalhava, no momento que efetuei o trabalho de campo em 2012, como segurança de supermercado num dos novos bairros ricos de Concepción, na zona de San Pedro de la Paz, Andalue, rememorou com muito pesar como, junto a sua família, foram trasladados do centro da cidade – do Barrio Norte – para Boca Sur na zona costeira da comuna San Pedro de la Paz. Aquela lembrança articulada no contexto da caracterização dos saques parecia ser uma tentativa de Luis para explicar porque morava nesse bairro, que foi apontando logo após o terremoto como “a fonte” dos saqueadores:

[...] a nosotros, nos erradicaron de esa población años atrás... nosotros fuimos los últimos que quedamos ahí porque nosotros no queríamos irnos... y no, que teníamos, si no salíamos a la fuerza, a la buena o la mala... y a la mala nos sacaron... con los milico, así cara de palo y apúrense porque no vamos a tener camiones abasto pa' después, como a la rápida [...] y ya partimos... una cosa que *era lejos, no conocer a nadie*... la casa más *chica*, la locomoción, usted tenía que a más tardar

do mercado (Daher, 1991). dos afetados e dos partidos opositores. Contudo, vale destacar que a política de expropriação começou já no governo anterior, de Eduardo Frei, com a reforma agrária.

⁶⁷ Também foram realizadas *radicaciones* na Ditadura, mas elas representam apenas 20% dos *campamentos* intervindos.

a las 9 ya no había nada más locomoción [...] no conocía a nadie de la gente y pa' más remate, la casa que nos entregaron éramos los únicos que le habían entregado, no había nadie... no había gente aquí, no había gente allá... solos, solos, *malo, malo, malo*... de distintas poblaciones... se juntaron todos... los *complicados*.

Mesmo que os traslados transformassem os beneficiários em proprietários⁶⁸, pesquisas destacaram que os “erradicados” consideravam que as remoções incidiriam negativamente em suas vidas devido à diminuição de oportunidades de trabalho, maiores despesas gastas em transporte coletivo e pelo esfacelamento das redes de sociabilidade. Conforme uma enquete realizada em Santiago (De La Puente, Torres e Muñoz, 1990), a maioria dos erradicados manifestou estar insatisfeito com sua nova casa; porém, só 1/5 considerava melhor a sua antiga residência. Identificou-se, também, a predominância de uma valoração negativa do novo entorno social por fatores como insegurança, falta de solidariedade entre vizinhos e estigmatização do bairro.

Os traslados, como dissemos, tinham por escopo desarticular as redes organizativas e políticas existentes no interior dos *campamentos*; por isso, nos novos conjuntos habitacionais, chegavam, em geral, famílias procedentes de diversas *poblaciones* – fato identificado como a origem de múltiplos problemas de convivência no interior dos bairros recém-formados. De tal modo, ao que parece, uns e outros iniciaram uma série de prejuízos sobre os novos vizinhos, catalogados como uma população predisposta à violência, ao consumo de drogas e álcool, ao crime, condutas essas que, como vimos, tentaram ser erradicadas da vida nas *tomas*. Nesse sentido, vale trazer a seguinte citação de Luis:

[...] en el otro barrio [Barrio Norte] usted podía amanecer caminando en la noche...no pasaba na'...a nosotros no nos faltaba *carrete* [festa], cualquiera organizaba una fiesta y avisaba... entre amigo, cualquier *cabra* [moça] y si no hay *carrete*, lo armamo, lo pasábamos bien... acá no... acá pasadas las once de la noche, aunque lo conozco, el *loco* [pessoa] igual lo puede... otra cosa el ambiente... La pura ley de Moraga: el que caga, caga... es que hay mucha gente mala, hay mucho *volao* [drogado]...hay un *yeto* [gueto] pa' lla' donde vivo yo... un *yeto*.

No caso específico de Boca Sur, as famílias foram trasladadas, entre os anos 1983 e 1985, da *población* 21 de Mayo⁶⁹, Cerro la Cruz, Lo Pequén Alto, a *población* Gabriela Mistral, a *población* Aguita de la Perdiz, todas localizadas nas proximidades do centro Concepción, e também da *población* Libertad, surgida após o terremoto de

⁶⁸ Existiram três tipos de *soluciones habitacionales*: apartamentos, casas contiguas e “casetas sanitarias” (de 6 a 9 metros quadrados).

⁶⁹ As famílias da *población 21 de Mayo* moravam em frente ao cemitério de Concepción, em construções de madeira e que foram edificados por um comitê de voluntários para emergência, logo depois do terremoto de 1960.

1939. Aos dois setores mais tardios de Boca Sur, construído em 1989, chegaram famílias de diferentes áreas de Concepción, mediante subsídio habitacional (Silva, 2008). Aquela mistura, como sugerimos, foi avaliada de forma negativa pelos recém-chegados, de modo que, embora as condições materiais tenham melhorado, o sentimento de ter sido afastado da cidade mediante enganos e desinformação, ao que parece, constitui um elemento de grande significância nas lembranças sobre as remoções.

David Avello, erradicado em 1984 do setor Lo Pequén Alto a Boca Sur, nas suas memórias publicadas em 1989, chamava a atenção como, a seu pesar, a grande maioria dos moradores estiveram a favor dos traslados; esses *pobladores* exibiram com orgulho as chaves das novas moradias. Sobre a composição social do novo assentamento, asseverava que das 5 a 10 mil famílias que foram trasladadas até Boca Sur, várias eram oriundas de “barrios feroces” como La Agüita de la Perdiz. Nesse sentido, embora a aparência afável de Boca Sur durante o dia, ao cair a noite, “se vuelve un lugar sin ley ni moral. Abundan los expertos cuchilleros, violadores, prostitutas, alcohólicos, drogadictos, homosexuales” (Avello, 1989, p.153). Sobre a prostituição das jovens, ele indicava que era a nefasta consequência do consumismo que levava aos pobres a fazer qualquer coisa para obter “ese televisor, ese vestido, ese pantalón, ese equipo” (Avello, 1989, p.155).

SAQUES EM BOCA SUR: FAZER JUSTIÇA E REDISTRIBUIR

Luis lembra-se como, uns dias depois do terremoto, em seu bairro, houve *harta balacera*: o dono de uma distribuidora de gás perto da sua casa quis lucrar com a catástrofe e começou a cobrar US\$10 a mais do valor normal dos botijões de gás, que era o único meio para cozinhar, já que os dutos da cidade estragaram por culpa dos movimentos sísmicos. Nesse contexto, a reação dos moradores da *población* foi clara:

Porque ¿sabe lo que pasó? El dueño de esa distribuidora, si un gas valía \$10.000 él se aprovechó del pánico y lo estaba vendiendo en \$15.000... entonces, la gente no lo encontró ninguna gracia... se las buscó... por eso... ¡se las buscó! Alcanzó a sacar, a rescatar un camión y al final tuvo que arrancar, le robaron toda, toda la distribuidora... con galones llenos... esos galones grandes y los más chicos... y yo no fui, porque como yo conocía a la niña... no... si después van a saber igual quien entró... no quise meterme en esa cuestiones.

Ele, embora tenha fugido na noite do terremoto para os morros de Andalué, com sua mulher e filho, por medo do tsunami, diz que em Boca Sur, na mesma madrugada do terremoto, roubaram uma padaria do bairro, pegando os sacos de farinha e até as bandejas com o pão ainda não assado: “la hicieron zumbar”. Não obstante isso, as mercearias da região atenderam nos dias seguintes, com alguns cuidados para evitar os roubos, como atender com as grades fechadas. Além disso, no geral, as mercearias do bairro “se

salvaron”, indica Luis, por serem os donos vizinhos da própria comunidade. Contudo, entre risos, Luis acrescenta que as vendas não foram muito boas já que a comunidade estava bastante bem abastecida graças às coisas que foram tomadas dos supermercados do centro de San Pedro de la Paz. Ele mesmo recebeu de seus vizinhos: macarrão, arroz, farinha; não precisou comprar essas coisas durante três meses. E sublinha: no seu bairro tomaram apenas alimentos e bens de primeira necessidade, mas não eletrodomésticos, como aconteceu em outras *poblaciones*, como Palomares, onde os militares, logo que decretado estado de exceção, recuperaram o saqueado: mercadorias que somaram mais de U\$400.000, ação que a própria ex-presidenta Bachelet foi supervisionar.

2. DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NA VIRADA DO SÉCULO: O CASO DE SAN PEDRO DE LA PAZ

Os principais centros do traçado urbano da província de Concepción são Concepción e Talcahuano; ao redor deles, identifica-se uma primeira coroa metropolitana, composta pelos municípios Hualpén, Chiguayante, San Pedro de la Paz e Penco, seguido de um segundo anel formado por enclaves urbanos que se desenvolveram na borda costeira da região – Lota e Coronel.

O crescimento da área metropolitana de Concepción deu-se como um processo centrífugo, com tendência à dispersão das áreas residenciais, cada vez mais afastadas do centro e que, com o passar do tempo, começaram a gerar suas próprias dinâmicas urbanas e centros de produção e serviços, embora sua origem administrativa seja muito recente (García, Muñiz e Rojas, 2009). Exemplo disso são os casos de Chiguayante e San Pedro de la Paz, comunas caracterizadas por exibir um uso preferencialmente residencial e com densidades de emprego na mesma comuna mais baixas que nas áreas nucleares.

A comuna de San Pedro de la Paz, na margem sudoeste do rio Bío-Bío, tem chamado a atenção devido às particularidades exibidas em relação a novas escalas de segregação residencial (Vásquez e Salgado, 2009; Azócar, Pérez e Alcaíno, 2010).

Nos últimos anos, a comuna apresentou um dos maiores índices de crescimento populacional da zona, com 80.447 residentes vindos tanto de outras comunas da cidade quanto do país mesmo (Vásquez e Salgado, 2009). Esse incremento demográfico explica-se, em parte, pela crescente demanda habitacional de Concepción, sendo que a comuna satisfaz as expectativas da população, como também, as das empresas imobiliárias ao congregar terras disponíveis, recursos naturais e bons níveis em segurança (Azócar, Pérez e Alcaíno, 2010). Desde os anos 90, é possível identificar em San Pedro de la Paz a edificação de múltiplos projetos residenciais para a classe alta e média alta: com bastante êxito, as imobiliárias dedicaram-se a ofertar projetos de alto padrão a famílias que moravam nos setores mais tradicionais do centro de Concepción, sob a

promessa de viver no meio da natureza⁷⁰ mas só a 15 minutos do centro, graças às estradas e pontes.

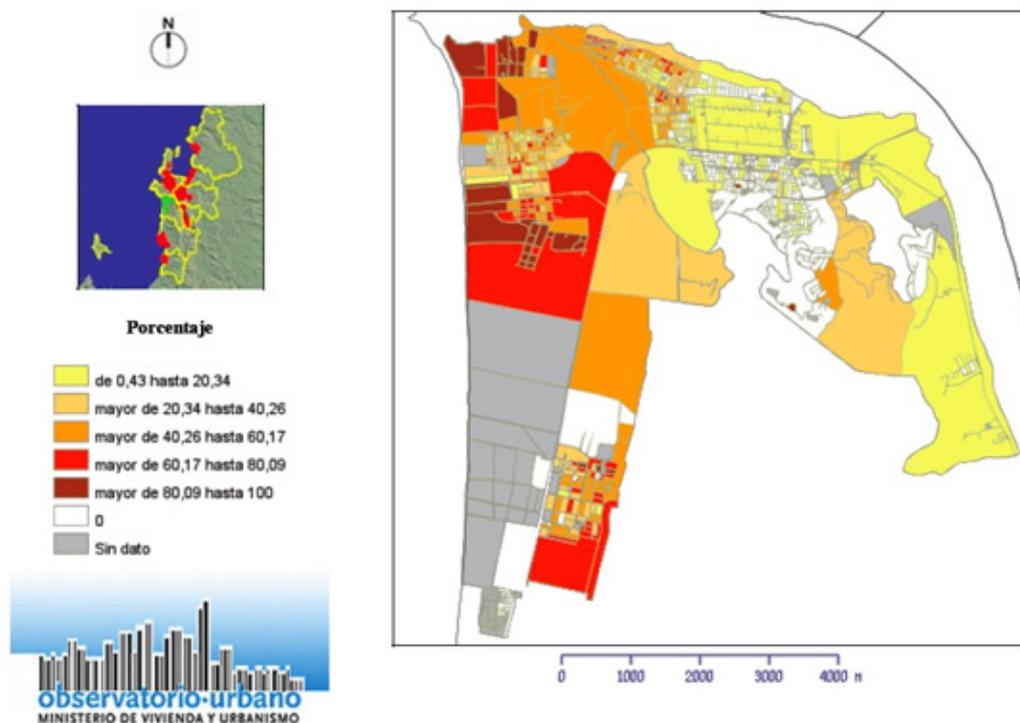
Dessa forma, as transformações impulsionadas pelo mercado imobiliário têm reconfigurado, socioespacialmente, a comuna que antes reunia, por um lado, famílias de classe média, profissionais que chegaram entre 1964 e 1968 a Villa San Pedro, e, por outro, famílias de baixa renda, erradicadas nos anos 1980 nas áreas de Boca Sur e Michaihue, setor conhecido como San Pedro de la Costa – e vulgarmente de San Pedro de la Pasta, fazendo referência ao tráfico e/ou consumo de *pasta base* (crack).

Com a chegada dos condomínios de classe alta, aumentou a média do ingresso familiar na comuna, alcançando a cifra de U\$ 1.500.00. No entanto, 60% da população localizada em Boca Sur e Michaihue vive com menos de U\$250 mensais (ACH-NUD e OPD, 2007), situação que exige uma leitura territorial. Conforme é possível observar no mapa abaixo, no lado esquerdo situam-se as zonas de Bocar Sur, Michaihue

⁷⁰ Slogan do projeto da imobiliária Aitué, chamado *Península de Andalué*. Sobre isso, ver: <http://www.aitue.cl/peninsula-de-andalue/>

e San Pedro de la Costa; no lado oposto, Villa San Pedro, Andalué e Idaihue. De fato, San Pedro de la Paz é a segunda comuna do Chile com o maior coeficiente de Gini⁷¹.

FIGURA 9. PORCENTAGEM GEORREFERENCIADA DE FAMÍLIAS NOS TRÊS GRUPOS DE MENORES INGRESSOS - COMUNA SAN PEDRO DE LA PAZ, 2005



Fonte: Observatório de Urbanismo

Consequentemente, Concepción constitui uma aglomeração urbana com distintos níveis de segregação residencial que a diferenciam “positivamente” de Santiago, ao exibir uma mistura maior entre diferentes zonas socioespaciais (Cáceres e Millán, 2011). Essa mudança na composição social é uma tendência que caracterizaria também outras cidades do continente, como consequência da invasão de seções da periferia urbana de baixos ingressos por grupos de maior capacidade de pagamento. Em termos gerais, essas transformações têm sido possíveis em virtude da liberalização do mercado das terras, concentração do capital imobiliário e a construção de estradas e outras

⁷¹ A literatura especializada tem enfatizado que a segregação residencial tem dinâmicas próprias e que não pode ser entendida como a simples expressão territorial das desigualdades socioeconômicas. Assim por exemplo, uma redução na desigualdade não necessariamente se traduz numa diminuição da segregação (Sabatini et al., 2010). Nesse sentido, existe um árduo debate metodológico sobre a medição da segregação residencial, com índices diferentes aos utilizados para mensurar a desigualdade socioeconômica, como o coeficiente de Gini. Entre os primeiros, estão o índice de Duncan e o Índice de Moran Local e Global, os índices de dissimilaridade, entre outros.

infraestruturas urbanas de redes de escala regional que homogeneízam a acessibilidade ao conjunto do espaço metropolitano (Sabatini, Vásquez, Robles e Rasse, 2010).

San Pedro de la Paz, em Concepción, e Peñalolén, em Santiago, são comunas representativas dessa tendência de colonização da elite da periferia, dinâmica vinculada à ação dos promotores imobiliários, que, aproveitando o escasso valor da terra nas bordas da cidade, têm desenvolvido uma oferta habitacional pouco tradicional em comparação com os padrões de localização anteriores. De tal modo, o setor privado: “puede, en el extremo, comprar suelo ‘a precio obrero’, correspondientemente a la condición social de sus más probables usuarios, los grupos pobres cercanos, y lo logra vender (edificado) a familias de mayor categoría social” (Cáceres e Sabatini, 2004, p.17).

Essas transformações nos padrões de segregação residencial têm sido pesquisadas há mais de 15 anos pelo sociólogo e urbanista Francisco Sabatini, da Pontificia Universidad Católica de Chile, que é referência obrigatória nas questões das causas e consequências da segregação socioespacial no Chile. Com base em análises, principalmente, estatísticas, Sabatini, junto a uma série de investigadores, têm se debruçado em descrever as tendências de dispersão espacial das elites desde os anos 80, fato que teria possibilitado a diminuição na intensidade da segregação residencial tradicional numa escala geográfica agregada, mas que, ao ser observada numa escala menor, dá conta de uma intensificação da mesma, o que se expressa na conformação de bairros homogêneos, pequenos em tamanho, dispostos alternadamente em áreas onde se concentram grupos de baixa-renda.

Sobre as mudanças na segregação em grande escala, que caracterizaram em tempos anteriores as principais capitais latinoamericanas, o pesquisador ainda discute a possibilidade de definir tais processos como “gentrificação”, conceito criado para descrever a realidade dos Estados Unidos e Europa, onde a chegada de grupos de elites aos outrora degradados centros da cidade teve como consequência a expulsão dos inquilinos mais pobres. No entender de Sabatini, no caso América do Sul, é possível pensar a invasão da periferia pela elite como “gentrificação sem expulsão”, porquanto as camadas populares, ao se tornarem proprietárias de suas moradias, como sucede no Chile, bloqueiam, em parte, os efeitos negativos da extrusão. Nesse sentido, Sabatini defende que a gentrificação à *latino-americana* possibilita a redução na escala de segregação residencial de modo que: “la ciudad tiende a llenarse de fronteras que comunican y a la vez separan barrios de distintos barrios sociales” (Sabatini, Robles e Vásquez, 2010, p.22).

Voltando a Concepción, os setores de Andalú e Idahue em San Pedro de la Paz constituem casos exemplares das dinâmicas acima descritas: os “novos bairros ricos” deonceptión são a expressão de um modelo de crescimento adaptado ao entorno natural de uso principalmente residencial de baixa densidade, observando-se distintos tipos

de edificações – moradias isoladas, condomínios horizontais e verticais, formando um bairro suburbano de interface urbano-rural (Pérez e Salinas, 2007).

FIGURA 10. PENÍNSULA DE ANDALUÉ, SAN PEDRO DE LA PAZ



Fonte: Google

Junto às dinâmicas acima destacadas, chama a atenção outra tendência de mudança socioespacial: logo depois da edificação dos primeiros condomínios de alto padrão na zona, tem-se observado, mais recentemente, a construção de condomínios e vilas para famílias de camadas médias e médio-baixas na área de San Pedro de la Costa, onde o valor da terra é significativamente menor que em Andalué e Idahue, questão que veremos a seguir.

2.1. “¿Y SI LLEGA AL CONDOMINIO TODA ESA GENTE DESPUÉS?”: DISTINÇÕES SOCIOTERRITORIAIS EM SAN PEDRO DE LA PAZ

Los Pioneros é um grande condomínio vertical desenvolvido por uma empresa imobiliária que se autodefine como líder no mercado de moradias econômicas e em satisfazer as demandas da classe média, retórica bem diferente dos slogans das companhias que edificam em Andalué e Idaihue, sempre articulados em termos de exclusividade e sofisticação. O conjunto residencial localiza-se na estrada Ruta 160, que liga o centro de Concepción com San Pedro de la Paz e Coronel, no setor de San Pedro de la Costa. O

condomínio compõe-se de quatro subunidades nomeadas *anillos* que concentram prédios de 20 ou 10 apartamentos, piscina, espaço de jogos para crianças e garagens.

Rosa – 40 anos, que trabalha como assistente de compras para uma grande livraria de Concepción – e seu marido adquiriram, há 7 anos, um apartamento no primeiro anel de Los Pioneros, segundo ela, o maior condomínio na forma de anéis da América do Sul. Durante a entrevista, relatava que a decisão de investir nessa propriedade respondeu em grande parte às projeções de desenvolvimento imobiliário de tipo residencial que, naqueles anos, prometia a zona de San Pedro de la Costa.

[...] cuando el año 2005 nosotros compramos el departamento, se supone que ese era un barrio residencial y que significaba que todas las construcciones que después fuesen a tiempo futuro *iban a ser más o menos del mismo nivel*, que por eso me involucré en el hecho de comprar... y después nos enteramos que los otros terrenos que seguían hacia *el sector de atrás*, porque va hacia atrás hasta el mar, los había comprado el Estado y se habían construido casas entregadas por el Estado, entonces quedamos súper complicados con la llegada de... sin menospreciar a la gente ¿ok? porque llega de todo... pero nos tocó gente de digamos, de *un perfil un poco más bajo*... y eso igual *provocó mucho pánico* para la gente... mucho pánico porque justamente *atrás* de nosotros donde termina digamos el condominio, tenemos un supermercado que fue saqueado por *ellos mismos*.

Nesse trecho, Rosa refere-se aos saques registrados no supermercado Bigger de San Pedro de la Costa, localizado a poucas quadras de distância do condomínio, abalizando como perpetradores dos ataques as pessoas provindas das “casas entregadas por el Estado” que foram construídas no setor “de atrás”, pouco tempo depois de ter comprado o apartamento.

No fim dos anos 1990, San Pedro de la Paz transformou-se em área preferencial de desenvolvimentos residenciais privados, mas também, para a edificação de habitações sociais (Azócar, Pérez e Alcaíno, 2010)⁷². No governo do Presidente Ricardo Lagos (2000-2006), construíram-se grandes conjuntos habitacionais a fim de resolver o problema de moradia precária e informal presente no centro de Concepción, através do *Proyecto Urbano Integral*, intervenção urbana multidisciplinar que, além das 28 mil casas construídas, incorporou serviços de saúde e educação, construção de áreas verdes

⁷² É relevante destacar que, no Chile, o Ministerio de Vivienda y Urbanismo, por meio do Servicio de Vivienda y Urbanismo, tem assumido o rol de administrador e supervisor da qualidade da moradia social; de administrador dos processos de subsídios de moradia; atua, até, como provedor “subsidiário” de moradias básicas as famílias mais pobres e como fornecedor de créditos. Também funciona entendendo garantias aos créditos hipotecários de modo a incentivar a bancada privada a incursionar-se nesse segmento do mercado.

e instalações comunitárias. No total, 13.500 foram as famílias beneficiadas, das quais o 70% achavam-se abaixo da linha da pobreza.

No entender das autoridades, o projeto diferenciava-se positivamente das remoções executadas pela Ditadura Militar, ao incorporar princípios de participação cidadã; o conceito de “micro-bairros” interconectados com outros setores da comuna e da cidade; e por procurar contribuir na melhoria substantiva da qualidade de vida dos beneficiados⁷³. Entre 1992 e 2007, foram edificadas em San Pedro de la Paz 94,88 hectares de moradia social, sendo a comuna da área metropolitana de Concepción com maior número de habitações de interesse social (Azócar, Pérez e Alcaíno, 2010).

Tabela 1. Valor das moradias e a densidade populacional em San Pedro de la Paz

Setor da comuna	Valor UF	Valor U\$	Densidade habitantes/ hectares
San Pedro de la Costa	320	15.436	259,8
San Pedro de la Costa	2.090	100.018	146,6
Andalué	5.000	241.191	51,1

Fonte: Elaboração própria com base em Azócar, Pérez e Alcaíno (2010).

Na raiz das dinâmicas descritas observa-se que a distribuição socioespacial da comuna de San Pedro de la Paz é resultado tanto das intervenções do mercado imobiliário privado como da gestão estatal, os quais têm dado forma a um cenário diverso no que se refere à presença de diferentes grupos sociais numa zona mais ou menos próxima.

Voltando a Los Pioneros, Loreto, 40 anos, que trabalha como repositora de mercadorias em livrarias e supermercados para uma empresa multinacional, aluga com seu marido um apartamento no anel número 4, o prédio mais novo do condomínio. De seu trabalho conhece a Rosa; porém, nos dias seguintes ao terremoto não

⁷³ Não obstante, para certos grupos de moradores de Boca Sur (Silva, 2008) que têm se preocupado com a história do bairro e a sua organização política, e em entregar uma versão diferente à narrada pelos governos da *Concertación*, esses projetos, embora feitos na democracia, apresentam uma continuidade lógica com as erradicações da época de Pinochet.

compartilharam as mesmas experiências: ao que parece, viver em diferentes anéis é morar em lugares distintos.

FIGURA 11. CONDOMÍNIOS LOS PIONEROS, SAN PEDRO DE LA COSTA



Fonte: Google

Sobre o setor de moradias sociais perto do condomínio, Loreto assevera não ter amigos ou conhecidos ali. No entanto, trouxe à memória o dia em que conheceu pela primeira e única vez aquele bairro, ante a proposição de seu marido de que era necessário saber o que é uma “población marginal”. Assim, num dia domingo, foram de carro a comprar em uma pequena feira de frutas e verduras do setor quando, do nada, chegou um homem correndo avisando que começaria uma *balacera*, pelo qual fugiram e no dia seguinte ouviram boatos de que, de fato, houve um tiroteio e que uma pessoa foi apunhalada: “y nunca más fui pa’ tras... ¡nunca más!” – afirma Loreto.

Na perspectiva desta pesquisa, considero de grande importância explorar o modo no qual Loreto descreveu, em 2012, o ordenamento socioespacial de San Pedro de la Paz. No mesmo sentido que Ramiro Segura (2011, p.86), antropólogo argentino, defendendo que as categorias de classificação que utilizam os residentes, nesse caso os de Los Pioneros, as relações que estabelecem com base nelas, assim como a produtividade social dessas categorias e relações, não podem ser limitadas a um exercício de descrever ou justificar uma realidade preexistente: ao contrário, elas formam parte constitutiva da realidade explorada. Para ir ao ponto que interessa destacar, atente-se na seguinte citação de Loreto:

Donde yo vivo se llama Costa Mar que es más conocido como Los Pioneros... y está Boca Sur, está Michaihue, está Candelaria, está la Villa San Pedro para acá... todo lo que pa’ costa son esas poblaciones, pasando la línea [do trem e a autopista “160”] están todas esas poblaciones... después de la línea, estás toda la clase media [risos].

Atenta-se para o fato de que ela diz “Costa Mar” e não “San Pedro de la Costa”: o primeiro nome é o usado em geral pelas imobiliárias para vender os condomínios

do setor. Seguidamente, destaca a estrada “Ruta 160” que é interpretada por ela como fronteira socioespacial: ao lado oeste, bem perto do mar, ali atrás, reúnem-se as casas *Chile Barrio*, além de outros conjuntos habitacionais de longa data, como as *poblaciones* de Boca Sur e Michaihue. No lado leste da estrada, Loreto identifica as zonas, também antigas, de Villa San Pedro e Huertos Familiares, onde moram famílias de classe média alta profissional. Logo, como se observa na seguinte citação, Loreto faz referência a respeito dos novos bairros ricos de Concepción, Andalué e Idahue, acima, onde vai de vez em quando por motivos de trabalho, destacando o difícil acesso, questão que verifiquei no trabalho de campo ao constatar a inexistência de ônibus que cheguem ao setor:

[...] hay un bus pa’ las nanas [empregada doméstica], si es ¡top de top! O sea, esa parte... pero no es para la gente que vive ahí porque toda la gente tiene auto, es pa’ las nanas o para la gente que trabaja... Todos tienen auto... ¡el Colegio Alemán es inmenso! Si yo he entrado ahí. Es inmenso, o sea, además que ves... puros niñitos rubios... yo los miro y ¡tan lindos! [risos]. No, ¡es maravilloso! ¡Maravilloso! No, si ir para allá es otro mundo igual... ver la realidad de Michaihue, Boca Sur *para atrás* y después *subes* para allá, y ves otra realidad, nosotros estamos como *al medio* de... de... esos polos opuestos, nosotros estamos al medio.

Embora ela sublinhe que o condomínio onde reside acha-se entre esses dois mundos opostos, geograficamente Los Pioneros situa-se no lado oeste da linha do trem, ou seja, no lado de San Pedro de “la Pasta”. Ao que parece, a proximidade espacial entre seu condomínio e os conjuntos de moradia social é um fato que complica a Loreto, do modo similar que a Rosa. Esses residentes emergiram como atores vinculados, ainda que para seu descontentamento, ao condomínio no momento de rememorar e descrever os saques que afetaram estabelecimentos comerciais do setor; e com maior força, na hora de recordar o sentimento insegurança sentida no cenário pós-desastre por causa dos boatos que indicavam que “los saqueadores”, nesse caso, os vizinhos do bairro de moradia de interesse social, atacariam as residências de classe alta e classe média. Observemos a seguinte passagem da entrevista de Loreto:

Después que saquearon todos los supermercados empezaron a decir que iban a saquear a los cuicos [pessoas com dinheiro] y a la gente de clase media... y la gente que vive *atrás* de Los Pioneros *son gente de Chile Barrio*... y esa gente, decían, iban a saquear Los Pioneros... que iban a entrar a los departamentos y venían los *rumores* de los vecinos de que venía gente pa acá y nos venían a informar que venían a saquear Los Pioneros... decían que Los Pioneros era gente que también tenía plata.

“Gente de Chile Barrio”. Nessa frase, Loreto caracteriza as famílias que moram no bairro contíguo com base no modo com que elas adquiriram suas moradias.

Chile Barrio foi um programa do Ministerio de Vivienda y Urbanismo, implementado nos governos da *Concertación* com o intuito de avançar na “superação da pobreza” que, nesses anos, atingia 20% da população. Para construir “mais e melhores bairros”, promoveu-se a articulação de diferentes programas estatais sob o convencimento de que a participação cidadã e compromisso ativo das próprias comunidades intervindas⁷⁴ eram fundamentais no avanço do desenvolvimento comunitário e a inclusão social das famílias beneficiárias⁷⁵.

Observando os depoimentos de Loreto e Rosa, pode-se dizer que as duas mulheres ativam uma distinção entre quem são beneficiários do Estado, e portanto, requerem assistência estatal para participar do mercado e chegar a ser proprietário de suas moradias, e quem participa diretamente no mercado imobiliário, seja na forma de proprietário, como Rosa, ou de inquilino, como no caso de Loreto. Resulta interessante notar que Segura, na pesquisa que realizou no setor periférico de San Lorenzo na cidade de La Plata, observou que uma das distinções conceituais utilizadas pelos residentes para categorizar tipo de moradores referia-se justamente às “relaciones con el Estado” (Segura, 2011, p.92)⁷⁶.

É importante sublinhar que as distinções propostas por Loreto e Rosa, ou as sociodinâmicas da estigmatização, para citar a expressão de Norbert Elias e John Scotson (2000), não param por aí. Ao longo da entrevista, Loreto ativa uma série de representações sobre esses vizinhos *de lá*, e que explicam seu desconforto ante a proximidade espacial entre seu condomínio e aqueles bairros:

[...] es esa *población* que te digo yo como que *afea* todo... deberían correrla un poquito más allá [risos] ¡que mala! Pero ¿por qué son *malos* digo yo? [risos] Porque yo no los hecho todos al saco pero es que hay unos ¡demasiados malos! Por eso [seu marido] se quiere ir de ahí... pero yo le digo: si la *inseguridad* está en todos lados, donde tú te vayas, sea a Lonco [bairro tradicional de Concepción], estis acá... pero al menos hay vecinos, vecinos mejores, gente que vive bien, *gente que vive*... que te deja vivir... porque esa gente de atrás ¡no te deja vivir! Porque tú estás tranquila en la noche y de repente... escuchai *disparos*, *balaceras*, o sea... ¿y si llega al condominio toda esa gente después? da

⁷⁴ Para maiores detalhes, ver; Saborido, M. “El Programa Chile barrio: lecciones y desafíos para la superación de la pobreza y la precariedad habitacional”. Cepal, Chile. 2005.

⁷⁵ Em 2007, no governo de Michelle Bachelet, implementou-se o “Programa de Regeneración Urbana” também conhecido como “Quiero mi Barrio”: entre os objetivos da intervenção realizada em 200 bairros do país, destacam-se: incentivar a integração social e urbana na escala do bairro, recuperar espaços públicos e promover uma melhoria das condições do entorno e fortalecer as relações sociais entre vizinhos. Entre os produtos do programa, achava-se a sistematização das memórias dos residentes sobre as origens de seus bairros, que em grande parte, se vinculavam com as erradicações da Ditadura. Desse modo, o programa tem criado um acervo inédito sobre a história urbana dos setores populares das principais cidades do país, porém, os relatos não isentos de polêmicas, como sucede em toda reconstrução do passado.

⁷⁶ Nesse caso particular, diferenciava-se entre os residentes dos asentamientos, ou seja, das ocupações recentes que se aproveitariam sem merecê-lo dos benefícios estatais, e os moradores populares, “o bairro”, de longa data.

miedo, uno que tiene hijos que van para allá, que se pillen con uno de ellos... porque tú tienes hijos, los crías pero no sabes con quien se van a encontrar, eso tú no lo sabes.

Esses vizinhos são descritos por Loreto com base em um conjunto de atributos negativos: violência, crime e incivildade, os quais atentam contra a paz do setor. Note-se que o pior seria ameaça de que esse tipo de pessoas chegassem a morar *dentro* do condomínio: com efeito, por causa dos danos que sofreram vários apartamentos de Los Pioneros logo após o terremoto (um dos prédios ficou simplesmente inabitável), os preços dos alugueis abaixaram, questão que permitiu a chegada de novos vizinhos provindos dos bairros “de atrás”.

Disso, começou: “a llegar gente que no debería haber llegado... hay gente de repente que nunca había visto y de repente la mirai y Juan Carlos dice: yo me voy de esto” – indicando que seu marido não tolera conviver com esse tipo de pessoas e que começou a procurar alugueis em outros bairros, de classe média alta profissional, como a Villa San Pedro. Baseado nesses depoimentos, pode-se dizer que as categorias espaciais funcionam como categorias sociais que simbolizam as posições de cada um dos atores no espaço social, e como se vinculam essas posições a dimensões morais que vem a organizar as relações entre os atores sob a distinção “nós-eles” (Segura, 2011).

SAQUES EM SAN PEDRO DE LA COSTA: DUAS VERSÕES, O MESMO LUGAR

Nas imediações do condomínio Los Pioneros, foi inaugurado, em 2009, um estabelecimento da rede de supermercados Bigger, uma das mais importantes empresas do sul do país, cujo slogan proclama: “Hacer maravillas cuesta poco”. Segundo Loreto e Rosa, aquele supermercado foi totalmente saqueado nos dias seguintes ao terremoto e ambas dizem ter presenciado os eventos. Rosa narra:

[...] mira, yo quise mirar porque yo dije, me gustaría saber si *es verdad lo que están contando*, entonces como me quedaba al frente, salí del condominio por el costado de atrás, y claro, efectivamente la gente estaba sacando las cosas... Pero fijate que hay que ser real, yo en ese minuto, no calificué mal a los estaban saqueando porque por lo menos las personas que yo vi, estaban sacando pañales, de verdad... mujeres, ya... muchas mujeres yo vi que estaban sacando pañales y otras cosas de comer, *yo a la distancia miré no más*, y no sé si estaré pecando pero yo dije: chuta, realmente lo requieren... pero lo que no te entendía, era el otro, ponte tú, que estaban sacando de estas jvas de bebidas, de cervezas y yo decía, pero ¿pa' qué? y ya de ahí, al rato, llegó Carabineros y yo me retiré del lugar.

Seguidamente, ela identifica como os perpetradores dos saques as pessoas que moram “atrás”, nas casas entregadas pelo Estado. Porém, quando lhe perguntei se

chegou a ver algum vizinho do condomínio participando nos eventos, mudou sua condição de testemunha e colocou-se a falar que, por viver dentro de um “anel”, não conseguia saber o que acontecia lá fora e que, portanto, era difícil dizer se pessoas de Los Pioneros participaram ou não. Segundo ela, o condomínio, pela sua forma, funciona como uma unidade fechada que bloqueia a visão do entorno; ainda assim, conseguia ouvir a confusão e barulhos dos saques naquele supermercado. Além disso indica: “Y tú tampoco te atrevías a salir para afuera, porque estaba con todo el tema... de que tenía un chicoco pequeño, porque teníamos que ayudar gente mayor, teníamos gente que estaba muy asustada”. Por outro lado, Loreto, junto a residentes de Chile Barrio, reconheceu vizinhos seus dos Los Pioneros, entre quem coletavam mercadorias no supermercado Bigger, acontecimento que deixou a ela e seu marido perplexos:

[...] el Bigger, allá donde yo vivo, vi cómo estaban sacando ¡con fierros los candados! El supermercado quedó sólo... y sacando... y todos afuera, *como pollitos*, esperando que abrieran el supermercado, para poderse entrar. Y ver *vecinas* que venían ¡cargadas con cosas!

Conforme Sabatini e Brain (2008), um dos mitos existentes a respeito da segregação residencial no Chile seria a ideia que as pessoas não gostam de morar perto de indivíduos de outra “condição social”, quer dizer, de outro segmento socioeconômico. No entender deles, seria um crença muito enraizada nos grupos de direita que, aliás, é percebida como se fosse um fato autoevidente e utilizado na hora de elencar argumentos para se opor à implementação de políticas de controle da segregação que revertam os efeitos nocivos vinculados aos grandes níveis de homogeneidade social nos bairros pobres periféricos. Para esses autores seria imperioso desenhar políticas que permitam frear o avanço dos “fenômenos de guetización” (Sabatini e Brain, 2008, p.10) nessas zonas da cidade. Daí se entende a preocupação por identificar as possibilidades e os limites que existiriam para pôr em prática políticas que procurem promover – através da redução da segregação – a integração social das camadas populares.

Acerca das disposições que teriam grupos médios e altos de morar perto de bairros populares, Sabatini, Rasse, Mora e Brain (2012, p.185) indicam que existiria uma cultura ambivalente na qual coexistem formas “verticalistas” e cidadãs de integração social em tensão com diferentes “miedos clasistas” – entre os quais se destacaria o temor de ser confundido com grupos de menor condição social –, sentimento que sustentaria o “intenso deseo de excluir de mi barrio esos con los que puedo ser fácilmente confundido”. Aquela tendência emergiria com maior força nos grupos médios que conseguiram recentemente avanços na sua mobilidade social, portanto, para poder

consolidar a sua nova identidade, prefeririam evitar morar perto de grupos pertencentes a sua classe social de origem.

Essas considerações nos lembram certa passagem do clássico estudo que realizou Teresa Caldeira, nos anos 90, na Mooca; na hora de falar sobre os nordestinos que chegaram a morar próximos a seu bairro, podia-se identificar nos discursos uma série de categorias que davam conta do que parecia ser um sistema classificatório no qual a “categoria a que se está mais próxima mas que é diferente deve ser mais enfaticamente distanciada e condenada” (2011, p.36), para acentuar, de tal forma, a própria superioridade social⁷⁷. Sob essa perspectiva, vale a pena repensar o esforço feito por Loreto na hora de descrever Los Pioneros como um lugar “entre” os grupos da classe alta e os setores populares de San Pedro de la Paz, e como, no momento de propor a sua sínteses do ordenamento socioterritorial da comuna, esqueceu o fato que o seu condomínio localiza-se no lado da fronteira onde se concentram as poblaciones em San Pedro de la Costa.

Por outro lado, Caldeira (2011, p.80) advertia como falar de favelas, cortiços e nordestinos em geral era complexo para seus entrevistados, mas, especialmente, no caso de existir uma proximidade territorial dos narradores com os espaços do crime, quer dizer, quando moravam “perto ou nas próprias favelas ou cortiços”. Nesses casos, os discursos eram mais ambíguos e menos categóricos no referente a distinção “entre o que é bom e o que é ruim”. Assim, por exemplo, a dona de um pequeno bazar no bairro popular de Cidade Júlia, na zona sul de São Paulo apontava que o pessoal que assaltava no bairro provinha da favela próxima; porém, rapidamente se autocorrigia e precisava que não podia dizer isso, “porque na favela tem tanta gente boa também”. De fato, isso vincula-se ao cuidado que tanto Rosa (“sin menospreciar a la gente ¿ok?

⁷⁷ Nesse caso particular, a categoria analisada por Caldeira era “migrante”; a mulher entrevistada era descendente de migrantes italianos e os nordestinos eram por ela menosprezados por terem recém chegados à cidade.

porque llega de todo”) e Loreto (“no los echo todos al mismo saco”) tiveram, em determinados momentos, de evitar reduzir todos os pobres à mesma categoria.

FIGURA 12. SETOR DE SAN PEDRO DE LA COSTA



Fonte: Elaboração própria pelo Google Earth

Outro argumento de Sabatini, Rasse, Mora e Brain (2012, p.186), refere-se ao fato de que indivíduos de todas as classes sociais distinguem entre “buenos y malos pobres”. Conforme a pesquisa, os grupos médios e altos diferenciavam entre pobres da própria comuna e pobres “de fora”; assim também, entre “personas de esfuerzo” e não. Ora, no caso específico dos residentes de bairros populares, o estudo nota uma distinção entre as famílias provindas ou não de *campamentos*, valorando-se negativamente às primeiras.

Ao que parece, nos bairros populares esse tipo de categorias têm grande importância e exigem uma leitura territorial através de intrincadas distinções, muitas vezes superpostas, que possibilitam diferenciar o interior do próprio bairro e dos bairros próximos, a localização de vizinhos “bons” e vizinhos “ruins” (Roca, 2007; Pérez e Roca, 2009). Essas distinções, em termos gerais, discernem entre quem adscendem ao mundo do trabalho – ou o que foi chamado de “cultura da decência”; e os “pobres indecentes”,

ou seja, aqueles que exibem condutas ligadas à violência (crime, narcotráfico) e vagância (consumo de drogas, viver a custas do Estado).

Porém, acreditamos que seria inconveniente pensar nessas categorias como se fossem entidades estáticas: ao contrário, elas têm múltiplas modulações, por exemplo, de acordo com o lugar da enunciação e conforme quem é o receptor. Como propõe Ramiro Segura, em seu estimulante estudo sobre comunidades periféricas da cidade de La Plata, os sentidos atribuídos às categorias dependem, no geral, da “lógica práctica de los actores sociales’ y de los contextos de interacción en los que encuentran insertos” (Segura, 2011, p.88). De tal modo, mais que pensar em categorias que dividem o mundo em dois, o autor enfatiza que deveríamos enxergar os cambiantes usos sociais das categorias (por exemplo, a categoria de “bairro”), entendendo aquilo que a delimita, aquilo ao que se opõe e indagar as situações nas que o bairro emerge na fala como uma unidade e em outras, com complexas clivagens e diferenciações internas.

Inspirado no estudo que Norbert Elias desenvolvera na chamada Winston Parva nos anos 60, Segura propõe passar do binarismo a uma análise concentrada nos desdobramentos das diferenciações, que permitem categorizações. Desse modo, ao contrário de revelar divisões perenes, relativas as qualidades inatas de cada grupo, a aposta seria atentar para as relações sociais entre os grupos dentro de uma figuração social particular.

Conforme a pesquisa de Sabatini, Rasse, Mora e Brain (2012), em todos os grupos socioeconômicos consultados foi possível identificar o “temor classista” referido à figura do *flaite*, categoria de caráter polissêmico usada na vida cotidiana, especialmente entre jovens, que se refere simultaneamente a elementos estéticos, de violência e classe social, segundo Pérez e Roca (2009). O jovem popular que veste roupas esportivas ou de marcas internacionais⁷⁸, fala de forma característica com muitas gírias e que transita pela cidade com atitude e olhar desafiante, seria o estereótipo do que se entende por *flaite*, o qual varia em grau conforme a classe social do narrador que utiliza a expressão⁷⁹.

Entre os resultados da pesquisa de Pérez e Roca (2009), destaca-se que, sem discriminação do grupo socioeconômico de pertença, o *flaite* apareceu como um agente que gerava insegurança no sentido amplo do termo, pois não se referia exclusivamente ao medo a ser vitimizado, senão também, a certos comportamentos no espaço público – como beber álcool, consumir drogas, estar na praça do bairro com outros jovens, quer dizer, a um certo repertório de “incivilidades”. Seguidamente, conforme aos

⁷⁸ A preferência por roupas como Adidas, Nike, Lacoste, Louis Vuitton, entre outras, leva a associar ao *flaite* formas de acesso fácil ao dinheiro, nomeadamente, a venda de drogas ou em ser “lanza internacional”, termo do mundo carcerário para se referir a quem viaja para fora do Chile, especialmente Europa, para roubar e que vem a ser um grupo de muito prestígio por sua capacidade de consumo, por conhecer países do primeiro mundo e por ter uma ética, ao não roubar no seu próprio país.

⁷⁹ Na pesquisa que realizamos com jovens da comuna de Peñalolén foi possível reparar em diferenças nas definições de quem é ou não *flaite*, entre quem morava em condomínios fechados de elites e quem morava em bairros populares antigos (Pérez e Roca, 2009).

discursos coletados entre jovens de classe alta e média baixa, a categoria *flaite* não era reduzida como um sinônimo de “criminoso”, como tampouco como um sinônimo de “pobre”⁸⁰; contudo, a categoria era associada a bairros populares que seriam o lócus por excelência dos *flaites*.

ALERTAS DE TSUNAMI EM DOIS TEMPOS

Em 11 de março de 2010, uma forte réplica do terremoto sentiu-se na zona centro e sul do país, quando Sebastián Piñera estava assumindo a presidência em Valparaíso, no Congresso Nacional. Nesses momentos, em San Pedro de la Costa, Loreto estava sem seu marido no condomínio, quando começou o forte movimento sísmico que causou alarme entre os moradores, pela proximidade do mar e a possibilidade de acontecer um tsunami. Ela estava perto das grades que os moradores do condomínio, logo depois do terremoto, levantaram de modo provisório – com metais que tiraram das proteções da linha do trem que passa pela rota 160, pois as paredes do perímetro caíram com o megasismo. Nesse ínterim, Loreto diz que atentou para uma mulher que fugia desesperada com duas crianças no exterior do condomínio, que lhe perguntou: “Por favor, señora ¿Me deja pasar? ¡Viene un tsunami y no hallo a donde ir!”. Isso significava mover as grades provisórias para deixar ela entrar, questão que complicada a Loreto, porque, nesse momento, podiam tentar ingressar mais pessoas que estavam correndo desde os bairros localizados mais perto ainda do mar, as casas de Chile Barrio, para subir e se resguardar nos tetos dos prédios. Contudo, ela decidiu ajudar à

⁸⁰ Existe a categoria “picao’ a flaite” para nomear aqueles que sendo de classe alta, simulam o estilo dos *flaites*.

senhora para logo subirem juntas ao quinto andar e se protegerem do possível tsunami. Loreto recordava:

[...] así que tuve que hacer un lado la reja... abrirla, empujarla y ahí pudieron pasar, pero venían uno... un niño con una cara de *flaite*, ¡Pero así patos malos! Uno *ya conoce las caras* y me dice:

- ¡Déjame entrar!
- ¡No! ¡Si no te voy a dejar entrar!
- ¡Déjame entrar!

Y así como ¡choro! Y la señora le dijo:

- ¡No! ¡Tú, no entras acá!

Porque yo estaba sola en ese momento y yo dije: ¿Qué hago? Andaba sin el pito [apito que usavam como medida de segurança], sin nada y ¡déjame entrar! Pateando la reja, y yo le decía:

- ¡No, no! Y empujando la reja para que no pudiera entrar....
 - Déjame entrar ¡Tal por cual!
- Y de repente, los vecinos escucharon, salieron y le dijeron:
- ¡Oye! ¡Córrete de ahí! ¿Qué estai haciendo?
 - Vecina, ¿pasó algo?
 - No vecino, está todo bien.

Pero nerviosa... Las niñitas asustadas, tenían miedo, o sea, te da pena, o sea, a mí me dio pena, pero con ese gallo que quería entrar a la fuerza.... debe haber tenido como unos 18, 19 años... pero así con la adrenalina, toda la adrenalina y yo también con adrenalina, una también se pone chora... ¡y no! ¡No te voy a dejar entrar! Y empujando esa reja que había y que había puesto provisoria.... es que se iban a saltar y justo alguien toca el pito y llegaron los vecinos.

Dois anos depois do terremoto, ela ainda guardava o apito que usaram para alertar de possíveis perigos, como o ingresso de pessoas estranhas ao condomínio.

Outro evento lembrado por Loreto, foi o falso alarme de tsunami dado pela Armada de Talcahuano, a noite de domingo, dia 16 de janeiro de 2005, que gerou grande pânico na população, fazendo fugir a milhares de pessoas. Naquela oportunidade, ela morava em Talcahuano, e narra que, no momento em que seu filho a acordou para que

fugissem aos morros, estava sonhando que fugia de um tsunami em Lirquén – influenciada, interpreta, pela recente catástrofe no dia 26 de dezembro de 2004, na Indonésia.

Yo corría pa' salvarme pero no podía movilizar porque eran tan estrechas que toda la gente quería pasar pero no podía... y estaba soñando eso y mi hijo me dice:

- ¡Mamá! ¡Mamá! ¡Despierta!
- Y yo, ¿Qué? Dormida...
- ¡Tsunami!
- ¡¿Qué?! Yo lo miro y me levanto ¡pero histérica!

Pegaram o cachorro e roupas e fugiram para cima do morro onde moravam. Nesse percurso no meio da noite, lembra ter visto dois velhinhos que escapavam muito devagar, e sem poder ajudar-lhes. Refletiu sobre como aquela experiência antecipou o que aconteceu em 2010, mas, infelizmente, em 27 de fevereiro, as autoridades locais e do governo informaram, erroneamente, que não havia perigo de tsunami e foram chamados a regressar a suas moradias. Em razão aos erros em alerta de tsunami, a Procuradoria determinou a responsabilidades penal de funcionários do Estado e da Armada que foram sentenciados, mas ainda não saiu a absolvição ou condenação no caso da ex presidente Michelle Bachelet.

3. DESLOCANDO A TRIÁDE SEGREGAÇÃO – POBREZA – DESINTEGRAÇÃO SOCIAL

Como já foi mencionado, parte importante das pesquisas sobre segregação residencial no Chile têm flagrado, por um lado, as mudanças no padrão de assentamento das elites por causa da colonização das periferias; por outro, os fenômenos de “guetização” observados nos últimos anos, em bairros pobres da periferia. Assim, junto à tendência à dispersão das elites registradas, que se traduz numa diminuição da intensidade da segregação na cidade, identifica-se maior magnitude da segregação numa escala mais agregada em áreas tradicionalmente habitadas por famílias de camadas populares. O aumento populacional nas periferias se vincularia com as migrações resultantes da entrega de moradias sociais aos beneficiários do Estado, de modo exclusivo nas periferias, e dos altos preços que limitam o acesso das famílias com menores salários a moradias em outras áreas da cidade, questões que explicam, em parte, a maior concentração da pobreza.

Da observação desses fenômenos, Sabatini (2000) ressalta que, embora a segregação dos pobres não constitua um fenômeno urbano recente, na atualidade estaríamos diante do aumento de suas consequências mais negativas, questão denominada de

*malignidad de la segregación e desintegración social*⁸¹ (Sabatini, Cáceres e Cerda, 2001), e mas recentemente, de guetización (Sabatini e Brain, 2008).

Em virtude disso, parte dos trabalhos dirigidos por esse autor têm se debruçado em apresentar correlações estatísticas significativas entre indicadores de “patologias sociais” (Sabatini, Wormald, Sierralta e Peters, 2010; Sierralta, 2010) e altos níveis de homogeneidade social presente em bairros pobres periféricos, sobretudo, em Santiago. Entre as descobertas, destaca a correlação identificada entre os níveis de inatividade juvenil com o nível de homogeneidade social em grande escala em bairros pobres. Os resultados indicam, além disso, que nos bairros com uma maior concentração de famílias pobres evidenciar-se-ia um maior nível de desemprego nos chefes da família – a diferença do que sucederia nas camadas populares que moram em bairros com maior mistura social.

Veja-se que esses trabalhos têm advertido para a urgência de mobilizar políticas multissetoriais que controlem o aumento da homogeneização dos bairros pobres, dinâmica que estaria afetando o orçamento das municipalidades o que se traduz na falta de equipamentos e serviços. Além disso, se observaria uma carência de capital social; a ausência relativa de modelos de mobilidade social; superávit de problemas comunitários pelo estigma que sofrem e, finalmente, mas não menos importante, no aumento da “ingovernabilidade” e “anomia” em áreas pobres segregadas (Sierralta, 2010; Rodríguez, 2010).

Parece-me que das análises desses autores – ao destacar a urgência de diagnosticar e intervir nos níveis de segregação registrados nesse tipo de bairros, para ampliar as oportunidades dos pobres da cidade e melhorar, assim, a qualidade de vida dessa famílias – desprende-se, ao mesmo tempo, uma certa urgência em atacar as “patologias sociais” dos bairros populares segregados, pois seriam fenômenos que ameaçam todo o conjunto social. Isso quer dizer que a promoção da construção de bairros com maiores níveis de mistura social por intermédio de políticas públicas possibilitaria instâncias de integração social, graças às quais as camadas populares se beneficiariam, tanto pelo melhoramento das condições materiais resultantes da morar próximos a bairros de grupos de classe alta (melhores ofertas de bens e serviços, melhorias nas conectividades, etc.), como também pelos benefícios que resultariam da maior exposição dos grupos populares a “modelos de rol adequados” (Sierralta, 2010, p.147).

A predominância do termo anomia nesses trabalhos resulta em parte da influência dos trabalhos desenvolvido por Rubén Kaztman, sociólogo uruguaio, que destaca como a simultaneidade do aumento da polarização socioespacial e a crescente flexibilização do mercado laboral nas cidades latino-americanas permite entender a “emergencia de un conjunto de conductas anómicas y marginales, cuyas expresiones

⁸¹ Curiosamente, embora Sabatini cite a obra de Lóic Wacquant, que no livro *Parias urbanas*, arguia “[...] contra la premisa central de la investigación norteamericana sobre la pobreza, que el gueto no padece de una “desorganización social”, otro concepto moralizante que hoy por hoy sería mejor desterrar de las ciencias sociales” (2001, p.45); ele insiste em vários textos em falar de desintegração social.

más dramáticas son la pobreza dura y las diversas formas de delincuencia y violencia” (Katzman et al., 2003, p.3). Nos bairros populares periféricos, isolados dos circuitos econômicos e sociais principais, isto é, carentes de exposição a modelos que promovam os meios legítimos de ascensão social, numa leitura de inspiração mertoniana, proliferaria a emergência de condutas anômicas e marginais.

Nesse sentido, os bairros da “nova pobreza urbana” do continente teriam se transformado em focos territoriais de anomia, “cuya presencia contribuye fuertemente a la erosión de la calidad de las relaciones sociales en la ciudad” (Katzman et al., 2003, p.194). De tal forma, os bairros pobres homogêneos onde predominam valores anômicos, constituíram focos de violência e de comportamentos criminológicos:

La experiencia internacional reciente nos señala dos caminos posibles para nuestros barrios si no generamos la voluntad política de *hacer algo* con las zonas de pobreza homogénea aglomerada: la emergencia de un patrón de anomia y descrédito hacia las institucionalidad y manifestada a través de *estallidos de violencia periódicos* como en las *banlieues* francesas; y la apropiación de bandas delictuales de los espacios públicos y de los imaginarios de futuro económica de los jóvenes pobres, como en el caso de los “guetos fortaleza” en que se han convertido las *favelas* de las ciudades brasileñas (Sierralta, 2010, p.160).

O artigo de Sierralta foi publicado em março de 2010, um mês depois dos saques registrados em Concepción; é plausível pensar que apenas o fato da publicação já estar quase pronta e, provavelmente, no prelo, impediu que esse parágrafo incluisse como exemplo das consequências da dita segregação maligna as explosões de violência coletiva no caso do pós-terremoto *penquista*.

As pesquisas que têm chegado a esse tipo diagnóstico, não são uma novidade no Brasil. Conforme tem debatido Vera Telles, nos anos 90, a questão da segregação urbana pautou parte importante das reflexões e pesquisas da sociologia urbana. Os conceitos de fragmentação urbana e dualização social dominaram os discursos circulantes sobre a cidade numa época em que as políticas sociais e a academia se debruçavam nos problemas dos “excluídos” e na criação de fórmulas para promover a integração social desses grupos. Nesse campo de produção de conhecimento, o conceito de “segregação” converteu-se numa categoria de conteúdo semântico extensivo, que mudava segundo as conjunturas e escalas dos problemas analisados, mas “sem chegar a ganhar o estatuto de um conceito claro, oscilando entre uma aceção descritiva e empírica, e a conotação moral (de denúncia)” (Telles, 2010, p.70), observando-se desse modo, uma oscilação entre sua utilização, ora como categoria prática, ora como categoria de análise.

A discussão recolhida no livro *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal* (Telles, 2010, p.65) procura apresentar elementos que possibilitem refletir sobre a pertinência de continuar falando nesses termos, desde às ciências sociais, ou reconhecer, com base nos resultados das pesquisas coordenadas por ela na periferia de São Paulo, que talvez

estejamos perante uma desestabilização do plano de referências para pensar hoje a cidade e suas questões:

[...] o que antes foi dito e escrito sobre a cidade e seus problemas, a ‘questão urbana’, parece ter sido esvaziado de sua capacidade descritiva e potência crítica em um mundo que fez revirar de alto a baixo o solo social das questões então em debate.

Com efeito, as transformações registradas nessa “virada do século” no campo do Estado, economia e sociedade têm reconfigurado os espaços urbanos; assim, as periferias de São Paulo parecem estar longe das imagens de isolamento e exclusão de outrora. Na atualidade, conforme salienta Telles, constituem territórios atravessados, em maior ou menor grau, por múltiplas lógicas e circuitos que perpassam as fronteiras do conhecido como o mundo da “pobreza urbana”, vinculado-se, por exemplo, a circuitos de bens materiais e simbólicos que atingem o consumo popular pela chegada à periferia de grandes equipamentos de consumo.

Além disso, como consequência da “metamorfose da questão social” no Brasil, têm se multiplicado os programas de intervenção social na periferia e ao redor delas nasceram uma miríade de “associações ditas comunitárias que tratam de se converter à lógica gestonária do chamado empreendedorismo social”, nas quais se estabelecem fórmulas de trabalho entre o governo local, agências multilaterais, ONGs, programas de RSE, igrejas, entre outros, e que têm impactado profundamente a vida nesses territórios. Para caminhar ao ponto que interessa sublinhar, vale remarcar a seguinte citação:

É aí que se vê delinear um mundo social perpassado por toda sorte de ambivalências, entre formas velhas e novas de clientelismo e reinvenções políticas, convergências e disputas, práticas solidárias e acertos (ou desacertos) com máfias locais e o tráfico de drogas. É um mundo social a anos luz das imagens de desolação das periferias de trinta anos. Seria mesmo possível fazer um longo inventário de microcenas desses territórios atravessado por lógicas e circuitos que transbordam, por tudo e por todos os lados, as fronteiras do que é tomado com muita frequência por “universo da pobreza”. Tudo ao contrário do que é muitas vezes sugerido pelos estudos sobre a pobreza urbana. E, sobretudo, inteiramente ao revês das figurações – construídas pelas políticas ditas de inserção social – de uma pobreza encapsulada em suas “comunidades” de referência e nas carências da vida (Telles, 2010, p.14).

Nesse sentido, Telles propõe avaliar a pertinência de seguir utilizando os modelos polares de análise do tipo excluídos/incluídos; entretanto, nem por isso, devemos desconhecer o aprofundamento das desigualdades e distâncias sociais observadas em nossas sociedades latino-americanas. Mais que dualização, o que se estaria configurando é

uma disjunção ou dissimetria entre integração cultural, integração política e integração econômica, especialmente no caso dos jovens que moram em bairros pauperizados:

É nessa disjunção que se tem registro das dimensões societárias das atuais mudanças no mercado do trabalho (e suas exclusões), mudanças que interagem (em relação de convergência, tensões ou descompassos) com uma crescente e diversificada rede de integração nos circuitos dos bens culturais e simbólicos, ao mesmo tempo em que a sociedade de consumo (e a lógica do mercado) parece se estender por todos os cantos (Telles, 2010, p.74).

Por conseguinte, as categorias de análise da sociologia urbana, entre elas, a de segregação, devem ser revisadas, criticadas e redefinidas ao ritmo das mutações operantes no campo urbano, assumindo os desafios políticos que enfrentamos no mundo contemporâneo, especialmente quando – alerta Telles (2007) – o espaço conceitual em que outrora circulavam as noções de direito, cidadania e espaço público, parece ter sido esvaziado de seu conteúdo crítico e político. Assim sendo, esses termos transfigurados em dispositivos de gestão social, circulam indistintamente em discursos de ONGs, políticas públicas, programas de filantropia empresarial; de fato, quem se atreveria a não invocar esses termos hoje em dia? No ponto de vista da socióloga brasileira, esses conceitos passaram a constituir uma espécie de:

[...] afirmação ritualista ou protocolar da exigência ética da cidadania, mas que apenas confunde política e bons sentimentos, embaralha as diferenças entre direito e ajuda humanitária, entre cidadania e filantropia, e reativa ou reatualiza o que Topalov (1994) define como “epistemologia da filantropia” que fragmenta a análise social na descrição cientificamente fundada de cada grupo social (as várias figuras dos “excluídos”) alvo de políticas focalizadas (Telles, 2004, p.82).

O desafio, por conseguinte, seria interrogar e explorar de um outro modo os mundos sociais das periferias, suspendendo os imaginários intelectuais vinculados às noções que uma e outra vez aparecem, como isolamento social, exclusão, anomia, desintegração social e que compõem uma gramática que termina, entre outras coisas, reativando a leitura “mais arcaica do social, como lugar de disfunções e patologias que reclamam a intervenção compensatória das políticas sociais sempre seletivas e sempre focalizadas” (Telles, 2010, p.68) nos excluídos, ou, para citar outra expressão da autora, os que seriam “pobres-de-tudo”.

O enorme desafio, conforme Telles, é pensar e construir novos parâmetros descritivos e analíticos que sejam capazes de dar conta e acompanhar o convulsionado universo das periferias pobres, explorar as múltiplas trajetórias nas quais os indivíduos e suas famílias perpassam espaços sociais diversos, atravessando várias fronteiras ao

ritmo de mobilidades urbanas, entendidas como práticas situadas em espaços e circuitos urbanos cotidianos, nas quais se articulam trabalho, moradia e serviços urbanos. Nesse caminho, poderíamos enxergar – se tivermos sorte – “a tessitura do mundo urbano, seus bloqueios, suas fraturas, pontos de tensão” (Telles, 2010, p.74), tarefa a partir da qual o trabalho de campo, entendido como uma metodologia que não procurar ser uma “demonstração” da teoria, mas uma experiência que modifica e afeta nosso estoque teórico, apresenta-se como estratégia de pesquisa produtiva que vale a pena explorar, assevera a autora.

Segura (2006, p.21) ainda discute o que podemos chamar de “vulgata” da exclusão social, isto é, a ideia da total separação ou isolamento dos espaços segregados, marginados e/ou estigmatizados das cidades. Conforme ele, e pensando nos resultados da pesquisa na periferia de La Plata, não se trataria somente de acompanhar as advertências que Wacquant expôs nos anos 90, em *Parias Urbanos* (2001), sobre a necessidade de reconhecer os vínculos causais e funcionais existentes entre as realidades macrosociais e os bairros segregados, se não deixar de pensar o “bairro” ou as “comunidades” como se fossem um âmbito quase autossuficiente: os indivíduos nas suas práticas cotidianas cruzam e contornam as fronteiras urbanas e simbólicas o tempo todo. Além disso, a própria categoria de fronteira nos força a pensar em termos sociais, históricos e, sobretudo, em tramas relacionais; portanto, deve-se explorar os pontos de separação e união, de bloqueios e aberturas.

Os grupos muitos empobrecidos de La Plata, estudados por Segura (2006), em suas vidas cotidianas circulavam fora do bairro para trabalhar, para gerir benefícios sociais, para adquirir bens e serviços e, outras poucas vezes, saíam também para procurar distração para seus filhos. Circulam e formam, portanto, tramas relacionais.

Contudo, atentar para os modos pelas quais as fronteiras são atravessadas não significa que elas sejam suprimidas ou que deixem de ser levantadas e construídas, separando com força, e muitas vezes, com violência, mundos diferentes; como também, sublinha Segura (2006), implica simplesmente celebrar suas ambiguidades e porosidades. Ao contrário, acrescenta o autor, temos que atentar que, quando, quem e para que são atravessadas e em quais direções, pois o espaço expressa e é expressão das relações de poder e das desiguais posições dos distintos atores associados em um espaço situado. Desse modo, poder-se-ia avançar no trabalho de enxergar os repertórios de movimentos e usos da cidade permitidos ou sancionados pelas convenções sociais tácitas existentes e, com efeito, indagar os modos a partir dos quais esses usos são mais ou menos contestados.

Será nesse caminho, aliás, que ideia de desencontro radical entre os setores sociais diferentes nas tramas da cidade perde força. Como discutia Segura na reunião de 2012 da ABA⁸², as relações entre os pobres da cidade e as elites não são simétricas; no

⁸² Mesa Redonda “Antropologia das periferias: transformações sócio-territoriais e conflitos nas margens do estado”. Coordenação Neiva Vieira da Cunha. Debate Luiz Antonio Machado da Silva; Ramiro Segura; Ga-

entanto, constituem mobilidades cotidianas que devem ser pesquisadas para, só então, serem descritas numa narrativa que necessariamente deve dar conta dos percursos precisos para reproduzir a vida. Desse modo, e para citar uma vez mais Telles (2010, p.83), concordamos que:

[...] as evidências empíricas que indicadores e cartografias nos entregam podem e devem ser entendidas como pontos de cristalização de práticas e processos, como pontos de condensação de tempos sociais e temporalidades urbanas, experiência social sedimentada e história incorporada (Bourdieu) que será preciso reativar para o deciframento dos sentidos e direções das evoluções recentes, das tensões e fricções que atravessam as realidades urbanas.

Para finalizar, é apropriado evidenciar o por que temos investidos estas últimas páginas defendendo a necessidade de desmontar aquela tríade entre pobreza – segregação – desintegração? Pois essa fórmula poderia ser uma dos modelos a escolher na hora de pensar nos episódios de violência coletiva pós-terremoto de 2010. De fato, não só para esse caso: a ocorrência de saques nos últimos anos em países tanto do sul (Buenos Aires, 2001) como do norte (França, 2005; Inglaterra, 2011), para alguns especialistas, parecem ser a consequência direta dos tantas vezes advertidos, perigos da guetização. O problema é que aquela escolha interpretativa, parece se transformar num tipo de senso comum que pode ser acionado a priori, sem considerar as sutilezas da tessitura da vida social. Essas questões serão abordadas no seguinte parte desta dissertação.

briel de Santis Feltran. 28º RBA. Desafios Antropológicos Contemporâneos.

CAPÍTULO III

VIOLÊNCIA COLETIVA E INSEGURANÇA EM UMA CIDADE TELÚRICA: DESLOCANDO E REALOCANDO OS SAQUES PÓS-27F

1. NEOLIBERALISMO + CIDADE SEGREGADA + CONSUMISMO = SAQUES PÓS-27F?

No ano de 2012, foi defendida na Universidade de Bologna a dissertação, *Una catastrofe neoliberale: sociologia dei disastri e la ricostruzione post-terremoto maremoto del 27/2 in Cile*, do sociólogo italiano Davide Olori, na qual uma das questões estudadas foram os diversos saques registrados em Concepción, logo depois do terremoto. Pode afirmar-se que, esse trabalho constitui um exercício que reproduz a tríade “pobreza, segregação e desintegração”, a qual discutimos anteriormente, no caso específico do cenário pós-terremoto no Chile. O trabalho de Olori permitir-nos-ia, portanto, examinar o modo pelo qual esses parâmetros descritivos podem ser acionados para tentar descrever e explicar o ocorrido em Concepción. Nessa medida, analisaremos os argumentos centrais desse estudo para, em seguida, debater algumas dessas preposições.

Em primeiro lugar, parece-nos apropriado destacar o que parece ser o grande mote das reflexões de Olori: através da análise dos saques e do posterior processo de reconstrução em cidades como Talca e Santiago, ele procura discutir a difundida imagem de sucesso que caracterizaria o Chile. Em seu entender, os saques são a expressão das nefastas consequências sociais da implementação do modelo neoliberal no Chile a partir da Ditadura de Pinochet; modelo, aliás, que têm sido aperfeiçoado nos posteriores governos democráticos, ora de esquerda, ora de direita. Segundo afirma Olori, as imagens de “descontrole” e “caos” que foram transmitidas ao mundo logo após o desastre surpreenderam a opinião pública geral, pois, esse tipo de situação – que, pouco tempo antes, havia circulado para narrar o ocorrido no Haiti, logo depois do terremoto de janeiro de 2010 –, vinha a contaminar a percepção da sociedade chilena, especialmente no exterior, em termos de ordem, estabilidade e êxito macroeconômico. De tal modo, as “desordens urbanas” ou a “anomalia coletiva” teriam desvendado a

“dupla natureza” do jaguar da América Latina⁸³, que, para além da imagem da ordem, se manifestaria “pronta a infringere il contratto sociale appena si allenti il dispositivo di controllo militare” (Olori, 2012a, p.11).

Para desenvolver a sua conjectura, o sociólogo italiano propõe explorar a incidência que tiveram, nos episódios de violência coletiva logo após o terremoto, as desigualdades socioeconômicas consolidadas pelo modelo neoliberal em relação aos altos níveis de isolamento social e polarização territorial que caracterizam os maiores conglomerados urbanos do país. Evocando as descrições de Sabatini e Katzman, que apresentamos anteriormente, Olori afirma que as periferias latino-americanas, que outrora se caracterizavam por apresentar forte grau de participação política e bons níveis de capital social e cultural, desde 1973, experimentam complexos processos de desintegração social, dinâmica essa que seria fundamental para entender o vivido no cenário pós-terremoto.

O autor vai fundamentar sua proposição com base no diagnóstico proposto, no fim dos anos 90, pelo sociólogo Tomás Moulian (1998) no ensaio *El consumo me consume*. Segundo Moulian, o nível de desintegração social no Chile pós-ditadura era maior quando comparado aos de tempos anteriores; o aumento do crime popular ou delito de colarinho branco, a difusão de drogas destrutivas como *crack* e a corrupção revelavam “una peligrosa generalización de conductas anómicas y una peligrosa desaparición de los controles morales, reguladores de las conductas públicas y privadas” (Moulian, 1998, p.47). A exacerbação da lógica individualista na sociedade de consumo será um elemento retomado por Olori, conforme consta em mimeo da apresentação, “Un terremoto neoliberal. Introducción a un estudio a los fenómenos sociales post-27F” para o seminário Test 27F em Santiago do Chile (Olori, 2012b).

De fato, segundo o sociólogo italiano, o megasismo teria atuado como um shock que atingiu a desagregada e desigual base social chilena, que se constrói com base no “individuo atomizado convertido en cliente endeudado” (Olori, 2012b, s/p.). Nesse sentido, a falta de organizações comunitárias, sindicatos, grupos de estudantes ou outras associações que pudessem substituir a coordenação estatal no ínterim da catástrofe, nesse momento em que o Estado e o Mercado pareciam ter abandonado Concepción, constituiriam mais uma prova dos processos de desagregação social que afetam o Chile contemporâneo. Portanto, deduce ele, “Después del 27F, caído el Estado y el Mercado, se ha manifestado el vacío social” (Olori, 2012b, s/p).

Nessa perspectiva, para explorar a violência que surgiu sob a forma de saques nesses tempos de “vazio social”, Olori vai se debruçar nas respostas dadas pelos excluídos da cidade: depois do terremoto as camadas marginalizadas teriam se expressado através da violência, em razão de um “rancor” acumulado por causa das disparidades na distribuição e acesso à saúde, educação e à própria cidade. Em seu entender, a supremacia da lógica neoliberal na gestão urbana teria contribuído na conformação de focos territoriais de anomia, onde habitaria uma “población alienada y atomizada,

⁸³ Termo que foi difundido nos anos 90 para comparar o país com os tigres da economia asiática.

frecuentemente endeudada y sin redes sociales” que cresceu nos limites da cidade, “como metástases tumoral” (Olori, 2012b, s/p). Dessa forma, por causa das injustiças reproduzidas e perpetuadas pelo modelo socioeconômico, os territórios empobrecidos das periferias constituiriam “contenedores listos para explotar”, que “al primer temblor (o marejada, erupción, huracán si no apagón o determinada huelga) no perderá ocasión de volver a destruir” (Olori, 2012b, s/p).

Para dar conta dessa predisposição à violência nas camadas populares o autor invoca a tipologia de adaptação individual, proposta por Robert K. Merton: da disjunção da estrutura social e da estrutura cultural, pautadas pela “ditadura do consumo” (Olori, 2012a, p.11), observar-se-ia uma desinstitucionalização dos meios, o qual promoveria o surgimento de condutas desviantes ou anômicas. Será precisamente esse bloqueio estrutural entre meios e fins, “l’humus sul quale cresce l’astio, il risentimento sociale” (Olori, 2012a, p.122).

Examinadas as análises de Olori, o primeiro ponto a se destacar é a inconveniência de caracterizar em termos tão negativos – usando, inclusive, metáforas cancerígenas – zonas da cidade onde mulheres, homens e crianças vivem seu dia a dia. Sem negar os problemas de violência, pobreza e desigualdade, que afetam seriamente importantes áreas dos principais centros urbanos do Chile, estudos empíricos, como o realizado por Telles (2007) na periferia paulistana, destacam o inadequado, e mesmo inócuo, que é falar desse tipo de lugares como se fossem territórios onde reinariam apenas o caos social e a anomia; em especial, quando almejamos explorar a pulsação da vida na cidade. De modo paradoxal, como alerta Telles, a ideia de vazio que a expressão exclusão social sugere pode induzir a acreditar na existência de vazio social, questão difícil de justificar empírica ou teoricamente.

Em segundo lugar, parece-nos que o autor, seduzido com a ideia da marginalidade e atomização social, não toma as providências necessárias para evitar correr o risco de terminar descrevendo aquelas áreas da cidade, como se fossem zonas onde habitam apenas um tipo muito particular de população, aquela atomizada e alienada pelo consumismo. Atentamos para esses pontos especialmente porque, ao que parece, o objetivo do autor seria denunciar as injustiças vividas pelos grupos subalternos.

Ainda analisando o trabalho do sociólogo italiano, pode-se discutir o uso da expressão “caos social”, especialmente quando se trata de tentar examinar episódios de violência coletiva, questão que, como veremos adiante, os especialistas nesse tipo de evento têm se esforçado, há muito tempo, em desmontar. Nesse sentido, vale lembrar um perspicaz comentário de Norbert Elias sobre Robert K. Merton. Segundo o sociólogo alemão, Merton apresenta, em certo ponto de seu trabalho, os conceitos de anomia e estrutura social como se fossem fenômenos antitéticos, pólos opostos de um *continuum*. Disso, entende-se que a anomia dominaria onde falta estrutura social, possibilitando uma espécie de “caos cultural” (palavras do próprio Merton), em que a

previsibilidade e regularidade do comportamento social ficariam minimizadas. A esse mal-entendido, Elias responde que:

[...] ‘estrutura social’ é identificada com um tipo de ordem social que o observador aprova, com uma ‘boa ordem’. Daí a ‘anomia’, considerada indesejável e incompatível com a ‘boa ordem’, afigurar-se também incompatível com a ‘estrutura social’. A ‘boa ordem’ é vista como uma ordem em que o comportamento social é bem regulado. A identificação da estrutura social com uma ‘boa ordem social’, por conseguinte, leva à suposição de que as regularidades do comportamento social diminuem quando a ‘estrutura social’, no sentido de uma ordem ‘boa’ e ‘bem regulada’ cede lugar à ‘má ordem’ da anomia (Elias, 2000, p.191).

Segundo Elias, a confusão entre o conceito sociológico de “ordem social” e o que se considera “boa ordem social” na vida cotidiana é um exemplo no qual se imiscuem juízos de valor heterônomos alheios ao problema estudado nos diagnósticos sociológicos; porém, de acordo com ele, até as formas de integração mais frouxas, presentes nas minorias catalogadas de “desordeiras”, exibem certo grau de regularidade e previsibilidade do comportamento social; sendo assim, Elias afirma que a teoria sociológica: “só poderá ser reconhecida como uma disciplina científica se ficar claro que não existe caos em sentido absoluto” (Elias, 2000, p. 192).

Ao contrário das advertências de Elias, ao acompanhar as descrições de Olori observamos os diversos usos de expressões como “caos social” e “pseudo guerra hobbesiana” (2012b), as quais, destaca o italiano, não seriam as consequências naturais da ausência do Estado e Mercado nos dias seguintes ao terremoto, senão o resultado das dinâmicas sociais e culturais que têm sido impostas desde 1973. Ou seja, o autor defende que o modelo neoliberal teria criado um sujeito preocupado só consigo mesmo e com sua família, altamente individualista, atomizado e desintegrado. Portanto, ao que parece, para Olori já não se trata de pensar que a natureza humana é intrinsecamente cruel e egoísta, pautada pela competição e desconfiança – como se depreende da leitura vulgar do Hobbes –, senão que essas características afloram em certos grupos da sociedade alienados por efeito da ideologia do consumismo. Assim, em tempos de neoliberalismo, a máxima *homo homini lupus* volta a valer, porém, numa outra chave.

Para aprofundar esse debate, é pertinente trazer algumas das reflexões que a antropóloga norte-americana Clara Han sistematizara a partir de seu trabalho etnográfico realizado em La Pincoya, uma das poblaciones mais emblemáticas de Santiago. Em seu livro *Life in Debt: Times of care and violence in neoliberal Chile* (2012), Han debruça-se sobre as interpretações a respeito do individualismo, do consumismo e dos efeitos negativos da expansão do crédito no mundo popular, oferecendo um contraponto analítico, construído a partir da observação das práticas cotidianas de consumo, que são entendidos como gestos de cuidado (*care*) dos/com os outros, em famílias que vivem em bairros onde as formas de trabalho instáveis, o endividamento, a violência

intrafamiliar e o padecimento de determinadas doenças, como a depressão e a dependência à *pasta base*, fazem parte do dia a dia⁸⁴.

Entre as representações correntes sobre o consumo popular, Han chama a atenção para as imagens e estereótipos seduzidos pelos diagnósticos que o sociólogo Lööc Wacquant propôs, nos anos 90, para descrever as *banlieues* francesas e os hiperguetos norte-americanos, e que foram logo transpostos para se referir, aqui e alhures, aos bairros desfavorecidos. Nomeadamente, a autora sublinha como parte importante das descrições da marginalidade avançada se articulam baseadas em uma quebra entre o passado e o presente para representar o passado, distinguindo, por um lado, a *oekumene* coletiva de tempos anteriores e, por outro, os atuais “territórios de perda”, nos quais os marginalizados se veriam relegados a estratégias informais e individuais de auto-aprovisionamento.

No caso do Chile, essa dicotomia temporal pode ser identificada em certas leituras que distinguem o mundo das *poblaciones* antes da Ditadura de Pinochet, os tempos de *tomas de terreno*, espaços de potente organização social, cultural e política, *versus* os tempos atuais, quando os bairros pobres homogêneos exibiam níveis preocupantes de desintegração e anomia⁸⁵.

Esse assunto é discutido por Han no breve, mas instigante, artigo “Earthquake in Chile. Poverty and social diagnoses” (2010), no qual explora as formas pelas quais foram representados os setores populares ao discutirem os multitudinários saques pós-terremoto. Nesses debates, a abstração bipolar que distingue, de um lado, o passado solidário pré-ditadura, e de outro, o presente neoliberal puramente individualista e consumista, adquiriu força. Pode-se afirmar, indica Han, que os pobres da cidade, em certos casos, foram representados como uma massa homogênea que exemplificaria o

⁸⁴ Han (2012) trabalha os conceitos cunhados nos governos da Concertación de “dívida social” com os grupos mais pobres afetados pela liberalização da economia, e “dívida moral” por causa das violações aos direitos humanos na Ditadura que se concentraram em *poblaciones* como La Pincoya. Disso resulta, segundo ela, que nesses governos aumentaram os programas focalizados na pobreza assim como programas de saúde mental para atender as famílias das camadas baixas.

⁸⁵ É importante indicar que o próprio Wacquant, em *Parias Urbanos* (2001), advertia que o hiper-gueto não “padece” de “desorganização social”, conceito moralizante que deveria já ser eliminado do repertório das ciências sociais por sua inutilidade; ao contrário, estaríamos frente a formas diferentes de organização, como Edwin Sutherland, nos anos 1940, recomendara. Nesse sentido, note-se que Olori justifica a utilização do conceito de desorganização social por causa do contexto específico em que aconteceram os saques: ao se tratar de fenômenos que ocorreram de forma súbita e espontânea logo após um terremoto, o fator organizacional, afirma ele, pode ser descartado; questão que, como iremos ver, os dados empíricos nos permitem, pelo menos, relativizar.

efeito da frustração e ressentimento da sociedade com o modelo neoliberal, entendendo a sociedade como um corpo unificado que demanda lealdade social.

A lealdade dos excluídos à sociedade foi uma questão que preocupou a vários nesses dias, como se observa na seguinte declaração, feita por um professor de direito trabalhista, em um blogger de um importante jornal:

Es que pedir a tanto chileno que recibe el sueldo el mínimo, que no tiene mayores derechos laborales ni quienes lo representen – en Chile los sindicatos no existen –; que no tienen ni salud ni educación pública de calidad, que de súbito muestre lealtad y compromiso – y no sólo miedo a la cárcel – con un modelo que los excluye – respetando el sagrado derecho de propiedad –, es simplemente una ingenuidad que el terremoto ha hecho caer como la cúpula de la Divina Providencia⁸⁶.

Parece-me relevante observar que, sob essas considerações, como a de não ter sido sanada a “doença” da sociedade chilena – altos níveis exclusão e desigualdade social –, parece certo que novas violências estourarão. Destarte, é interessante analisar outra declaração, desta vez de uma especialista no Chile em segurança cidadã:

Pero lo que se generó en Concepción va mucho más allá por que demostró la fragilidad del orden y la paz pública, evidenció las profundas *fracturas sociales* que nos rodean y materializó la violencia como método reconocido para resolver todo tipo de conflictos... ¿Qué nos está pasando? Esta es la pregunta que invadió a millones de chilenos que vimos por televisión una seguidilla de *hechos impensables en medio de una tragedia humana* que no se logra resolver. Lamentablemente, hace mucho que se está haciendo hincapié en el *malestar social* que nos invadía calladamente y que *explotó* en los últimos días. El bicentenario nos encuentra con un *país fracturado*, dividido socialmente, con población que se *siente excluida* y actúa en consecuencia, con falta de valores de comunidad, colaboración y respeto en muchos sectores de la población⁸⁷.

Para entender parte das representações que circularam sobre os saques, faz-se pertinente notar como, no caso das revoltas urbanas que aconteceram em 2005 nos subúrbios de Paris, Slavoj Žižek (2009) advertia que, perante à tentativa hermenêutica de revelar o sentido profundo trás as expressões de violência, os liberais de esquerda rapidamente se aferraram aos mantras dos programas sociais esquecidos e nos esforços que ainda deviam se articular para avançar na integração dos jovens franceses, filhos de migrantes, privados de qualquer perspectiva econômica e social. Para esses intérpretes,

⁸⁶ Ugarte, José. “Nuestros bárbaros”. Jornal online *El Mostrador*, 3 de março de 2010.

⁸⁷ Dammert, Lucía. “El terremoto social en Chile”. Blog jornal *La Tercera*, 02 de março de 2010.

as explosões de violência nas *banlieues* foram a única forma que lhes restava de expressar sua insatisfação e profundo descontento.

Contudo, essa questão já tinha sido parte das preocupações do governo francês há vários anos: segundo o antropólogo Didier Fassin (2012), ante a constatação que o desemprego não era uma anomalia momentânea, em 1995, os discursos do candidato presidencial Jacques Chirac se articularam, em grande parte, ao redor da metáfora “fratura social”. No seu governo, sob a coordenação de especialistas das ciências sociais e da psiquiatria, se inaugurou um ministério da integração social com o intuito de intervir nos bairros dos jovens desempregados, carentes de referências, expostos ao crime, à violência, onde aumentava o medo e a falta de confiança.

A “nova questão social” francesa, aponta Fassin (2012), passou a se expressar, nesses anos, em termos de “nova pobreza” e “violência urbana”, fenômenos que se referiam a zonas e indivíduos específicos (o jovem de origem migrante que morava nas *banlieues*) e que foram enfrentados através de intervenções que procuravam promover a integração laboral e a melhoria dos projetos de moradia social. Desse modo, grande parte das políticas públicas nos anos 1990 na França foram articuladas em termos de “reparação”, reconhecendo os excluídos como vítimas da violência estrutural:

The idea that social conditions such as poverty, exclusion, marginalization and even social position, in the sense of the gap between expectation and reality, tensions between goals and limitations, should be sources of frustration, humiliation, distress, or torment has become familiar – in short, natural – for us (Fassin, 2012, p.41).

O ponto destacado por Fassin é como essas interpretações de compaixão ante o sofrimento social dos marginalizados e excluídos nutrem, ao mesmo tempo, um repertório descritivo vinculado com questões da ordem pública e segurança. Com efeito, o poder performativo das políticas enfocadas na promoção da inserção social desses grupos e bairros pobres contribuiu, em grande parte, para perpetuar a associação entre pobreza e crime, entre excluídos e classes perigosas, vinculações já presentes na questão social do século XIX. Para Didier, essas ambivalências, tensões e transitividades permitem, em parte, entender porque, nos distúrbios de 2005, Sarkozy declarou Estado de Exceção; é um momento que ajuda a explorar a “economia moral” da Europa contemporânea, e atender uma certa oscilação entre políticas da compaixão e políticas de controle (Fassin, 2005).

1.1. POBREZA + FRUSTRAÇÃO = VIOLÊNCIA POPULAR?

No tocante àquela visão naturalizada segundo a qual os sentimentos de frustração e humilhação nasceriam da brecha existente entre as expectativas e a realidade, entre bens e limitações, é interessante aqui retomar as discussões acerca da tese

da frustração-agressão que alcançou grande difusão no íterim dos distúrbios civis nos guetos norte-americanos entre 1964 e 1969 (Quarantelli e Dynes, 1970). No caso específico dos saques, os episódios de violência foram entendidos, no geral, como a expressão de uma agressão focalizada a objetos, e que estourou como o resultado de frustrações acumuladas. A referência a bairros anômicos e a existência de uma população alienada foram comuns na época dos distúrbios norte-americanos:

[...] use two closely related notions frequently associated with mass societies, i.e., alienation and anomie. Thus, one very recent study applies the concept of alienation concretely in analyzing the behavior of participants in civil disturbances; alienation is treated as perceived isolation from larger society giving such persons a feeling of being unable to control events in their world, and consequently increasing their readiness to engage in extreme behavior. If this valid, presumably looting would most likely be undertaken by the most alienated of ghetto dwellers. Other writers talk of the social isolation of ghetto inhabitants instead of their alienation or anomic neighborhoods, but the logic appears to be the same (Quarantelli e Dynes, 1970, p.170).

Sob essa perspectiva, os distúrbios foram consequência de processos socializados superficiais, incompletos ou falidos. Os autores buscavam verificar essas hipóteses com base em dados empíricos e propunham relativizar preconceitos muito difundidos sobre quem seriam os saqueadores nesse ciclo. Com base nos registros policiais, observaram que os participantes eram residentes de longa data do bairro, casados e trabalhadores, e não sujeitos alienados, totalmente isolados ou migrantes recentes. Além disso, Quarantelli e Dynes se perguntavam: será que os negros dos guetos no momento dos distúrbios estavam mais frustrados que em tempos quando não se registraram saques? De certo modo, o intuito era questionar axiomas muito populares nesse momento de pensar na violência coletiva em bairros pobres negros: “Given the opportunity, the animal in man comes forth. Given enough stress, the frustrated creature strikes out. Given a feeling of isolation and powerlessness, extreme violent actions are undertaken” (Quarantelli e Dynes, 1970, p.170).

A teoria da frustração-agressão também se fez presente na tentativa de explicar o que Salazar (2006) chamara de ciclo violência política popular nos anos 80, no Chile. Como vimos sucintamente no primeiro capítulo, entre os anos 1983 e 1988, registraram-se múltiplas formas de ação popular direta sob o propósito do retorno da democracia: “La dictadura se vio acosada por todos: por las palomas de la paz y las canciones de prisioneros, tanto como por las metralletas y bombas de los grupos extremistas” (Salazar, 2006, p.286).

Esses episódios de violência de marcado caráter popular, atraíram a atenção dos cientistas sociais no Chile que tentavam avaliar o lugar dessas expressões no processo de transição democrática, cujo ponto crucial foi o Plebiscito Nacional de Chile em

1988⁸⁸ (Valenzuela, 1984; Bastías e Benavides, 1986; Weinstein, 1989; Tironi, 1986; Tironi, 1990; Espinoza, 1993).

Acerca do período 1983-1984, o sociólogo José Weinstein sublinhava a massiva participação de jovens “subproletarios” nos protestos que exibiam uma série de ações “netamente ilegales y de carácter violento”, nomeadamente: “Barricadas, asaltos al comercio establecido, enfrentamientos en las calles, destrucción de ciertos símbolos del orden, incendios de locales del gobierno, pedradas contra los buses” (Weinstein, 1989, p.4).

A respeito disso, o sociólogo Eugenio Tironi indicava que o novo fantasma que percorria, nesses anos, várias cidades latino-americanas, entre elas, São Paulo, Rio de Janeiro e Caracas já não era a imagem da classe trabalhadora e das lutas operárias, mas, antes, as massas urbanas *marginales*, empobrecidas pela crise econômica que atingiu à região:

Casi no hay metrópoli Latinoamericana que en los últimos años no se haya enfrentado a estallidos de violencia del mismo tipo. Tanto en la opinión pública como en las élites, esto no ha hecho más que reforzar la representación de los marginales urbanos (los *favelados* de Brasil, los *pueblos jóvenes* de Perú, los *pobladores* de Chile) como un foco latente de violencia (Tironi, 1990, p.179).

No caso do Chile, os multifacetados episódios de protestos inspiraram diferentes interpretações, atribuindo-se à violência coletiva popular ora uma capacidade de emancipação, ora uma ameaça contra a ordem e paz social. Assim, por exemplo, para a teologia da libertação os pobres reuniam os atributos éticos necessários para uma missão renovadora. Por sua vez, o Partido Comunista, comumente contrário ao potencial revolucionário do *lumpem-proletariado*, nesses anos começou a mudar de opinião: o novo agente revolucionário já não era exclusivamente o trabalhador das fábricas e sindicatos, senão que os *pobladores* nas ruas e barricadas.

Contudo, nas duas perspectivas, Tironi (1990) identifica a vigência da representação social acerca da violência conforme a qual a situação de carestia estimularia uma atitude de frustração que incitaria a predisposição ao comportamento violento nos grupos marginalizados. O sociólogo vai discutir esse modelo explicativo, invocando pesquisas que demonstravam que o radicalismo de certos grupos de *pobladores* resultava – conforme havia concluído Alejandro Portes – de formas de socialização política, da inserção laboral e de sua exposição a sindicatos e partidos de esquerda, e não de fatores emocionais como a frustração. Entre os múltiplos grupos que formavam o mundo dos *pobladores*, predominava o desejo de resistir à marginalização; lograr uma mobilidade social através da educação; pouca disposição à ruptura da ordem social e a formas não institucionais de pressão; forte preferência por métodos políticos e

⁸⁸ A pergunta do plebiscito interrogava pela continuidade de Pinochet no poder até 1997. As opções eram: “Si” ou “No”, ganhando a segunda opção com o 54%.

reformistas, rejeitando medidas violentas e radicais. Portanto, com essas descobertas, Tironi questionava a associação simplista entre pobreza e violência e a representação dos marginais como um grupo violento *per se*⁸⁹.

Para alguns, as mobilizações dos *pobladores* constituíam uma “rebelión anómica de los jóvenes” caracterizada por sua “inorganicidad” (Valenzuela, 1984, p.112). A agressividade das manifestações foi interpretada como uma violência desestruturada contra a ordem social, não só contra o Estado Ditatorial, mas contra o conjunto das instituições sociais e, portanto, constituíam uma ameaça à integração social que devia se recompor para retornar à democracia.

Segundo Tironi, figura de grande importância no projeto da transição, a Ditadura de Pinochet tinha fomentado uma atitude iconoclasta contra a simbologia do período anterior (que romanticamente Tironi chama aqui de *ancienne regime*) oferecendo como substituto: “la libertad individual entendida como acceso a mercados abiertos; el placer del consumo, tomando como instrumento diferenciador y gratificador; la movilidad social como desafío individual” (1990, p.25). Os indivíduos, sob este novo sistema de valores, teriam caído numa atitude de apatia e conformismo individual, quebrada só temporalmente por breves períodos de mobilizações das massas. Assim sendo, a “agitación de los pobladores” achava-se muito longe desse ator social popular que o Chile conheceu *no pasado*, “aquele dueño de un proyecto histórico identificado con el Estado, la industria y la democracia, internamente cohesionado en torno a los trabajadores, que actuaba – en fin – a plena luz del día” (Tironi, 1986, p.31). Acompanhando os diagnósticos de Alain Touraine, de grande influência nesse período na sociologia chilena, as revoltas dos pobres urbanos por causa do aumento da sua marginalização teriam sido, antes, um antimovimento social, que dizer, mobilizações de massas sem ação organizada e sem orientação racional para alcançar objetivos comuns (Tironi, 1990).

Desde outro ponto de vista, Nunes e Jacobi (1984) apontavam, para o caso de Rio de Janeiro e São Paulo, como os protestos ilegais e violentos – entre eles, a onda de saques, nas periferias, a estabelecimentos comerciais, escolas e creches, na busca por alimentos, registrada em 1983 – davam conta da falta de canais válidos, nas instituições existentes, para expressão das massas populares marginalizadas, seus anseios e reivindicações de atendimento às suas necessidades, onde a violência restava como o

⁸⁹ Vale ressaltar que, como nos lembrou Gonzalo Cáceres, Tironi em *Los silencios de la revolución*, livro escrito numa linguagem simples publicado em 1988, enfatizava como a violência dos jovens das *poblaciones* criadas com as *erradicaciones* da Ditadura (que descreve em termos de “*far west*” e “*apartheid*”), constituíam uma ameaça real e urgente. Seria míope, apontava, considerar esses episódios como a expressão da frustração própria da juventude que naturalmente iria a desaparecer. Para expor sua ideia, o autor interrogava ao leitor pelas diferenças entre esses jovens *pobladores*, com os jovens que formavam parte do Sendero Luminoso, sendo tal vez a origem de um “otro sendero” no caminho da legitimação da violência.

único meio de participação. De tal forma, os saques foram interpretados pelos autores como uma forma de expressar a legitimidade universal da luta pela sobrevivência⁹⁰.

Analisado a produção acadêmica chilena sobre os protestos populares daqueles anos, Vicente Espinoza (1994, p.21) ressalta:

El conflicto planteado por los pobladores, antes que expresión de un orden social en gestación, era interpretado como muestra de la desintegración que vivía la sociedad chilena, cuando no directamente como anomia (Valenzuela, 1984). Los pobladores y sus movilizaciones se convertían así en una amenaza para una sociedad integrada, que sólo podría conjurarse plenamente con el advenimiento de la democracia (Tironi, 1990).

O historiador Gabriel Salazar com base a seu estudo sistemático sobre a violência popular em diferentes períodos do Chile (2006), indicava que aquelas interpretações no fim dos anos 80, compreendiam-na como um elemento inerente das massas populares, e por conseguinte, o movimento popular não existiria senão como anti-movimento. Vale a pena frisar que, segundo esse autor, o movimento político popular desse período podia, de fato, constituir um subproduto antitético do sistema liberal ao apresentar graves déficit de teoria política (o que era em grande parte responsabilidade do mundo intelectual para Salazar), questão que podia transformá-lo em uma ameaça irracional para o equilíbrio liberal do sistema inaugurado em 1980. Porém, seria um erro, destaca, concluir que o movimento popular em si e por si mesmo constituía um perigo constante de “desintegração social”, visto que os episódios de violência política popular admitiam princípios sociais alternativos e, eventualmente, superiores para a reintegração e redemocratização da sociedade chilena dos anos 80.

1.2. O CONSUMISMO NO CHILE PÓS-DITATORIAL

Voltando aos depoimentos de Clara Han (2010), os saques pós-terremoto difundiram uma série de diagnósticos sobre o país; assim, se para o ex-general do exército Juan Emilio Cheyre os saques expressaram a “doença” da sociedade chilena – como vimos no primeiro capítulo –, certos intelectuais como Baeza (2010) não duvidaram em divulgar sua própria avaliação: os saques resultaram do predomínio da cultura do

⁹⁰ É interessante notar a escassez de pesquisas sobre esse ciclo de violência coletiva popular. As exceções constituem os comentários de Suely Rolnik, em *Micropolítica. Cartografias del deseo*, publicado junto a Félix Guattari, que advertia o potencial disruptor dos quebras-quebras e saques, quando os objetos coletados às vezes nem eram comida ou itens para o consumo, senão ações realizadas “só por el sabor de desinvestir el código dominante que proporcionaba el acceso gratuito a los objetos” (1986, p.79). Acrescentava que na confusão do quebra-quebra, o que parecia se quebrar era o modo de produção da subjetividade que caracteriza as sociedades contemporâneas. Esses episódios de violência urbana também chamaram a atenção de Peter Burke (1985), que num breve, mas interessante, artigo chamado *Urban Violence and Civilization*, coloca vários elementos que iremos a evocar mais a frente.

consumismo e individualismo. De tal modo, os excluídos do sistema neoliberal engrossariam as fileiras de consumidores frustrados e endividados que, ante situações de crise institucional, como a vivida logo depois do terremoto, quando a gestão do desastre foi em si um próprio desastre – para citar a Didier Fassin (2005) –, não hesitarão em expressar seu ressentimento e raiva⁹¹.

Como vimos, a notável expansão do crédito e da aquisição de bens de consumo têm sido interpretadas como uma força desorganizadora que promove a fragmentação dos laços sociais, na medida em que a lógica do mercado se estende a todos os campos da vida social. Segundo Moulian (1997, p.102-103), o mercado chegou a substituir as noções convencionais de comunidade e afiliação política e passou a se constituir no aparato de integração social. Nesses cenários, nasce o “ciudadano credit-card”, sujeito que “alienado por la ilusión individualista del consumo es difícil que redescubra el camino perdido de la asociatividad”⁹².

As reflexões de Moulian voltaram à vida logo após os episódios do terremoto de 2010 “el ‘consumo se consumió’ a los habitantes de Concepción” – indicava a historiadora Verónica Valdivia (2010, p.152) no seu ensaio *Barbarie en la civilización: el terremoto del Bicentenario*. Para ela, entre as diversas motivações que levaram aos “consumidores cidadãos” a participar nos saques, como o desespero pela perda dos bens materiais pelo terremoto e o espírito de lucro de quem roubava para logo revender, destacava-se o desejo de consumo próprio de uma cultura que valoriza o bem-estar material em detrimento dos valores sociais, questão própria do sistema neoliberal e materialista imperante.

No mesmo ano da catástrofe, Manuel Baeza, diretor do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Concepción, publicou um ensaio intitulado *Carnaval perverso: Terremoto + tsunami y saqueos en el Chile de 2010*, no qual tentava identificar parte dos elementos contextuais que teriam possibilitado o acontecimento dos saques, “oportunidad de aprovechamiento sin duda amoral” (Baeza, 2010, p.56). Entre eles, destacava o avanço correlativo do sucesso material em detrimento de valores sociais fundamentais como a solidariedade; a privatização da existência que promove formas narcisistas e individualistas; o consumismo exacerbado – fatores que, somados ao crescente descrédito na política e instituições, compõem um quadro de

⁹¹ Em termos parecidos, Zigmunt Bauman referiu-se acerca das revoltas registradas em diversos pontos de Inglaterra no ano 2011: esses episódios não foram uma rebelião ou um levante dos famintos, dos pobres ou dos oprimidos por motivos étnicos ou religiosos; mas antes “a mutiny of defective and disqualified consumers, people offended and humiliated by the display of riches to which they had been denied access [...] a revolt of frustrated consumers”. Entrevista disponível em: <http://www.social-europe.eu/2011/08/interview-zygmunt-bauman-on-the-uk-riots/>

⁹² “El placer actual es el paseo por el mall, donde muchas familias viven la emoción de poder realizar voyerísticamente, sin consumarlos, sus deseos mercantiles. La aspiración de un microondas, o de una mejor estufa, se consume, se realiza por la vista. Pero para muchas otras familias la felicidad consiste en constatar que no es necesaria la postergación de sus deseos. Pese a la medianía del salario, la fiesta de los objetos está al alcance de la mano, incluso para quien es un ciudadano D [clase baixa]. Esa es la capacidad integradora del dispositivo crediticio” (Moulian, 1997, p.109).

fragmentação e atomização social, em que o mercado, citando a Moulian, constituiria o mecanismo de integração.

Esses elementos contextuais, adicionados à “falha estrutural” do Estado na hora de enfrentar a emergência do terremoto e tsunami (por exemplo, por sua demora em decretar estado de sítio), junto à “amnésia social” sobre a qual a sociedade chilena se construiria (desvalorização da “memória social” sobre os cataclismos), explicariam, no seu entender, o mal chamado “terremoto anômico”. Com efeito, Baeza adverte os cuidados de tomar o termo anomia para descrever o vivido em Concepción, pois o conceito foi cunhado para explorar situações nas quais as regras sociais continuavam presentes, com diferenças, portanto, no que foi vivido no pós-terremoto, de modo que resolve falar de “terremoto anômico *sui generis*”:

A saber, un cuadro bastante generalizado de comportamientos individuales y colectivos en ausencia de mecanismos restrictivos (la presencia de la autoridad y la ley) y también auto-restrictivos habituales (el temor al peso de la autoridad y de la ley), en ausencia de normas sociales de convivencia pacífica y de códigos morales-éticos no menos habituales (Baeza, 2010, p.65).

Não obstante, o autor propõe, em seguida, a pertinência de utilizar o conceito de carnaval, posto que o observado foi mais uma suspensão das regras, um “parêntesis absolutamente perverso”, logo após o qual a cidade voltou à normalidade e a sociedade civil passou a reagir de modo saudável, reposicionando valores que ajudaram a enfrentar o cenário da catástrofe, como a solidariedade entre vizinhos, a cooperação voluntárias e a amizade cívica, mas sempre, sob a base das correspondentes distâncias sociais com os mais estigmatizados. Com efeito, a ideia de carnaval me parece produtiva para caracterizar certas dinâmicas que se evidenciaram no cenário pós-terremoto, como churrascos coletivos feitos com as mercadorias tomadas de supermercados, as dimensões de recreação e o uso de fantasias militares por parte de alguns vizinhos na hora de realizar as tarefas de autodefesa nos bairros – só para exemplificar alguns fatos ocorridos.

O destaque dado ao consumismo como chave de análise fundamental por esses autores, em nosso entender, foi uma escolha para tentar dar conta do por que, no meio do desastre, homens e mulheres, ao contrário de se preocuparem com o resgate de pessoas presas nas ruínas ou de se preocuparem em organizar ações solidárias e coletivas (como se esperaria do chileno “estóico” no cenário dos terremotos), se dirigiram a diversos estabelecimentos comerciais para coletar bens que não eram de primeira necessidade. Assim, a imagem dos saqueadores correndo com televisores de LCD nos braços ou carrinhos de supermercados, se tornou a representação dos “cidadãos-consumistas”. Como asseverou Zizek, sobre os distúrbios na Inglaterra em 2011: “what we saw was

not men reduced to ‘beasts’, but the stripped-down form of the ‘beast’ produced by capitalist ideology”⁹³.

OS PRIMEIROS SAQUES EM SAN PEDRO DE LA PAZ

Segundo constatam as escassas pesquisas realizadas em Concepción, os saques começaram no mesmo dia do terremoto, poucas horas após o tremor, e foram aumentando sua intensidade, ao longo da jornada para, no domingo, se expandir a diferentes pontos da cidade. Na tarde da segunda-feira, 1 de março, com a chegada dos militares à cidade, começam a diminuir um pouco para só reaparecerem, de modo esporádico, na quarta-feira, 3 de março (Sanzana, 2010; Aninat et al., 2011). Vários dos entrevistados apontam que a primeira loja atacada em San Pedro de la Paz foi o supermercado Santa Isabel, localizado na avenida Michimalonco, conhecido como o centro da comuna, onde se localizam bancos, drogarias, postos de gasolina. Até aqui, Loreto e seu marido chegaram de carro, quase duas horas após do cataclismo, para comprar cigarros:

[...] como la muralla del Santa Isabel se cayó, entraron... y yo decía pucha [*puxa*], igual comida, ya... pero llevaban microondas, los hornos, todas las cosas por ejemplo, las cosas que tiene el Santa Isabel de electrodomésticos ¡se los llevaron todo! ¡se llevaron todo!

Conforme aos cálculos de Loreto, os primeiros grupos chegaram ali por volta das 04:30 horas, dado que, quando eles se aproximaram do estabelecimento, as pessoas já estavam saindo com produtos nas mãos ou nos próprios carinhos do supermercado.

[...] fue el primero ¿y sabes por qué? Porque en San Pedro hay gente... eh... de bajos recursos, media y alta... pero mucha gente que viene, no sé po’... de Boca Sur... era casi la mayoría de *esa gente*... yo creo que más de Candelaria, de Boca Sur... por ahí.

Luis, que trabalhava como segurança num dos bairros ricos da cidade e que morava em Boca Sur há mais de 15 anos, depois do terremoto fugiu de sua casa, junto com sua mulher e filho de 4 anos, por medo de um possível tsunami. Caminharam uma hora e meia na madrugada até chegar ao sector de Michimalonco, por volta das 7 da manhã quando recém começava a amanhecer. Ali, observaram, como Loreto, grupos de homens e mulheres saindo com os carrinhos cheios:

[...] iba un gallo [homem], sin mentirle, que iba con un carro lleno de pastas de dientes... yo creo que jamás se había lavado los dientes en su vida, pero iba ¡Llenito! ... y otros llevaban los carros llenos de trago [bebidas] con botellas ¡Amarradas del cogote [pescoço]! Aquí dos, por

⁹³ Zizek, Slavoj. *Shoplifters of the World Unite*, 19 agosto de 2011. Disponível em: <http://www.lrb.co.uk/2011/08/19/slavoj-zizek/shoplifters-of-the-world-unite>

aquí dos, en los lados y dos en cada mano y otras por aquí colgando... y no se veía ni un paco [policia], ninguno, ninguno, ninguno... cada uno no más entraba [ao supermercado]... sacaba lo que pillaba no ma'... a mí me daba una sensación así de un caos... cuando entré... !Era una laguna de puro trago botado! Todos sacando pa' tener que comer po'... como una competencia.

Loreto conseguiu os cigarros que procurava; uma mulher que havia recebido de terceiros, que ingressaram ao supermercado, vários pacotes de cigarro e lhes deu um de “presente”. De acordo com Loreto, eles queriam pagar, mas a mulher não aceitou. “Nadie te decía nada, o sea, era la ley de selva esa noche” – acrescenta. Depois disso, eles foram rapidamente embora do supermercado por sentir que os saqueadores podiam roubar seu carro: “era como película del Oeste”.

2. DA ESPINHOSA RELAÇÃO ENTRE MULTIDÃO E VIOLÊNCIA. ALGUNS PRE-SUPOSTOS TEÓRICOS

[...] o motim ou rebelião que cresce desde um início relativamente pequeno num mercado, numa taberna, numa padaria, num açougue ou na casa de vinho, ou foi “deflagrado” por uma palavra ao acaso ou por um ato de provocação e, graças a isso ou por outros meios, pôde assumir uma dimensão e um impulso que ninguém nem mesmo o mais experiente dos líderes poderia ter planejado ou esperado.

George Rudé, in *A multidão na história*

Antes de explorar com detalhe dois episódios de violência coletiva acontecidas no domingo, dia 28 de fevereiro de 2010, com base em testemunhos dos próprios donos dos estabelecimentos comerciais vitimizados, revisarei algumas questões provindas dos estudos da violência coletiva. Sem pretensões de exatidão, busco levantar alguns elementos que nos ajudarão a enxergar com maior pertinência aqueles relatos, e, também, a questionar algumas das interpretações revisadas aqui, anteriormente, sobre os saques pós-terremoto.

2.1. DA MULTIDÃO ESPASMÓDICA À MULTIDÃO COMO AGENTE MORAL

A grande questão dos estudos sobre a violência coletiva, segundo sublinhava o historiador Peter Burke (1995), em seu artigo sobre os quebras-quebras dos anos 80 em São Paulo, que emerge, invariavelmente, nas análises acerca do comportamento

violento da multidão é: a violência urbana é racional ou irracional – ou, nos termos da sociologia norte-americana –, é instrumental ou expressiva?

As interpretações tradicionais, que foram cunhadas entre o século XVI e XIX, inclinaram-se pela segunda opção, enfatizando o caráter intrinsecamente volúvel e irracional da turba ou da ralé. A obra mais significativa desse período, e que veio a ser o texto seminal da psicologia das massas, foi *La Psychologie des Foules*, de Gustave Le Bon, publicado em 1895, nele, o autor descrevia sua preocupação com o paulatino desaparecimento das antigas crenças da sociedade tradicional européia. Nesse panorama de mudanças, o único elemento que parecia continuar e cujo prestígio, inclusive aumentava, era o poder das multidões. As demandas políticas de sindicatos, assembléias e outras formas de organização coletiva davam conta dessas transformações ao procurar – conforme Le Bon – voltar àquele comunismo primitivo que caracterizou os tempos anteriores à chamada civilização.

De acordo com suas observações, a multidão caracterizava-se pela impulsividade, ausência de juízo, irracionalidade, falta de espírito crítico, exagero de sentimentos e irritabilidade, elementos característicos, aliás, do comportamento das crianças, mulheres e selvagens:

Moreover, by the mere fact that he forms part of an organized crowd, a man descends several rungs in the ladder of civilization. Isolated, he may be a cultivated individual; in a crowd, he is a barbarian – that is, a creature acting by instinct. He possesses the spontaneity, the violence, the ferocity, and also the enthusiasm and heroism of primitive beings, whom he further tends to resemble by the facility with which he allows himself to be impressed by words and images – which would be entirely without action on each of the isolated individuals composing the crowd – and to be induced to commit acts contrary to his most obvious interests and his best-known habits (Le Bon, 1996, s/p).

As preposições de Le Bon tiveram grande sucesso na sua época, quando, na Inglaterra e França, os observadores sociais preocupavam-se com as formas de desorganização social derivadas do processo de industrialização e urbanização, sendo a ordem pública um mote central nesse cenário, caracterizado pelos distúrbios, a pobreza e o crime. Segundo o antropólogo espanhol Manuel Delgado (1999), a cidade, para os pensadores do século XIX como Le Bon, de fato, vinha a ser o cenário onde se revelava a natureza histórica e criminal das multidões. O temor às revoltas irracionais, acrescenta, constitui – provavelmente – o medo mais antigo da cidade moderna, esses episódios terríveis nos quais os indivíduos careceriam de vontade e de controle pessoal dos

instintos primários, permitindo, um comportamento coletivo emotivo, instantâneo, extremo e altamente impressionável.

Esse caráter coletivo irracional foi abalizado por alguns de nossos entrevistados ao se referir a “los saqueadores” em ação através de metáforas zoomórficas como “estampida”, “desbande” e “cardumen”⁹⁴. Essas imagens, em que os homens saqueadores pareciam-se com aglomerações de animais, despontaram como recursos linguísticos apropriados para descrever e representar aos que desrespeitaram o princípio da propriedade privada logo após o terremoto:

[...] habían militares, pero habían como tres haciendo guardia, pero era tanta la gente ¡pero tanta! Todos esperando así... porque el Versluys tiene cerco, una reja, todos así y ¡tirándoles piedras a los milicos! Que abrieran la... o si no iban a echar la reja abajo... !Y echaron la reja abajo con un auto! La reja la botaron... esa parte no la vi, pero se veía que estaba botada... y... y de repente veo que entra así como... ¡Estampida! Una estampida de gente pero corriendo a las salas y nosotros entramos.

Para enquadrar esses episódios de violência coletiva, os consultados igualmente utilizaram-se expressões como “ley de la selva” e “lejano oeste”: quer dizer, articularam parte de seus relatos com base nesses dois cenários nos quais disputa-se o avanço da fronteira civilizatória: o mundo das feras e o mundo dos homens selvagens.

Voltando a Le Bon, outra característica central a atentar-se no comportamento das multidões referia-se às alucinações coletivas, comportamento no qual fatos improváveis são tidos como verossímeis. Nesse sentido, Freud em *Psicología de las masas y análisis del Yo*, comentando a obra de Le Bon e sua “brillante descripción del alma colectiva” (2013, p.13), acrescentava acerca do predomínio da vida imaginativa e da ilusão: “las multitudes no han conocido jamás la sed de la verdad. Piden ilusiones a las cuales no pueden renunciar. Dan siempre preferencia a lo irreal sobre lo real, y lo irreal actúa sobre ellas con la misma fuerza que lo real” (Freud, 2013, p.12). Nos anos 60 foi publicado *The Crowd in History: A Study of Popular Disturbances in France and England, 1730-1848*, do historiador George Rudé, obra que começa com o seguinte diagnóstico: provavelmente nenhum outro fenômeno histórico tenha sido mais ignorado pelos historiadores como a multidão, estando esse objeto em mãos de sociólogos e psicólogos. Esse cenário mudaria drasticamente com a obra de Rudé e com o trabalho de E. P. Thompson, que surgiu pouco depois, com investigações que tinham por intuito propor uma “história desde baixo”, e que vai dar um lugar privilegiado aos grupos

⁹⁴ Veja-se que, nos relatos coletados por Javier Auyero no caso de Argentina em 2001, emergiram as metáfora de “hormigas” e “manadas” para se referir à multidão saqueadora (Auyero, 2007, p.137).

frente a frente envolvidos em manifestações políticas, como “greves, motins, rebeliões, insurreições e revoluções” (Rudé, 1991, p.2).

Nesse quadro, os pressupostos de Le Bon, segundo os quais a multidão anônima constituía um aglomerado de indivíduos indesejáveis que se uniam às massas motivados pelos desejos de saque, lucro, bebida grátis e sangue, ou para satisfazer impulsos criminosos latentes, eram, segundo Rudé, enunciados proto-científicos que falavam mais dos preconceitos aristocráticos e raciais do autor que acerca dos fenômenos estudados. O grande esforço de Rudé, ao propor estudar as multidões em seus contextos históricos, é uma forma de contestar a ideia da turbamulta como o lócus por excelência de vadios e desajustados sociais, essa ralé social que pululava nos distritos urbanos perigosos. Essa tendência de aplicar rótulos amplos e avaliativos, transformando a multidão num fenômeno abstrato, sem rostos ou identidades, como se estivesse desligada de suas amarras sociais e históricas, observava-se também no extremo ideológico oposto: historiadores da Revolução Francesa, como Jules Michelet, desafiando todas as sutilezas sociológicas, dizia Rudé, identificavam como único agente revolucionário o louvado “povo”. Ambas perspectivas, sem importar seu viés político, “apresentam a multidão como uma abstração desmaterializada, e não como um conjunto de homens e mulheres de carne e osso” (Rudé, 1991, p.7).

OS ROSTOS DA MULTIDÃO “PENQUISTA”

A heterogênea composição social dos perpetradores foi invocada em várias oportunidades no processo de reconstrução das lembranças, sendo apresentada como se fosse uma mais prova de que o vivido no pós-terremoto foi uma experiência profundamente caótica – como um *sueño* ou uma *película* –, onde o esperado era uma exceção. Efetivamente, os saques em Concepción não foram perpetradas só pelos “suspeitosos de sempre” (os pobres, os *flaites*), mas, – inacreditavelmente para as testemunhas – até por profissionais de classe média e alta que chegaram em carros valiosos a coletar mercadoria. “Desde médicos hasta la gente de la pobla”. Assim, foi possível reconhecer a emergência de uma personagem muito particular e estreitamente vinculada a essa sensação de incredulidade que referíamos acima: o “médico-saqueador”, citado por quase todos os entrevistados e que alguns, inclusive, asseveravam conhecer em pessoa ou ser conhecido de um conhecido. Essa personagem, em nosso entendimento, constitui uma dessas figuras híbridas da quais fala o etnógrafo Javier Auyero (2007), nas quais o segundo componente do binômio (neste caso, saqueador) aponta a atividade inesperada que corrói o sentido do primeiro (médico), perturbando as avaliações dos observadores. Sobre isso, Luis, morador de Boca Sur perguntava-se: com que *necesidade* participaram esse tipo de pessoas ricas nos saques? E pior ainda: com que necessidade extraíra, esse médico presente nas memórias de todos, um televisor de plasma das lojas desprovidas de segurança? Como veremos, os critérios de inteligibilidade para diferenciar

entre saqueadores bons e ruins, além de se preocupar pelo tipo de objeto coletado, em certos casos, consideraram a classe social do perpetrador do saque.

No intuito de fugir daquelas duas imagens estereotipadas, a “ralé” e o “povo”, e desvendar a multidão como um “fenômeno histórico vivo e multifacetado” (Rudé, 1991, p.14), o historiador inglês sublinhava a necessidade de explorar quem participavam nos motins, atentando não só para sua composição social e ocupacional, mas também aos diversos motivos e crenças que levam homens e mulheres a tomar parte desses eventos. Além disso, para entender a natureza, o comportamento e os componentes da multidão em questão, devemos determinar como agiram, e, se houve, promotores, quem os liderava e quais eram os alvos e os repertórios da violência.

O trabalho de Rudé contribuiu ao campo de estudos preocupados com as multidões para além das imagens irracionais e explosivas, questão que veio a ser reforçada pelos célebres trabalhos do também historiador britânico, E. P. Thompson. No artigo publicado em 1973, “The moral economy of the english crowd in the eighteenth century”, através do estudo dos chamados “motins da fome” do século XVIII, indaga-se a respeito da tradição das revoltas (*mobs*) e as formas de justiça popular, desmontando, com base em dados empíricos, as imagens espasmódicas, assim como as explicações mecânicas sobre os motins populares:

O que talvez seja motivo de surpresa é o clima intelectual esquizóide, que permite a coexistência (nos mesmos lugares e às vezes nas mesmas inteligências) dessa historiografia quantitativa com uma antropologia social que deriva de Durkheim, Weber ou Malinowski. Sabemos tudo ao respeito do delicado tecido de normas e reciprocidades sociais que regula a vida dos ilhéus de Trobiand, e conhecemos as energias psíquicas envolvidas nos cultos das cargas na Melanésia; mas, em algum ponto, essa criatura social infinitamente complexa, o homem melanésio, torna-se (em nossas histórias) o mineiro de carvão da Inglaterra do século XVIII, que espasmodicamente bate a mão na barriga e reage a estímulos econômicos elementares (Thompson, 2002, p.152).

O historiador, ao contrário, propõe-se reinterpretar esses eventos como uma luta pragmática e eficiente, entendida como justa por seus executores, na medida em que garantiam à sociedade ameaçada pela fome, reparar os danos a ela infringidos, propondo, assim, uma noção legitimadora nas ações populares do século XVIII que vai se desenvolver através do conceito de “economia moral”. Em seu entender, os participantes dos distúrbios não estavam agindo só pela fome: estavam defendendo direitos e costumes tradicionais, luta que tinha apoio amplo da comunidade. De tal forma, os chamados motins da fome seriam uma forma altamente complexa de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros: “A ação central nesse padrão não é o saque dos celeiros, nem o furto de grãos e farinha, mas fixar o preço” (Thompson, 2002,

p.176). Porém, esses episódios, ao serem etiquetados como “motins”, termo canhestro, segundo o autor, eram reduzidos a uma resposta natural ou óbvia: “Não há dúvida de que os amotinados tinham fome, mas a fome não prescreve que eles devam se rebelar nem determina as formas da revolta” (Thompson, 2002, p.208).

Assim sendo, o fato que a farinha e cereais, por exemplo, fossem espalhados ao longo de estradas e das sebes, jogados no rio e que as máquinas fossem danificadas, não podem ser entendidos como a constatação “do estado de espírito ‘desvairado’ e perturbado de um povo com o cérebro inflamado pela fome”; ao contrário, é um elemento que ajuda a entender que os ataques não eram “para roubar alimentos, mas para punir aos proprietários” (Thompson, 2002, p.182).

Conforme Peter Burke (1995), Thompson, ao avançar na construção de uma crítica fundamentada acerca das visões espasmódicas da violência coletiva popular, estabelece uma interpretação histórica que definirá a multidão no seu sentido oposto, quer dizer, como um agente racional e moral. Seu apaixonado exame dos prejuízos, estereótipos e metáforas sobre as “turbas” muito comuns entre as classes médias e altas, constituiu um trabalho profícuo e de grande repercussão nos estudos sobre mobilizações. Porém, adverte Burke (1995, p.9), tomar o modelo proposto por Thompson para o caso específicos dos “motins da fome” inglês do século XVIII, para depois aplicá-lo a outros cenários de revoltas urbanas seria um despropósito: “Many of these riots were and some still are considerably less rational as well as a good deal more lethal than the attempts to enforce a just price which Thompson described and analyzed which such sympathy” – adverte o autor⁹⁵.

2.2. MECANISMOS E CAUSAS EM PEQUENA ESCALA

As inquietações metodológicas de Rudé e Thompson ecoaram no livro *The politics of collective violence* (2003) do sociólogo e historiador norte-americano Charles Tilly. O autor vai estabelecer uma série de advertências sobre o estudo da violência coletiva: em primeiro lugar, Tilly começa descartando aquelas visões que entendem a violência coletiva como expressão do impulso humano de infringir dano uns aos outros. Nesse sentido, adverte sobre a urgência de distinguir analiticamente entre episódios de violência coletiva e de tipo pessoal; a primeira, não pode ser entendida simplesmente como violência individual em maior escala, como argumentam certas interpretações

⁹⁵ É interessante observar o uso da obra de Thompson na pesquisa sobre os quebra-quebras de 1980, em São Paulo, de Cassiana Buso Ferreira (2009), *Representações de intolerância na imprensa escrita: saques e quebra-quebras em São Paulo*. Para examinar a aplicação do termo economia moral no caso da Semana Roja no Chile em 1905, ver: Orlove, B. “Meat and Strength: The moral economy of a Chilean food riot” *Cultural Anthropology* 12.2(1997): 234–268. Para uma revisão sobre o uso do conceito de “economia moral” na África e América Latina, ver: Siméant, J. (2011) “The concept of moral economy applied to riots and protest in poor-countries: how it helps and why it should be used with caution. The example of Mali”. General ECPR conference, Reykjavik, 26 agosto 2011, panel *Rioting and Insurrectionary Collective Action in Comparative Perspective: Conceptual and Theoretical Concerns*, 21 p.

behavioristas. Seguidamente, descarta as explicações que acreditam na hipótese que a violência aumenta ou decai como resultado da correlação direta de dois fatores: o controle social imposto sobre os motivos e as oportunidades socialmente criadas para expressar esses motivos.

Para deslocar as imagens caóticas que rotineiramente se associam à violência coletiva, Tilly vai colocar a seguinte questão como guia de sua pesquisa: é possível que acontecimentos tão díspares como massacres, vandalismos, golpes de estado e saques, apresentem causas a pequena escala e mecanismos similares? Sem ambicionar formular uma lei universal, o autor propõe um modo para pensar a violência que permita identificar aqueles mecanismos e processos em pequena escala, que, em combinações diversas, originam diferentes expressões de violência: “Were are looking for explanations of variability” (Tilly, 2003, p.20). De tal forma, ao longo do texto, o sociólogo explora casos de violência coletiva registrados tanto em regimes democráticos⁹⁶ como não democráticos com diferentes níveis de capacidade governamental⁹⁷ para identificar processos, mecanismos e possíveis explicações. Note-se como, desse modo, debate com o difundido preconceito de que a violência coletiva vem a ser característica própria de países em vias de desenvolvimento ou do chamado terceiro mundo.

A perspectiva para o estudo da violência coletiva defendida pelo autor confere centralidade aos motivos, incentivos, oportunidades e controles, debruçando-se nos processos interpessoais que promovem, inibem ou canalizam a violência coletiva e que a conectam com políticas não-violentas. Ora, a violência coletiva será definida por Tilly como interações sociais episódicas que: a) provocam dano físico contra pessoas e/ou objetos imediatos (incluindo a tomada pela força de pessoas ou objetos); b) que envolvem pelo menos dois perpetradores do dano e; c) que resultam, em parte, da coordenação entre as pessoas que realizam os atos danosos. A partir desses elementos, o autor confecciona um mapa bidimensional e uma tipologia da violência interpessoal com base em dois eixos: a relevância dos danos de curto prazo, e o grau de coordenação existente entre os atores violentos⁹⁸.

Nesse quadro, os saques se ajustam com o que o autor nomeia de “oportunismo”, quer dizer, quando indivíduos ou grupos de indivíduos usam meios danosos para obter objetivos que, em outras circunstâncias, estariam indisponíveis ou proibidos. Esse tipo de violência apresenta, segundo ele, níveis de médio a baixos de coordenação

⁹⁶ Tilly define democracia como “the extent to which members of the population under a government’s jurisdiction maintain broad and equal relations with governmental agents, exercise collective control over governmental personnel and resources, and enjoy protection from arbitrary action by government agents” (2003, p.41).

⁹⁷ Por *governmental capacity*, Tilly vai entender: “the extent to which governmental agents control resources, activities, and populations within the government’s territory” (2003, p.41).

⁹⁸ Identificando as seguintes categorias: *violent rituals; broken negotiations; coordinated destruction; scattered attacks; opportunism; brawls e individual aggressions* (Tilly, 2003, p.15).

entre os atores, mas altos graus de relevância de danos nas pessoas e/ou objetos atacados⁹⁹. Nesses casos de violência, aumenta a possibilidade de obter bens através de meios geralmente proibidos nos governos democráticos e não democráticos com alta capacidade governamental, isto é, que exercem forte controle dos recursos na sua jurisdição, garantindo o direito de propriedade das classes dominantes através da coerção. Daí que seja possível identificar a expressão desse tipo de conflitos em cenários de conflitos bélicos, revoluções ou desastres, quando a vigilância normal tende a colapsar¹⁰⁰.

Ao analisar diversos cenários de conflitos violentos, Tilly chama a atenção sobre a surpreendente proeminência da distinção “nós-eles” em qualquer cenário de violência coletiva. A ativação de fronteiras (*boundary activation*) será conceitualizada como um mecanismo relacional, ou seja, um mecanismo que muda as conexões entre as unidades sociais:

It consist in the shift in social interactions such that they increasingly (a) organize around a single us–them boundary and b) differentiate between within-boundary and cross-boundary interactions. (Boundary deactivation denotes the opposite shift, toward new or multiple boundaries and toward decreased difference between within-boundary and cross-boundary interactions) (Tilly, 2003, p.21).

Conforme as observações de Tilly, nas zonas de menor coordenação entre os perpetradores, como sucede no caso dos saques, maior será a influência das relações sociais pré-existentes. De tal modo, os mecanismos que promovem os episódios coletivos de oportunismo se focalizam na ativação de fronteiras previamente disponíveis, relações sociais e histórias compartilhadas. No caso de Concepción, é interessante pensar na relevância das distinções socioterritoriais – expostas no capítulo anterior – que iam se articulando para se referir aos moradores próximos ao condomínio de Los Pioneros. Isso será fundamental, como iremos ver, na hora de explorar os modos pelos quais foram acionadas as estratégias de autodefesa.

Um dos principais motes de proposta elaborada por Tilly é arriscar que grande parte dos episódios de violência coletiva encontram-se no terreno do se que chama de *contentious politics*, ou seja, das demandas descontínuas, públicas e coletivas que afetam os interesses de uns e outros, nas quais o governo sempre é uma terceira parte – entendendo por governo uma organização substancial e durável que exerce controle sobre os maiores meios de coerção concentrados num território. De tal forma, embora os episódios coletivos não sejam uma disputa direta entre os cidadãos e as autoridades, os pesquisadores não podem se permitir – sublinha o autor – descuidar das interações entre os agentes governamentais e não governamentais, pois o governo será participante,

⁹⁹ Entre as formas de oportunismo que o autor identifica, acham-se: sequestros, pirataria, escravidão, raptos de aviões, saques, entre outros.

¹⁰⁰ De outra forma, Tilly aponta que o oportunismo ocorre, mas em pequena escala e nas sombras.

seja na forma de monitor, de demandante, de objeto de demanda, ou, como terceiro nas demandas.

Parece-me importante destacar o questionamento que Tilly elabora contra as pesquisas que tentam enxergar, em determinados episódios de violência coletiva, com base em distinções insurgentes *versus* forças da ordem, como se fossem atores provinidos de mundos diferentes. Na sua visão, o monopólio da violência legítima “é uma construção conflituosa, longa e mais do que ambivalente”, como resenha Telles (2012, p.49), na qual a legitimidade conquistada ou imposta através de dispositivos de coerção articula-se com dispositivos de negociação que são processados historicamente nos tabuleiros dos jogos de poder. Concretamente, os hipotéticos limites entre violência legítima e ilegítima são contestáveis pelo menos por três motivos indica Tilly: a) os mesmos limites da violência e os próprios usos dos meios coercitivos legítimos e ilegítimos acham-se, em todo sistema político, sob uma disputa constante; b) na prática existe um continuum entre as ações governamentais permitidas – que quase todos aceitam – e as negligências por parte dos agentes governamentais para lidar com apoio secreto ou encoberto de certos segmentos de governos; c) por último, mas muito importante, na maioria dos episódios de violência coletiva, agentes governamentais estão diretamente envolvidos como geradores ou objetos de dano (Tilly, 2003).

Com essas questões em mente, Tilly constrói a definição de *violent specialists*, em outras palavras, todos aqueles que controlam os meios coercitivos para infringir dano a pessoas e/ou objetos, identificando, por um lado, aqueles agentes que trabalham nos aparatos do governo, como polícia, militares, oficiais de justiça, agentes penitenciários; e por outro, aqueles que não pertencem ao aparato estatal, como seguranças privados, paramilitares, terroristas, que, embora possam contar com proteção governamental, usualmente operam fora do governo e não poucas vezes, contra ele. A presença ou ausência dos especialistas da violência, seja governamental ou não, é absolutamente fundamental para entender as diferenças entre resultados violentos ou não violentos nos conflitos.

Acompanhado a recomendação de Tilly de comparar episódios de violência coletiva para desvendar mecanismos de pequena escala similares, resultou importantíssima, a leitura das descobertas de Javier Auyero acerca dos multitudinários saques a lojas e supermercados acontecidos em 2001 na periferia de Buenos Aires, publicadas em *La Zona Gris. Violencia colectiva y política partidaria en la Argentina contemporánea* (2007), especialmente, quando esse livro, segundo seu próprio autor, constitui um diálogo crítico com seu mentor, justamente, Charles Tilly.

Na etnografia que realizou sobre esses episódios, Auyero repara na seguinte questão: ao ser observada numa escala micro, vemos como a chamada multidão saqueadora compunha-se de pequenos grupos que chegavam ao mesmo tempo aos estabelecimentos que seriam atacados; ou seja, os multitudinários distúrbios foram perpetrados por pessoas com conexões entre si (de amizade, familiaridade ou laços comunitários) que

se reuniram, permaneceram e se dispersaram mais ou menos juntos. A sociologia norte-americana tem avançado há muito tempo nesse mote, destaca Auyero, chamando a atenção sobre a necessidade de assumir o desafio metodológico de enxergar os laços horizontais e os laços verticais presentes, de uma ou outra forma, em todo evento de violência coletiva.

Grande parte do trabalho de Auyero se concentra em apreender a seletividade observável nos ataques a estabelecimentos comerciais em bairros como La Matanza e Moreno; com efeito, longe de constituírem explosões de violência anárquica sem direção alguma, as evidências empíricas, dados secundários e entrevistas, desvendam uma seletividade na ação dos saqueadores. Em Concepción, é essencial ressaltar que os numerosos saques a supermercados e outros estabelecimentos comerciais, apesar da sua força e em certos casos, violência, não chegaram a se desdobrar até os espaços residenciais, assim como tampouco, saquearam-se todas as lojas da cidade (Acuña et al., 2011; Aninat et al., 2011; Solsona, 2011). As evidências estariam indicando que no cenário pós-terremoto, que é qualificado por Olori como “caos social”, operou, por um lado, o respeito irrestrito aos espaços de moradia¹⁰¹ e estabelecimentos de educação¹⁰² e, por outro, uma seletividade nas lojas que iriam ser atacadas.

Junto a isso, deve-se atentar aos repertórios da violência contenciosa no sentido que as interações entre os atores são mais ou menos limitadas: “In any particular regime, pairs of actors have only limited number of performances at their disposal. We can conveniently call that set of performances their repertoire of contention” (Tilly, 2003, p.45). Portanto, as multidões dispõem de certos moldes (*templates*) para suas interações, baseadas na memória coletiva, nas quais se estabelecem diferenciações entre atuações prescritas, toleradas e proibidas de acordo com seus contextos. Assim, no caso de Concepción, longe de estar perante a uma guerra total de todos contra todos, advertia-se que os grupos se focalizaram em alvos específicos: o objetivo implícito era obter produtos das lojas, mas não das casas, assim como tampouco se registraram, ao que parece, agressões físicas nem de tipo sexual.

Outro assunto sublinhado por Auyero, e que me interessa, refere-se à dificuldade de explorar os episódios de violência coletiva através de dicotomias que distinguem entre perpetradores da violência e encarregados da repressão, continuando com a proposta de Tilly. Para isso, Auyero propõe usar o conceito de “zona cinzenta”, cunhado por Primo Levi nas suas memórias sobre os dias vividos no interior de Auschwitz. Segundo o escritor italiano, as bipartições nós/eles, amigos/inimigos se apresentam ineficientes para

¹⁰¹ Resulta curioso notar como meses depois do terremoto, no artigo “Saques” de Grinor Rojo parte da coletânea *El Terremoto social del Bicentenario* (Aguilera, 2010); assim também os autores de “8,8º Escombros do Bicentenario” (2010) do Instituto de Filosofia da conservadora Universidad de los Andes, falaram da ocorrência de saques a domicílios na cidade de Concepción, conjectura enunciada sem nenhuma evidência empírica e que nesses publicações constam como fatos.

¹⁰² Marta, uma de nossas entrevistadas, indicou que o Hospital de Talcahuano Las Higueras foi saqueado pela comunidade. Ela, junto a outros psicólogos implementaram uma estratégia para conter aos trabalhadores do recinto de saúde para superar a raiva com o fato dos moradores ter atacado seu próprio hospital.

caracterizar o que aconteceu dentro dos campos de concentração, pois não permitem compreender a existência daquelas figuras híbridas que obscureciam a diferenciação vítima/algoz, que todo recém chegado esperava identificar nos *larger*.

No entender do etnógrafo argentino, essa zona cinzenta não é apenas uma região concreta do espaço social do campo de concentração nazista, mas também uma ferramenta conceitual, uma lente analítica. De tal forma, o autor tenta incluir a “excepcionalidade” da violência coletiva no estudo da “normalidade” da política partidária na Argentina contemporânea e interpretar o que significa aquela zona de indeterminação à luz do fenômeno do clientelismo político. Assim, em contextos onde a normalidade não necessariamente contradiz a ilegalidade, indica Auyero, abundariam aquelas figuras híbridas como o vizinho-saqueador, policial-saqueador ou criminoso-protetor, detalha o autor, binômios em que o segundo componente aponta a atividade inesperada que corroe o sentido do primeiro, e produz, desse modo, perplexidade no observador que não pertence à comunidade (Auyero, 2005)¹⁰³.

Ao longo da análise, Auyero vai dar conta da advertência de Tilly com respeito ao lugar que deve-se dar aos “especialistas na violência” em qualquer tentativa de pesquisa de eventos de violência episódica. A importância da geografia da ação policial é central para entender as dinâmicas dos saques: Quais lojas se protegeram? Onde se enviaram os agentes policiais disponíveis? Que fizeram para dissuadir os grupos de pessoas entrando as lojas? Além disso, a seletividade dos estabelecimentos atacados obriga a entender as formas de coordenação na violência para poder responder, por exemplo, porque na mesma rua, algumas foram alvo da violência e outras não. Em Concepción, como iremos ver, essa mesma pergunta foi feita, precisamente, pelas vítimas dos saques.

Esses elementos são produtivos para reelaborar a costumeira e corrente imagem segundo a qual Concepción, logo depois do terremoto e antes da chegada dos militares a cidade sob o Estado de Exceção, achava-se abandonada pelo Estado e pelas forças policiais. Embora a quantidade de *carabineros* presentes fosse muito menor do que a requerida para controlar os distúrbios, não é prudente tomar somente esse elemento como fator explicativo. A questão não pode ser reduzida a isso, em especial, quando, nos testemunhos coletados, os policiais são personagens que emergem nos relatos, seja para indicar que eram poucos os presentes na cena do saque ou para falar de sua ausência nos lugares atacados. Embora possa parecer óbvio dizer que a ausência ou passividade

¹⁰³ Conforme comentou o professor Omar Thomaz no exame de qualificação, o risco de invocar as memórias do escritor Primo Levi sobre Auschwitz para entender os saques como Auyero propõe é um assunto que precisa ser mais bem avaliado. Pode-se dizer, que levar a experiência concentracionária, aqui e alhures, como se observa nos últimos anos nas ciências sociais, é um fato que merece ser enxergado com atenção redobrada. Assim, no caso de nossa pesquisa, a figura do “vecino-saqueador”, embora questionava certas distinções, resulta difícil de assimilar à figura de *Sonderkommando* retratada por Levi em *Os afogados e os sobreviventes*.

policial facilitaram os saques, o que me parece mais fecundo é avaliar essas “ausências seletivas”, prestar atenção nesse elemento em contextos situados, como tentarei a seguir.

3. RESSITUANDO A AUSÊNCIA DAS FORÇAS DA ORDEM NOS SAQUES PÓS- -TERREMOTO

The riot first appeared as a rumor. The people in the market place knew there was something in the wind before they saw anything specific. Moreover, they knew exactly what it was afoot and were able to spot violence in the air before it erupted in their midst.

Jacques Revel in, *The vanishing children of Paris, the rumor and politics before the French Revolution*

CASO 1: “LA OTRA CARA DE LA MONEDA”

Ana María, 40 anos, é casada e trabalha no pequeno supermercado chamado Bio-Pan, que a família de seu marido possui, desde 1976, no coração de Huertos Familiares, zona antiga em San Pedro de la Paz, onde se desenvolveram parte importante dos primeiros bairros de baixa densidade e uso agrícola da comuna. Hoje, com um forte caráter residencial e concentrando famílias de classe médio-alta e alta que chegaram desde 1990, em condomínios preferencialmente horizontais, o bairro é uma das áreas urbanas mais consolidada da comuna.

Por conta dos anos que Ana María levou trabalhando no Bio-Pan, ela conhece a maioria dos vizinhos que, dia a dia, vão fazer compras; assim, no momento em que esperávamos para entrevistá-la, vários de seus clientes foram cumprimentados pelo nome próprio ao ingressar na loja:

[...] toda la gente es gente que tú ves a diario, niños que han crecido aquí... todo el mundo se sabe la vida de todos. Es como esa cosa familiar y que yo te diría que es la gracia que tenemos, que la gente está cosa personalizada del servicio: ¿Cómo está usted? ¿y su señora? ¿y sus hijos? Eso no se da en los grandes supermercados.

O local é pequeno, porém charmoso. A casa de sua família localiza-se no mesmo terreno, atrás da loja. No momento do terremoto, um grupo de padeiros estava trabalhando, quando seu marido entrou para verificar o que ocorria, dando-se conta de que estava todo bagunçado e com diversos produtos quebrados no chão. Não obstante, à

6h do mesmo sábado, 27 de fevereiro, já estavam fazendo funcionar os fornos à lenha para ter pão para vender à comunidade.

Desde muito cedo, as pessoas do bairro começaram se a aglomerar ao redor da loja, fazendo filas automaticamente; alguns até mesmo expressando desespero, lembra-se Ana María. Atenderam ao público até mais ou menos às 17h, quando se esgotaram o leite, água mineral e cigarros. As transações eram feitas através de uma grade, haja vista o perigo de deixar entrar pessoas na loja, devido à quantidade de vidros e líquidos no piso. Segundo lembra, o produto mais procurado foi o pão, que foi vendido a R\$1 mais barato que nos dias normais e em sacolas de um quilo, que até suas filhas pequenas ajudaram a fazer.

FIGURA 13. CONDOMÍNIOS SETOR LOS HUERTOS FAMILIARES, SAN PEDRO DE LA PAZ



Fonte: fotografia própria

Foi esse mesmo dia do terremoto que aconteceu o primeiro encontro entre Ana María e as forças da ordem. Entretanto que estavam atendendo ao público, por volta do meio-dia, chegaram dois *carabineros* de moto, que se aproximaram para perguntar como estavam e para agradecer por atender às pessoas.

Señora, me dijo, cuídese y ahí le habló a la misma gente: [gritando] organícense, eh... aquí les están dando un servicio... tienen que cuidarlo... y si viene gente que quiere hacer desmanes ¡Cuiden!

Ana María diz ter estranhado a aparição da polícia; de fato, ao vê-los se aproximarem, pensou que eles lhe obrigariam a pagar uma multa por estar vendendo sem nota fiscal. Contudo, na mesma noite do sábado, começam a ouvir na radio Bío-Bío, a única fonte de informação que existia nesses dias, as primeiras notícias de saques

ocorridos ao longo da cidade e que vinham a “confirmar” os boatos que ouviram no bairro. Nesse momento, conseguiram interpretar o sentido da aparição dos policiais e, portanto, decidiram não abrir ao público no dia seguinte; bem cedo no domingo, botaram um cartaz indicando que não atenderiam até que voltasse a luz, decisão que gerou grande desconforto no bairro:

Y empezamos a tener mucha presión de la gente, ¡pero que no! ¡Que pan!
¡Que abran! ¡Que pucha! ¡Que tenemos hambre! ¡Que estamos agotado!
Bueno, nosotros también, si el terremoto me tocó a mí también.

Durante a manhã, dedicaram-se, junto a um grupo de amigos e vizinhos, a ordenar a loja; ao meio-dia já tinham tudo pronto e com os produtos nas estantes. Começaram a atender, então, só amigos e alguns vizinhos - anotando os nomes num caderno, já que pela falta de luz e a impossibilidade de usar caixa eletrônico, muitas pessoas não tinha dinheiro.

Já na tarde do domingo de 28 de fevereiro, chegaram pessoas correndo para avisar que o supermercado Bigger, situado a poucos quarteirões dali, estava sendo saqueado: “Y ahí me entró un pánico, pero todavía una ingenua, no puede ser”, lembra-se Ana María. Por volta das 16h, começaram a passar carros vigiando a loja, rondando, para logo chegar uma camionete e um ônibus cheio de pessoas. Seguidamente, muitos carros começaram a estacionar na frente do local, com pessoas que Ana María caracteriza como “puros flaites” e relata:

[...] se estacionaban: ¡ya! ¡Haber! Y venía y todos esperando y venía, el jefe... o sea, ¿cómo es posible? Y un compadre: ¡Ya! Trataron de abrir nuestro portón y todos: ¡ya! ¡Ahora! Y no podían... empezamos a sentir los balazos porque nos trataron de abrir punta de balazos, con balazos, con estas cuestiones hechizas [armas de fogo feitas em casa]. Y: ¡ya! ¡No se puede! ¡No se puede! Entonces, llámate al... O sea, así la organización y llega una camioneta 4x4 de esas así cototas, ¡así, cotota! [bacana] Que según dicen, las usan mucho los narcos, que están acá y que sé yo... !Y oye! Venían con los cables, con las amarras, o sea, nada se improvisó... era todo fríamente calculado y había un cabecilla, dirigiendo, hubo gente... se subieron a los techos, eran como 15 compadres.

Depois de várias tentativas, os especialistas em violência não governamental, para usar a categoria de Tilly (2003), conseguiram abrir uma das janelas, que foi arrancada com cordas puxadas por um carro. Eles assim o fizeram no momento em que havia, segundo os cálculos de Ana María, entre 50 e 60 pessoas. Logo, com facões, derrubaram a parede e conseguiram acessar a loja, quando já podiam-se contar de 80 a 100 pessoas, dentre as quais havia grupos que se comunicavam com senhas, assobios, enfim, uma série de gestos e expressões alheias ao repertório de Ana María. Uma vez

forçado o acesso, chegaram pessoas em todos os meios de transporte imagináveis, até em carrinhos que usam os catadores informais de lixo. Mas logo aconteceu o que, até o dia de hoje, afetou de forma mais abrupta Ana María: ver como alguns de seus próprios vizinhos começaram também a coletar mercadorias:

[...] aquí vienen mi sorpresa cuando de repente, entre todo el populo ¡vecinos de toda la vida! Buenos días, ¿qué desea? Entrando y mi-meti-zan-do-se con el lumpen y esta gente, que tú asumes que tienen educación, que tiene... un comportamiento, tiene una onda social, un peso social que tú quieres representar... y que eso te pesa, fíjate que aquí, pero cuando veo a los vecinos del huerto de al frente, con su buena casa, gente que profesional, que tiene una buena pega [emprego] ¡Entrando! ¡Entrando! Eligiendo los vinos... o sea, perdón, cuando el gobierno decía: que no... es que la gente tiene hambre y el miedo... ¡no! O sea, el ron y era el ron de 5 lucas¹⁰⁴ pa' arriba, eh... empiezo a ver gente de cuello y corbata, uno, uno, sabe perfectamente ¡y codeándose con este lumpen! Oye ¡no! ¡Shiii! ¡Haber si!!! Shh!! ¡Y entre ellos haciéndose los ahorados [violentos] porque entre ellos se estaban peleando las cosas!

Ante a impossibilidade de se defender ou impedir que entrassem no supermercado, o marido de Ana María tentou falar com os grupos que ingressavam, dizendo para eles que pegassem todo o desejado, mas que, por favor, não quebrassem as coisas. Segundo interpreta Ana María, a resposta do grupo foi sumamente agressiva, talvez ao serem vistos como proprietários de uma loja, mereciam sofrer o que acontecia:

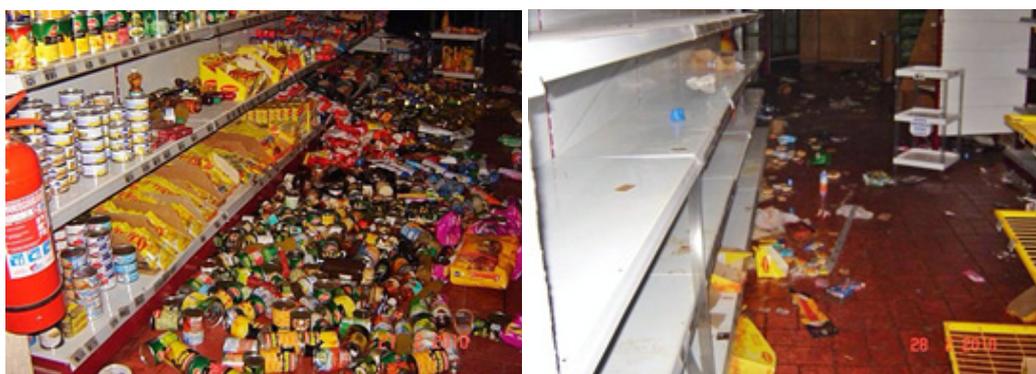
[...] nos rompieron todos los vidrios interiores, todas las cajas registradoras, ¡todo! Tanto es así que... quedaron muchas tortas y pasteles en las vitrinas y fíjate que se dieron el tiempo, de agarrar los pasteles y se tiraban los pasteles... o sea, ¡las paredes con pasteles! ¿Por qué? ¡Ah! ¡Porque hay que cagárselos! Con una... con un... hubo un ¡resentimiento social de años! Sabes, si tú me preguntas... fue eso lo que más sentí... un ¡Uy! ¡Vamos! ¡Es nuestro momento! ¿Cachai? Y los pasteles, son pequeñas, para mí, son señales, ¿cachai? O sea, ¿perdón? Ese pastel, cuantos niños ¿cuántos niños se habrían cortado las venas por comerse un pastel? Que estaban buenos, o sea, si la señora se preocupa realmente de la alimentación, agarra una bandeja, que estaban ahí y se lleva los pasteles... Destruyeron todo, bastó esas dos horas y destruyeron el trabajo de 36 años, ¡hicieron pebre, pebre, pebre, pebre! lo que no hizo un terremoto de 8.8 lo hicieron ellos...

A força destruidora da multidão foi reforçada por Ana María, através de fotografias tiradas logo após o terremoto e depois dos saques, pensando nos procedimentos

¹⁰⁴ Uma "luca" são US\$2.

que teria que fazer para cobrar os seguros. Durante a entrevista, ela investiu bastante tempo procurando achar as imagens no seu computador; de fato, parecia muito importante para ela poder apresentar uma “prova” imparcial que tornasse credível sua testemunha e entregar imagens que corroborassem que o derrubado pelo terremoto no dia 27 de fevereiro, nos saques do dia seguinte, simplesmente, desapareceu – como afirmam, inclusive, as datas que ficaram gravadas nas próprias fotografias que seguem na continuação.

FIGURA 14. BIO-PAN LOGO DO TERREMOTO E DEPOIS DOS SAQUES



Fonte: Proprietários Bio-Pan

No momento dos saques, diante do medo de que grupos de pessoas chegassem até onde tinham combustíveis para os fornos e decidissem incendiar o local – como os rumores diziam que os saqueadores faziam –, Ana María resolveu pegar seu carro, encontrar um amigo e pedir ajuda à polícia. No trajeto veloz e frenético até a delegacia na Villa San Pedro, ela conseguiu ver o supermercado Bigger sendo saqueado:

[...] veo el Bigger des-tro-za-do, las calles ¡pero llenas de arroz!, las calles ¡llenas de harina! porque con el forcejeo, se les abrían las cosas, la gente corría por las calles con los carros de los supermercados.

Ninguém caminhava, todos corriam. Essa imagem será narrada por vários dos entrevistados. Uma “sensação de apocalipse”, “de loucura total”, na qual se desconfiava de todos, especialmente quando tinha deixado a seu marido sozinho com uma “turba de 120 compadres enrarecidos absolutamente”. De fato, Ana María nem se importava

se alguém cruzava sua frente; ela simplesmente o atropelaria. Ao chegar até a subcomissária, enfrentaria o que ela chama “la otra cara de la moneda”.

Y fijate que llegué a los carabineros, y había una... un bus de fuerzas especiales... estaban fumando, bajé y les dije: [gritando] ¡POR FAVOR! ¡NECESITO QUE ME AYUDEN! PERO SEÑORA, ¡TRANQUILÍCENSE! ¡NO! ¡ES QUE ME ESTÁN SAQUEANDO! ¡NECESITO QUE VAYAN! Me dijo: señora, han saqueado todo San Pedro, así que *olvidese*, la gente anda en esa función y que tenían *orden de hacer nada*, no podían disparar...señora, estamos de manos atadas, del gobierno central tenemos la orden simplemente de mirar y tratar, pero ni siquiera hacer así [faz gesto com a mão]... Así que váyase tranquila, que se lleven todo.

Ordens de não atuar? Formulações parecidas foram recolhidas por Javier Auyero sobre os saques que se registraram, em dezembro de 2001, em diversos pontos do *conurbano bonaerense*. Dentre as dinâmicas identificadas nesse estudo, interessa a nós aquelas que relativizam a suposta ideia da ausência policial nos ataques a lojas e a pequenos supermercados, segundo argumentavam as análises da imprensa. Com efeito, em vez de ausência tão e somente, propõe-se pensar como *presencia passiva*: policiais que estavam presentes observando os eventos com relativa distância; presentes, mas com ordens de não fazer nada; presentes, certo, mas para defender certos estabelecimentos; e, obviamente, presentes para reprimir. Os proprietários de pequenas lojas e mercearias saqueadas nos bairros do conurbano de Buenos Aires reiteravam uma e outra vez a sensação de *impotência* sentida ao ver que a polícia, simplesmente, estava observando o que acontecia, dizendo que nada podiam fazer. Mas, como se desprende das análises, os agentes da ordem não foram realmente passivos e, sim, protegeram algumas lojas e reprimiram em alguns casos. Apenas arbitrariedade?

Voltando ao testemunho de Ana María, em seu desespero perante a atitude dos policiais, ela *implorou* aos policiais que fossem até a loja por causa do medo de que os saqueadores atacassem sua moradia, localizada no mesmo terreno do supermercado. Ante a insistente negativa dos *carabineros* às suas súplicas, tentou gerar algum tipo de identificação emocional com o oficial encarregado do grupo, dizendo-lhe:

Mire, es verdad, saquearon el Bigger, pero el señor Bigger, no vive ahí. El señor Bigger vive en Santiago, está feliz con su familia y toda su familia está en resguardo. En el caso mío, la panadería está acá, la casa está ahí... hay tres hijas que son menores de edad, ¿quién va a responder por ellas?! Porque está llegando tanto *lumpen*, está tan la escoba, que van a continuar después de la panadería, yo no tengo separado y van seguir con mis hijas. ¿Quién me responde a mí?! ¿Usted tiene hijos? ¿LE PEDIRÍA USTED A SU SEÑORA QUE VE A SUS HIJOS EN PELIGRO QUE SE CONTROLE? Por último le dije, por último,

actúe de presencia, *vaya a fumar*, lo invito a fumar a mi panadería. Me quedó mirando: caché [entendi]... él tenía una *impotencia espantosa*, porque yo creo lo único que quería era pegar balazos y ordenar la cosa.

Desse modo, ela por fim consegue convencer os policiais a irem até o Bio-Pan, momento no qual lhe dizem que não sabem como chegar até lá porque são de Santiago, detalhe muito relevante para Ana María, pois relativiza a ideia de que a cidade logo após a catástrofe não contava com a quantidade necessária de policiais para proteger os proprietários dos saques. Ela, então, os guiou até a padaria. Era um grupo de 15 agentes, aproximadamente, incluindo uma mulher que chamou muito a sua atenção por sua agressividade. Ao verem se aproximar o ônibus de policiais, as pessoas rapidamente saíram da loja de Ana María e, os que estavam fora, começaram a fugir. Logo, os especialistas em violência física governamental, para citar uma vez mais Tilly, desceram:

A punta de luma [cassetete], a lumazo limpio, mira repartieron una cantidad de chuletas [golpes] ¡que nunca en mi vida! Porque nunca había estado...Y la paca [mulher policial] se lumbaba a todas las viejas, a las mismas viejas que eran de una agresividad... mira, te digo que las viejas, ¡eran de terror! Te digo que lo más increíble, lejos, fue ver los lumazos de los pacos, fue una cosa increíble. Mira, 10 minutos, a los 10 minutos se había acabado el saqueo... el carabinero me dice: revisé todo, todo y está todo bien y lo abrazaba, ¡nos abrazábamos con un paco de fuerzas especiales! O sea, si alguien me hubiese sacado una foto... porque eso era historia, al menos en mi vida, eso fue un momento de historia pura, algo para no creerlo y él, a su vez, tú sentías su impotencia.

Embora não tenha uma fotografia do momento no qual abraça o policial, Ana María compartilha conosco uma imagem sobre aquele instante descrito acima: a chegada dos *carabineros* reprimindo a “turba” que ainda saqueava sua loja. Essa fotografia é interessante de ser observada em detalhe pela série de elementos que coloca; num primeiro plano, uma moça que escapa com um sorriso; junto a ela, um homem (que, de fato, é um vizinho amigo de Ana María) aplaudindo a atuação dos policiais e olhando para quem tira a fotografia; logo, as bicicletas que, ao que parece, foram um meio de transporte muito utilizado no caso dos saques; no fundo, com certa dificuldade, vê-se pessoas que estão fugindo em grupo do lugar; e, por último, vemos os policiais batendo nas pessoas que estavam lá com seus cassetetes. Aplaudir, sorrir, “lumear”, fugir. Tudo num instante.

O sorriso da moça no centro da fotografia abre a seguinte interrogante: o que pode nos dizer que os perpetradores não se preocuparam com ser fotografados durante os multitudinários saques? Na maioria das imagens que circulam na internet, observa-se que os “saqueadores” não tentam cobrir seus rostos para evitar ser identificados.

Nesse instante, ao que parece, não existiu preocupação com as evidências, os rastros da violência coletiva, tal vez, porque esses atos foram entendidos como algo diferente ao desacato do princípio da propriedade privada. Ao contrário dos saques perpetrados em 2013 no contexto de algumas passeatas de estudantes ou na comemoração do 11 de setembro de 1973, onde os participantes aparecem com o rosto coberto.

FIGURA 15. POLICIAIS REPRIMINDO OS SAQUEADORES EM BIO-PAN



Fonte: Proprietários Bio-Pan

A fotografia apresentada acima foi tomada por amigos de Ana María, que, indignados com os saques e especialmente com o fato de que participaram dele moradores do próprio bairro, decidiram deixar registros dos eventos. Uma dessas imagens se transformou em evidência no processo judicial que Ana María, junto a sua família, levou até os tribunais, procurando punir os responsáveis. Bio-Pan foi a primeira empresa da zona que entrou em querela judicial contra os responsáveis pelos ataques vividos no dia seguinte ao terremoto. Ao compartilhar a fotografia conosco, ela pronunciou o nome completo de seu vizinho, que, depois de várias negociações com os advogados, aceitou doar a uma fundação ligada à reconstrução o valor de U\$200 – que foi a petição de Ana María e seu marido – como reparação pelos danos sofridos. A denúncia concentrou a atenção da mídia e a *alcaldesa* da cidade, Jacqueline Van Rysselberghe

– que, aliás, diz que no meio do desastre falou que não entregaria ajuda aos bairros de “saqueadores”, como Boca Sur –, ofereceu-lhes seu apoio.

Ana María sublinha que a motivação para denunciar seu vizinho era marcar um precedente de que as coisas não podem ficar impunes. Além disso, os saques se podiam esperar do *lumpem*, mas não de alguém da classe social de seu vizinho, que, aliás, ainda mora na frente da padaria, mas nunca voltou a entrar na loja.

FIGURA 16. FOTOGRAFIA UTILIZADA COMO EVIDÊNCIA CASO BIO-PAN



Fonte: Proprietários Bio-Pan

Na noite de segunda-feira, 1º de março de 2010, o bairro de Ana María, virou uma bagunça: todos estavam gritando e festejando a passagem do grupo de militares que estava atravessando as ruas da vizinhança:

[...] la gente salió a las calles y los aplaudía, los vitoreaban y nosotros parecíamos de esas típicas viejas que aparecen en las películas, todos, hombres, mujeres, niños, ¡todos, todos! ¡Oh! La gente así saludando, como cuando llegaban los soldados en los años, no sé, después de las guerras... Era una cosa así de locura y todo el mundo aplaudía, ¡todo el mundo aplaudía los militares! ¡La gente pedía a gritos los milicos! En el fondo por fin... ¡se les acabo el hueveo [bagunça] a los flaites!

Segundo rememora, conseguiram abrir novamente a padaria só na segunda-feira, 8 de março 2010, ainda com o vivo temor dos saques do domingo, 28 de fevereiro

2010, já descritos, assim como do ataque que sofreu um pequeno instituto de ensino situado ao lado de seu negócio na segunda-feira, 1º de março 2010, momento em que foram ameaçados novamente. Para atender aos clientes, abriram um pequeno buraco numa das grades de loja e através dela vendiam pão sob o resguardado de dois militares, que, armados, ordenavam aos compradores a formarem fila: “era como volver al tiempo de la Unidad Popular. Oye... pero fue... como... !como volver a esos años!”. No ano 1973, a inflação se disparava vertiginosamente como resultado do surgimento do mercado negro, criado pelos comerciantes para burlar os preços fixados pelo governo da *Unidad Popular* de Salvador Allende. Produtos básicos, como arroz e farinha, eram vendidos nesses espaços de contrabando a elevados preços e os produtos mais básicos, simplesmente não eram ofertados com o intuito de aguçar assim a tensão política e social. Nesse cenário, os clientes tinham que fazer longas filas para obter o produto que for, e muitas vezes. Depois de 37 anos, Ana María não foi a única em comparar essas lembranças com as filas que surgiram no contexto pós-cataclismo.

Os militares que resguardavam a sua padaria eram muito jovens. Isso foi notado por vários entrevistados; grande parte dos militares que chegaram à cidade eram moços provavelmente ainda no serviço militar. Os defensores da loja de Ana María, chegaram da cidade de Temuco, a 280 km de Concepción, que já no mesmo dia do terremoto estavam reunidos esperando as instruções de Santiago sobre para onde seriam enviados. A presença deles fora da padaria foi de certa maneira uma troca: logo que os militares se estabeleceram como base numa escola perto do bairro, chegaram até a padaria para verificar a situação da loja e coordenar a reabertura do local. Entregaram os salvos-condutos necessários para permitir que os padeiros se mobilizassem para trabalhar na madrugada, horário do toque de recolher. Ana María estava tão feliz pela chegada deles, que lhes ofereceu abastecimento diário de pão fresco, gesto que foi retribuído com proteção militar diária.

CASO 2: “EL SINIESTRO”

Sergio, 45 anos, nasceu num dos bairros mais estigmatizados de Santiago, La Pincoya, origem que deu nome a seu apelido e a sua grande distribuidora de bebidas e alimentos: El Pincoyano. No ano 1991, começou com um pequeno local na Vega Monumental no centro da cidade de Concepcion e, em virtude de seu grande sucesso, no ano 2003 comprou um terreno no novo parque industrial de Michaihue, na rota 160 de San Pedro de la Paz.

Segundo relata Sergio, antes do terremoto de 2010, ele contribuía de forma recorrente com a comunidade vizinha de Boca Sur e Michaihue: fazia doações aos clubes esportivos, à polícia, às organizações comunitárias, já que não eram poucas as vezes que lhe pediam para doar caixas de bebidas para animar festas e atividades. De fato, ele estava consciente de que o bairro era perigoso, onde mora “gente de población”, esse era, nesse

sentido, uma forma de estabelecer bons vínculos e, por isso, ele se orgulha de ser muito conhecido no sector: “Porque yo soy El Pincoyano, todo el mundo aquí me conoce”.

No dia do terremoto, além dos danos ao local, que foram medianos em relação à força do tremor, não aconteceu nada estranho no que se refere à segurança. Contudo, na madrugada do domingo, ele foi alertado por vizinhos que a loja seria alvo de saques e começaria o que ele chama “el siniestro del Pincoyano”; portanto, decidiu procurar ajuda da polícia:

[...] yo los fui a buscar [policía] en la mañana, ese mismo domingo porque yo caché como venía...yo caché como venía porque me vinieron a avisar: Pincoyano, te van a venir a cagar, me avisaron! *Ya se corría el rumor*, ya habían atacado el [supermercado] Versluys, ¡ya habían atacado todo!

Seu pedido de proteção, diferentemente de Ana María, foi respondida de maneira positiva e, assim, apesar do pouco número de carabineros nesses dias da catástrofe, regressou a seu estabelecimento escoltado por quatro agentes da ordem, em virtude de sua “fama” e às cooperações que ele normalmente fazia à instituição policial. Contudo, ao chegar até El Pincoyano, por volta das 8h30 do domingo, se viram “invadidos” por uma turba de pessoas que, segundo seus cálculos, chegaram a 1.000–1.200 pessoas, alguns em carros, caminhões ou bicicletas.

Quando os grupos de pessoas que chegaram a rodear o local conseguiram ingressar, ele junto com os policiais e alguns trabalhadores de confiança simplesmente viram-se abismados: nada se podia fazer para impedir os saques. Entre a massa de pessoas, desde cedo, conseguiu reconhecer vizinhos do bairro roubando, sacando e desarmando a estrutura da loja. Na confusão, um dos policiais até perdeu sua arma e documentação – a arma conseguiram recuperar –, sendo que, diante disso, os *carabineros* lhe disseram: “amigo Pincoyano tenemos que dejarlo, esto ya perdió todo límite”.

Com a saída dos policiais, os acontecimentos se tornaram mais violentos ainda: Sergio foi abordado por um grupo de 5 homens que colocaram uma arma na sua cabeça e jogaram ele ao chão. Eles queriam acessar o caixa-forte:

[...] cuento corto, yo logré convencer los que no tenía plata [dinheiro], que sólo tenía documentos... No me pegaron, no me pegaron porque yo... yo soy, mi nombre es de La Pincoya, tengo un modo de expresarme muy simple, para no decir que soy *ordinario* igual que ellos, ¿me cachai? Entonces yo me manejo muy bien en la jerga de ellos. *¡Yo soy choro!* *¡Yo soy de la calle!* Entonces ¿si tú leíste el reportaje?¹⁰⁵ Entonces, si bien es

¹⁰⁵ Refere-se à reportagem que fizeram sobre sua vida como exemplo de empreendedorismo, onde narra como conseguiu superar a crise dos saques pós-terremoto.

cierto que tengo mi educación, que me entregaron mis padres, valores, principios, pero tengo ese, ese tema de la calle... entonces soy achorado.

Essa seria a primeira das três vezes que lhe foi apontado uma arma no dia de domingo, sendo que duas dessas vezes foram na frente de seu filho adolescente. A última vez, aconteceu às 20h, quando roubaram seu carro Murano. Os níveis de violência experimentados e a angústia de ver como seu comércio era esvaziado por milhares de pessoas, fazem-no referir-se a esses momentos como “um povo sem lei, sem nada”, nos quais não se respeitou nem a propriedade privada nem a presença policial.

Segundo os cálculos de Sergio, a empresa perdeu só em mercadorias U\$13.500, isso sem contar com os danos na infraestrutura, já que a loja foi totalmente desmantelada: quebraram as janelas, roubaram as latrinas dos 5 banheiros, portas, caminhões, o sistema computacional, todos os móveis, cadeiras, escrivaninhas, nem sequer puderam se salvar seus diplomas de estudos e reconhecimentos que tinha pendurado no escritório. No percurso de seu relato – narrado na mesma distribuidora –, ele vai apresentando no seu computador as fotografias que pegou depois dos saques; com muito detalhe, vai mostrando e explicando o nível de destruição sofrido, como se as palavras não bastassem para conferir credibilidade ao sucedido – como na caso de Ana María.

FIGURA 17. DEPÓSITOS DE EL PINCOYANO APÓS OS SAQUES DE 28 DE FEVEREIRO DE 2010



Fonte: Proprietário El Pincoyano

O marido de Loreto, a mulher arrendatária em Los Pioneros, trabalhava como vendedor numa companhia de bebidas e há anos estava encarregado de atender pessoalmente os pedidos da empresa de Sergio. De acordo as lembranças de Loreto, eles

foram até a loja – que fica a 10 minutos de carro de seu condomínio –, quando ouviram o rumor de que a distribuidora estava sendo saqueada. Ao chegar, observaram as multidões de pessoas esperando para poder ingressar, alguns inclusive com paus nas mãos. Sergio também lembra que as pessoas conseguiram abrir a loja com paus, ferros, logrando derrubar as proteções e todas as medidas que eles tinham pensando para prevenir os ataques. É importante sublinhar isso: Sergio, ao ouvir o rumor que ele seria alvo de ataques, pensou em modos de bloquear o acesso, obstruindo com caminhões a entrada principal, assim como o caminho para subir ao segundo andar do depósito. De qualquer maneira, havia grupos de pessoas derrubando tudo o que Sergio e seus trabalhadores levantaram com o intuito de atrapalhar os saques. O “siniestro de El Pincoyano”, como ele batizou os eventos, foi um processo que durou 4 dias, com diferentes momentos e intensidades, em relação à quantidade de pessoas e aos tipos de objeto roubados:

Claro, día lunes, martes, cuando ya, ya se había todo y después, lo que pasa es que después venían lotes [grupos] chicos a saquear...el día domingo fue todo el día, entonces el día lunes ya está pelado [vazio], entonces venían compadres a rematar, le decían ‘los remates’.

Uma das diferenciações mais esclarecedoras que Sergio consegue estabelecer refere-se à presença, num primeiro momento, de um grupo organizado, conferindo desse modo certa ordem dentro do caos das “turbas” e do “bumerang de personas”:

[...] si bien es cierto que era mucha gente, ¿qué es lo que pasa? Es que llega un lote, un grupo que lideraban esto y llevaban la masa, dejaban robando... de alguna forma está liderado por grupos de 5 a 10 personas que juntaban, armaban, dejaban todo y ellos sacaban lo que les correspondía, ya habían robado toda la mercadería y se iban a lo que correspondía: me robaron todo el sistema eléctrico, la caja fuerte, todo eso... ¿me cachai? ellos se iban a eso y utilizaban a la gente, por eso de algún modo yo te digo que estaba liderado, había un... un grupo que administraban todo este cuento, que utilizaban las masas y se aprovecharon... lo que pasa es que la gente empieza por curiosar, entonces empezaron llegaron 200 personas, pero cuando empiezan a llegar y tú te diste cuando que ya a las 2 de la tarde ¡o sea! ¡Esto era

increíble! Todo el mundo sabía ¿me cachai? que estaban saqueando El Pincoyano y empieza a llegar gente, gente, gente.

Sergio nunca imaginou que seria necessário proteger sua loja logo após o terremoto; no sábado, ele entregou água às pessoas do bairro, baseado nesse vínculo amigoso; por isso, para ele é muito difícil aceitar o acontecido posteriormente:

[...] a muchos [vizinhos] vi... A muchos vi, amigos que venían a machetear [pedir esmola] aquí, cabros [jovens] que estaban aquí me estaban amedrentando... si po, porque, mi niña, forma parte del sistema entonces yo veía que tú ibas saliendo con una caja de aceite, con harina, me estai robando... por ejemplo cuando los vecinos de aquí enfrente me estaban robando los sillones, yo les dije: oye compadre ¡hueón! ¿Te vai a comerte el sillón? ¿Te vai a comerte el refrigerador? ¡Pero si está botado, está ahí!... yo veía que los vecinos de al frente se robaban todo... yo miraba, estaba afuera, y miraba como me robaban... como me desarmaban los vehículos, como se robaban mi auto... tú veías como la gente... ¡tus propios vecinos!

Aquela inquietação é muito similar à registrada por Auyero (2007, p.188) nas entrevistas com proprietários de lojas do cone urbano bonaerense, que se perguntavam: “¿Por qué se llevaron las estanterías? ¿o la caja registradora? Decían que era por hambre [que se producían los saqueos]. Pero uno no come ropa; no come caja registradora”.

El Pincoyano no momento da entrevista, depois de dois anos do terremoto, diz não sentir ressentimento contra aqueles vizinhos que roubaram; ele se resignou perante ao acontecido, se “entregou”, conformando-se com o vivido como se fosse uma prova de Deus. Ao lhe perguntar se alguém, com o tempo, chegou a lhe pedir desculpas, diz que só alguns chegaram para dizer que eles não roubaram: “me venían a decir: oye, sabís que yo no participé en esto... [ironizando] ¡Porque nadie robó! De toda la gente ¡nadie me vino a robar! ¡nadie me vino a saquear!... entonces ¿cómo cresta [caralho] *desapareció todo esto?*” – diz batendo com força na escrivaninha. Uma nova escrivaninha que ele acha ruim em comparação com aquela que possuía antes dos saques; tinha uns moveis lindos, tinha um escritório confortável, com frigobar, um espaço com estilo e original. Agora, só tem o necessário para trabalhar.

Logo após os saques, esperando tirar algum proveito de seus contatos na comunidade, tentou recuperar parte das coisas perdidas, especialmente seu sistema computacional, para poder resgatar a informação contábil de anos que tinha ali: era algo que só era útil para ele, mas não obteve êxito. Com apoio da polícia, somente conseguiu recuperar três sofás de couro; segundo ele, não faltou quem *sapeó*, quer dizer, entregou informação. Nesse ponto, é interessante a narração de Loreto, que fala que muitas coisas que foram roubadas de El Pincoyano logo apareceram nos apartamentos de seus

vizinhos de classe média em Los Pioneros. Ao perguntar para ela se talvez essas pessoas compraram no mercado negro, ela é enfática:

!No! Es que ellos mismos fueron a saquear, si Los Pioneros... por ejemplo, Los Pioneros está aquí y El Pincoyano está como allí... cerca... y con los “yales”¹⁰⁶, con los palets¹⁰⁷ ¡se traían cosas!... ¡copete! [bebida] Sabis que después que asaltaron el Pincoyano, ¡andaban todos curados! ¡Andaban todos curados! Pero el anillo 1, el anillo 2... el anillo 4... Pero él único del anillo 4 que creo... fue uno que vivía en el tercer piso hacia el fondo... que pillaron, que llegaron carabineros una noche... y fueron y... echaron la puerta abajo. Pero se habían ido. y ahí pillaron el sofá del dueño, que era un sofá de estos ¡caros! Que son como... son bacanes, grandes, de cuero... ¡de cuero! ¡No de cuerina! ¡De cuero! Y lo pillaron en el condominio... y cuando empezaron... no, si fueron carabineros a varias casas... ya tenían localizado quien era.

Voltando ao depoimento de El Pincoyano, ele diz que não guarda rancor de seus vizinhos, mas expressou muita raiva quando tentou procurar uma explicação para o acontecido: “todo por esta cuestión cochina de la política”, o governo teve como prioridade defender certas lojas e outras não:

¿Por qué el mall no lo saquearon? ¿Por qué sí la Vega Monumental? ¿Por qué este barrio industrial lo saquearon? ¿Por qué no saquearon el Líder? ¿Por qué no saquearon Sodimac? ¿Por qué un gran supermercado regional como el Verlyuis fue absolutamente saqueado? Saca tú tus propias conclusiones... Con mi señora fuimos a conversar, fuimos a la radio, fuimos a televisión a conversar con el Intendente de ese momento, el Tohá y *no hizo absolutamente nada*, le fui a explicar todo y el compadre no hizo absolutamente nada y estaban *esperando la orden*. Entonces mientras esperaban la orden, ¿qué es lo que hacían *los malos*? por decirlo de algún modo, se aprovecharon, *se apoderaron de la ciudad* y ¡cuántas empresas quebraron!

Na sua visão, os acontecimentos de violência coletiva registrados no terremoto de 2010 têm normalizado os saques no país, o que pode ser exemplificado através dos casos que têm se registrado nas diversas manifestações de estudantes acontecidas no ano 2011. Na entrevista feita no verão de 2012, diz que ainda vivia com medo, “cuando hay estos paros, yo junto a toda mi gente, ¿me cachai o no? Con palos, nos preparamos con palos, con pistolas, ¡yo! ¡Imagina! ¡Como unos bandidos!”. Aquela “desordem” que nasce com os saques pós-terremoto, no seu entender, perduraria até o presente por culpa da péssima gestão do governo de Sebastián Piñera, que não opera com “mano

¹⁰⁶ São os carros de transporte que se utilizam dentro das lojas nas áreas de depósitos para carregar os *palet*.

¹⁰⁷ Os *palet* são caixas de grandes dimensões utilizadas para transportar produtos a lojas e supermercados.

dura”. Seguidamente, destaca que a única ajuda estatal que receberam as pequenas e médias empresas afetadas pelos saques foi uma maior flexibilidade para solicitar créditos bancários, mas só isso – inclusive, ele, até o dia da entrevista, ainda estava pagando dívidas que tinha pelas mercadorias que lhe foram roubadas ou destruídas nos saques: “Todo lo que me robaron, tengo que pagarlo, como si tu te comprai un par de zapatos que tú no usaste”.

Para Ana María, a dona do Bio-Pan, os saques também responderam a um “problema político” que ninguém quer reconhecer, no qual os partidos da *Concertación* preferiram que os residentes de Concepción tivessem que “guerrear” com os saqueadores, em vez de entregar o resguardo policial que era necessário nesses dias, por medo de decretar estado de exceção e voltar, desse modo, a aplicar um dispositivo de governo que não era acionado desde a Ditadura Militar: “Porque preferían que estuviéramos así guerreando, como estuvimos, antes que ellos terminar, finalizar su gobierno tirando los militares”, aponta com raiva.

A “DEMORA”

Muitos consideraram que se tivesse sido proclamado com maior celeridade Estado de Exceção em Concepción, ter-se-ia evitado o “estallido social”, como nomeou a comissão de deputados encarregada de pesquisar as respostas institucionais ao 27F, os saques. No seu primeiro relatório, Cristián Le Dantec, ex-general do Exército, declarava que desde a hora zero da catástrofe até a hora 36, as FF.AA estiveram dedicadas exclusivamente a trabalhos humanitários, conforme às disposições do decreto de Zona de Catástrofe vigente nessas horas. Na verdade, no mesmo dia 27 de fevereiro às 6h, a ex-presidente Michelle Bachelet determinou por meio do Decreto Supremo Nº150 como Zona de Catástrofe cinco das quinze regiões do país. Com esse ato administrativo, o poder executivo designava como autoridade responsável da coordenação e execução dos programas de recuperação aos Intendentes das respectivas regiões afetadas, que no caso de Concepción, era o senhor Jaime Tohá¹⁰⁸.

As divergências nas interpretações sobre o papel das FF.AA sob esse tipo de decreto é, sem dúvida, um dos pontos mais problemáticos. A questão que muitos dos militares se perguntavam era: podiam reprimir a população ou só deviam dedicar-se a atividades humanitárias? Desde o ano de 2008 se estava discutindo o uso das FF.AA nos desastres. Nesse ano, a Contraloría General de la República tinha dirimido que não se precisava decretar Estado de Exceção por Catástrofe para dispor das FF.AA no

¹⁰⁸ esse dispositivo tinha sido acionado em 2007 em Tocopilla por causa do sismo de 7,7º que deixou mais de 1.000 vítimas; e em 2008, quando o vulcão Chaitén no extremo sul entrou em erupção obrigando a evacuação e reassentamento de mais de 3.000 pessoas.

auxílio de pessoas e bens afetados, assim como para coordenar sua colaboração com outros órgãos do Estado.

Contudo, em 2010 Bachelet declarou à imprensa que no domingo, 28 de fevereiro, pela manhã, e ante o conhecimento dos diversos saques sucedidos em Concepción, considerou necessário promulgar a restrição de direitos e garantias constitucionais mediante o estabelecimento do toque de recolher, que só é possível através do decreto de Estado de Exceção. Concretamente, a Lei Orgânica Constitucional dos Estados de Exceção nº 18.415, que data de 1985, estabelece que, em caso de calamidade pública por catástrofe, pode-se decretar Estado de Exceção por 90 dias, sendo possível estendê-lo por até um ano. Com essa medida governamental, tem-se a faculdade de restringir as liberdades de locomoção e reunião; dispor da requisição de bens; estabelecer limitações ao direito de propriedade; e adotar todas as medidas extraordinárias necessárias para o restabelecimento da normalidade nas áreas afetadas. Bachelet, assim, declarava em março de 2010:

[...] toda esta patilla [cuento], y mito de que yo habría tenido temor de sacar a los militares a la calle... ¡pero si yo los he sacado todas las veces! Como ministra de Defensa fui la que me moví para que fueran a Haití, he trabajado en todos lados con ellos, no tengo ningún prejuicio, nunca, y tengo muy buenas relaciones con el mundo militar¹⁰⁹.

De acordo com Le Dantec, logo após o decreto de Exceção, as FF.AA passaram a uma segunda fase – da hora 36 a 84 –, onde o objetivo era restabelecer a ordem pública perdida. Por causa das condições defeituosas das estradas atingidas e a dificuldade no traslado do contingente militar requerido, demoraram como instituição 48 horas em lograr esse fim. O atual comandante do Exército, Juan Miguel Fuente-Alba, nas suas declarações, assumiu que o Exército demorou para controlar os saques já que, uma vez conhecido os decretos de excepcionalidade, precisaram de tempo para instruir aos agentes militares e explicar-lhes “cuál es la regla de enfrentamiento con propios compatriotas, que estaban embravecidos por la situación ocurrida y por la posibilidad de quedarse sin alimentación o agua”¹¹⁰.

De acordo com ele, demoraram 72 horas para mobilizar 14 mil homens que eram necessários para enfrentar a situação, problema de ordem pública que não é a tarefa habitual das FF.AA: a nova missão teve que ser afrontada com o armamento

¹⁰⁹ Entrevista em revista “The Clinic”, 25 de março 2010.

¹¹⁰ Informe da Comisión Especial Investigadora del Estado de la Institucionalidad en Relación a su Capacidad de Respuesta frente a Desastres Naturales (2010, p. 67).

próprio do Exército; portanto, recomendaram fortemente cautela a seus agentes para “não perder nenhuma vida humana” nos enfrentamentos com os civis.

O desafio de intervir militarmente Concepción sem gerar nenhuma morte constituiu um eixo central no discurso do mundo castrense; com efeito, a mesma preocupação afetou a seu antecessor, o ex-comandante em chefe do Exército, Osvaldo Izurieta¹¹¹, que declarou para a imprensa, no meio das investigações judiciais que ainda seguem em curso, sobre o 27F, que para eles como instituição não foi fácil agir: há 25 anos que o Exército não saía às ruas numa tarefa de ordem interior e, não obstante isso, foram capazes de tomar o controle de toda a zona atingida e impor a ordem sem gerar um só morto: “Eso fue una hazaña”¹¹². De fato, o Exército não matou nenhum civil, mas a Armada do Chile, sim. O ex-General Izurieta, assessor do Ministro de Defesa, Andrés Allamand, acrescentou nessa entrevista que no caso de voltar a acontecer as situações e condições que geraram o terremoto de 2010 aconselharia o decreto *imediato* de Estado de Exceção.

4. NA REGIÃO DOS RUMORES

Thus a reality effect is created through anchoring a particular strand in denser stories from the past.

Veena Das, in *Life and Words*

Ao analisar as microcenas de saques reconstituídas com base nas lembranças de seus entrevistados (eventos, aliás, que voltaram a acontecer em Argentina em dezembro de 2012), Auyero destaca o significado que tiveram os acontecimentos que ele chamou de “la doble vida de los rumores” (Auyero, 2007, p.162). O sociólogo identifica como esse tipo de informação, os rumores, “ruído confuso de muitas vozes”, foram fundamentais. Primeiro, para avisar que os saques iriam ser perpetrados contra *certas* lojas e supermercados, possibilitando que um grande número de pessoas chegassem aos lugares dos futuros distúrbios para participar, ou, como diziam a maioria, só pra observar. Em segundo lugar, para reparar como através de boatos alertou-se aos donos de estabelecimentos que iriam ser atacados, a partir dos quais os proprietários conseguiram improvisar algumas medidas – com menor ou maior eficácia –, a fim de se proteger dos iminentes ataques. E, por último, o autor ressalta como no fim do ciclo,

¹¹¹ Ocupou esse cargo entre os anos 2006 e 2010, no governo de Michelle Bachelet.

¹¹² Entrevista no jornal “La Tercera”, 18 de fevereiro 2012.

paradoxalmente, os rumores com respeito aos potenciais ataques a moradias desestimularam a continuidade da violência oportunista ao se retirar as pessoas.

Assim, com o intuito de estabelecer um diálogo entre as descobertas de Auyero e os depoimentos dos entrevistados, vemos como, nos dois casos apresentados nas páginas anteriores os proprietários das lojas que iriam ser atacadas também foram alertados. Conforme lembrava Ana María, a polícia mesmo foi quem os alertou pela primeira vez sobre o que poderia acontecer, sugestão que ganhou sentido aquela noite de sábado de 27 de fevereiro quando, no rádio, ouviram as notícias sobre os saques. Com esses antecedentes, decidiram não abrir a loja no dia seguinte para evitar o previsível. Mas, o sentimento de incredulidade continuava, até quando chegaram pessoas correndo para lhes avisar que estavam saqueando o supermercado Bigger, localizado a poucos quarteirões de distância.

Com respeito a El Pincoyano, lhe foi avisado – não nos foi informado por quem – que seria alvo dos ataques no domingo, dia 28 de fevereiro, pelo qual decide ativar seus contatos com *carabineros* e solicitar proteção. O rumor de que sua loja seria invadida junto com a observação direta no sábado do que tinha acontecido em outros pontos da cidade foram suficientes para que resolvesse adotar medidas de proteção, embora tenham sido insuficientes em ambos casos.

Acerca do poder mobilizador dos rumores para congregar os futuros perpetradores dos distúrbios, note-se que, segundo Loreto, ela com seu marido chegaram a El Pincoyano porque no seu bairro *se dizia* que estavam saqueando essa loja. Marcela, por sua vez, dizia que chegou com sua irmã ao supermercado próximo a sua casa porque *diziam que* o supermercado iria deixar ingressar as mulheres para coletar o que fosse necessário. Outros escutaram boatos que algumas lojas dariam de presente as mercadorias para evitar que os alimentos se estragassem.

É importante notar que os rumores podem colocar em circulação informações tanto verdadeiras como falsas, conforme apontam Stewart e Strathern (2004, p.39): “Rumor is unsubstantiated information, true or untrue, that passes by word of mouth, often in wider networks”¹¹³. No caso de Concepción, os boatos acerca dos saques a estabelecimentos comerciais referiam-se a episódios que, de fato, estavam se reportando em diferentes lugares da cidade; assim, as histórias que transitavam de boca em boca podiam se basear no testemunhado, no ouvido de outras pessoas ou naquilo que era escutado pelo rádio. Mas, ao analisar as estratégias de autodefesa nos bairros, nascidas pelo temor e, em alguns casos, pelo pânico das turbas, com a distância e mediação do tempo, os entrevistados compreenderam que esse pavor urbano coletivo não se fundamentou em fatos concretos. As turbasmultas saqueadoras de domicílios constituíram uma espécie de presença fantasmagórica, mesmo multitudinária, onipresente e

¹¹³ Os autores propõem diferenciar o rumor da fofoca e do escândalo.

onipotente, que ao se aproximar aos bairros, paradoxalmente, diluía-se nas sombras da cidade “terremoteada”, como veremos nos seguintes excertos etnográficos.

4.1. “ARE WE ARE WAR? DO WE HAVE AN ENEMY?”

Após os distúrbios registrados no supermercado Bigger, localizado nas imediações do condomínio Los Pioneros, começaram a circular rumores de que os grupos que saquearam esse estabelecimento começariam a roubar os apartamentos do condomínio. Como reação aos boatos, os moradores organizaram diversas estratégias de segurança para se defender, já que os seguranças privados do prédio fugiram na madrugada de 27 de fevereiro de 2010. Segundo indicam Loreto e Rosa, os vizinhos estavam especialmente preocupados com os moradores daquelas *poblaciones* ao redor de seus edifícios, pelo qual os homens arranjaram turnos de vigilância durante as noites¹¹⁴. Reuniram paus, bastões e dois vizinhos ex-policiais contribuíram com armas, as quais não podiam ser utilizadas – acrescenta depressa Rosa. Paralelamente, cada um dos moradores do condomínio foi identificado com uma braçadeira de lenço branco¹¹⁵, no qual anotava-se o nome da pessoa e o número de seu apartamento, distintivo que tinha que ser usado pelos adultos a cada noite.

Será numa dessas noites que o sistema de segurança foi ativado: vizinhos avisaram que alguém tinha ingressado num dos apartamentos para furtar. Os homens chegaram até lá, pegando o suspeito, e começaram a espancá-lo, até que um dos vizinhos conseguiu reconhecer o suposto ladrão: o potencial inimigo *era um deles*. Segundo explicou, o jovem morador do condomínio tinha decidido fazer uma brincadeira sem pensar que ganharia uma surra por isso. Aquele confuso episódio foi a única “tentativa” de roubo de que se lembra Rosa durante os dias de vigia.

Vale a pena frisar que, pelo menos nos casos que nós exploramos, as atividades de autodefesa foram centralizadas pelos homens dos bairros, e as mulheres concentraram-se nas tarefas de abastecimento e distribuição de comida. Rosa, moradora do condomínio Los Pioneros, foi dessas vizinhas que reagiram ativamente para solucionar as diferentes necessidades, especialmente a mais básica de todas: comer. No primeiro dia, arranjou uma coleta de comida entre os vizinhos, cozinhando numa fogueira feita com

¹¹⁴ Sobre esse grupo, Solsona (2010), na sua pesquisa em San Pedro de la Paz, detectou o argumentou do temor entre residentes do sector de Huertos Familiares frente às pessoas que moram nos conjuntos habitacionais construídos durante o governo da Concertación, sob o programa Chile Bairro, que concentrariam em espécies de guetos pessoas com hábitos ruins e carentes de valores morais.

¹¹⁵ Resulta interessante notar como nos relatos sobre os saques que aconteceram em 1989 em Buenos Aires, segundo dados de Neufeld e Cravino (2001), também foi indicado o uso de braçadeiras brancas.

madeiras que um deles conseguiu numa serraria. No contexto da catástrofe, diz Rosa, “tivemos que voltar a comer com base a uma *olla común*”.

A *olla común* é uma das lembranças mais marcantes da vida nos bairros populares durante os anos 70 e 80, na qual a organização das mulheres foi fundamental para lutar contra a fome num período de profunda crise econômica. Conforme Katia Valenzuela (2010), esse tipo de estratégias comunitárias arranjadas nos dias posteriores ao terremoto, foram interpretadas por *pobladoras* dirigentes de moradias de emergência como uma experiência valiosa que dava conta da autonomia das comunidades para resolver seus próprios problemas. Nessa perspectiva, vale destacar que no cataclismo de 1960, nas cidades de Valdivia e Concepción, foi registrada essa estratégia coletiva para sobrelevar as necessidades alimentares, assim como também nas enchentes de 1982 em Santiago.

Ela junto sua família e vários vizinhos decidiram viver em tendas durante 15 dias na garagem do condomínio, criando desse modo um grande acampamento improvisado, a partir de onde coordenavam as tarefas a resolver. Uma das tendas virou uma creche coletiva, onde cuidavam das crianças do bairro fechado, criando jogos e contos para seus filhos, podendo assim transformar para eles a catástrofe numa aventura a mais do verão, desenvolvida outrora no restrito espaço da rua. Nesse sentido, pode-se dizer que a catástrofe os obrigou a ter a vida comunitária que normalmente não acontecia, segundo Rosa, devido à falta de tempo após o trabalho, em especial agora que as moradias estão sendo construídas cada vez mais longe do centro da cidade, aumentando os tempos de traslado:

[...] yo vi como que la gente en ese minuto cuando sucedió esto, se abrió como una flor ¡ pum! Se abrió, porque teníamos que abrirnos para poder subsistir pero ya, al haber acabado todo esto, como que volvió otra vez y se cerró de nuevo y se volvió a su rutina original... Pero, sí, se formaron lazos bien bonitos.

As longas noites sem televisão foram trocadas por conversas sobre as feiras, brincadeiras e jogos de cartas. Também faziam leituras da bíblia, para tentar obter alguma paz nos corações, diz Rosa, a despeito das religiões específicas de cada um. Para ela, o tempo pós-catástrofe foi uma experiência muito profunda, porque se preocupou com muita gente, não só com sua família.

Essas dinâmicas de organização comunitária que surgiram logo após o cataclismo em diferentes bairros da cidade também foram identificadas por outras pesquisas (Solsona, 2010; Acuña et al., 2011; Aninat et al., 2011). Em geral, esses trabalhos destacam que as estratégias solidárias intrabairros surgem ante a necessidade da emergência e que vão desaparecer rapidamente quando a cidade volta a ter os serviços básicos. Solsona (2010) ressalta o caráter funcional e *sui generis* dessas estratégias, nascidas no seio de uma sociedade que se caracterizaria pela fragmentação social, enfraquecimento dos laços sociais e comunitários, individualismo e consumismo. A partir de outra

perspectiva, Valenzuela (2010) vai chamar a atenção sobre como as diferentes estratégias comunitárias surgidas representam um momento de grande significado: ante a ausência temporária do Estado, a cidadania nas áreas mais atingidas demonstrou que podiam conviver na solidariedade e na proteção mútua e, desse modo, “respirar fora do contrato social”, resolvendo seus problemas mais imediatos dentro dos espaços comunitários.

Loreto, diz que foi a única mulher que participava dos turnos de vigilância todas às noites, ações que se estenderam por quase um mês – sem importar que a subestação de luz já havia sido reparada, sem importar que os militares já estavam na cidade e que o toque de recolher estava em vigor durante as noites. Os turnos duravam 5 horas, começando às 18h. Os voluntários sentinelas faziam piadas a Loreto: “todos les decían a mí marido que era para que él no se escapara para otro departamento... pa’ que no se fuera pa’ otro lado [risos] Que yo lo estaba cuidando a él”. Mas, segundo ela, acompanhava os homens porque não queria ficar sozinha no carro, onde dormiram por várias semanas por motivo do temor que um novo abalo sísmico pudesse derrubar o prédio. Numa dessas noites, ela estava sozinha acompanhando um vizinho que lhe ofereceu café; para sua surpresa tinha whisky, questão que lhe pareceu inapropriado: afinal, tinham que estar alertas para cuidar do condomínio.

Nesse cenário, ela lembra como fizeram um pacto de cuidado mútuo com os residentes das casas localizadas *detrás do muro* do condomínio. As estratégias de apoio entre unidades socioespaciais que se reconheciam como diferentes também foram detectadas por Solsona (2010): *poblaciones* próximas coordenaram sistemas de alarme coletivo baseado em assobios. Segundo Loreto, logo após o sismo, esses vizinhos lhes avisaram que estava se aproximando um grupo grande de pessoas provenientes das casas situadas *mais atrás*, pelo qual acionaram o sistema de alarme combinado: em todo o setor do condomínio começaram se a ouvir apitos avisando o iminente ataque. O relato de Loreto sobre o episódio é confuso; primeiramente, diz que ela viu um grupo de 15 pessoas se aproximando, mas logo assevera que não os viu; provavelmente, imaginou o que os outros diziam ver. Seu medo foi tão grande nesses momentos que suas pernas tremiam e começou a chorar; no entanto, pensava em subir até seu apartamento, mover a geladeira para trancar a porta; ninguém ia pegar as coisas que com tanto esforço conseguiu na sua vida.

Para se defender, um ex-policial começou a disparar ao ar e, com isso, conseguiram espantar os supostos atacantes. Os disparos durante as noites foram uma das medidas escolhidas para fazer saber aos vizinhos indesejados que no condomínio estavam preparados, organizados e armados:

[...] pa’ mí en ese momento era ya una guerra, una *guerra civil*, pa’ mí iba a sobrevivir el más fuerte... si sigue esto así. Pero después, después me enteré, porque venía gente de [otras ciudades] a ver a sus familiares acá, que traían bencina... eh... me di cuenta que por allá

¡estaba normal. ¡Y que era solamente aquí! ¡Esta parte! Pero como yo no tenía idea de nada, ¡pensaba que esto había sido en todo Chile! Para mí era como que ya estaba *acabo de mundo*... que no íbamos a tener más agua, que no íbamos a tener más luz, eso llegué a pensar en un momento, pero después me di cuenta que no era así.

Ao disparar como estratégia de defesa, a comunidade de Los Pioneros adota um repertório que Loreto atribuía como distintivo dos moradores das moradias sociais, das pessoas de “Chile Barrio”, essa gente *de allá atrás* que, com sua violência, não deixa viver os outros. Em relatos coletados, tanto as cenas dos saques como as de autodefesa foram caracterizadas como *guerra e del oeste*, quer dizer, como situações de expressiva violência. De tal forma, nas duas cenas os protagonistas, teoricamente adversários (saqueadores vs defensores), terminaram por se parecerem, mimetizando-se numa zona de indistinção.

A VIDA SOB O TOQUE DE RECOLHER

A circulação por Concepción virou um assunto a se planejar; era preciso estar atento ao relógio, calcular as distâncias para voltar a casa logo após ir visitar familiares ou obter alimentos. Alguns se perguntavam: o que acontece se não consigo chegar a tempo? Loreto, do condomínio Los Pioneros, narra como nesses dias experimentou mais de uma vez estar transitando no seu carro no limite do horário, situação que era vivida com muito nervosismo e ansiedade, imaginando o que poderiam dizer ou fazer os militares. Quando foram detidos pelos militares na ponte Llacolén só tiveram que explicar que estavam já voltando a casa.

“Usted, si ve un militar con un fusil ¿se va a poner a discutir con él?” Com essa frase Osvaldo avaliava os resultados da intervenção militar: conseguiram impor a ordem em diferentes situações, como quando resguardavam os pontos de gasolina, obrigando às pessoas a fazer longas filas para poder comprar. Segundo ele, as armas que usavam os militares estavam sem munições: era só para amedrontar à população. No bairro popular de Boca Sur, em San Pedro de la Costa, Luis narra que os militares permaneceram durante dias dentro da vizinhança. Circulavam em caminhões, nos quais subiam os jovens teimosos que não respeitava a restrição, que eram deixados nas suas casas sob ameaça de que, se fossem pegos novamente, dessa vez seriam presos: “a los que se llevaban les daban duro si...como son los milicos [militares]...no son na’ igual que los pacos [policiais]...uno a un paco le puede levantar la mano pero a un milico !No!”.

Marta, acadêmica e gestora da organização civil *RedConstruyamos*, morava, no dia do terremoto, na Villa de San Pedro de la Paz, perto de Laguna Chica. Em sua análise, nos bairros, aconteceu sim uma auto-organização, mas em dois sentidos: por um lado, observou-se uma dimensão virtuosa, onde as pessoas se reuniram para se dar conforto, para compartilhar comida, passar juntos as noites, falando, divertindo-se

em torno das fogueiras, tentando gerar uma rede de contenção nesses momentos tão difíceis; porém, por outro lado, a organização no interior das comunidades referia-se também a uma dimensão defensiva, perante a sensação de vulnerabilidade com base nos saques aos estabelecimentos comerciais e com base numa série de preconceitos:

[...] en mi barrio hay un señor ex jubilado de carabineros que salió con armas, ¿cachai? Entonces sacaban armas y además del contar con esos elementos ¡la actitud! La actitud de defensa ¿no? La *actitud de guerra*, la actitud de son ellos o nosotros.

Nessa atitude de defesa, havia vizinhos que chegaram a usar suas roupas de militar, acontecimento que também foi identificado por outros entrevistados e em outras pesquisas (Acuña et al., 2011; Aninat et al., 2011): esses homens sentiam-se os defensores do bairro, animados por comentários como os propalados pela *alcaldesa* de Concepción, que convocou pelo rádio os vizinhos a se defender. Caso emblemático sobre esse medo exacerbado foi o *alcalde* de Hualpén, que ligou na segunda-feira, 1º de março, à rádio Bío-Bío, o único sinal que funcionava naqueles dias, chorando e implorando que as autoridades centrais determinassem logo o envio de para “salvar” o município, acrescentando ainda que “están como endemoniados, nada los detiene... si hay que matar, que maten”, num confuso episódio onde diz que roubaram milhões de pesos de seu escritório – mas, que logo foi desmentido.

No bairro de Marta, de classe médio-alta, após o cataclismo, surgiram assembleias “vizinhais” nas quais um dos principais pontos a se discutir era: o que fazer se chegassem finalmente a atacar suas moradias? Bateriam neles? Usariam armas? Também discutiam se deveriam ou não deixar pessoas alheias ao bairro entrar na lagoa para procurar água, já que às vezes chegavam *flaites* que poderiam estar usando como desculpa a água para tentar roubar. Assim também discutia-se sobre as famílias populares de San Pedro de la Costa, que chegaram até lá para acampar: deviam pedir a polícia que os expulsassem? Alguns até falavam que essas pessoas, ao se banharem no lago, podiam estar contaminando a água.

Marcos, o professor de escola que citamos na introdução é amigo de Marta. Na época do terremoto morava em Las Lomas de San Andrés, loteamentos de alto padrão iniciados nos anos 1980, numa área que logo depois seria escolhida para situar o único shopping da cidade no ano 2012, Mall Plaza Trébol, assim como um mega-supermercado da rede Líder e várias faculdades privadas, graças a sua excelente conexão com o centro de Concepción e com a comuna de Talcahuano. Ele rememorava como no seu bairro também surgiu tanto a dimensão virtuosa quanto a defensiva:

[...] !Era increíble! Las viejas gritando ¡nos van a saquear! ¡nos van a saquear! ¡Vienen por allá, vienen por acá! Y yo corría en auto pa acá, en auto pa' allá y le decía, pero ¡si no pasa nada! Llegaba un viejo en auto y decía, ¡no, están en el mall! Partía yo pal' mall en auto y la Claudia

me decía, no salgai [sair], y yo salía con otro vecino y volvíamos y ¡no pasa nada! Nos movíamos pa' un cerrito, y mirábamos porque decían: ¡vienen de Santa Sabina!¹¹⁶ Y nada, en la Santa Sabina estaba con fogatas también afuera de las casas, vigilando ¿cachai? Pasó un día una señora con un carrito y dicen: ¡vienen los *flaites*! Y la señora iba pa' su casa porque pensaba que habían abierto el supermercado del Santa Isabel del mall eh.... una señora de Santa Sabina, la acusaron de todo a la pobre vieja.

Outra estratégia de autodefesa amplamente registrada em diferentes bairros foi o fechamento de ruas de acesso público. Osvaldo, dono de livrarias no centro de Concepción, destaca que o fechamento de caminhos foi algo que aconteceu em diferentes bairros, aparecendo como um evento transversal às diferentes classes socioeconômicas. Ele testemunhou o acontecido na popular comuna de Hualqui, a 20 km à sudeste do centro de Concepción, onde os vizinhos estavam, segundo suas palavras, em *pie de guerra* logo depois dos saques; para avançar pelas ruas as pessoas tinham que se identificar frente a grupos de vizinhos armados:

[...] era como una *película del oeste*... sale un gallo con revolver dentro del cinto y él otro estaba con una escopeta de dos cañones y el otro con palos... se veía de lo que usted de imagine.

De quem se defendiam os moradores de Hualqui? Ora, da *población* La Leonera, localizada no limite entre Hualqui e a comuna de Chiguayante, que nasceu nas erradições dirigidas pelas políticas urbanas da Ditadura Militar. Osvaldo chegou mesmo a ir até La Leonera para contatar um trabalhador; lá, a situação estava complicada, “efervescente”, mas sem fechamentos de rua, aponta.

Ele acrescenta, ainda, como no seu bairro, em Pedro de Valdivia, setor de classe alta, também decidiram fechar as ruas de aceso – medida, aliás, que achou sem sentido algum – para o controle de circulação de pessoas, situação na qual alguns também sacaram armas para se defender: *de quem?* Ora, das famílias de Pedro de Valdivia Bajo que moram na margem norte do rio Bío-Bío ocupadas há décadas por famílias pobres. É interessante sublinhar que Osvaldo faz a conexão entre essa sensação geral de medo por parte de seus vizinhos com situações que se viviam em 1973, isto é, no ano do Golpe Militar. Nessa época, as pessoas do bairro tinham temor da *población* Agüita de la Perdiz. Osvaldo diz que na época do governo de Salvador Allende seus vizinhos tinham temor que chegassem dessa *población* a roubar suas moradias e comenta, tentando explicar os eventos pós-terremoto, “parece que por recuerdos de la época, la gente se

¹¹⁶ A población Santa Sabina está na fronteira com Las Lomas de San Andrés e reúne famílias populares, que chegaram há cerca de 20 anos, morando na área, passando da posse ilegal ao recebimento de títulos de propriedade dos terrenos.

asusta”. Ele afirma que nunca aconteceu de roubarem seu bairro, nem nessa época nem no terremoto de 2010.

FIGURA 18. AUTODEFESA PÓS-TERREMOTO EM CONCEPCIÓN



Fonte: Flickr da Séptima Compañía de Bomberos

Por sua vez, Marcela, sobre seu bairro em Hualpén, lembrava como seus vizinhos também decidiram fechar as ruas: um grupo de homens se posicionou em cada um dos acessos da via onde se localiza sua casa:

[...] era como un grupo acá y un grupo allá, y ahí se iban pasando la información, entonces cuando venían los *rumores*, salían con palos con lo que tuviesen [risos] ahora una la piensa y ¡es como chistoso! Una niña que vive en las poblaciones de más atrás, me decía que vio armas en la calle... Aparecieron y aparecieron armas... y se supone que había que entregarlas un tiempo atrás cuando el gobierno empezó a decir y... al final nadie las entregó¹¹⁷.

De acordo com o já exposto na parte referente aos saques, Marcela assinala que ao redor do seu bairro se localizam *poblaciones* conflituosas; não obstante, para ela, a presença de pessoas ligadas ao mundo do “ilícito” foi positivo no contexto do pós-terremoto: sentia-se protegida, ninguém ia tentar roubar no bairro e arriscar-se enfrentá-los. Sem embargo, como nos outros bairros da cidade, os vizinhos tinham

¹¹⁷ Nesse trecho, ela faz referência às várias campanhas que se têm realizado tanto nos governos de Michelle Bachelet, assim como no atual governo de Sebastián Piñera, para conscientizar a população a devolver as armas ilegais e assim prevenir situações de violência.

medo de que chegassem de fora a roubar, especificamente, da comuna de Coronel, situada a 38 km de Hualpén:

[...] en mi barrio decían que venían patotas [grupos] de Coronel, que venían cruzando – eso escuché una vez – el puente Juan Pablo... pero el puente estaba cortado, entonces ¿cómo? Pero bueno, ellos los veían que venían cruzando el puente Juan Pablo, o que venía gente de los cerros de Talcahuano, que es bien peligroso. De Los Lobos... cerca de Centinela¹¹⁸, que son poblaciones... medias conflictivas... como que nos iban a rodear. Habían dicho que la gente de Hualpén [ou seja, eles] había salido a atacar a los demás, entonces venían ahora *a cobrar venganza* ¿y de adonde? [risos] ¡Si estaba toda la gente, toda asustada!

Assim, como ela consegue nomear os bairros que segundo os rumores chegariam a roubar a seu setor, Marcela menciona como seu próprio bairro era temido por outras comunidades¹¹⁹. Nesse sentido, vale a pena assinalar que Loreto, sua colega de trabalho, narra a história de como pessoas de Hualpén chegaram até às *poblaciones* de Talcahuano, cruzando o morro que as separa, para saquear as moradias. O rumor que circula é que nessa situação um dos saqueadores foi pego pela polícia militar e

¹¹⁸ Onde mora Tamara, que perdeu seu apartamento e que, de todos os entrevistados, junto a suas vizinhas, não fizeram menção nenhuma a problemas de insegurança pós-terremoto, já que seus problemas se concentraram na destruição das moradias e de conseguir comida para fazer *ollas comunes*.

¹¹⁹ Resulta curioso que Solsona (2010) defina como “anedótico” que os habitantes dos bairros populares estigmatizados tenham consciência das etiquetas que recaem sobre eles, situação que detectou entre os vizinhos da *población* “Villa Belén” na *comuna* de Penco.

entregado à própria comunidade para que fizessem justiça com suas próprias mãos, e que o indivíduo foi espancado até a morte.

No caso dos saques no conurbano bonaerense, segundo informa Auyero, começaram a se espalhar boatos de que grupos de pessoas das *villas miserias* chegariam até as moradias para roubar, pelo qual, os vizinhos organizaram-se para sua autodefesa. Reproduzimos, aqui, o testemunho de uma das entrevistadas de Auyero (2007, p.166):

La noche después de los saqueos fue terrible porque se decía que venían *pandillas* de otros lugares... Los muchachos, que por lo general son *pibes choros*, en ese momento estaban protegiendo el barrio. Se quedaron afuera diciendo: ‘Esta es mi área y nadie va a pasar’.

Se trocássemos *pibes choros* por *flaites*, notaríamos que a frase parece-se muito com o relato de Marcela e de como ela se sentiu segura no seu bairro estigmatizado, pela presença de seus vizinhos que pareciam atemorizar o resto da cidade.

Conforme os entrevistados de Auyero, as ruas também foram fechadas, sacaram armas de todo tipo e os homens permaneceram nas ruas vigiando durante a noite. Mas, os virtuais ataques às moradias tampouco se concretizaram.

É importante notar que alguns dos testemunhos indicavam que o rumor dos ataques às moradias também foi espalhado pela polícia, no caso argentino, como uma estratégia de inteligência que tinha por intuito desmobilizar os saques aos estabelecimentos comerciais. É importante sublinhar que essa mesma ideia foi formulada por Marcela no caso do terremoto: “no sé de donde salían los rumores en realidad;

algunos dicen que incluso los echó a correr el gobierno ¿para qué? Para que cada gente se quedara en su casa y no saliera a los saqueos y no congestionaran las calles”.

FIGURA 19. SAQUES EM SUPERMECADO LÍDER EM CONCEPCIÓN



Fuente: Jornal La Tercera online, 28 de fevereiro 2010

A partir dos elementos expostos acima, considero importante observar como os rumores acerca dos virtuais ataques às moradias que circularam pelos mais diversos bairros da área metropolitana de Concepción adquiriram uma expressão socioterritorial particular, conforme o lugar de referência; ou melhor, pode-se dizer que a composição da temida multidão variava segundo o espaço de referência do aterrorizado. Para quem morava no condomínio Los Pioneros, como no caso de Rosa e Loreto, a massa dos saqueadores compunha-se de pessoas provindas das moradias sociais localizadas *atrás* do condomínio, assim também pelos moradores daquelas *poblaciones* mais antigas, como Boca Sur e Michaihue. Para Marcela, os potenciais saqueadores dos quais tinha que se defender chegariam das *poblaciones* de Talcahuano. Os moradores do bairro de classe média-alta em San Pedro de la Paz, onde morava Marta, saíam das *poblaciones* de San Pedro de la Costa. Segundo Luis, no seu bairro, Boca Sur, também decidiram usar braçadeiras brancas para identificar os membros do bairro, pois

também temiam a chegada de pessoas estranhas para roubar casas, embora muitos estavam temendo-os.

Nesse cenário, ao que parece, todos se defenderam de alguém, todos tinham algum bairro, ruas ou *población* da qual temer. Mas não todos, note-se, foram indicados como potenciais inimigos.

DAVID RIQUELME

Na comuna de Hualpén, a noite da terça-feira, 9 de março de 2010, sob o toque de recolher, Daniel David Riquelme Ruiz de 45 anos saiu da sua casa para comprar cigarros junto a um amigo, Iván Rojas. No trajeto, foram detidos por uma patrulha da Armada Naval de Chile, e segundo o testemunho, sem provocação alguma, foram jogados no chão. Seguidamente, ambos foram subidos ao carro para serem levados à delegacia da Policía de Investigaciones, mas por a falta de espaço lá, não puderam deixá-los detidos. No caminho de volta ao bairro, eles continuaram sendo golpeados pelos militares, além de receber descargas elétricas. Depois, segundo versões que circulam na imprensa, os levaram até a praia, onde amarraram seus pés e mãos para continuar os golpes, para finalmente abandoná-los num campo de futebol perto da casa de ambos. Daniel não teria conseguido resistir as feridas e os golpes, morreu tentando caminhar até sua moradia, momento em que seu amigo pedia socorro, mais nenhum vizinho tinha coragem de sair fora da casa para ajudar.

Conforme a imprensa, David era vendedor de peixes numa feira local. Morava na *población* Armando Alarcón del Campo de Hualpén, a mesma em que até hoje mora Marcela, em Hualpén, zona da cidade que é percebida por pessoas de outros bairros de Concepción, assim como pela sua colega de trabalho no supermercado, Loreto, como um lugar complicado e perigoso, associado ao crime e narcotráfico. Justamente no bairro estigmatizado, foi onde os agentes de Armada Naval não acreditaram em que Daniel e Ivan só saíram para comprar cigarros. Marcos e Osvaldo, que também foram detidos por militares por estar na rua no horário de toque de recolher, só precisaram dizer que iam caminho a casa, para serem deixados livres para prosseguir.

Marcela lembra quando ouviu os alarmes dos carros policiais que chegaram a cena do crime, a uma quadra de distância de sua casa, onde morreu Daniel:

[...] fue donde mataron a una persona los militares y ahí se echaban la culpa de que andaba en la calle a una hora... en hora de toque de queda y los otros se justificaron... la familia que había salido a comprar ponte tú... o buscar a alguien, o a comprar bebida. Era un caballero. Nosotros vimos todo ese cuento de las sirenas [balizas], pero no nos acercábamos porque como era toque de queda. Pero con el tiempo

nos enteramos que lo mataron los militares, eso debe estar en juicio todavía, no sé que habrá pasado¹²⁰.

Ela pensa que talvez os homens estivessem bêbados, ela não os conhecia. Por que saíram à rua no horário do toque de recolher? Talvez iam saindo para o trabalho, porque muitas pessoas precisavam sair para trabalhar bem cedo, quando ainda estavam impedidos de circular pela cidade, como os padeiros do Bio-Pan. Talvez os militares fizeram isso para assustar à *población*, para que não desobedecessem o mandato de exceção – reflexiona. Sem importar essa morte, Marcela sentia-se protegida sob a intervenção militar, apesar de que não faziam mais que estar parados, segundo ela; no entanto, já isso era suficiente.

Entre o rumores que circulavam no 2012 na cidade, acham-se aqueles que dizem que entre aquelas vítimas que foram catalogadas como “desaparecida” pelo terremoto/tsunami, podem estar incluídas pessoas, que, assim como Daniel, morreram nas mãos das Forças Armadas.

A espinhosa relação urdida entre a violência coletiva e a circulação de rumores, constitui um quebra-quebra de longa data. Le Bon já falava do caráter altamente impressionável da multidão, em que fatos improváveis, por conta das alucinações coletivas, eram tidos com certos. Segundo Stewart e Strathern (2004, p.192), é difícil achar episódios de revoltas nos quais não se detecte a presença de rumores que incitaram, acompanharam e intensificaram as expressões de violência, onde é possível ver “connections between different kinds of rumors and the production of violence between opposed categories of people. Rumors are the very stuff of stereotypes about others. They generate and reflect fear and aggression between people”. Nesse sentido, seria plausível pensar na conjunção entre rumores e o que Tilly chama *boundary activation*.

Em *Life and Word: Violence and the Descent into the Ordinary*, a antropóloga Veena Das (2007) debruça-se sobre o vínculo entre a vida cotidiana e dois eventos críticos, a saber, a repartição da Índia em 1947 e o massacre dos sikhs logo depois do assassinato da primeira ministra Indira Ghandi, em 1984. Ao acompanhar as memórias de seus entrevistados sobre aqueles episódios, Das discute como certas memórias que estavam em estado de latência voltaram à vida na forma de rumores, os quais

¹²⁰ Sobre o caso de Daniel Riquelme, o Ministério Público declarou-se incompetente e passou o processo até a Justiça Militar, especificamente a Fiscalía Naval que só em 2012 processou aos cinco agentes suspeitos por o crime de “violência desnecessária com resultado de morte”. Aquela decisão de passar o caso a justiça castrense gerou uma grande polêmica por causa de que, segundo as convenções internacionais, as violações aos direitos humanos em tempos de paz devem ser julgadas pela justiça civil. Ainda, no 2013, ninguém tem sido julgado culpável pela morte de David, nem pela justiça militar nem civil.

propiciaram a devastadora violência local nos anos 80, num jogo de rotação entre o passado e o presente.

Segundo revisa Das, a historiografia indiana influenciada pelo trabalho Rudé e E. P. Thompson concentrara-se na função crítica que teriam os rumores e sua importância para mobilizar multidões populares entendidas como “agents of collective action for redressal moral wrongs, in a positive light” (Das, 2007, p.118). A indeterminação do rumor faz ele se apresentar como elemento intersubjetivo potente, que suscitaria a adesão da comunidade, constituída como instrumento de transmissão rebelde dos grupos subalternos, ao contrário dos preconceitos da elite, que entenderia os rumores como outro indicador da irracionalidade inerente à multidão. Porém, Das chama a atenção aos episódios de violência em que os rumores, ao contrário, “may create lethal conditions for circulation of hate” (Das, 2007, p.118).

Nomeadamente, Das discute que a ideia de contágio da violência seja a forma na qual as elites formulam seus preconceitos de classe contra a multidão; ao contrário, esse fenômeno permitiria enxergar a característica gramatical principal do que se chama rumor: ter sido concebido para se espalhar (*spread*).

Thus while images of contagion and infection are used to represent rumor in elite discourse, this is not simply a matter of noncomprehension, on the part of elites, of subaltern forms of communication: it also speaks to the transformation of language, namely, the instead of a medium of communication, language becomes communicable, infectious, causing things to happen almost as if they had happened in nature (Das, 2007, p.199).

A antropóloga, nessa medida, explora a força performativa e perlocucionária das palavras, quer dizer, “the capacity to do something by saying something, through which words come to be transformed from being a medium of communication to becoming bearer of force” (Das, 2007, p.119), quando os enunciados propagados numa voz coletiva anônima que desencadeiam consequências concretas ao serem enunciados. Tomando essa reflexão como mote, vemos como no caso de Concepción a declaração *nos vienen a saquear*, discurso excessivo que causou um barulho confuso, traduziu-se em estratégias de autodefesa. Seja real ou irreal, o fundamento desse alarme geral que envolveu grande parte da cidade gerou até tremores nos corpos, como no caso de Loreto.

Ora, conforme Stewart e Strathern, nem todo rumor é aceito como plausível, pois devem ser enunciados em contextos históricos e ideológicos a fim de serem acreditados e postos em circulação. Nesse sentido, os autores destacam que será o contexto, mais que as palavras em si, que produzem os efeitos, mas acrescentam: “this context is itself the product of repeated conversations and memories from the past, sedimented

into patterns of presupposition and interpretative though that are employed to understand all events in the world, not just matters of gossip” (2004, p.30).

No cenário pós-desastre de 2010, tentar estabelecer uma diferença entre os eventos que de fato aconteceram – *the brute fact*, em palavra de Das (2007, p.123) – daqueles que se dizia que aconteceram, resultava difícil. No caso pesquisado por ela, as reivindicações do real na região dos imaginários se ancoraram em vários registros: desde o visto pela televisão, o reportado como visto, até as histórias ouvidas acerca de outros tempos.

Voltando à pergunta com respeito ao caráter racional ou irracional de violência coletiva, é interessante perceber como o rumor se instala na interseção desses polos. Conforme os depoimentos de Veena Das, por influência teórico-metodológica de Rudé e Thompson, as análises sobre violência coletiva procuram demonstrar as ações das revoltas como ações racionais, seja de acordo com interesses políticos ou materiais. Porém, como apontava Burke, comentando o trabalho de Thompson, há multidões menos racionais e mais letais que aquelas pesquisadas pelo historiador inglês. Portanto, embora seja possível afirmar que as multidões trabalham com “definite ideas of a limit” (Das, 2007, p.14), constitui um desafio abordar e incluir nas análises os comportamentos inconsistentes que coexistem nelas.

Das (1990) dialoga diretamente com a obra de Charles Tilly: embora seja possível tentar identificar mecanismos e processos em pequena escala e detectar certos repertórios da violência, isso não significa dizer que as ações da multidão limitam-se a um *script* pré-estabelecido. A violência coletiva, ressalta, não é um fenômeno totalmente coerente. No seu entender, é difícil defender uma teoria geral do comportamento da multidão, pois os coletivos estão experimentando com a violência nas fronteiras horizontais e verticais das formas de vida. Ora, isso não significa entender as multidões como entidades não pensantes ou sem consciência de seus objetivos comuns. Como indica Veena Das no seguinte trecho, que Auyero retoma no seu livro sobre os saques na Argentina:

No hay ninguna contradicción entre el hecho de que, por una parte, la violencia masiva puede ser altamente organizada y a las multitudes se les puede proporcionar instrumentos tales como listas de votantes o pólvora combustible, y, por otra, que las multitudes recurran a los registros de imágenes inconscientes [...] Por lo tanto, así como estudiamos la organización y las redes a través de la cuales las multitudes son reclutadas, también debemos documentar las imágenes que las organizan, incluyendo los rumores, que las multitudes usan para definirse a sí mismas y a sus víctimas (Das, apud, Auyero, 2007, 129).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: NA BUSCA DE CRITÉRIOS DE INTELIGIBILIDADE

Com respeito aos eventos que analisei ao longo desta dissertação, interessa-me nestas últimas páginas apontar alguns comentários sobre os significados morais articulados pelos entrevistados acerca dos multitudinários saques. Para tanto, resulta pertinente trazer à tona a distinção entre, *moral discourse* e *critical analysis of a moral topic*, proposto por Didier Fassin. O primeiro, avalia, julga, sanciona com base, sobretudo, numa simplificação enunciada como um a priori que distingue “where good and evil are”. O segundo, “proposes a possible intelligibility by considering the sense that words and acts have for social agents but also by inscribing them in their broader historical and political context” (Fassin, 2008, p.339). No último caso, então, as questões são formuladas a posteriori, sendo possível explorar como e por que os agentes sociais localizam o bem e/ou o mal, e de que modo fundam-se naquelas distinções culturais, ideológica e emocionalmente.

Acerca dos episódios pesquisados por Auyero (2007), na perspectiva dos homens e mulheres que participaram ativamente nos eventos de 2001 na Argentina, os saques de alimentos brotaram das urgências padecidas pela falta de emprego. As carências econômicas vividas que precediam aos saques foram consideradas responsabilidade das autoridades que nada faziam para melhorar a situação. De tal forma, no entender dos perpetradores da violência, o direito ao alimento simplesmente ultrapassou o respeito à propriedade privada; portanto, ressalta Auyero, os saques foram enquadrados como uma forma de ação moral através da qual se defendia um direito e reparava-se uma injustiça. Sob esses princípios, o sociólogo argentino identificou nos discursos dos perpetradores a articulação de uma moral binária, que distinguia entre *saques bons*, quer dizer, efetuados por pessoas que realmente estavam necessitadas, e *saques ruins*, quando as pessoas simplesmente se aproveitaram dos eventos para roubar.

No caso de Concepción, ao se referir à coleta de bens catalogados como “de primera necesidad”, comida, fraldas, leite e outros itens indispensáveis ao dia a dia, nas avaliações articuladas nas entrevistas, parecia atuar um critério de inteligibilidade similar ao referido por Auyero, no qual a figura exemplar do “bom saque” foi a mulher em busca de alimento e água para seus filhos. Como indicava Marcela, moradora da “conflictiva” *población* Armando Alarcón en Hualpén:

[...] los que llevaban abarrotes y todas esas cosas, era para *subsistir*, si uno no sabía lo que iba a pasar, por cuanto tiempo los locales iban a estar cerrados, los caminos estaban rotos, de donde iba a llegar

mercadería de otros lados... entonces yo creo que uno se impresionaba pero al final *lo entendía*. Aparte si tienes niños chicos... una compañera de supermercado, ella fue a un supermercado que le queda cerca, a eso, a buscar pañales precisamente porque no tenía para su bebé chiquitito. Dice que le dio vergüenza que no la fuera a ver ningún jefe... se tapaba para que no la vieran, pero ella, *por la necesidad tenía que ir*, pensando en sus hijos. Si no ¿cómo?

Nessa situação, o desrespeito à propriedade privada podia chegar a ser entendido como prática razoável, especialmente pela grande demora que existiu na distribuição de alimentos na cidade: só cinco dias depois do terremoto, na terça-feira, 03 de março, com a chegada dos militares a Concepción, os alimentos começam a ser entregues nas áreas residenciais.

Conforme lembrou Marta, psicóloga que morava em San Pedro de la Paz, as pessoas de seu bairro de classe média alta, começaram a confeccionar uma lista dos vizinhos para a distribuição de alimentos, atividade que foi resguardada por um militar: “A mí me llegó arroz de Uruguay, me llegó carne, papas, no sé, unos camarones, unos tarros, unas conserva”. Mas, ela com sua família nunca sentiram falta de alimentos porque tinham como conseguir com amigos e familiares. Por isso, sentenciava que, com certeza, havia famílias com mais necessidade que mereciam de forma mais urgente essas ajudas.

Com respeito a isso, Rosa ressaltava que os militares não entregaram víveres no seu condomínio Los Pioneros: “Porque como veían que era un barrio entre comillas residencial, todos los camiones pasaban de largo y se iban para atrás a entregar a las poblaciones”. Luis, o segurança que morava em Boca Sur (nessas *poblaciones de atrás*), apontava que na sua vizinhança não receberam ajuda porque a *alcaldesa* da cidade tinha proibido entregar alimentos à sua comunidade como castigo por ter participado nos saques.

Analisar os modos pelos quais se organizou a coordenação das tarefas humanitárias em Concepción constitui um assunto ainda por pesquisar e que pode ajudar a entender o que está latente nas decisões das autoridades locais. Explorar a ideia do castigo das autoridades aos etiquetados como saqueadores, justamente àqueles que são os beneficiários do Estado, é um campo que poderia iluminar – para citar a antropóloga norte-americana Clara Han, com respeito às representações circulantes no “governo dos pobres” (2012). Em sua pesquisa sobre a *población* La Pincoya na cidade de Santiago, a autora chama a atenção sobre a narrativa moral de alguns funcionários encarregados de programas estatais que entendem os pobres como sujeitos que desejam ser incorporados à modernidade, mas que ainda não aprenderam a se autocontrolar, digamos assim. Desse modo, da mesma maneira que o Estado detém a moral debt com os pobres, principalmente após os difíceis anos da Ditadura Militar, os pobres devem ao Estado: “become ‘autonomous’ from any state intervention, to absorb and

manage difficult economic and social realities themselves” (Han, 2012, p.68). Nesse tipo de discurso, acrescenta a autora, afirma-se a dificuldade dos pobres em resistir aos encantos dos objetos da modernidade:

Unable to contend with the attractiveness of material objects –those marvelous things– that come with modernity, the poor become enmeshed in other (dangerous) material objects such as drugs and alcohol, which deform and impoverish their once pure, or ‘clean’ souls” (Han, 2012, p.68).

Portanto, para se converter em sujeitos modernos e superar a “pobreza de alma”, homens e mulheres das camadas mais baixas devem “modulated the desire engendered by the attractiveness of objects” (Han, 2012, p.69). Arrisco dizer, portanto, que nesse tipo de discurso observa-se uma re-atualização das preocupações que circularam no fim dos anos 60 sobre a reação das massas de excluídos frente às vitrines que exibem os atributos da modernidade: é necessário agir para que as vitrines não estourem violentamente.

Trazendo aquela visão do sujeito pobre emaranhado nos objetos “sedutores”, no caso de Concepción, é possível afirmar que nos relatos coletados no trabalho de campo, em 2012, os entrevistados utilizaram um critério de avaliação geral que iria distinguir entre saque “certo” e saque “errado”, axioma edificado com base na natureza dos objetos coletados; de tal forma, a antítese da figura da mãe em busca de alimentos, foi a imagem do *flaite* que fugia carregando uma TV de plasma. Para ilustrar isso, veja-se como Luis, da *población* Boca Sur, área da cidade que foi apontada como o lócus dos saqueadores, me dizia que, a despeito dos boatos, em seu bairro, só coletaram alimentos que foram logo redistribuídos entre os vizinhos, o que não ocorreu necessariamente em *outras poblaciones*, onde roubaram eletrodomésticos. Aqui, certamente, o entrevistado refere-se ao caso do setor de Palomares, onde a Policía de Investigaciones desenhou a seguinte estratégia: chamaram a população para deixar, nas ruas do bairro, de forma anônima e voluntária, os objetos obtidos nos depósitos de grandes empresas de *retail* localizadas nas proximidades do bairro; em caso contrário, se realizariam operativos policiais para resgatar os produtos.

Ora, os inúmeros objetos recuperados somaram mais de \$400 milhões e foram levados até o ginásio municipal para que os donos dos depósitos identificassem as mercadorias, evento que contou com grande cobertura midiática e com a presença

da ex-presidente, Michelle Bachelet, que voltou para Concepción no dia 8 de março¹²¹, momento em que declarou:

Observando las especies que han sido recuperadas de los saqueos de los primeros días, uno puede constatar que son especies que no tienen nada que ver con sobrevivencia, tienen que ver con en muchos casos – *un deterioro moral profundo* de gente que incluso buscó lucrar con el *dolor de la gente*.

Essa estratégia de recuperação dos objetos saqueados coordenada entre as autoridades e a polícia, quando a cidade se encontrava sob estado de exceção, vinha de certo modo ratificar aquele código moral que apresentei: os saques por sobrevivência podiam chegar a ser entendidos, mas os outros não, uma vez que eram expressão de ruína moral de certos setores da população. Contudo, deu-se uma margem temporal para que os que viraram saqueadores, aquela grande maioria que não contava com antecedentes criminais, pudessem refletir e se retificar mediante a devolução, sem ser punidos pela lei.

O comentário de Luis com respeito ao tipo de bens coletados em Boca Sur, nesse contexto, pode ser enquadrado como forma de defesa da integridade da *población*, ainda que, como vimos ao narrar a história da remoção da sua família, ele tenha uma percepção bem negativa dos moradores de seu bairro. Em outras palavras, estava dizendo: nós participamos, mas somente dos saques “bons”.

É interessante recordar, aqui, o episódio também narrado por ele quando uma loja do bairro foi saqueada por conta do aproveitamento do dono que começou a vender os botijões de gás mais caros que o preço normal; nesse sentido, o ataque ao estabelecimento teria sido uma forma, segundo Luis, de castigar quem, no contexto da tragédia, tentou aproveitar-se da necessidade dos próprios moradores do bairro. Contudo, ele dizia ter decidido não participar para evitar problemas, e que simplesmente testemunhou o acontecimento.

Sobre esse ponto, é também apropriado notar como, de acordo com os resultados de Auyero (2007), ao rememorar os saques, parte importante dos entrevistados que tiveram uma participação ativa nos acontecimentos de 2001 falavam em terceira pessoa sobre seus próprios atos; indicavam que só foram até as lojas olhar o que acontecia; ou diziam ter coletados menos objetos do que os tomados, exibindo, nessa medida, muita cautela no lugar em que se colocavam ao narrar suas próprias lembranças dos eventos.

Em geral, é revelador notar como Luis não aplicou a si mesmo, como os outros entrevistados, a categoria “saqueador”, muito embora tenha descrito sua incursão no supermercado Santa Isabel de Michimalonco para pegar bolachas e leite para seu filho, quando fugiram de Boca Sur, por medo de acontecer um *tsunami*. A ação foi descrita

¹²¹ Journal La Tercera, 08 de março de 2010. Disponível em: http://diario.latercera.com/2010/03/08/01/contenido/9_25902_1.html. É importante sublinhar que o avião de Bachelet decolou em Concepción no mesmo dia, sábado, 27 de fevereiro, aproximadamente às 17h, permanecendo só alguns minutos para dar instruções às autoridades da zona, para logo voltar a Santiago.

como “entrar” na loja para procurar o que necessitava e sair o mais rápido possível de lá porque havia pessoas que agiam como loucas, situação que lhe provocava uma sensação de “caos”. Sobre o fato de que Luis não utilizara para si mesmo o termo “saqueador”, é apropriado dizer que a entrevista aconteceu em seu lugar de trabalho em Andalué, no setor rico de San Pedro de la Paz, uma mercearia *gourmet*, que foi atacada em 2010, e onde desempenhava, agora, em 2012, o ofício de segurança.

Voltando ao enquadramento dos saques como ação de justiça, Loreto também rememorou uma situação similar de controle social dos preços, vivida por seu filho adolescente que morava em Talcahuano: o dono de uma mercearia, padrinho dele, começou a vender a preços muito altos, o que causou a indignação dos moradores do bairro. Ela diz que seu filho terminou muito decepcionado com seu padrinho, não conseguindo acreditar que alguém tentara se aproveitar desse modo no contexto do terremoto. Segundo Loreto, o proprietário - aliás, ex-militar - subiu no teto da loja com uma arma para controlar a circulação de pessoas: “¡pero vecino! gracias a nosotros ¡usted se ha hecho rico! Por último, dénos fiado porque no tenían plata... y muchos de ellos, trataron de saquear el negocio porque... *¡se lo merecía!*” -, concluía ela.

Como vimos nos antecedentes históricos o aumento de preços nos produtos básicos, como pão e velas, foi uma prática punida pelas autoridades no pós-terremoto de 1985 e também em 1960, e tem sido considerada uma prática abusiva ao longo do tempo, que atentaria contra o *ethos* solidário nacional.

Assim, sobre a figura síntese do “mau”, o jovem *flaite* alienado pelo consumismo, é de se sublinhar que, nas falas dos entrevistados, foi identificado um personagem ainda pior: o “médico-saqueador”. Como já colocado no texto, essa figura parece ser um daqueles híbridos que Auyero notou no caso argentino, nos quais a segunda parte do binômio corroía o sentido do primeiro. Com efeito, ninguém conseguia entender o fato de que pessoas com dinheiro participassem dos saques para coletar bens suntuosos, que eram carregados em carros caros - segundo dizem ter visto ou ouvido. Circulava com muita força nas lembranças dos entrevistados que nos saques não só participaram os “suspeitosos de sempre”, os *pobres*, se não também profissionais de classe alta. Essa figura, em nosso entender, além de ser um recurso para dar conta do nível de “caos” (“nesses dias, até médicos saquearam”), também podia agir como uma

justificação da ação (“também entrei ao supermercado, mas, olha, até entraram médicos que levaram televisores”).

FIGURA 20. NOTÍCIA SOBRE “ESPECULADORES” DE PREÇOS EM TERREMOTO 1985



Fonte: Jornal La Segunda, 05 de março 1985

Segundo a perspectiva de alguns dos entrevistados, se se trata de condenar os saques, o errado foi que pessoas sem necessidade alguma se aproveitassem da ocasião, pois, em último caso, os jovens pobres que também se aproveitaram do momento estavam ante sua única oportunidade para conseguir aqueles bens de consumo celebrados no modelo neoliberal chileno. Como sublinhou Ana María, sua raiva pelo sucedido em Bio-Pan abrolhou com maior força ao pensar que participaram moradores de seu próprio bairro, onde vivem pessoas de classe média alta, profissionais com educação e *status* social – que se aproveitaram do pânico e se mimetizaram com o *lumpen*, digamos, do qual se podia esperar qualquer coisa.

Os modos pelos quais as experiências pós-terremoto são contornadas nas memórias e lembranças, através de omissões e silêncios, constituem um desafio enorme para futuras investigações. Para continuar nessa vereda, acredito na pertinência de tentar enxergar, nas lembranças de jovens da cidade, que eles talvez experimentaram em 2010 seu primeiro terremoto e que participaram ativamente nos saques. Sem dúvida, uma exploração debruçada sobre essas narrativas e nas articulações entre aquelas

lembranças e o presente, iluminaria sobre novas questões em relação à moral dos saques e sua legitimidade.

Poder acompanhar em futuras pesquisas as ligações entre os episódios de violência coletiva do 2010 e as formas de organização social presentes nos bairros estigmatizados, nas “poblaciones de allá atrás”, numa escala de observação micro-espacial, permitiria compreender dimensões que, provavelmente, escaparam a nossa investigação. Seria de interesse perscrutar, nessa medida, o que acontece nos “bairros incertos”, no dizer de Vera Telles, atentando nas confrontações e conivências nas dobras do legal e ilegal nesses territórios e cartografias sociais.

A propósito dos vínculos entre a vida cotidiana e os excepcionais episódios de 2010, meu máximo esforço foi tentar iluminar a região na qual os temores pós-terremoto podiam-se vincular às representações sociais e às tramas relacionais que se configuram na hora de descrever o espaço residencial, o bairro, a comuna e a cidade. Aquele liame entre a ativação de fronteiras, os saques virtuais às moradias e os modos de circular na cidade, junto com as representações contraditórias e ambíguas no momento da fala das camadas populares, configuram um cenário que não explica o temor aos ataques residenciais, mas que resulta central para entender as lembranças sobre esses eventos, que aconteceram num mundo social e geograficamente diferenciado.

Para terminar, e parafraseando Arlette Farge e Jacques Revel (1991), espero haver transmitido aos leitores nosso entendimento dos eventos de insegurança e violência no pós-terremoto de 2010 como uma lente de aumento que magnifica e distorce as imagens da vida cotidiana; detrás de seus movimentos dramáticos, os distúrbios revelam, ao meu ver, um conjunto de crenças, valores, ações e relações que emergem das experiências do mundo do dia a dia. De tal forma, os homens e mulheres que participaram dos eventos tecem suas invenções com base nas premissas sociais que lhes dão forma e significado a suas práticas. Assim, o excepcional e o cotidiano se reencontraram; talvez, nunca estiveram realmente separados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACUÑA, Simón; BRIESE, Camila; CHOVAR, Pedro; HERNÁNDEZ, Ana; ORELLANA, Florencia; ZUÑIGA, Roberto. *Exclusión y reclusión social: el fenómeno de los saqueos y la autodefensa post terremoto*. Tesis graduación en Psicología Universidad de Concepción, 2011.

AGUILERA, Silvia, ed. *El terremoto social del bicentenario*. Santiago de Chile: LOM, 2010.

ALISTE, Enrique; CONTRERAS, Miguel; SANDOVAL, Valeria. «Industrialización, desarrollo y ciudad: transformaciones socio-demográficas y espaciales en la geografía social del Gran Concepción (1950-2010)» *INVI* 27, n° 75 (Agosto 2012).

ANINAT, Isidora; URRUTIA, Isidora; VILLALOBOS, Nicolás. «Concepción, un caso atípico. Saqueos en el contexto de un desastre natural» Tesis graduación en sociología Pontificia Universidad Católica de Chile, 2011.

ARAÚJO, Maria; DOS SANTOS, Myriam. «História, memória e esquecimento: implicações políticas» *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 79 (2007).

AUGÉ, Marc. *Las formas del olvido*. Barcelona: Gedía, 1998.

AUYERO, Javier. *La zona gris: violencia y política partidaria en la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Siglo Veintiun Ediciones, 2007.

AVELLO, Jesús. «El Junio de Lo Pequén Alto: historia de la población Boca Sur, Concepción» In: *Constructores de ciudad: nueve historias del primer concurso "Historia de las poblaciones"*. SUR Ediciones, 1989.

AZÓCAR, Gerardo; PÉREZ, Leonel; SANHUEZA, Rodrigo; ALCAÍNO, Iván. «Desarrollo urbano y segregación socioespacial en el Área Metropolitana de Concepción, Chile. Tendencias y perspectivas» In: PÉREZ et al (orgs.) *Concepción Metropolitano: evolución y desafíos*. Santiago de Chile: Pontificia Universidad Católica - Universidad de Concepción Sello Editorial, 2010.

BAEZA, Manuel. «Carnaval perverso: terremoto + tsunami y saqueos en el Chile de 2010» *Sociedad Hoy* (Universidad de Concepción), n° 19 (2010).

BARROS ARANA, Diego. *Historia General de Chile. Tomo II*. Santiago: Editorial Universitaria, 1999.

BASTÍAS, Alberto; BENAVIDES, Leopoldo «La rebeldía primitiva de los hambrientos» *Nueva Sociedad*, n° 82 (1986).

BASTIDE, Roger. «La sociología del bricolage.» In: GIMÉNEZ, G. *Teoría y análisis de la cultura*, de Gilberto, 131-157. Instituto Coahilense de la Cultura, 2005.

BENEDETTI, Steven. *El terremoto más grande de la historia*. Origo Ediciones, 2010.

- BERLINER, David. «The Abuses of Memory: Reflections on the Memory Boom in Anthropology» *Social Thought & Commentary* 78, n° 1 (2005).
- BIOBARÓMETRO. «Encuesta Post Terremoto.» Universidad de la Santísima Concepción, Concepción, 2010.
- BOSI, Alfredo. «A escrita do testemunho em 'Memórias do Cárcere'» *Estudos Avançados* 9, n° 23 (1995).
- BURKE, Peter. «Urban violence and civilization» *Braudel Papers*, n° 11 (1995).
- CÁCERES, Gonzalo; MILLÁN, Rodrigo. «Crisis urbana sin terremoto social: los saqueos del bicentenario del 2010» In: BUSTO et al (Orgs.) *Postales de América Latina. Problemas latinoamericanos en el siglo XX*. Libros del Espinillo, 2011.
- CÁCERES, Gonzalo; SABATINI, Francisco. «Los barrios cerrados y la ruptura del patrón tradicional de segregación en las ciudades latinoamericanas: el caso de Santiago de Chile» In: CÁCERES e SABATINI (Orgs.) *Barrios cerrados en Santiago de Chile: entre la exclusión y la integración residencial*. Santiago de Chile: Lincoln Institute of Land Policy/Instituto de Geografía e Pontificia Universidad Católica de Chile, 2004.
- CALDEIRA, Teresa. *A cidade dos muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34 - Edusp, 2011.
- CAMPOS, Fernando. *Historia de Concepción 1550 - 1970*. Santiago: Editorial Universitaria, 1979.
- CASTELLS, Manuel. «Movimiento de pobladores y lucha de clase en Chile» *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales* 3, n° 7 (1973).
- CIDU. «Reivindicación urbana y lucha política: los campamentos de pobladores en Santiago de Chile» *EURE* 2, n° 5 (1972).
- CONCHA, Víctor; HENRÍQUEZ, Guillermo. «Memoria histórica vivida y transmitida entorno a los terremotos de 1939-1960 de los habitantes del Gran Concepción, Chile» *Historia Actual Online*, n° 24 (2011).
- CORTÉS, Alexis. «De la memoria traumática al relato heroico: el papel de la violencia en la identidad barrial de la Población La Victoria» In: SOSMA et al. (org.) *Violencias(s), coordinadas y perspectivas. Aportes a una praxis transformadora*. Mallku, 2012.
- CORTÉS, Alexis. «Modernización, dependencia y marginalidad: itinerario conceptual de la sociología latinoamericana» *Sociologías* 14, n° 29 (2012).
- DAHER, Antonio. «Neoliberalismo urbano en Chile» *Revista Estudios Públicos*, n° 43 (1991).
- DAS, Veena. *Life and Words. Violence and the descent into the ordinary*. University of California Press, 2007.
- . «Crisis and representation: rumor and the circulation of hate.» In: ROTH, M.; SALAS, C. (orgs.) *Disturbing remains: memory, history, and crisis in the twentieth century*. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2001.

- . *Mirrors of violence: communities, riots and survivors in South Asia*. Oxford University Press, 1990.
- DAUER, Quinn. *Natural Disasters and Comparative State-Formation and Nation-Building: Earthquake in Argentina and Chile (1822-1939)*. Dissertation Florida Internacional University, 2012.
- DELGADO, Manuel. *El animal público*. Barcelona: Anagrama, 1999.
- DE LA PUENTE, Patricio; TORRES, Emilio; MUÑOZ, Patricio. «Satisfacción residencial en soluciones habitacionales de radicación y erradicación para sectores pobres de Santiago» *EURE* 16, n° 49 (1990).
- DE MATTOS, Carlos. «Transformación de las ciudades latinoamericanas ¿Impactos de la globalización?» *EURE* 28, n° 85 (2002).
- DE MONTESSUS DE BALLORE, Conde. «Boletín del Servicio Sismológico de Chile» *Anales Revista Universidad de Chile*, 2012.
- DE RAMÓN, Armando. «La población informal. Poblamiento de la periferia de Santiago de Chile, 1920-1970.» *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales* 16, n° 50 (1990).
- DE SHAZO, Peter. «The Valparaíso maritime strike of 1903 and the development of a revolutionary labor movement in Chile» *Journal of Latin American Studies*, 11, n°1, 1979
- DONOSO, José. «El escritor intruso: artículos, crónicas y entrevistas (fragmento)» *Revista Anales* (Universidad de Chile) 7, n° 1 (2011).
- DYNES, Russell; RODRÍGUEZ, Havidán. «Finding and Framing Katrina: The social construction of disaster» In: BRUNSMAN et al (orgs.) *The sociology of Katrina. Perspectives on a modern catastrophe*. Rowman & Littlefield Publishers, 2010.
- ECHENIQUE, Antonia; RODRÍGUEZ, Concepción. *Historia de la Compañía de Acero del Pacífico S.A. Huachipato: consolidación del proceso siderúrgico chileno 1905-1950*. Santiago de Chile: Ograma, 1990.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- ESPINOZA, Vicente. «Pobladores, participación social y ciudadanía. Entre los pasajes y las anchas alamedas» *Proposiciones* (Ediciones SUR) 22 (1993).
- FAGALDE, Alberto. *El puerto de Talcahuano i sus obras de mejoramiento: dique de Carena, Arsenal marítimo, Dársenas militar i comercial*. Santiago: Imprenta i encuadernación Roma, 1895.
- FARGE, Arlette; REVEL, Jacques. *The vanishing children of Paris: rumor and politics before the French Revolution*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1991.
- FASSIN, Didier. *Humanitarian Reason. A moral history of the present*. University of California Press, 2012.
- . «Beyond good and evil? Questioning the anthropological discomfort with morals» *Anthropological Theory*, n° 8 (2008).

- . «Compassion and repression: the moral economy of immigration policies in France» *Cultural Anthropology* 20, n° 3 (2005): 362-387.
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. *The Empire of Trauma: An inquiry into the condition of victimhood*. Princeton University Press, 2009.
- FERNÁNDEZ, Manuel. «Una ‘larga marcha’: pobladores, política y ciudad. Concepción 1950 y algo más.» In: ARCIS *Historia sociopolítica del Concepción contemporáneo. Memoria, identidad y territorio. Taller de Ciencias Sociales ‘Luis Vitale’*. Ediciones Escaparate, 2006.
- FIGUEROA, Rodrigo; GONZÁLEZ, Matías; TORRES, Rafael. «Plan de reconstrucción psicológica post terremoto» *Revista Med Chile*, n° 138 (2010).
- FIORI, Jorge. «Campamento Nueva Habana: estudio de una experiencia de autoadministración de justicia» *EURE* 3, n° 7 (1973).
- FRANCK, Stéphane; PÉREZ, Leonel. «Más que una suma de casas. La unidad vecinal Villa San Pedro de Coronel» *INVI* 24, n° 67 (Noviembre 2009).
- FREUD, Sigmund. *Psicología de las masas y análisis del Yo*. FV Éditions, 2013.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. «Verdade e memória do passado» In GAGNEBIN, J. *Lembrar, escrever, esquecer*, 35-45. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GARCÉS, Mario. «Las luchas urbanas en Chile en el último tercio del siglo XX» *Trashumante Revista Americana de Historia Social* 1 (2013).
- . *Crisis social y motines populares en el 1900*. Santiago: LOM, 2003.
- GARCÍA, Felipe; MARDONES, Rodrigo. «Prevención de trastorno de estrés postraumático en supervivientes del terremoto de Chile de febrero de 2010: una propuesta de intervención narrativa» *Terapia Psicológica* 8, n° 1 (2010).
- GARCÍA, Miguel; MUÑIZ, Iván; ROJAS, Carolina. «Estructura urbana y policentrismo en el Área Metropolitana de Concepción» *EURE* 35 (agosto 2009): 47-70.
- GARCÍA-HUIDOBRO, Joaquín; HERRERA, Hugo; MANSUY, Daniel. *8,8° Escombros en el Bicentenario*. Santiago de Chile: Instituto Democracia y Mercado, 2010.
- GORELIK, Adrián. «La aldea en la ciudad. Ecos urbanos de un debate antropológico» *Revista del Museo de Antropología* 1 (2008).
- . «Ciudad latinoamericana: dos o tres cosas que sé de ella» *Revista Todavía*, n° 9 (2004).
- GUROVICH, Alberto. «La Pintana: la ciudad interminable» *INVI* 5, n° 9 (Enero 1990).
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2011.
- HAN, Clara. *Life in Debt: times of care and violence in neoliberal Chile*. Berkeley: University of Cali-

fornia Press, 2012.

—. «Earthquake in Chile. Poverty and social diagnoses» *Forum Latin America Studies Association* XLI, nº 3 (2010).

HERNÁNDEZ, Joaquín. *Recordando los grandes sismos de 1960. Hacia una historia de la memoria*. Tesis para obtener el grado de licenciado en Historia. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2009.

HIDALGO, Rodrigo. «La vivienda social en Santiago de Chile en la segunda mitad del siglo XX: Actores relevantes y tendencias espaciales» *De Santiago en la Globalización ¿una nueva ciudad?* Ediciones SUR, 2004.

HURTADO, Edison. «El oficio de la etnografía política diálogo con Javier Auyero.» *Iconos. Revista de Ciencias Sociales*, nº 22 (mayo 2005).

INOSTROZA, Gina; TAPIA, Marcela. «La mujer popular penquista en el trabajo independiente. Concepción 1895-1905» *Estudios Sociológicos* 12, nº 36 (1994).

KATZMAN, Rubén. «La calidad de las relaciones sociales en las grandes ciudades de América Latina: nuevos y viejos determinantes» *Pensamiento Iberoamericano*, nº 1 (2007).

KATZMAN, Rubén; COBO, Gabriel; FILGUEIRA, Fernando; FURTADO, Magdalena; GELBER, Denisse; RETAMOSO, Alejandro; RODRÍGUEZ, Federico. *La ciudad fragmentada: mercado, territorio y delincuencia en Montevideo*. Papeles de Trabajo 02, Universidad de Texas. Montevideo, Uruguay, Agosto 2003.

LARRAÑAGA, Osvaldo; HERRERA, Rodrigo. «Encuesta post-terremoto: principales resultados. Efectos en la calidad de vida de la población afectada por el terremoto/tsunami» Ministerio del Interior, Gobierno de Chile, 2011.

LAVABRE, Marie-Claire. «La memoria fragmentada. ¿Se puede influenciar la memoria?» *Revista de Antropología y Sociología Virajes* (Universidad de Caldas), nº 11 (2009)

—. «Maurice Halbwachs y la Sociología de la Memoria» In: PÉROINT-DUMON (org.) *Historizar el pasado vivo en América Latina*. Centro de Ética, Universidad Alberto Hurtado. 2007.

LE BON, Gustave. *The crowd: a study of the popular mind*. Project Gutenberg, 1996.

LEIVA, Sebastián. «De la toma de terrenos a la toma del poder: el campamento Nueva Habana y una nueva óptica para la movilización poblacional.» *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*, nº 6 (2002).

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os direitos, os castigos e as impunidades*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LONZA, Carlos. *Catástrofes de Chile: álbum de prensa de antaño*. Santiago de Chile: Ril, 2012.

LÓPEZ, Elvira. «La memoria del terremoto de 1647 en la obra de los historiadores liberales.» *Revista de Historia Social y de las Mentalidades* 15, nº 2 (2011).

- MANNS, Patricio. *Los Terremotos chilenos*. Santiago de Chile: Quimantú, 1972.
- MARTLAND, Samuel. «Social and political fault lines: the Valparaíso earthquake of 1906.» In: BUCHENAU, J; JOHNSON, L. (orgs.) *Aftershocks: Earthquakes and Popular Politics in Latin America*, University of New Mexico Press, 2009.
- . «City, calamity and expanding state power: rebuilding Valparaíso after the 1909 earthquake» *Preparing LASA*. Dallas, 2003. 27-29.
- MAZZEI DE GRAZIA, Leonardo e PACHECO; Arnoldo. *Historia del traslado de la ciudad de Concepción*. Universidad de Concepción, 1985.
- MICCO, Sergio. «El terremoto del Bicentenario, virtudes republicanas e instituciones públicas. Una reflexión desde la historia de la ciudad de Concepción» *Estado, Gobierno, Gestión Pública*, nº 15-16 (2010).
- MINTER. «Encuesta Nacional Urbana de Seguridad Ciudadana.» Santiago, 2010.
- MIRANDA, Rafael. *Monografía geográfica e histórica de la comuna de Tomé. Concepción*. Concepción: Imp. Lit. Westcott & Co., 1926.
- MISTRAL, Gabriela. «Una crónica del terremoto: Guillermo Díaz, velador nocturno (para las escuelas de Chile).» *Revista Anales* (Universidad de Chile), nº 1 (mayo 2011).
- MOULIAN, Tomás. *El consumo me consume*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 1998.
- . *Chile: anatomía de un mito*. Santiago de Chile: LOM-ARCIS, 1997.
- MUSSET, Alain. «Vulnerabilidad social, justicia espacial y resiliencia: Concepción, Chile, entre dos terremotos 1751-1835.» In: MUSSET (org.) *Ciudad, sociedad, justicia: un enfoque espacial y cultural*. 31-64. Mar del Plata: Editorial de la Universidad Nacional de Mar del Plata, 2010.
- NESTROVSKI, Arthur. «Um filme sem imagens». In: NESTROVSKI, A. *Palavras e Sombra: Ensaios de Crítica*. São Paulo: Atelie Editorial, 2009.
- NEUFELD, María; CRAVINO, María. «Entre la hiperinflación y la devaluación: ‘saqueos’ y ollas populares en la memoria y en la trama organizativa de los sectores populares del Gran Buenos Aires (1989-2001)» In: CRAVINO, M. (org.) *Resistiendo en los barrios: acción colectiva y movimientos sociales en el Área Metropolitana de Buenos Aires*. Universidad Nacional de Sarmiento, 2007.
- NUNES, Edison; JACOBI, Pedro. «A cara nova do movimento popular» *Lua Nova: Revista de Cultura e Política* 1, nº 3 (Dezembro 1984).
- OLAVE, Hernán. *Horas de Tragedia. El Cataclismo de Valdivia*. 2000.
- OLORI, Davide. «Un terremoto neoliberal. Introducción a un estudio sobre los fenómenos sociales post 27F.» Mimeo, Seminario “Test 27F” Observatorio de la Reconstrucción, Santiago de Chile, abril 2012a.
- . «Una catastrofe neoliberale: sociologia dei disastri e la ricostruzione post-terremoto maremoto del

27/2 in Chile.» Tesis magíster, Università di Bologna, 2012b.

ONETTO, Mauricio. «Apuntes sobre memorias sensoriales y catástrofes. Chile, siglos XVI-XVIII» *Revista de Historia Iberoamericana* 4, nº 1 (2011a).

—. «Replantear los “aconteceres”, replantear los espacios en Chile» *Revista de Historia Social y de las Mentalidades* 15, nº 2 (2011b).

—. «En busca del tiempo perdido, en busca de una disposición espacial» *INVI* 25, nº68, 2010.

—. «Entre aporías espaciales y sentidos náufragos: el terremoto de 1647 como catalizados de percepciones y asimilaciones históricas.» *Nuevo Mundo*. 2007.

OPD; ACHNUD. «Diagnóstico Comunal de Infancia y Adolescencia» Concepción, 2007.

OQUENDO-VILLAR, Carmen. «Pinochet: General Earthquake» *Revista Harvard Review Latin America* 6, nº 2 (2007).

ORTEGA, Francisco. «Earthquake during the colonial period» *Revista Review of Latin America*, 2007.

PACHECO, Arnoldo. *Concepción en el siglo XX*. Santiago de Chile: LOGO, 1997.

PÉREZ, Leonel; FUENTES, Pablo. «Formación del Concepción metropolitano a través de los grandes conjuntos residenciales. Aportaciones del urbanismo moderno» *Atenea (Concepción)*, nº 505 (2012).

PÉREZ, Leonel; SALINAS, Edison. «Crecimiento urbano y globalización: transformaciones del área metropolitana de Concepción, Chile, 1992-2002» *Scripta Nova* (Universidad de Barcelona) 11, nº 251 (Noviembre 2007).

PÉREZ, Miguel; ROCA, Andrea. «Representaciones sociales de la inseguridad urbana en niños de la comuna de Peñalolén» *Revista del Magíster en Antropología y Desarrollo MAD*, nº 20 (Mayo 2009).

POLLAK, Michael. «Memória e Identidade Social» *Revista de Estudos Históricos* 5, nº 2 (1992).

—. «Memória, Esquecimento, silêncio.» *Estudos Históricos* 2, nº 3 (1989).

QUARANTELLI, Enrico; DYNES, Russell. «Property norms and looting: their patterns in community crises.» *Phylon*, nº 31 (1970).

QUEVEDO, Santiago; SADER, Eder. «Algunas consideraciones en relación a las nuevas formas de poder popular en poblaciones.» *EURE* 3, nº 7 (1973).

REVEL, Jacques. «Microanálise e construção do social» Em REVEL, J. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RICOEUR, Paul. «O olhar exterior: Maurice Halbwachs.» Em *A memória, a história, o esquecimento*, de Paul Ricoeur, 130-134. Editora UNICAMP, 2007a.

—. «Maurice Halbwachs: a memória fraturada pela história.» Em *A memória, a história, o esquecimento*,

- de Paul Ricoeur, 4004-408. Editora UNICAMP, 2007b.
- RIED, Alberto. *El mar trajo mi sangre*. Editorial del Pacífico, 1956.
- RIQUELME, Alfredo; SILVA, Bárbara. «Una identidad terremoteada en 1960» *Revista de Historia Iberoamericana* 4, n° 1 (2011).
- ROCA, Andrea. «Representaciones sociales sobre el fenómeno delictual en menores de edad de la comuna de la Granja.» Tesis pregrado para obtener el grado de antropóloga social, Universidad de Chile, 2007.
- RODRÍGUEZ, José. «Dinámica demográfica y asuntos urbanos y metropolitanos prioritarios en América Latina: ¿Qué aporta el procesamiento de microdatos censales?» 2010.
- RODRIGUEZ, Alfredo; GAJARDO, Carlos. *La catástrofe del 16 de agosto de 1906 en la República de Chile*. Imprenta Barcelona, 1906.
- RODRÍGUEZ, Juan; MEDINA, Patricio. «Reconversión, daño y abandono en la ciudad de Lota.» *Revista Atenea*, n° 504 (2011).
- RODRÍGUEZ, Nicolás; SEGUEL, Pedro. «Terremoto en la ciudad: Entrevistas a Gonzalo Cáceres» *Doble Vínculo* (Universidad Católica de Chile), n° 2 (2010).
- ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. *Micropolítica. Cartografías del deseo*. Traficantes de sueños, 2006.
- ROMERO, Luis. *Latinoamerica. Las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2001
- . *¿Qué hacer con los pobres? Elite y sectores populares en Santiago de Chile, 1840-1895*. Editorial Sudamericana, 1997.
- . «Urbanización y sectores populares: Santiago de Chile, 1830-1875.» *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales* 11, n° 31 (1984).
- RUBILAR, Luis. «Terremotos e identidad chilena en la letra nerudiana.» *Revista Chilena de Literatura*, n° 79 (septiembre 2011).
- RUDÉ, George. *A multidão na história: estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.
- SALAZAR, Gabriel. *La violencia política popular en las "Grandes Alamedas"*. Santiago: LOM, 2006.
- SABATINI, Francisco. «Reforma de los mercados de suelo en Santiago. Chile: efectos sobre los precios de la tierra y la segregación residencial» *EURE* 26, n° 77 (2000).
- SABATINI, Francisco; BRAIN, Isabel. «La segregación, los guetos y la integración social urbana: mitos y claves» *EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales* 34, n° 103 (Diciembre 2008).
- SABATINI, Francisco; CÁCERES, Gonzalo; CERDA, Jorge. «Segregación residencial en las principales ciudades chilenas: tendencias de las tres últimas décadas y posibles cursos de acción» *EURE* 27,

nº 82 (dezembro 2001).

SABATINI, Francisco; RASSE, Alejandra; MORA, Pía; BRAIN, Isabel . «¿Es posible la integración residencial en las ciudades chilenas? Disposición de los grupos medios y altos a la integración con grupos de extracción popular.» *EURE* 38, nº 115 (2012).

SABATINI, Francisco; ROBLES, Maria; VÁSQUEZ, Héctor. «Gentrificación sin expulsión, o la ciudad latinoamericana en una encrucijada histórica.» *180 grados* (Universidad Diego Portales) 24 (2010).

SABATINI, Francisco; VÁSQUEZ, Héctor; ROBLES, María; RASSE, Alejandra. «Gentrificación sin expulsión, fuerza de transformación de las ciudades latinoamericanas: datos e interpretaciones para Santiago» In: SABATINI, F. Et al (orgs.) *Tendencias de la segregación en las principales ciudades chilenas. Análisis censal 1982-2002*. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2010.

SABATINI, Francisco; WORMALD, Guillermo; SIERRALTA, Carlos; PETERS, Paul. «Segregación Residencial en Santiago: Tendencias 1992-2002 y efectos vinculados con su escala geográfica» In: SABATINI, F. Et al (orgs.) *Tendencias de la segregación den las principales ciudades chilenas: análisis censal 1982-2002*. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2010.

SANZANA, Martín. «Desastre natural y acción colectiva de los sectores populares en Chile: los saqueos en Concepción tras el 27/F» *Observatorio Social de América Latina* (CLACSO) 11, nº 28 (2010).

SCHWARZSTEIN, Dora. «Historia Oral, memorias e historias traumáticas» *História Oral*, nº 4 (2001): 73-83.

SEGURA, Ramiro. «La trama relacional de la periferia de la ciudad de La Plata» *Publicar en Antropología y Ciencias Sociales*, nº 10 (2011).

—. «Segregación residencial, fronteras urbanas y movilidad territorial. Un acercamiento etnográfico» *Cuadernos del IDES*, nº 9 (Julio 2006).

SERRANO, Marcela; CASTRO, Borja; SERRANO, Paula; ORTIZ, Valeria. *Terremoto después del terremoto*. Santiago de Chile: Uqbar editores, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIERRALTA, Carlos. «Efectos de la segregación residencial socioeconómica en los jóvenes de extracción popular en Santiago de Chile (1992-2002)» In: SABATINI, F. Et al (orgs.) *Tendencias de la segregación den las principales ciudades chilenas: análisis censal 1982-2002*. Pontificia Universidad Católica de Chile, 2010.

SILVA, Marta. *Construyendo población: hallazgos y testimonios de la población Boca Sur (San Pedro de la Paz, Concepción)*. Santiago de Chile: Quimantú, 2008.

SMITH, Neil. «Understanding Katrina: Perspectives from the social sciences.» *There's No Such Thing as a Natural Disaster*. 11 de June de 2006. Disponível em: <http://forums.ssrc.org/understandingkatrina/theres-no-such-thing-as-a-natural-disaster/>

- SOLNIT, Rebecca. *A paradise built in hell. The extraordinary communities that arise in disaster*. Penguin Books, 2009.
- SOLSONA, Diego. *Construcción social del miedo: "Decisiones y Riesgos en tiempos de catástrofe social". Estudio comaparativo en las comunas de San Pedro y Penco en el contexto post-terremoto*. Tesis para obtener el grado de sociólogo, Universidad de Concepción, 2010.
- STEWART, Pamela; STRATHERN, Andrew. *Witchcraft, sorcery, rumors and gossip*. Cambridge University Press, 2004.
- TELLES, Vera. «Jogos de poder nas dobras do legal e ilegal: anotações de um percurso de pesquisa» In: AZAIS; KESSLER; TELLES. *Ilegalismo, cidade e política*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012.
- TELLES, Vera. *A cidade nas fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argvmentvm , 2010.
- . «Deslocando o ponto da crítica: indagações a partir de realidades urbanas em mutação» *Revista de Estudos Universitários* 33, nº 1 (2007).
- . «Desigualdades: mas qual a medida?» In: *Hexepolis: desigualdade e rupturas sociais em metrópoles contemporâneas. São Paulo, Paris, Nova Iorque, Varsóvia, Abidjan, Antananarivo*, editado por Maura Vêras. São Paulo: EDUC, 2004.
- THOMAZ, Omar. «"Eles são assim": racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti» *Cadernos de Campo* 20 (2011).
- . «O terremoto no Haití, o mundo dos brancose o lougawou.» *Novos Estudos* 86 (2010).
- THOMPSON, Edward. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popula tradicional*. Companhia de Letras, 2002.
- TIERNEY, Kathleen. «Disaster as war. Militarism and the social construction of disaster in New Orleans» In: *The sociology of Katrina. Perspectives on a Modern Catastrophe*, de David Brunnsma, David Overfelt y Steven Picou, 37-54. Rowman & Littlefield, 2010.
- TILLY, Charles. *The politicis of collective violence*. Cambridge University Press, 2003.
- TIRONI, Eugenio. *Autoritarismo, modernización y marginalidad*. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1990.
- . «La revuelta de los pobladores. Integración social y democracia» *Nueva Sociedad*, nº 83 (1986).
- TORREJÓN, Fernando; KING, Claudia; VIRANO, Patricia. «El auge de la ciudad de Concepción en Penco, las variables geohistóricas del siglo XVIII» *Urbano* (Universidad del Bío-Bío), nº 6 (2002): 73-79.
- UNIVERSIDAD DE CONCEPCIÓN. *Propuestas para la reconstrucción de la región del Bío-Bío*. 2010.
- URRUTIA DE HAZBÚN, Rosa; LANZA, Carlos. *Catástrofes en Chile: 1541-1942*. La Noria, 1993.
- VALDÉS, Mario. «Delincuencia y bandidaje en la provincia de Concepción 1835-1860» In: ARCIS

- (org.) *Historia sociopolítica del Concepción contemporáneo. Memoria, identidad y territorio. Taller de Ciencias Sociales 'Luis Vitale'*. Editorial Escaparate, 2006.
- VALDIVIA, Verónica. «Barbarie en la civilización: el terremoto del Bicentenario» IN AGUILERA, S. *El terremoto del Bicentenario*. Santiago de Chile: LOM, 2010.
- VALENCIO, Norma. *Para além do dia do desastre. O caso brasileiro*. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- VALENZUELA, Eduardo. *La rebelión de los jóvenes*. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1984.
- VALENZUELA, Jaime. «El terremoto de 1647: Experiencias apocalípticas y representaciones religiosas en Santiago Colonial» In: VALENZUELA, J. (org.) *Historias Urbanas. Homenaje a Armando de Ramón*, 27-65. Ediciones Universidad Católica de Chile, 2007.
- VALENZUELA, Katia. «¿La vuelta de los sin techo? Análisis de la acción colectiva desplegada en campamentos de emergencia tras el terremoto del 27/F» *Sociedad Hoy* (Universidad de Concepción) 19 (2010).
- VÁSQUEZ, Alexis; SALGADO, Marcela. «Desigualdades socioeconómicas y distribución inequitativa de los riesgos ambientales en las comunas de Peñalolén y San Pedro de la Paz. Una perspectiva de justicia ambiental» *Revista de geografía Norte Grande*, nº 43 (2009).
- VILLA FLORES, Javier. «Reseña “Shaky Colonialism: The 1746 Earthquake-Tsunami in Lima, Peru, and its long aftermath” de Charles Walker» *Historica* (Universidad Católica del Perú) 32, nº 1 (2008).
- WACQUANT, Lóic. *Parias Urbanos: marginalidad en la ciudad a comienzos de milenio*. Buenos Aires: Manantial, 2001.
- WEINSTEIN, José. *Los jóvenes pobladores en las protestas nacionales (1983-1984): una visión sociopolítica*. Santiago de Chile: CIDE, 1989.
- ZAVALA, José. *Los mapuches del siglo XVIII. Dinámicas interétnicas y estrategias de resistencia*. Santiago: Editorial Universidad Bolivariana, 2008.
- ZIZEK, Slavoj. *Sobre la violencia. Seis reflexiones marginales*. Buenos Aires: Paidós, 2009.

ANEXO Nº 1

Tabela de entrevistados

Nome	Idade	
Eduardo	30-40	Professor de escola primária. Ativista do movimento RedConstruyamos preocupado com os setores populares danificados. Morava no centro antigo da cidade, Barrio Norte, no momento do terremoto.
Marcos	40-50	Professor de escola privada. No momento do terremoto, residia num bairro de condomínios fechados de classe médio-alta no setor de Lomas de San Andrés, caminho a Talcahuano.
Rosa	40-50	Administrativa em uma grande livraria de Concepción, loja que não foi saqueada. Em 2010 morava no condomínio Los Pioneros em San Pedro de La Paz e continuava ali em 2012.
Luis	50-60	Em 2012 trabalhava de segurança numa mercearia no bairro de classe alta Andalue, em San Pedro de La Paz. Mora em Boca Sur, <i>población</i> estigmatizada.
Marta	30-40	Psicóloga, docente universitária. Participou na organização RedConstruyamos. Morava no momento do terremoto, em San Pedro de La Paz, no setor de "Villa San Pedro", de classe médio-alta.
Tamara	40-50	Dirigente social da comunidade de danificados Centinella II em Talcahuano. Não participou nem observou saques logo do terremoto.
Loreto	40-50	Repositória de mercadorias em supermercados de Concepción. Morava no mesmo condomínio que Marta, Los Pioneros.
Oswaldo	60-70	Dono de uma livraria no centro da cidade, que nao foi alvo dos saques pós-terremoto. Mora no setor de Pedro de Valdivia Norte, de classe alta.
Cecília	50-60	Administrativa Hospital Regional de Concepción. Morava no centro de Concepción no momento do terremoto.
Sergio	40-50	Dono de El Pincoyano, distribuidora de bebidas localizada em San Pedro de la Costa loja que foi alvo dos saques logo do terremoto em 2010.
Ana María	40-50	Dona da padaria "Bio-Pan", localizada no bairro Huertos Familiares em San Pedro de la Paz, saqueada no domingo 28 de fevereiro de 2010.
Marcela	40-50	Mercadorista supermercado. Mora na <i>población</i> Armando Alarcón del Campo na comuna de Hualpencillo.